



“ *A* penas três pessoas, com um único gesto, calaram o Maracanã com 200 mil pessoas: Frank Sinatra, o Papa João Paulo II e eu. ”

**Ghiggia** (autor do gol da vitória do Uruguai sobre o Brasil na Copa de 50)

# ANATOMIA

Edição revista e ampliada

# DE UMA DERROTA

16 de julho de 1950 - Brasil X Uruguai

*Paulo Perdigão*

**LPM**  
Livraria

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*





“ *A*penas três pessoas, com um único gesto, calaram o Maracanã com 200 mil pessoas: Frank Sinatra, o Papa João Paulo II e eu. ”

**Ghiggia** (autor do gol da vitória do Uruguai sobre o Brasil na Copa de 50)

# ANATOMIA

Edição revista e ampliada

# DE UMA DERROTA

16 de julho de 1950 - Brasil X Uruguai

*Paulo Perdigão*

**LPM**  
Livraria

**PAULO PERDIGÃO**

**16 DE JULHO DE 1950**

**BRASIL X URUGUAI**

**ANATOMIA DE UMA DERROTA**

**(EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA)**



*Agradeço a*

João Máximo, sem cuja colaboração este livro não teria sido possível, e a Aceli Maria Fernandes Cruz e Alberto Luiz da Silva Santos, do Departamento de Pesquisa da Rádio Nacional. Também, por participações diversas, a Alvaro Gilberto Ramos Lima, Ivan Soter, José Moretzsohn, Júlio Moses, Otávio Velozo, Péricles Monteiro Neto, Ricardo Machado e Roberto Cavalcanti.

*A meus pais*

“Isso é uma mentira! Estamos sonhando!”  
*(Exclamação de um torcedor no Maracanã, em 16 de julho de 1950)*

“O contrário da verdade, em nome da verossimilhança.”  
*Goethe*

# NOTA PRELIMINAR

A primeira edição deste livro foi lançada em 19 de maio de 1986. Considerei necessárias uma revisão e uma atualização do texto não apenas pelo acúmulo de dados posteriormente coletados como ainda pela conveniência de novas perspectivas na abordagem dessa documentação. Sendo assim, resumi consideravelmente traços auto-referenciais e reflexões psicanalíticas e filosóficas que preenchiam grande parte das 22 páginas da “Introdução” original e do oitavo capítulo (“Estratégia da luta”) em proveito de mais acurada evocação de época. Sucessivas análises do relato possibilitaram, também, maior correção de detalhes e, de modo mais amplo, a busca de um sentido mais lógico e inteligível para aqueles fatos de 1950 que, na edição anterior, pareceram-me até certo ponto desarticulados. O conto “O dia em que o Brasil perdeu a Copa”, antes na “Introdução”, consta aqui em posfácio. Cabe salientar também que todos os dados estatísticos são válidos somente até a data da presente edição.

*O Autor*

# PREFÁCIO

Flávio Costa

*(Técnico da Seleção Brasileira da Copa do Mundo de 1950.)*

Atendendo a seu pedido, acabo de ler o seu livro. Valeu o seu esforço e gostei. É lógico que os ângulos de visão do crítico e do historiador são bastante diferentes dos do técnico responsável pelo time que entra em campo para disputar um campeonato mundial. Imagino ainda que reações teria um menino de onze anos que, sem ter ampla idéia dos fundamentos do futebol, fora ao Estádio do Maracanã, levado pelo pai, participar daquela multidão às vezes ululante, e que terminou silenciosa e triste ao se retirar derrotada daquele estádio colossal.

Naturalmente, não começou com o menino o seu relatório. Consultas aos arquivos, pesquisas e entrevistas com jornalistas da época, jogadores e participantes do evento documentam o fato histórico. Aliás, nas entrevistas com os jogadores, nota-se, como sempre acontece nas derrotas, que eles visam mais apresentar desculpas do que encarar as realidades de uma competição. Aquele jogo Brasil x Uruguai de 50 não foi perdido pelas visitas à concentração, pelos discursos dos políticos, pela mudança de concentração, nem por ocorrências normais numa época de grande agitação, tanto esportiva – a Seleção Brasileira, pelo seus sucessos, era o “prato do dia” em qualquer lugar – como também política, pois iriam se processar eleições e os candidatos se movimentavam muito, sendo quase impossível impedir que esses movimentos atingissem a Seleção, que seria, pelo seu mérito, a provável vencedora. Meu amigo, a Seleção Brasileira perdeu dentro do campo. Dentro do gramado do Maracanã, quando permitiu que o Uruguai fizesse dois gols.

Note-se os antecedentes: o Brasil havia vencido os finalistas Suécia e Espanha por 7 a 1 e 6 a 1, respectivamente, e, portanto, realizara partidas imaculadas, onde tudo saiu perfeito e sem correções que tivessem de ser observadas. O Uruguai, nas mesmas circunstâncias, esteve a pique de ser eliminado, ganhando a duras penas da Suécia, e também se saiu de uma derrota contra a Espanha, empatando um jogo que não podia perder. Talvez esses antecedentes tenham influído psicologicamente no destino da partida final.

No time perfeito, em que nada havia a corrigir, instalou-se instintivamente o otimismo pernicioso a quem deve disputar palmo a palmo uma vitória. Do outro lado, os uruguaiois, valentes e briosos, assustados com as vitórias brasileiras, entraram em campo preparados para, dentro do possível, anular a avalanche de gols que era prevista. Com humildade conseguiram parar o ataque brasileiro e, no segundo tempo, já perdendo por 1 a 0, contra-atacaram e, naquelas circunstâncias, conseguiram a vitória.

Pessoalmente, creio que houve uma falha de cobertura no sistema defensivo da Seleção Brasileira.

O excelente extrema Ghiggia, aproveitando-se dela, levava os contra-ataques uruguaios com o maior perigo. Em um deles, chegou à linha de fundo, fez um passe atrasado para Schiaffino e saiu o primeiro gol uruguaio. Em outra escapada, ele mesmo, quase em cima da linha de fundo, atirou e conseguiu o gol que iria nos derrotar.

Passados tantos anos, esquecendo as emoções da época, as desculpas e as acusações ao técnico e aos jogadores, devemos reconhecer, em primeiro lugar, o valor e a bravura daqueles nossos rapazes que, com tanto brilho, compuseram aquele time quase imbatível, e também a responsabilidade que pesava sobre os ombros de cada um, atuando em um jogo que não podiam perder, diante de um adversário brioso e decidido, e de um público que se aglomerava para festejar uma vitória já dada como certa antes do jogo.

Quando levamos o primeiro gol, o público, como que surpreendido, gelou, e isso possivelmente se transmitiu como uma onda negativa ao espírito de cada jogador: ficamos sem dar a resposta necessária aos nossos adversários e crescer em ardor combativo a fim de manter o empate e buscar a vitória. Só depois do segundo gol uruguaio é que nosso time reagiu. Lutou brava mas desordenadamente, em cerca de dez minutos de desesperada reação, porém sem nada conseguir.

Passados tantos anos, lembro-me com enorme carinho daqueles rapazes que tanto fizeram para serem perpetuados como heróis nacionais. A sorte madrasta tudo fez contra eles, quando, através das vitórias inesquecíveis do Brasil contra a Suécia e a Espanha, preparou as “miragens” que vieram dar chance aos uruguaios...

O dia 16 de julho de 1950 ficou marcado no calendário brasileiro como o Dia da Derrota. Mas o tempo se encarregou de mostrar que, a partir desse dia, o Brasil nasceu para o mundo como expressão do futebol mundial.

*(Março de 1986)*

# INTRODUÇÃO

Passado meio século, continua sendo o IV Campeonato Mundial de Futebol o mais importante certame esportivo de âmbito internacional já realizado no Brasil. E o jogo que o decidiu – Brasil x Uruguai, em 16 de julho de 1950, no Maracanã – igualmente a partida de futebol mais importante disputada até hoje no país, testemunhada pela mais vasta multidão jamais reunida na História em qualquer praça de esporte. Além de ser o jogo mais lendário, tantas as narrativas fabulosas que sobre ele se criaram no decorrer dos anos, sobretudo devido à falta de suficiente documentação (não havia televisão, quase todos os filmes se perderam, as fotos são escassas). Também, e principalmente, é uma das maiores tragédias coletivas da história contemporânea do país. Um país que se preparara com todas as energias para impor-se como grande nação diante do resto do mundo e acabou fracassando a um passo da glória, como um eterno condenado à exclusão dos degredados.

Estive presente no Maracanã (então chamado “Estádio Municipal”), com onze anos de idade, levado por meus pais, assistindo às oito partidas ali disputadas no certame, incluindo esta. Digo apenas “estive presente” porque nem cheguei a ver bem os jogos propriamente ditos. Sem qualquer motivação para isso (de fato, nunca vim a me interessar por futebol), tal era meu alheamento que preferia ficar observando a grandiosidade do estádio e da platéia, os fogos de artifício e a torcida, todo aquele *show* que se desenrolava ao redor. Nunca imaginei que fosse o único momento histórico que ia testemunhar na vida.

Mesmo os adultos ficaram impressionados com as dimensões inéditas daquele estádio, já então o maior do mundo. Com o tempo, o impacto diluiu-se – assim como nos habituamos a uma paisagem que, à primeira vista, tanto nos fascinou – , mas, em 1950, estar em pleno Maracanã, monumento gigantesco erguido especialmente para servir de cenário à IV Copa do Mundo, era uma experiência sem precedentes, de efeito quase hipnótico. Sobretudo quando a Seleção Brasileira se encarregava de grandes vitórias e goleadas (por ela nunca repetidas em outros Mundiais) que a torcida acompanhava com vibração extraordinária, sem imaginar que seria apanhada de surpresa pela total reversão de expectativas no desenlace do certame.<sup>[1]</sup> O fulgor de luzes, fumaça e explosões que circundava aquele cenário imensurável em um deslumbramento de energia jamais presenciado anteriormente e se intensificava à medida que os adversários iam caindo frente à “máquina de fazer gols” construída por Flávio Costa alçava-se além da pura *féerie* pirotécnica: ali parecia despontar o verdadeiro poderio de uma raça.

Outra impressão que ficou foi a ordem a que obedeceu tanta festividade. Sobressaía o bom comportamento, sobretudo a boa aparência: não apenas porque conviesse mostrar ao mundo uma imagem civilizada do país, mas porque uma Copa do Mundo em pleno Maracanã constituía um “acontecimento de gala” que deveria ser respeitado. A classe operária, nas arquibancadas e mesmo nas gerais – onde se

podia ver crianças e até senhoras –, comparecia muitas vezes de terno, gravata e chapéu. Sem torcidas organizadas, faixas, estandartes ou bandeiras, sem o menor sinal de agressividade ou violência, predominava no solene Maracanã de 1950 – microcosmo de uma sociabilidade pacata e inerte – o “espírito esportivo” mais ingênuo: gols e vitórias eram celebrados espontaneamente, com a circunspecta reverência de uma ovação – a mesma ovação à performance de um recital erudito em um grande teatro lírico.

Realizada durante as férias escolares de meio de ano, a Copa de 50 proporcionou-me – como a tantos de minha geração – a alegria infantil de participar de uma festa popular, um “divertimento” coletivo de proporções até então desconhecidas por todos. No meu caso, eram excursões em família, no maior contentamento. Passeávamos pelas ruas serenas, quase desertas e mesmo bucólicas do Rio, estacionando o carro nos jardins da Quinta da Boa Vista e indo a pé até o Maracanã, em meio a um povo ordeiro e amável. Uma tranquilidade acompanhada pela suave brisa de inverno, em tardes ensolaradas. A julgar ainda pelo lanche que minha mãe preparava para os intervalos, mais parecia um piquenique ao som dos alto-falantes do estádio, que não paravam de tocar baiões de Luiz Gonzaga (*Paraíba; Juazeiro; Qui Nem Jiló*) e marchas de Lamartine Babo (*Uma Vez Flamengo; Marcha do Sretch Brasileiro – Sretch* com e mesmo –, composta especialmente para a ocasião).

Durante os jogos, costumava folhear o “programa” publicado pela CDB (*Confederação Brasileira de Desportos*), uma revista em papel cuchê, no qual só mudava o encarte central, referente à partida do dia, com as escalações das duas equipes (ainda não havia substituições em jogo). Distraía-me ainda com os cartões de propaganda, jogados de teco-teco, em que o desenho de uma mulher nua, visto através de um recorte, transformava-se, ao virar a folha, na cabeça de uma vaquinha. De binóculo, admirava o uniforme da Seleção Brasileira, imaculadamente branco e bem passado (todo diferente do atual, adotado já na da Copa seguinte), com destaque para os calções, que os jogadores, para fazer “máscara” (como se dizia), repuxavam nos lados, assumindo um porte másculo de bailarinos estilizados, as pernas sempre reluzentes de bálsamo Alginex. Em geral, apreciava o jogador mais próximo, como o Maneca, na ponta direita. O futebol era tão diferente, em tática e preparo físico, que Maneca costumava ficar sozinho, parado em sua posição, e às vezes acenava com os braços a um companheiro longínquo, pedindo a bola. Minha atenção só era despertada quando ocorriam gols do Brasil, toda aquela zoeira e foguetório, e eu, pequeno, temia ser esmagado pela multidão que gritava e pulava à minha volta. Como a maioria desses gols era marcada por um tal de Ademir, elegi-o como ídolo, encantado com seu famoso *rush*, de estilo bem peculiar, e também por seus modos corteses, sempre disposto a prestar ajuda aos adversários que caíam em campo.<sup>[2]</sup> Por outro lado, nunca entendi e até não sei, por que o público invariavelmente vaiava quando, a cada jogo, os alto-falantes anunciavam o nome de Chico para a ponta esquerda.

A Copa de 50 não teria o mesmo valor se limitada à euforia da vitória: sua imponência se deve, sobretudo, a um desfecho totalmente imprevisto e, por isso mesmo, cruel. De nada valeram na tarde de 16 de julho o som e a fúria que até então, na mesma semana, abalavam o Maracanã lotado. Por alguma razão, as coisas passaram a não se dar como eram esperadas, fugiam ao controle, e nem a vantagem do empate

que levávamos sobre o Uruguai nessa última partida servia para acalmar a torcida. Ao contrário, os uruguaios ofereciam resistência e perigo. Bem à minha frente, nas cadeiras cativas onde estava, repetidas vezes, no segundo tempo, o ponteiro direito Ghiggia pegava a bola, com o médio Bigode na marcação, recuando, à espera de um passe ou um drible que acabavam saindo – e todos gritavam “Vai, Bigode!”, inutilmente. “Será possível, papai?” – foi a única coisa que me lembro de ter dito quando o jogo terminou 2 a 1 para os uruguaios. Na descida das rampas do estádio, ouvia-se o arrastar dos passos da multidão silenciosa, como se fosse um enterro. Em sua indiferença de pedra, permanecia ali o templo do Maracanã, erguido especialmente para a celebração que não houve.

Testemunha ocular dessa experiência inesperada e abrupta – tudo transcorreu de repente, da maior euforia ao total desalento, em apenas uma semana – nossa geração deparou aqui com uma espécie de “rito de passagem”: a derrota de 50, nessa concepção, seria aquilo que a psicanálise denomina “causa precipitante” da primeira impressão da realidade. Como observou Freud a respeito do percurso que o homem opera da infância para a idade adulta: “O homem está na mesma posição da criança que deixa a casa paterna, onde gozava de confiança e conforto. Irá, por fim, enfrentar a vida hostil. Já não mais será objeto do cuidado de uma providência beneficente”. [3] A derrota de 16 de julho significaria então o “fim da infância” ou a “perda da inocência”, motivo suficiente talvez para justificar o estranho fato de que uma criança como eu, não muito interessada pela Copa de 50 quando tinha onze anos, viesse a manter, já adulto, verdadeira fixação pelo assunto, a ponto de colecionar e investigar tudo o que fosse achando a respeito. Além de representar um “momento” do tempo que escoou e um “mundo” que se extinguiu sem possibilidade de retorno, as imagens de 50, para os da minha geração, fazem parte do mesmo tecido de outras perdas definitivas: ficaremos para sempre crianças, no Maracanã da Copa do Mundo.[4]

Para minha surpresa então, haviam onze pessoas no gramado entronizadas como deuses pela torcida monumental que as ovacionava toda vez que pegavam a bola. Queria crescer logo para ficar igual aos nossos *cracks*. No início, Maneca era meu ideal estético e fabuloso, e passei a imitá-lo fazendo uma careta de lábios finos, sobrancelha arqueada e queixo quadrado, tipo Dick Tracy. Untava as pernas até que reluzissem de tanto óleo Johnson e erguia os frisos laterais do calção para ir à praia. Mas, como disse, meu ídolo mesmo era o Ademir. Já adolescente, e ainda convicto de que tanto ele quanto os outros do time de 50 não existiam na vida real e apenas se materializavam no campo do Maracanã, madruguei em um domingo só para ficar de guarda defronte ao prédio onde Ademir morava e vê-lo sair à rua, em pessoa! Comecei a jogar “rachas” em Copacabana copiando seu andar, seu *aplomb* corporal e até, que ridículo, forçava o maxilar inferior para adquirir a famosa queixada do Ademir. A sorte, porém, reservou-nos gratificações imprevistas. Guardei a data: sábado, 16 de setembro de 1961. Estava batendo bola na praia com umas 40 pessoas quando me machuquei, meio tonto sentei na areia e alguém me pegou e me levou para a água. Abri os olhos e... quem vejo me carregando, preocupado? Era ele! Estupefato, desfaleci de emoção em seus braços. Anos mais tarde, eu já casado e com filhos, Ademir foi jantar em minha casa com a mulher: ficamos amigos, e continuei a admirar a sua excelsa figura de refinado

cavalheirismo e amabilidade instintiva. Porém, que distância nos separava naqueles idos de 50 no Maracanã... Para uma criança, ele era então, como o restante da Seleção Brasileira e na mais pura concepção hollywoodiana, o ente sacramentado de um harmonioso mundo de faz-de-conta, pairando acima do arco-íris. Agora, quem estava à minha frente era uma pessoa comum, cujo halo de divindade ficara para trás, no santuário de meus mitos de infância. Como se dá com todos nós, fez o tempo com que eu perdesse, de um modo especial, e para sempre, aquilo que eu mesmo tinha sido um dia.

Revedo as velhas fotografias de 50, esse passado presentifica-se. Em uma delas, por exemplo, a Seleção Brasileira, antes do jogo contra a Suécia, acha-se de pé, quase em posição de sentido, durante a execução dos hinos nacionais. Ao fundo, o sol bate forte nas arquibancadas repletas do Maracanã – a multidão, também imobilizada, aparece com clareza, sem tremular de bandeiras, como hoje é costume e que suprime esse efeito visual. Há uma luz resplandecente por todo o cenário, a luz de alguma coisa plena de vitalidade e mistério, que jamais morrerá, emitida pelo mesmo Sol desse universo sem fim, o mesmo universo em que agora estamos, mas que, no momento dessa foto, esconde um mundo completamente outro: quantas centenas de pessoas dessa arquibancada iluminada já desapareceram, como são jovens esses jogadores em seus uniformes de uma alvura fulgurante, com os calções puxados nas laterais, em forma de “v”, e suas pernas cintilando de tanto brilho – verdadeiros super-heróis aclamados por aquelas 200 mil pessoas com suas fantasias de Batman, Capitão Marvel e a Trinca do Terror. É atual a luz dessa imagem, existe aqui e agora – é o Maracanã da Copa de 50, que meus olhos viram e continuam vendo até hoje. Possui o seu próprio frescor, um frescor resistente ao próprio tempo: inacreditável que resida em um “outrora”. Prova de que, de fato, como disse Cocteau, o advento da fotografia, e mais ainda o do cinema, conseguiu revelar a morte em seu trabalho.

A questão remete às embaraçosas concepções da temporalidade. É costume do pensamento comum levar a crer que vivemos *no* tempo e cabe-nos somente registrar o transcurso de uma corrente temporal que avança ininterruptamente, tal como um fenômeno do meio exterior constituído por uma sucessão de “agoras” que “passam no mundo” e na qual somos “arrastados”. Chega-se inclusive a calcular matematicamente pelos relógios esse “tempo mundano”. Heidegger verifica, porém, que não encontramos o tempo em parte alguma: aquilo que já passou e aquilo que ainda virá estão sempre “em outro lugar”. Um princípio derivado da teoria de Santo Agostinho, segundo a qual presente, passado e futuro só existem porque a consciência humana é ela mesma temporal: “Eu *sou* o tempo”. Assim sendo, enquanto passado, a Copa de 50 não tem existência própria nem está “ocupando” um “lugar” no tempo, como também não está nessas velhas fotos, nesses recortes de jornais, nas folhas deste livro. Tornou-se perpetuamente algo de irreal sustentado somente pela memória. Também enquanto passado, não pode impedir-se de ser o que é, tem de conservar-se como coisa inerte e já plenamente constituída, fato irreparável, sem qualquer possibilidade de não ser o que já é. A isso deve a Copa de 50 seu fatalismo de tragédia, sua aparência de mundo de trevas, morto e crepuscular, indolente e em repouso, imutável, constante e todo já acabado, submisso a um destino ubíquo e prefixado. Continuará assim até o final dos tempos: naquela tarde, aqueles jogadores brasileiros, diante daquela multidão, perderam a Copa do

Mundo para sempre. Nunca mais o Brasil ganhará a Copa de 50.

Mas posso tentar imitar Proust e “reencontrar-me” no Maracanã, em 16 de julho de 1950. Deparo então com uma “realidade” estranha e febril, na qual mal me reconheço, pois já não sou o mesmo que era e, no entanto, continuo sendo (uma “presença-ausência”, diria Sartre): eis-me de calças curtas, começando a vida em segurança, na proteção de meus pais, sonhando com Margaret O’Brien – minha “paixão” de 13 anos – e fascinado por aqueles super-heróis fantasiados de uniforme branco. Em meus entornos, as roupas das pessoas, os modos, a linguagem, fisionomias e olhares pertencem a “outra época” há muito tempo extinta. Só encaro “futuros mortos” ao redor. E todos parecem mais velhos do que eram, inclusive os jogadores: não daria menos de 50 anos a Obdulio Varela, o “bandido” de sinistro traje azul e preto. À falta de registros visuais a cores, a “realidade exterior” de 1950 tem aspecto sombrio: a própria forma arquitetônica do estádio é claustrofóbica, e, nesse 16 de julho, causa uma impressão de angústia tenebrosa, uma atmosfera pesada de *huis clos* que sufoca e apavora – uma “descida ao inferno”.<sup>[5]</sup>

Também posso seguir o pensamento estético de Hegel e, desse modo, transcender uma simples evocação pragmática e concreta dos fatos de 50 e reportar-me à essência poética do 16 de julho no Maracanã, com nostálgico lirismo como “estado d’alma”. A função da estética, diz Hegel, é “animar a severidade e a aspereza da razão”: permite-nos um entendimento mais completo, profundo e elevado, desvelando tudo que não aparece, alçando-nos a um “algueres” sempre para além do dado, um “algueres” onde o mundo é contemplado sensivelmente, um abstrato sem estatuto de existência real – tal como a luz através da qual podemos ver os objetos que ilumina, mas não pode ser, em si mesma, fonte de conhecimento. Em busca dessa “transparência do invisível”, desvendamos o que refulge de sagrado nas memórias da Copa de 50 – sobretudo na hora da derrota, com suas amarguradas figuras: a beleza do infortúnio da condição humana ante a adversidade inevitável do mundo. Porque, como escreveu Schiller, se “a vida tem seriedade, a arte tem serenidade”. Não importa qual o limite do desespero, a estesia ultrapassa-o no rumo da contemplação sensível, bastando lembrar o exemplo citado por Hegel no mito espanhol *El Cid Campeador*, no qual o romanceiro se detém nas dores de sua amada Ximena – “bela nas lágrimas”.<sup>[6]</sup>

No momento do gol de Ghiggia – o segundo do Uruguai, que derrotou o Brasil –, Bigode leva a mão direita à cabeça, e nesse ligeiro movimento resume-se o grito de terror de uma nação inteira perante a ruína imprevista, enquanto o goleiro Barbosa – com seu porte apolíneo e elegante – ergue-se solenemente, soberbo, até olhar o céu de relance, como um apelo à clemência divina. No instante do apito final, Jair salta para a última tentativa da vitória, agarrando-se ao goleiro Máspoli: seu empenho porta o ideal do poder absoluto, um impulso agonizante e inútil, na honrosa tradição do guerreiro que, já vencido, nega a desesperança para arriscar o impossível. Zizinho, nessa mesma hora, retrai o corpo, olha para o juiz, ainda descrente do fim – e é descrente, em estado de choque, que se deixará abraçar por Máspoli e, no vestiário, entrega-se ao abatimento de um homem comum que acabou por dentro, incapaz de resignar-se com o “já dado e finito”. Quanto ao choro de Danilo, deixando o campo amparado por um locutor, além de ser a imagem mais famosa da “tragédia de 50”, traduz a resignação dos humildes, o luto

aquiescente de quem ousou “ser alguém” perante o mundo e, como castigo, mereceu apenas a retirada vexatória à sua “insignificância”. Sim, porque, do modo como as coisas haviam se processado, não era o simples caso de ganhar ou perder uma competição esportiva, mas, com efeito, uma questão de arriscar-se entre dois pólos: de um lado, a graça e a bem-aventurança; do outro, a vergonha e a desonra.

Em cinco “tempos”, essas imagens clássicas sintetizam o ciclo patético da desventura humana, desde o momento em que se configura a possibilidade de fracasso dos projetos estabelecidos (Bigode, Barbosa) até a consumação final do revés e o surgimento do chamado “espírito penoso” (Zizinho, Danilo), passando pela “vontade de poder” e a negação da contingência (Jair). Eis as criaturas desse mundo sombrio e infernal, seres sofridos, de máscaras torturadas, cuja plasticidade – a mesma de clássicas esculturas gregas, como *Gália Agonizante* – está incorporada à iconografia do Brasil contemporâneo, eternizada na memória nacional. Beleza épica, composta de pompa e nobreza, pungente em sua solenidade, como as cerimônias de réquiem. Será assim evocada, embora tenha custado a derrota – ou, sobretudo, devido mesmo à derrota, que em 1950 produziu uma comoção nacional além das fronteiras do esporte, talvez só comparável ao suicídio de Vargas na vida contemporânea do país. A ausência da vitória fez com que a Copa de 50 sobrevivesse sempre como “aquilo que deveria ter sido e não foi”, ou seja, como o império de um Nada, de um não-ser, a apontar para um vazio, uma totalidade não preenchida, uma existência negada. Daí por que a derrota, que converteu o normal em excepcional, é necessária para que o fascínio perdure: não poderiam ser diferentes essas imagens, em sua grandeza trágica.

A locução completa de Brasil x Uruguai de 16 de julho, transcrita na II Parte desta monografia, pode dirimir dúvidas quanto a episódios que, através dos tempos, ganharam halo de lenda, narrativa mitológica.<sup>[7]</sup> Testemunhados por quase 200 mil pessoas que foram desaparecendo com os anos, os fatos passaram de pais a filhos assumindo cada vez mais foros de imaginário, a tal ponto que, em determinado momento, tornava-se impossível diferenciar o que sucedeu no Maracanã daquilo que foi criado pela fantasia de muitos. O sociólogo Arno Vogel entrevistou várias pessoas a respeito, concluindo: “Às vezes, parecia estar ouvindo uma narrativa mitológica. Muitos, jovens demais para terem vivido os acontecimentos, reproduziam com variações mínimas a mesma história. Todos recordavam fatos, lances e cenas do evento. Emitiam juízos e analisavam as versões polêmicas. Atribuíaam responsabilidades, mostrando um envolvimento profundo com tudo que se relacionava ao episódio. Vi um informante descrever o final da partida decisiva e a saída do estádio com lágrimas nos olhos e voz embargada. Falava de uma experiência radical, que tinha deixado marcas definitivas”.<sup>[8]</sup>

Na sua estatura histórica e mitológica, a derrota de 16 de julho tornou-se não apenas o grande emblema do Imaginário do país, ou o próprio Mal em suspensão animada na ideologia nacional, com sua aura de imantação lendária que se conserva e se agiganta na imaginação popular, mas também uma das representações da nacionalidade brasileira em seu empenho por uma identidade própria. Traz o encantamento mágico de uma gesta efêmera, tendo por cenário suntuoso um Coliseu da era moderna, edificado como panteão para a glória nacional, e onde brotou a provação de heróis esquecidos e o

infortúnio e a desesperança de um país inteiro. Não é gratuita a referência ao Coliseu (literalmente, “construção colossal”), com sua forma concêntrica do espaço reservado à platéia e o caráter cênico-simbólico dos embates ali travados com vistas a um estado orgiástico de excitação do espectador – a mesma “paixão” dionisíaca do teatro grego. Em sua majestade, o Maracanã, frio e silencioso, perdura de pé, com a solidez e a perenidade do rochedo, em contraste com a fluidez das ações humanas que o tempo dissolveu, monumento às ruínas do passado, a recordar aquela história hoje perdida nas lonjuras – um modelo de classicismo, com sua “nobre simplicidade e calma grandeza”, na definição de Winckelmann.

Tragédia grega no Terceiro Mundo, dada a exatidão com que se encaixam as peças do fatalismo de sua estrutura dramática, a Copa de 50 teria inspirado Sófocles e Eurípides como epopéia conduzida pelas veleidades do destino. Dela teria feito Nietzsche um libelo contra a providência divina, e Jung uma exegese do inconsciente coletivo. Também nada faltaria a Wagner para compor um monumento operístico. Porque, de todos os exemplos históricos de transe nacional, este é o mais belo, o mais apoteótico: é um Waterloo dos trópicos, e sua verdade o nosso *Götterdämmerung*.

---

[1]. As derrotas da Suécia por 7 a 1 e da Espanha por 6 a 1 continuam recordes do Brasil em Copas. Os “espetáculos” de 50, pelo fato de o Brasil jogar em casa, jamais seriam revistos em mundiais seguintes, incluindo as Copas conquistadas (todas no exterior, em estádios menores, a torcida contra). Igualmente, não tem similares a “tragédia de 16 de julho”, porque, em todas as Copas, nenhum franco-favorito (como era o Brasil) perdeu na final jogando em casa (por exemplo: em 54 a Hungria foi derrotada na Suíça; vinte anos depois, a Holanda perdia o título na Alemanha).

[2]. Com nove gols, Ademir foi o artilheiro da Copa de 50 e continua sendo o brasileiro que mais gols marcou em um único Mundial. Em seu *rush*, conduzia a bola presa e ziguezagueando entre os pés, de passos curtos e cabeça baixa, os braços abertos, partindo veloz e em dribles breves para a meta adversária, sem deixar de tomar sempre o cuidado de não recolher a perna na hora do chute, para surpreender o goleiro. Ademir jogou catorze anos como profissional, e em sua carreira não se registrou uma só entrada desleal, um só desentendimento com o adversário, um só bate-boca com o juiz.

[3]. Sigmund Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1969.

[4]. Em meu caso, tais imagens constituem visualmente uma “tábula rasa”, pois contêm as cenas mais remotas que presenciei na infância e que ficaram preservadas. Ao vê-las e revê-las, estou assim apreendendo minha própria “descoberta do mundo”, meu olhar de criança. Há, portanto, uma relação afetiva com a Copa de 50 e, em particular, com o jogo Brasil x Uruguai, que parecem-me desfrutar de uma “vida honorária” à margem do tempo universal e se conservam indefinidamente em disputa, em um fluxo eterno que só desaparecerá comigo.

[5]. Na época, a Rádio Nacional transmitia o seriado *As Aventuras do Anjo*, com a trilha de Miklós Rózsa para o filme *O Segredo da Casa Vermelha* (*The Red House*, 1947), e suas novelas, nas cenas mais melodramáticas, traziam o movimento *Lento Lúgubre* da *Sinfonia Manfred*, de Tchaikovsky. O “pavor” sentido pelas crianças sempre lembrava o que tinha acontecido no Maracanã.

[6]. Hegel, *Estética*, Lisboa, Guimarães Editores, 1964.

[7]. As transmissões radiofônicas eram pomenorizadas, em uma época sem os recursos da TV, substituindo, no possível, o que seria um videoteipe da partida.

[8]. Arno Vogel, *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*, Rio de Janeiro, Edições Pinakotheke, 1982.

PARTE I

# **A COPA DE 50**

# O LUTO DE UMA NAÇÃO

“Eu também, com apenas nove anos, participei daquela imensa tristeza”, revelou Pelé certa ocasião.

[1] Ouviu o jogo pelo rádio, com o pai e os amigos, em Bauru, onde morava. “Esse 16 de julho eu não esqueço mais. Foi uma tristeza tão grande, tão profunda, que parecia ser o final de uma guerra, com o Brasil perdedor e muita gente morta.” Bigode, que jogou naquele dia, não dá um depoimento diferente: “Tragédia de 50 a gente não esquece. Passam vinte, trinta anos, e aquilo tudo fica na nossa memória, como uma mancha”. [2] Em sua autobiografia, Zizinho reconhece: “Ainda hoje os pais me param na rua e dizem a seus filhos: ‘Este é o Zizinho, que jogou na Copa de 50’. Joguei dezenove anos, tenho alguns títulos, e sou lembrado – igual aos demais jogadores daquela campanha – como um perdedor”. [3] Em recente declaração a *El País*, o goleiro uruguaio Máspoli reafirma: “O resultado daquele campeonato teve tal impacto que jamais será esquecido. Já se transcorreu meio século e continua sendo assunto de jornal”.

Efetivamente, o Brasil tinha feito o necessário para ganhar a Copa de 50. Primeiro, obteve a sede. Depois, construiu o maior estádio do mundo para servir de santuário à sagração de seu futebol. Sua seleção chegou à última partida ostentando façanhas gloriosas – 7 a 1 contra os suecos, 6 a 1 contra os espanhóis –, tendo a seu favor um ponto de vantagem e o delírio de quase 200 mil torcedores. Para completar, ainda marcou o primeiro gol. Ninguém duvidava de que o Brasil, mais do que merecedor, já era vitorioso na Copa do Mundo. Sobretudo porque, na derradeira partida – apenas uma “formalidade” a ser cumprida –, iria defrontar-se com o Uruguai, e os uruguaios haviam se desdobrado para passar sem derrotas pelas seleções que o Brasil goleara com incrível facilidade, tudo no decorrer daquela mesma semana. Não apenas as quase 200 mil pessoas que foram ao Maracanã, mas os 2,4 milhões de cariocas e os 52 milhões de brasileiros de 1950 [4] apenas esperavam a hora em que o Brasil teria para si o título mundial, entregue por Jules Rimet em pessoa.

E, no entanto, o Brasil perdeu. “Eu, que fora ver uma equipe brilhante sagrar-se campeã, acabei testemunhando o drama de um país inteiro”, escreveu o jornalista austríaco Willy Meisl. “A multidão deixou o estádio em silêncio: um silêncio de 200 mil bocas.” [5] O Maracanã não iria ver jamais a festa para que fora construído. Perante as grandes dimensões traumáticas da derrota – consumada quando faltavam apenas 11min28s para a conquista do título –, poucos exemplos se pode achar no Brasil de tão vasta experiência do fracasso. “A maior e a mais dramática surpresa que já se abateu sobre o futebol brasileiro.” [6] “Foi sem dúvida a maior frustração que já tomou conta de um público gigantesco num estádio de futebol em toda a história dos campeonatos mundiais.” [7] “Existem derrotas das quais a gente pode se orgulhar. Esta não. Tinha sido vergonhosa, amarga, sem glória – uma humilhante e atroz derrota. A derrota de todas as derrotas.” [8]

Dias depois do jogo, a revista *Esporte Ilustrado* não comentava outra coisa: “O colosso do Maracanã, sede de grandes espetáculos, de sangue, suor e lágrimas, foi palco da maior tragédia já registrada em toda a história do futebol”.<sup>[9]</sup> Mais recentemente, o antropólogo Roberto DaMatta pôde afirmar que a derrota de 50 “é talvez a maior tragédia da história contemporânea do Brasil”, acrescentando: “Primeiro, porque implicou uma coletividade e trouxe uma visão solidária de perda de uma oportunidade histórica. Segundo, porque ocorreu no início de uma década na qual o Brasil buscava marcar seu lugar como nação que tinha um grande destino a cumprir”. Dissolveu-se em minutos o que seria, para o historiador Carlos Molinari, “a maior vitória do Brasil desde sua independência em 1822”.<sup>[10]</sup>

Era um país sem glórias, saído de uma ditadura, no marasmo do governo Dutra e antes do impacto da volta de Vargas ao poder e da euforia desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek. Esse o país que ousara suplantar-se para ganhar notoriedade mundial e de súbito se vira destituído de todas as ilusões, abatido no campo de luta, em sua própria terra, em meio à sua própria gente. Para muitos daqueles que disputaram a partida final era a despedida das Copas do Mundo e até mesmo da Seleção Brasileira. A honra ultrajada, a humilhante retirada para “o lugar sem importância que merecia”, o complexo de uma sociedade subdesenvolvida que se considera “racialmente impura” – tudo isso foi no que redundou suas pretensões. “A derrota para o Uruguai foi tomada como uma metáfora para as ‘derrotas’ da própria sociedade brasileira.”<sup>[11]</sup>

Tal sentimento de inferioridade, em sua etiologia, requer, segundo Adler, “uma compensação no sentido de uma exaltação do sentimento de personalidade. O sujeito forja para si um objetivo final, puramente fictício, caracterizado pela vontade de poder”.<sup>[12]</sup> Assim a “vergonhosa humilhação” acarretada pela Copa de 50 só se tornou possível por um motivo determinante: na aparente experiência da “união nacional” consolidada pela torcida brasileira ao agregar esforços para um fim comum desejado por todos,<sup>[13]</sup> impôs-se antes de tudo a determinação do “querer fazer-se valer”, um triunfalismo disposto a contrabalançar a deficiência incômoda da “inferioridade”. Em outros termos, a vontade de poder, o ufanismo do “já ganhou”, próprio de uma coletividade subdesenvolvida e colonizada que não se reconhece como tal, abriram espaço à possibilidade do choque traumático de uma derrota *in extremis*. Conceitos antropológicos poderiam acrescentar como princípio-motor o chamado “temperamento latino”, sem meias medidas, de coração à flor da pele.<sup>[14]</sup> O técnico Flávio Costa invoca razões históricas: “O brasileiro não está preparado para derrotas, porque somos um país ainda novo, que desconhece grandes guerras e tragédias”. Vivia-se em plena idade da inocência, de sentimentos puros, à distância do terror que acabara de exterminar outros povos além do oceano: nesse recanto de paz e de sonhos tão provincianos, a ignorância do medo – seja a ocupação, o genocídio, o conflito armado – despreparava qualquer resistência à sorte ingrata, que fosse sequer no simples campo de um “passatempo” desportivo. Com efeito, não poucos fatores se congregam no contexto dramático de 1950: havia sobretudo a esperança de afirmação nacional perante o resto do mundo, havia a necessidade de auto-confiança que concebesse desenvolvimento e poder, havia sobretudo uma chance rara de que o eterno “país do futuro”

viesses a suprimir a imagem caricata, *made in Hollywood*, representada por Carmen Miranda e Zé Carioca, que lhe fora atribuída pela “política da boa-vizinhança” do governo Roosevelt.

As quase 200 mil pessoas que lotaram o Maracanã na tarde de 16 de julho constituíam uma espécie de quintessência do *homo brasiliensis* em seus fundamentos histórico-antropológicos. Não somente responderam, como toda a nação, pelas desmedidas proporções emocionais da derrota como fenômeno de massa, mas ainda, e sobretudo, pelos mesmos motivos, acabaram assumindo grande parte da responsabilidade pelo revés: o estádio inteiro esperava e torcia por nova “goleada”. Se a prudência da razão recomendava o oposto, considerando-se a vantagem do empate e, mais ainda, a abertura do marcador para o Brasil, a influência que a ânsia da torcida exerceu sobre a conduta de seus jogadores em campo, confiando-lhes a missão totalmente desnecessária de mais uma vez sobrepujar-se em busca de resultados extraordinários como os que vinham sendo obtidos até então, e há tão poucos dias, teria por efeito prático – como veremos – pressão sobre o adversário, desguarnecimento da defesa e aproveitamento eficaz dessa fragilidade pelos uruguaiois, em sistemáticos contra-ataques. Isto é, a derrota.

Aquela mesma ânsia descontrolada e irracional cedeu lugar a seu reverso, e o impulso de criatividade sucumbiu ao impulso de destrutividade: ficou a angústia de sentir que a nação tinha morrido no gramado do Maracanã, e também uma desesperança quanto à efetivação de qualquer projeto coletivo. Parecia uma facticidade, contra a qual nada há a fazer – a versão tropical no niilismo nórdico, segundo a qual a vida é uma sucessão de obstáculos até chegar a morte, a derrota final. A idéia da Copa de 50 passou a ser, num campo objetivo e prático, pertencente à realidade mundana, a representante de certa inquietação metafísica que expõe a existência humana como um mal-entendido apavorador, uma contingência sofrida e negada. Ou seja, um epifenômeno remetendo ao estado de derrelição e desamparo do homem que se vê lançado no mundo gratuitamente, exposto a uma morte absurda. A ubiqüidade da morte, por sinal, é sensível em todas as reflexões que se fazem sobre 50, na medida que sintetiza os componentes de emoção tirados do episódio: a inevitabilidade da derrota final, entendida como a morte da mãe-pátria, a cruel adversidade que, como uma onda enorme, pulverizou os sonhos de uma nação.

Nessa concepção, a perda do título simbolizou a própria morte, a luta tenaz e inglória do ser humano para vencer algumas batalhas até perder justamente a derradeira e decisiva. Os filósofos estóicos falavam de uma existência condenada às esperanças vãs, a um contínuo aniquilamento, a uma dor sem tréguas. Tal como Schopenhauer: “A vida é uma espécie de história natural da dor, que assim se resume: querer sem motivo, sofrer sempre, lutar sem esmorecimento e, por fim, morrer”.[\[15\]](#) Coincidiu que a derrota de 50 se deu quando ainda tremulava a Europa o pensamento existencialista, amadurecido durante os horrores da guerra e que, nas palavras de Camus, reafirmava o homem como “um estranho em um mundo absurdo, do qual só se conhece a inevitabilidade do sofrimento e da morte”.[\[16\]](#) A morte que Sartre designa como “puro fato, radicalmente absurdo, que está fora dos meus projetos, que eu não posso esperar e que me atinge de fora, por acaso”. [\[17\]](#)

Assim, o “desespero humano” de Kierkegaard reencarnou no brasileiro de 1950: a perda da Copa

do Mundo foi uma morte em vida. “Nenhuma derrota da Seleção Brasileira, antes ou depois dessa data, teve conotações emocionais tão fortes quanto a perda do título mundial de 50”, observou Arno Vogel. “Nem as conquistas posteriores da Copa fizeram esquecer a amargura de antigamente (...) porque o Brasil tomou muito a sério o que tinha acontecido no Maracanã.”<sup>[18]</sup> Sucedeu então um surto de luto e melancolia, nos moldes descritos por Freud:

“O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de uma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. (...) Os traços mentais da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima, a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação, culminando numa expectativa delirante de punição. (...) Com uma única exceção, os mesmos traços são encontrados no luto: a perda da auto-estima está ausente no luto. Afora isso, as características são as mesmas. (...) O luto profundo, a reação à perda de alguém que se ama, encerra o mesmo espírito penoso, a mesma perda de interesse pelo mundo externo – na medida que este não evoca aquele alguém –, a mesma perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significaria substituí-lo), e o mesmo afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele. (...) No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego.”<sup>[19]</sup>

Por que a nação brasileira cobriu-se de luto e melancolia, tratando-se de uma simples competição esportiva? Por que a Copa de 50 tanto abalou a consciência do país? Que participação teria tido na definição das rotas históricas do Brasil contemporâneo? Uma reconstituição minuciosa dos antecedentes da Copa e do próprio certame – devidamente situados em seu contexto de época – pode ajudar a esclarecer essas interrogações e ainda a principal: por que o Brasil perdeu?

---

[1]. Pelé: declarações a Orlando Duarte, *Placar*, 20 de agosto de 1971.

[2]. Bigode: *Jornal do Brasil*, 17 de junho de 1970.

[3]. Thomaz Soares da Silva (Zizinho): *Zizinho – O Mestre Ziza*, Rio de Janeiro, Edições do Maracanã, Secretaria do Estado de Esporte e Lazer, 1985.

[4]. Segundo o Censo realizado em todo o país em 1º de julho de 1950. Soube-se então que 55% da população vivia no campo e 50% era analfabeta. Havia água encanada em 16% dos municípios e rede elétrica em 25%. O Censo de 50 ocorreu num sábado, no mesmo dia em que Brasil e Iugoslávia jogaram no Maracanã disputando uma vaga para as finais.

[5]. Willy Meisl, *World Sports*, Londres, 18 de julho de 1950.

[6]. *Jornal do Brasil*, 23 de julho de 1970.

[7]. *Aconteceu*, julho de 1970.

[8]. Arno Vogel, op. cit.

[9]. *Esporte Ilustrado*, 27 de julho de 1950.

[10]. Roberto DaMatta, *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*, Rio, Edições Pinakothke, 1982. Carlos Molinari, *A História das Copas*, Rio, Litteris Editora, 1998.

[11]. Roberto DaMatta, *Universo do Futebol*, op. cit. Uma derrota atribuída ao atraso do país e que reavivou um tradicional pessimismo na ideologia nacional: “Éramos inferiores por um destino ingrato”.

[12]. Alfred Adler, *Le Tempérament Nerveux*, Paris, Payot, 1955.

[13]. Digo “*aparente* experiência” porque, conforme Sartre, não há laços de interioridade entre os torcedores, ou qualquer vínculo comunitário real, mas apenas uma “unidade por separação” (cada qual se ocupa de si mesmo, não há práxis comum, as pessoas acham-se unidas somente porque estão juntas no mesmo campo de esporte), unidade essa que tende à dispersão imediata mal encerrado o jogo.

[14]. Sobre essa postura, disse Barbosa: “Para todos os efeitos, acho que ser vice-campeão do mundo, embora isso aqui no Brasil de nada valha, não deixa de ser um mérito. Quando eu andava pela Europa, o respeito que todos tinham para comigo era muito maior do que se dá aqui dentro do país”. (*in Futebol, Jogo de Paixões*, TV Educativa, 25 de abril de 1993)

[15]. Arthur Schopenhauer, *O Mundo como Vontade e Representação*. Tradução de Heraldo Barbury. Rio de Janeiro, Edições e Publicações Brasil Editora, 1966.

[16]. Albert Camus, *O Mito de Sísifo*. Tradução de Urbano Tavares Rodrigues. Lisboa, Livros do Brasil-Lisboa, 1964.

[17]. Jean-Paul Sartre, *O Ser e o Nada*. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, Editora Vozes, 1997.

[18]. Arno Vogel, op. cit.

[19]. Sigmund Freud, “Luto e Melancolia”, in *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1969.

# ANTES DA FESTA

Fundada em Paris, a 21 de maio de 1904, a Fédération Internationale de Football Association (FIFA) conseguiu introduzir nos Jogos Olímpicos, quatro anos depois, essa nova modalidade esportiva criada pelos ingleses. O futebol tornou-se atração especial em cinco Olimpíadas<sup>[1]</sup> antes que a FIFA, no Congresso de Amsterdam, em 25 e 26 de maio de 1928, decidisse instituir sua própria competição, a Copa do Mundo, levando em consideração, sobretudo, o fato de que a Inglaterra adotara o profissionalismo e, portanto, não podia mais participar dos campeonatos olímpicos. A Copa seria realizada de quatro em quatro anos, tendo por prêmio um troféu de 3,25 quilos (sendo 1,8 em ouro maciço), com 25 centímetros de altura, sobre um pedestal em forma de octógono, de lápis-lazúli da Índia, representando uma dama alada erguendo uma taça sobre a cabeça – obra do escultor Abel La Fleur. Só passou a ser denominada “Taça Jules Rimet” em 1946, em homenagem ao então presidente da entidade.<sup>[2]</sup> Estabeleceu-se, no regulamento, a posse definitiva do troféu à nação que o ganhasse três vezes, não necessariamente consecutivas.<sup>[3]</sup>

Foi em 1929, em Barcelona, que a FIFA promoveu a regulamentação da primeira Copa do Mundo, marcada para o ano seguinte no Uruguai. O país promotor saiu vitorioso, assim ratificando a conquista dos títulos olímpicos de 1924 e 1928 que lhe valeu a denominação dada à sua seleção: Celeste Olímpica (celeste de azul celeste, cor da camisa).<sup>[4]</sup> Naquele primeiro torneio, o Brasil foi desclassificado na eliminatória de seu grupo, perdendo de 2 a 1 para a Iugoslávia.

A II Copa, na Itália, em 1934, também foi conquistada pelo país promotor. O Uruguai, campeão do mundo, não participou em represália à ausência dos italianos no certame de Montevideu. No segundo ano de profissionalismo, o Brasil classificou-se no seu grupo, por desistência do Peru, seu único concorrente, perdendo nas semifinais para a Espanha, por 3 a 1.

A III Copa, na França, em 1938, voltou a dar o título à Itália. Novamente o Uruguai fez *forfait*, devido a uma greve no futebol local. O Brasil, classificado sem eliminatórias, ganhou da Polônia por 6 a 5, nas preliminares. Depois, nas quartas-de-final, empatou com a Tchecoslováquia por 1 a 1 e ganhou dela por 2 a 1. Passando às semifinais, perdeu para a Itália por 2 a 1 e conquistou o terceiro lugar derrotando a Suécia por 4 a 2. Detalhe histórico: a Seleção da Alemanha, tal como os italianos e os tchecos faziam desde a Copa anterior, apresentava-se ao público com a saudação nazi-fascista, mas toda a sua arrogância de nada serviu: não passou da primeira fase do torneio, empatando e depois perdendo para a Suíça.

Em 3 de junho de 1938, véspera do início das preliminares da III Copa, na sessão plenária do Congresso da FIFA, em Paris, o representante da Confederação Brasileira de Desportos (CDB), jornalista Célio Negreiros de Barros, lançou oficialmente a candidatura do Brasil à Copa do Mundo de

1942. O mesmo vinha pleiteando a Alemanha desde 1936, quando organizara os Jogos Olímpicos. A questão ficou pendente, e Rimet chegou a visitar o Brasil, em abril de 1939, para examinar suas condições de viabilidade, atendendo sobretudo ao estatuto da Copa que previa a alternância de continentes (os dois últimos torneios haviam sido sediados na Europa).

A II Guerra Mundial cancelou as Copas de 42 e 46[5]. Restabelecida a paz, as negociações prosseguiram no Congresso da FIFA em Luxemburgo, 1º de julho de 1946, com a presença de 34 países. Foi quando se decidiu designar o torneio como Copa Jules Rimet e fixou-se a data para 1949. O Brasil, que adotara o profissionalismo no futebol em 1933, tornou-se postulante exclusivo – embora também a Argentina houvesse manifestado interesse –, com a Alemanha fora de cogitações e os demais países europeus ainda sofrendo os efeitos da guerra. Em outro Congresso, realizado durante as Olimpíadas de Londres, 1948, a candidatura brasileira foi ratificada e, para dar tempo às eliminatórias e chance de melhor recuperação aos países afetados pela guerra, transferiu-se o certame para 1950. “Vamos organizar o maior campeonato do mundo”, era a manchete do jornal *O Globo* em 27 de julho de 48, transcrevendo palavras de Luis Aranha, representante brasileiro no Congresso de Londres.

Perante 117 delegados de 48 nações, o Comitê colocou em debate a proposta da CBD, na palavra de Sotero Cosme, cônsul brasileiro em Paris: o Brasil comprometia-se a construir um estádio à altura do evento, mas impunha um regulamento diferente daqueles que vinham sendo usados nos Mundiais até então: em vez do sistema de Copa, com a supressão sumária de cada perdedor na fase semifinal, o que dava ensejo a injustiças e era arriscado do ponto de vista financeiro (nenhum país iria empenhar-se em viagem tão longa com o risco de voltar após o primeiro jogo, e haveriam onerosos gastos com hospedagens, passagens aéreas etc.), a nova tabela propunha o sistema de Campeonato e dividia os dezesseis semifinalistas em quatro grupos de quatro. Caberia ao Comitê designar uma seleção para cada grupo, e os outros três seriam escolhidos por sorteio (artigo 6º do regulamento). Dentro de cada grupo, as seleções jogavam entre si, e o vencedor de cada um passava então à fase final, quando os quatro classificados também jogavam entre si uma única partida, em um quadrangular. A decisão seria feita por pontos ganhos. O projeto, nunca mais repetido nos Mundiais seguintes, causou polêmicas, e muitos países o recusaram. Desagradava à FIFA e ao próprio Rimet, mas era favorável à CBD: o número de jogos duplicava de 17 para 30, com maiores possibilidades de arrecadação. Para atenuar a situação, curiosamente, o regulamento já ia adiantando: “As partidas serão jogadas em duas fases, a título excepcional – e somente para a Copa de 1950.” (Art. 6º)

Diversas questões foram suscitadas quanto ao projeto, mas até hoje nenhuma pesquisa sobre o Mundial de 50 atentou para um aspecto importante: o caso do empate em número de pontos ganhos para a decisão do título. Recorremos aqui ao texto do regulamento oficial, em seu artigo 9º: “No caso em que, depois das partidas da primeira ou segunda fase, duas equipes se encontrem em igualdade de condições na contagem de pontos, deverá ser jogada entre essas duas equipes uma partida de desempate, com prorrogação de dois tempos de 15 minutos cada um. (...) Se não for obtido nenhum resultado decisivo depois de uma partida de desempate seguida de prorrogação, continuar-se-á o jogo com mais uma

prorrogação de 15 minutos. Logo que for marcado um gol em uma das prorrogações excepcionais, se dará por terminada imediatamente a partida. Se, depois de três prorrogações de 15 minutos cada, não for marcado nenhum gol, caberá à Comissão Organizadora decidir.”[6]

“Ao Brasil caberá o patrocínio da quarta disputa da Copa do Mundo”, anunciou o *Almanaque do Correio da Manhã* de 1950. “Pode-se entrever o que isso irá significar para nós, nesta época em que o esporte brasileiro lança-se entusiástica e positivamente no cenário internacional: para aqui convergirão as atenções de milhões de torcedores do mundo todo!” Como o país não estava bem servido de estádios[7], e atendendo à exigência da FIFA, o prefeito do então Distrito Federal, capital da República, general Ângelo Mendes de Moraes[8], abraçou a causa defendida pelo *Jornal dos Sports* desde maio de 47 em favor da construção do gigantesco Estádio Municipal, que viria a ser o maior do mundo. Argumentava o prefeito: “Este estádio atende a uma aspiração do povo, que busca na prática do desporto o derivativo que amortece as angústias desta quadra de recuperação social. O carioca encontrará onde satisfazer sua paixão pelo desportista, nas transbordantes manifestações de alegria e de entusiasmo a que já nos habituamos, desviadas de canalizações ou orientações outras, em que a maldade, a decadência e o veneno estariam presentes para denegrir-lhe a alma, embrutecer-lhe a inteligência e fermentar-lhe o espírito”. Mas o projeto gerou acaloradas controvérsias. O ex-prefeito Hildebrando de Góes, por exemplo, defendia a ampliação do Estádio de São Januário, o vereador Carlos Lacerda (1914-1977) propunha uma Vila Olímpica em Jacarepaguá, e muitos outros discordavam por considerá-lo de segunda importância em uma cidade carente de hospitais e escolas (uma praça de esportes para 100 mil espectadores em Irajá, zona norte do Rio, achava-se também em projeto, por iniciativa privada, de certo “Estádio Nacional Sociedade Anônima”). A obstinação de Mendes de Moraes levou seus planos adiante. Em julho de 47, obteve o aval do presidente Eurico Gaspar Dutra (1885-1974) para a obra a ser financiada pelo município. Em 8 de agosto, enviou o projeto à Câmara dos Vereadores, que só o aprovou em 29 de outubro, ao cabo de diversas relutâncias e debates. Por fim, o prefeito autorizou a construção em lei de 14 de novembro de 47, colocando logo à venda 30 mil títulos de cadeiras cativas (válidas por cinco anos) e, mais adiante, outros de cadeiras perpétuas.

Foi lançada em 20 de janeiro de 48, Dia de São Sebastião, padroeiro da cidade, a pedra fundamental do futuro estádio – a apenas dois anos, cinco meses e 4 dias da data prevista para a abertura da Copa. Para supervisionar o trabalho, o prefeito criou em 24 de maio a ADEM (Administração dos Estádios Municipais), sob a presidência do coronel Herculano Gomes, e afinal iniciavam-se em 21 de julho as obras do Maracanã, cuja maquete era exibida, no mesmo mês, durante a Exposição Internacional de Indústria e Comércio no Hotel Quitandinha, em Petrópolis. O então presidente da CBD, Rivadávia Correa Meyer (1902-1966), voltou a recorrer ao presidente Dutra, em 13 de julho de 1949, pleiteando subvenção do governo federal para o certame. Logo a seguir, em 30 de agosto chegava ao Rio o representante da FIFA, engenheiro Ottorino Barassi, para pressionar as autoridades, pois havia preocupação quanto ao atraso das obras do estádio. Além disso, Barassi não estava satisfeito com a pouca publicidade que estava sendo dada no Brasil ao evento: “Será que os brasileiros não consideram a

importância ou o vulto dessa competição? Ora, uma Copa do Mundo vale como uma demonstração das coisas, dos fatos e dos homens de um país aos povos da Terra. É necessário que o Brasil compreenda o alcance do certame e anuncie o quanto antes, às quatro partes do mundo, que aqui se trabalha com afinco, como já percebo, pelo êxito do nosso torneio”. Em 11 de setembro, o próprio Jules Rimet desembarcava no Rio, também preocupado com as medidas de organização, e quis visitar as obras, a essa altura já celebradas com fervor por grande parte da imprensa, que classificava aquela construção como “um monumento à tenacidade, à dedicação, ao espírito de sacrifício, à força de vontade invencível, à capacidade de realização do povo brasileiro”.

Acabou sendo feita em tempo recorde a construção do então chamado “O Portentoso”. Cerca de 1.500 operários trabalharam com 465 mil sacos de cimento (se empilhados um a um, formariam 78 pilhas da altura do Corcovado), 10,5 milhões de quilos de ferro, 3,9m<sup>3</sup> de pedras e tijolos, 55,2m<sup>3</sup> de madeira, 1,2m<sup>3</sup> de areia, até erguer em 55.132m<sup>3</sup> de concreto a maravilha arquitetônica, nos terros da antiga pista hípica do Derby Club, zona norte do Rio (daí a designação pomposa de “Colosso do Derby”, muito usada na época). Concebido pelos arquitetos Pedro Paulo Bernardes Bastos, Rafael Galvão, Antônio Augusto Dias Carneiro e Orlando da Silva Azevedo (todos já falecidos) e construído por um consórcio de firmas (Construtora Nacional, Cavalcanti Junqueira, Dourado S. A., Humberto Menescal, Criatiani & Nielsen, Severo Villares Ltda.), o Estádio Municipal veio a ser o maior estádio esportivo do mundo – título que ostenta até hoje. Com 76.071m<sup>2</sup> de área de projeção, seu perímetro é de 800 metros, a altura máxima de 30 metros, e a parte interna possui uma planta de elipse de 300 metros em seu eixo maior e 260 metros no menor, sem apoios aparentes. As dimensões do campo são olímpicas: 75 metros de largura e 110 metros de comprimento. Capacidade prevista: 155.067 espectadores.[\[9\]](#)

Uma imponente praça de esportes, primeira e única no Rio, não filiada a qualquer clube particular, em tributo a seu idealizador foi crismada pela imprensa como Estádio Municipal Ângelo Mendes de Moraes.[\[10\]](#) Depois dessa obra, pelo prefeito saudada como “prova imortal da grandeza do nosso povo”, nada faltava para demonstrar a ambição do Brasil em conquistar o título mundial, em um *décor* à altura: de certo modo, já éramos os “maiores do mundo” antes mesmo de a Copa começar. “Hoje, o Estádio Municipal é o mais novo cartão-postal do Brasil. Um cartão-postal que vale mais do que o Pão de Açúcar, do que o Corcovado, do que a Baía da Guanabara, porque é obra do homem, uma prova da capacidade de realização do brasileiro” – alardeava em maio o *Jornal dos Sports*. “Basta agora que os nossos jogadores apresentem em campo o mesmo espírito de luta, a mesma disciplina de trabalho, a mesma dedicação que os outros brasileiros que tornaram possível, com a construção do estádio, a realização do magno torneio em nosso país, para que possamos juntar à ‘vitória do estádio’ a outra vitória – a vitória da Copa do Mundo de 1950.” E mais: “Com o estádio, façamos do Brasil uma multidão de homens fortes, que teremos dado ao Brasil uma alma nova, capaz de movimentar o grande corpo que dormita enfraquecido por falta de rigor próprio”. E cresciam as expectativas, como observou então o *Diário Carioca*: “Comanda o general Mendes de Moraes uma mobilização geral da cidade do Rio de Janeiro em favor do turismo, de modo que se possa tirar as maiores vantagens e explorá-las às

últimas conseqüências, aproveitando as circunstâncias favoráveis, pois a realização dos jogos da Taça Jules Rimet constitui atração excepcional, sendo objeto de propaganda intensa, sobretudo na Europa e nos demais países americanos e trazendo turistas de todas as partes do mundo”.<sup>[11]</sup> Dois meses antes da Copa, o mesmo jornal acrescentava: “Espera-se a chegada ao Rio, neste ano, de 40 mil turistas para o campeonato mundial”.<sup>[12]</sup>

O cartaz oficial da IV Copa do Mundo já mostrava um *design* do Pão de Açúcar por trás de uma perna de jogador apoiada em uma bola; na meia, as bandeiras dos países participantes. Distribuído pelo comércio do Rio, ficou exposto nas vitrines, chamando a atenção. O Departamento de Correios e Telégrafos, por sua vez, editava três selos comemorativos em 24 de junho de 50, dia da abertura da Copa – os primeiros da filatelia brasileira dedicados ao futebol. Ary Barroso (1903-1964) aproveitou para compor *O Brasil Há de Ganhar*, gravado por Linda Batista (1919-1988), e Lamartine Babo (1904-1963) a já citada *Marcha do Sretch Brasileiro*, nas vozes do Trio Melodia: “Salve, salve, o nosso Estádio Municipal / No Campeonato Mundial / Salve a nossa bandeira / Verde, ouro e anil / Brasil, Brasil, Brasil! / Eu sou brasileiro / Tu és brasileiro / Muita gente boa brasileira é / Vamos torcer com fé / No nosso coração / Vamos torcer para o Brasil ser campeão!” Eleito pela crítica carioca o melhor produtor de teatro musicado do ano, com 25 anos de carreira, Walter Pinto, o “Ziegfeld da Praça Tiradentes”, em 5 de maio estreava seu novo *show*, *Na Copa do Mundo*, com Colé, Walter D’Ávila, Marion e José Vasconcellos, no palco do Teatro João Caetano.

Na manhã de 9 de maio, a despeito das críticas e da oposição de deputados e vereadores contrários ao projeto, a prefeitura do Rio e a CBD assinaram o contrato de locação para o Estádio Municipal. “A obra ainda está inacabada e oferece perigo”, alertava o *Diário da Noite*.<sup>[13]</sup> Mas não era mais possível voltar atrás: Jules Rimet chegava ao Rio em 31 de maio, o calendário oficial previa para 24 de junho o jogo de estréia. Assim, mesmo sem estar pronto, o Maracanã foi inaugurado às 9h30min da manhã de sexta, 16 de junho, por coincidência o mesmo dia em que o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) homologava a candidatura de Getúlio Vargas (1883-1954) para as próximas eleições presidenciais de 3 de outubro. Também por coincidência, exatamente um mês antes da “catástrofe” da partida decisiva contra o Uruguai. À cerimônia compareceram o presidente Dutra, o cardeal Dom Jaime de Barros Câmara (1894-1971), arcebispo do Rio de Janeiro desde 1946, e o presidente da FIFA, Jules Rimet. Além, é claro, do orgulhoso prefeito Mendes de Moraes, que comemorava nessa data o terceiro ano de sua administração. Celebrava o jornal *A Noite*: “Os obreiros do Estádio Municipal renunciaram a tudo para cumprir uma promessa. E, hoje, o Brasil possui o maior e mais perfeito estádio do mundo, dignificando a capacidade de seu povo e a sua evolução em todos os ramos da atividade humana. Há muito que se conhecia a força e a eficiência do atleta do Brasil. Mas tornava-se necessário projetar essa força e essa eficiência, agora temos um palco de proporções fantásticas para que o mundo inteiro possa se encontrar na admiração de nosso prestígio e de nossa grandeza esportiva.”

Com os portões abertos ao público, que lotou o estádio e brindou os fotógrafos com um curioso efeito pirotécnico – todos lançaram fósforos acesos para o alto simultaneamente –, realizou-se na tarde

do dia seguinte, sábado, 17 de junho – uma semana antes da abertura da Copa –, o primeiro jogo no gramado do Maracanã. Não sem antes um discurso do prefeito: “O esporte brasileiro já não é grande apenas na sua tradição. Daqui a muitos anos, quando se historiar essa época, o milagre do estádio será apontado como uma das maiores e mais completas realizações jamais levadas a efeito em nosso país”. O jogo inaugural foi um amistoso entre as seleções de novos do Rio e de São Paulo. Os paulistas ganharam por 3 a 1 e ficaram com a Taça Ângelo Mendes de Moraes – mas o primeiro gol no estádio (na época, o marcador era operado manualmente em quatro pontos das arquibancadas) foi consignado aos nove minutos de jogo, numa cobrança de falta, pelo carioca Didi, que iria sagrar-se campeão do mundo nas Copas de 58 e 62. Pela seleção de São Paulo, jogaram: Oswaldo, Homero e Dema; Djalma Santos, Brandãozinho e Alfredo; Renato, Rubens, Ponce de Leon, Augusto (Carbone) e Brandãozinho II. (O centromédio Brandãozinho, da Portuguesa de Desportos, havia sido convocado para a Copa, mas foi dispensado.) Atuaram pela seleção do Rio: Ernâni (Luiz Borracha), Laerte e Wilson; Mirim, Irani e Sula; Aloísio (Alcino), Carlyle (Simões), Silas (Dimas), Didi (Ipojuçã) e Esquerdinha (Moacir). Os gols dos paulistas foram assinalados por Augusto, empatando a partida aos 15 minutos do primeiro tempo, e, na segunda fase, Ponce de Leon, aos 39 minutos, cabendo novamente a Augusto fechar o *score* no último minuto. Dois juízes apitaram o jogo que inaugurou o Maracanã: no primeiro tempo, Alberto da Gama Malcher; no segundo, Mário Vianna. Ambos, junto com outro brasileiro, Mário Gardelli, estariam, cada um, na arbitragem de um jogo da Copa.[\[14\]](#)

Ainda em obras, o Maracanã ficava agora à espera da hora em que se tornaria o panteão especialmente construído para ungir a glória dos heróis nacionais. Como escreveu Willy Meisl, “estávamos perante não somente o maior estádio, mas, acima de tudo, o mais imponente, a construção de beleza mais surpreendente em sua natureza no mundo”.[\[15\]](#) Quem ousaria resistir ao Brasil dentro desse templo e enfrentar a mais vasta torcida jamais reunida no mundo? Nele seriam consagrados os novos deuses do futebol – e o Brasil, finalmente, poderia alcançar um lugar ao sol entre as grandes potências mundiais.

---

[1]. A Inglaterra venceu as Olimpíadas de 1908, jogadas em casa, e as de 1912, disputadas na Suécia. As de 1920 foram conquistadas pela Bélgica, país promotor. E o Uruguai ganhou os Jogos Olímpicos de futebol em 1924, na França, e 1928, na Holanda.

[2]. Jules Rimet (1873-1956) ocupou o cargo durante 35 anos, de 1919 a 1954.

[3]. O Brasil obteve a posse definitiva ao conquistar o tricampeonato no México, vencendo na final a Itália por 4 a 1, em 21 de junho de 1970. Saíra vencedor anteriormente nas Copas de 1958, na Suécia, e 1962, no Chile.

[4]. É curioso notar que, na Seleção Uruguaia de 24, 28 e 30, jogava como médio direito José Leandro Andrade, tio de Rodríguez Andrade, médio esquerdo do time da final de 50 e único negro da equipe.

[5]. Assim que a guerra começou, o engenheiro Ottorino Barassi (mais tarde presidente da Federação Italiana de Futebol), temendo que a taça esculpida por Abel La Fleur fosse incorporada ao tesouro de Mussolini ou destruída, fugiu com ela para a Suíça, onde a deixou guardada nos cofres da FIFA até o armistício. Depois da conquista do Mundial de 50 – quando chegou a ser exposta na vitrine da loja Mesbla, centro do Rio –, os uruguaios providenciaram uma réplica da taça, evitando que fosse roubada. Foi com essa réplica que os jogadores brasileiros campeões mundiais de 1958 desfilarão pelas ruas do Rio, ao voltar da Suécia. Em 4 de janeiro de 1966, o Brasil, bicampeão, transportou o troféu a

Londres, para o Mundial da Inglaterra, mas, antes mesmo do certame, a Jules Rimet foi roubada quando era exposta em uma vitrina do Westminster Central Hall, em 20 de março. Uma semana depois, era achada em um monte de lixo, nos jardins de Beulah Hill, subúrbio londrino, por um cachorro chamado Pickles, que fora dar um passeio com o dono. Por fim, a taça, já definitivamente arrebatada pelo Brasil na Copa de 70, acabou sendo roubada pela segunda vez, por dois homens, na sede da CBD, no Rio, na noite de 20 de dezembro de 1983, e depois derretida e transformada em barras de ouro. Restou apenas uma réplica em bronze, feita pela FIFA após o roubo de 1966, e que seria arrematada em um leilão em Londres, por 430 mil dólares, em 12 de julho de 1997.

[6]. Nestas condições, como veremos, por muito pouco a partida entre Brasil e Uruguai, em 16 de julho, deixou de ser decisiva para a Copa de 50. Se, no Pacaembu, o Uruguai houvesse perdido para a Espanha em 9 de julho (empatou o jogo por 2 a 2 com um gol de Obdulio Varela, marcado de fora da área, aos 27min do segundo tempo) ou empatado com a Suécia em 13 de julho (ganhou por 3 a 2 com um gol de Míguez marcado já ao apagar das luzes, aos 40min da segunda etapa), teria se igualado ao Brasil ao derrotá-lo (ambos ficariam com quatro pontos ganhos). Pelo regulamento, seria necessário então um jogo-desempate. Também conforme o regulamento, verifica-se que Brasil x Uruguai não constituiu verdadeiramente a “final” da Copa de 50, tanto que a Seleção Brasileira, como vimos, entrou em campo com a vantagem de um ponto ganho. Além disso, o jogo só ficou sendo o derradeiro da tabela por mero efeito de um sorteio quanto à ordem cronológica das finais. De qualquer modo, apenas para simplificar, empregamos a expressão “a final”, embora indevida.

[7]. O Pacaembu, em São Paulo, inaugurado em 1942, era então o maior do país e só podia reunir 70 mil espectadores; o Estádio de São Januário, do Vasco da Gama, no Rio, concluído em 1927, vinha em segundo, com capacidade para 40 mil pessoas; em terceiro, havia o América, de Belo Horizonte, para 25 mil torcedores.

[8]. Ângelo Mendes de Moraes (1894-1990) ocupou o cargo de 1947 a 1951.

[9]. O segundo maior do mundo em 50 era o Hampden-Park, na Escócia, com capacidade para 140 mil pessoas, seguido do Estádio Olímpico de Los Angeles (110 mil) e do de Wembley, em Londres (100 mil).

[10]. Ainda assim, em face da derrota, a CBD evitou a medida, e o estádio ficou sem nome até 1966, quando passou a chamar-se oficialmente Estádio Jornalista Mário Filho. Diretor do *Jornal dos Sports* e irmão do dramaturgo Nelson Rodrigues, Mário Filho (1908-1966) foi um dos principais incentivadores da obra na imprensa. Após a Copa de 50, no entanto, público e mídia passaram a designá-lo simplesmente como Estádio do Maracanã. O ginásio coberto, com capacidade para 30 mil pessoas, construído na mesma área e inaugurado em 24 de setembro de 1954, ficaria conhecido como Maracanãzinho. Assim como fizemos designando o jogo Brasil x Uruguai como “a final”, também adotamos no texto, para simplificar, a designação “Maracanã” em vez de “Estádio Municipal”, apesar do anacronismo.

[11]. *Jornal dos Sports*, 16 e 21 de maio de 1950; *Diário Carioca*, 20 de janeiro de 1950.

[12]. *Diário Carioca*, 14 de abril de 1950. Na verdade, pela pouca publicidade da campanha de divulgação pelo Itamaraty no exterior, o afluxo de torcedores estrangeiros foi praticamente nulo.

[13]. *Diário da Noite*, 9 de maio de 1950.

[14]. Malcher apitou Espanha 2 x Chile 0, no Maracanã; Mário Vianna, Espanha 3 x Estados Unidos 1, em Curitiba; Gardelli, Chile 5 x Estados Unidos 2, em Recife.

[15]. Willy Meisl, *World Sports*, 26 de junho de 1950.

# OS GRANDES PREPARATIVOS

Era a primeira Copa do Mundo depois da guerra e de um intervalo de doze anos, e a segunda sediada na América do Sul, vinte anos passados do certame do Uruguai. Reunida em Genebra, a 17 de janeiro de 1949, a Comissão organizadora da IV Copa preparou a fase eliminatória, da qual estavam automaticamente excluídos o Brasil (país-sede) e a Itália (detentora do título). Até 31 de dezembro de 48, prazo-limite para as inscrições, somavam 33 países na lista de competidores, mas, antes mesmo das eliminatórias, sete deles desistiram de participar – incluindo a Argentina, tradicional adversário do Brasil, que, além de passar por uma greve no futebol profissional, andava em atrito com a CBD.<sup>[1]</sup> O Paraguai atrasou por 27 dias sua inscrição, sendo aceito ainda assim, ao passo que a Indonésia viu-se recusada por não satisfazer requisitos necessários à afiliação.

De 2 de junho de 1949 a 30 de abril de 1950 processaram-se em diversas partes do mundo os jogos que, em princípio, deveriam reunir 31 países. A tabela fixada pelo Comitê da FIFA dividiu-os por continentes, com a previsão de uma ou duas classificações por grupo:

### **EUROPA E ORIENTE PRÓXIMO**

*Grupo 1:* Inglaterra, Escócia, País de Gales, Irlanda do Norte. *Classificados:* INGLATERRA e ESCÓCIA. (A Escócia desistiu, pois anunciara fazê-lo caso não vencesse o Campeonato Britânico de Seleções de 49.)

*Grupo 2:* Áustria e vencedor de Turquia x Síria. *Classificado:* TURQUIA. (A Áustria desistiu antes das eliminatórias e a Turquia, vencedora, também o fez, sem maiores explicações.)

*Grupo 3:* França e vencedor de Iugoslávia x Palestina (hoje Israel). *Classificado:* IUGOSLÁVIA.

*Grupo 4:* Bélgica e vencedor de Suíça x Luxemburgo. *Classificado:* SUÍÇA. (A Bélgica desistiu antecipadamente.)

*Grupo 5:* Suécia e vencedor de Finlândia x Eire. *Classificado:* SUÉCIA.

*Grupo 6:* Espanha, Portugal. *Classificado:* ESPANHA.

### **AMÉRICA DO SUL:**

*Grupo 1:* Argentina, Chile, Bolívia. *Classificados:* CHILE e BOLÍVIA. (A Argentina deixou previamente as eliminatórias.)

*Grupo 2:* Uruguai, Peru, Equador, Paraguai. *Classificados:* URUGUAI e PARAGUAI. (Peru e Equador não disputaram.)<sup>[2]</sup>

## AMÉRICA DO NORTE E AMÉRICA CENTRAL:

Estados Unidos, México, Cuba. *Classificados*: ESTADOS UNIDOS e MÉXICO.

## ÁSIA:

Índia, Birmânia, Filipinas. *Classificado*: ÍNDIA. (Birmânia e Filipinas abstiveram-se antes das eliminatórias. A Índia, automaticamente classificada sem jogar, também desertou, após o sorteio das semifinais.)<sup>[3]</sup>

Contando Brasil e Itália, previamente classificados, seriam 16 as seleções a disputar no Brasil a IV Copa do Mundo. Mas as defecções da Escócia, Turquia e Índia reduziram o torneio a 13 contingentes – o mesmo número da Copa de 30, no Uruguai.<sup>[4]</sup> E o número de jogos previstos para as semifinais caiu de 24 para 16. Sem dúvida, a devastação da II Guerra ainda repercutia na Europa e impediu que alguns países participassem. Havia também questões diplomáticas: na época, o Brasil não mantinha relações com a União Soviética, a China, a África e a Ásia. Além de tudo, não era animador cruzar o Atlântico, considerando-se as dificuldades de acesso à falta de aviões a jato: uma viagem aérea de Paris ao Rio de Janeiro, por exemplo, gastava no mínimo 24 horas, com escalas. Durante a Copa, em 5 de julho, a Pan American alardeava na imprensa sua última novidade: a rota Rio-Nova York, em dois vôos semanais, com o *clipper* de quatro hélices e dois andares, *O Presidente*. Tempo de vôo: “apenas” 18 horas, com escala em Trinidad.

Para compensar ausências ilustres – além da Argentina, também a Alemanha (com a guerra, fora excluída da FIFA) e a Hungria (ainda por trás da “Cortina de Ferro”) –, contava a competição com ao menos três participações importantes: a Inglaterra, que se proclamava criadora do futebol e pela primeira vez se dispunha a disputar uma Copa do Mundo; a Suécia, que vinha de sagrar-se campeã nas Olimpíadas de Londres, em 1948; o Uruguai, que ganhara o mundial de 1930 e nunca mais havia estado em outra Copa. Embora viesse tentar o tricampeonato e a posse definitiva da taça, já pouco se podia esperar da Itália, detentora do título em 34 e 38 e que acabara de perder oito de seus principais jogadores quando 17 craques do time do Torino, tricampeão italiano e base da seleção, desapareceram tragicamente em acidente aéreo: ao retornar de um amistoso com o Benfica em Lisboa, o avião em que viajavam chocou-se, pouco antes de aterrissar, contra a Basílica de Superga, monte nos arredores de Turim, matando todos os ocupantes, em 4 de maio de 1949.

Com a presença de Mendes de Moraes, Ottorino Barassi, o presidente em exercício da CBD, Mário Pollo, os ministros do Exterior, Raul Fernandes, e da Educação, Clemente Mariani, e o presidente do Conselho Nacional de Desportos, João Lira Filho, foram enfim apresentadas as chaves das semifinais, em 22 de maio de 50, na biblioteca do Palácio do Itamarati, no Rio. Brasil, Inglaterra, Itália e Uruguai já haviam sido selecionados em Londres como cabeças-de-chave, e os demais, conforme o regulamento, foram agora distribuídos por sorteio. Na chave A ficaram Brasil, Iugoslávia, México e Suíça. Na B, Inglaterra, Estados Unidos, Espanha e Chile. Na C, apenas três países: Itália, Suécia e Paraguai. E, na

chave *D*, somente dois: Uruguai e Bolívia. O sorteio muito favoreceu ao Uruguai, que necessitava apenas vencer a Bolívia (o que fez pela goleada de 8 a 0) para atingir a fase final, ao passo que ao Brasil cabia disputar três jogos, com seleções de maior peso (pela ordem, México, Suíça e Iugoslávia). Observou a respeito o historiador inglês Brian Glanville: “Fato extraordinário que um outro time não pudesse ser trazido para a chave do Uruguai, já que havia chaves com quatro disputantes.”<sup>[5]</sup>

Outro ponto discutido referia-se à distribuição geográfica dos jogos. No período de 24 de junho a 2 de julho, as 16 partidas das semifinais seriam disputadas em seis capitais bem distantes umas das outras: Rio (Maracanã), São Paulo (Pacaembu), Porto Alegre (Estádio do Internacional), Belo Horizonte (Estádio Independência, construído especialmente para a Copa), Recife (Campo do Náutico) e Curitiba (Estádios Durival de Britto e do Ferroviário). O mesmo Glanville protestou: “Não resta dúvida de que os arranjos do campeonato foram bem favoráveis ao Brasil, que jogou todas as suas partidas no Rio, à exceção da segunda, enquanto os demais competidores eram obrigados a viajar exaustivamente através de todo esse vasto país.”<sup>[6]</sup> Mas a solução sugerida pelo crítico contradiz-se em seus termos: começa acatando “uma idéia que parece ter escapado a todos”, ou seja, “se havia grupos, estes logicamente deveriam ser concentrados em um único lugar”. Se assim fosse, no entanto, pior para o grupo sorteado para o Rio de Janeiro, pois é ainda Glanville que admite: “Considere-se que o clima mormacento, úmido e debilitante do Distrito Federal era decerto uma desvantagem para as seleções visitantes”.<sup>[7]</sup>

A essa altura, a Seleção Brasileira já começava a tomar forma, sob o comando do técnico Flávio Costa, 43 anos, uma das figuras mais prestigiadas do futebol brasileiro.<sup>[8]</sup> No comando da Seleção Carioca desde 1940 e da própria Seleção Brasileira desde 1944, independente, de forte personalidade, disciplinador rigoroso, Flávio tinha sido nomeado para o cargo em setembro de 49 e exigiu e obteve da CBD carta branca para escolher o plantel que iria disputar a Copa. Todo-poderoso, ninguém impunha restrições a seu trabalho, nem duvidava de seu talento, com o qual acabara de efetivar importantes conquistas – tais como dois campeonatos cariocas para o Vasco, sempre invicto, o título de “Campeão dos Campeões” para o mesmo clube no Torneio dos Campeões Sul-Americanos realizado no Chile, também invicto (foi o primeiro título conquistado no exterior por um time nacional), e sobretudo, à frente da Seleção Brasileira, o Sul-Americano de 1949, jogando em casa. Até seus adversários o respeitavam, como Obdulio Varela, o capitão uruguaio de 50: “Era um dos grandes homens que vi atuar como técnico. Na derrota, o primeiro que sofre é o técnico. Mas afirmo que esse homem era um sábio, de extraordinária personalidade e enormes conhecimentos”.<sup>[9]</sup>

Uma comissão de 15 membros também foi nomeada para dar respaldo ao trabalho de Flávio Costa. Podia destituir o técnico das funções, mas não interferir em seu trabalho. Um de seus membros, almirante Máximo Martinelli, protestou contra a convocação de dois jogadores e demitiu-se. O jornalista Mário Filho, que também integrava o grupo, preferiu afastar-se por discordar do técnico: recomendava seis meses de treinamento, enquanto Flávio Costa julgava suficientes apenas três, “para não entediar os jogadores”. Assim, só convocou os craques selecionados em 23 de março, antes de encerrado o campeonato brasileiro de 50. Assim como a base da Celeste era formada pelo Peñarol, pode-se dizer que

o Vasco constituía a essência da Seleção: dos 38 jogadores convocados, nada menos do que dez pertenciam ao Vasco da Gama, o “Expresso da Vitória”, que ele comandava desde 1947 e cuja equipe conhecia bem.[\[10\]](#) Com esse grupo, a Seleção seguiu para a estância hidromineral de Araxá, em Minas, no dia 27 de março. Lembra Ademir: “Foi um trabalho muito bem feito, por Flávio Costa e Vicente Feola,[\[11\]](#) na época seu auxiliar. Em Araxá, havia um clima de tranqüilidade. A única expectativa era saber se o Maracanã ficaria pronto a tempo”.[\[12\]](#) O próprio Flávio Costa recorda: “Ao contrário do que se pensava, o Brasil em 50 tinha uma das melhores organizações em matéria de formação de plantel. Contávamos com dois grandes médicos efetivos, dr. Amilcar Giffoni e dr. Paes Barreto, e um dentista, que se manteve anônimo e cuidou com carinho de toda a seleção. Era uma equipe de primeira”.[\[13\]](#) Dela participavam também os massagistas Johnson (pseudônimo de Ovídio Dionísio) e seu auxiliar Mário Américo. E os treinos em Araxá foram repartidos em dois grupos, os Brancos e os Azuis.[\[14\]](#) O primeiro jogo-treino deu-se em 16 de abril, com a vitória dos azuis por 6x2.

Acompanhado por um grupo de radialistas (Gagliano Neto, Oduvaldo Cozzi, Luiz Mendes, Pedro Luiz) e o jornalista Geraldo Romualdo da Silva, Flávio Costa ausentou-se depois que sua equipe se instalou na cidade mineira: visitou a Europa por duas semanas de modo a observar melhor “nossos prováveis adversários”, assistindo então a três eliminatórias da Copa.[\[15\]](#) Quase desconhecido era no Brasil o futebol europeu: desde 1914, a Seleção Brasileira só em dez ocasiões tinha jogado até então contra selecionados da Europa – sete nas Copas anteriores, três em amistosos (ganhou cinco, perdeu quatro e empatou um). Inclusive diferente era seu estilo de arbitragem – tanto que, em vistas à Copa, a CBD contratou em 49 juízes ingleses para atuarem no Rio e em São Paulo (um deles, Cyril J. Barrick, apitou cinco jogos do Sul-Americano de 49 e as três partidas contra o Uruguai pela taça Rio Branco, em maio de 50). Não chegou a preocupar a temporada dos clubes ingleses Arsenal e South Hampton e do austríaco Rapid, em meados de 49, pois demonstraram sofrível desempenho em amistosos contra clubes. Mais inquietante parecia o simples fato de que Flávio Costa, até então, jamais comandara a Seleção contra um escrete europeu. De volta ao Brasil, em 18 de abril, impressionado, como disse, pela “precisão matemática” do futebol inglês, o técnico acelerou os treinos em Araxá e, no dia 24, retornava ao Rio com o selecionado. Até 31 de maio, a equipe ficaria instalada no Estádio São Januário, “pois o campo do Vasco era na época o único campo decente que havia na cidade”, como explicou Flávio Costa ao autor. Nessa fase, como parte integrante do programa preparatório para a Jules Rimet, a Seleção disputou a Copa Rio Branco com o Uruguai e a Taça Oswaldo Cruz com o Paraguai. O time Branco foi incumbido de enfrentar os paraguaios, e o Azul, o Uruguai. Ambos saíram vitoriosos.[\[16\]](#) O próximo passo de Flávio Costa foi aceitar a oferta do banqueiro Drault Ernanny, que, em 23 de maio, cedia aos jogadores brasileiros um local mais isolado para a concentração, a Casa dos Arcos, no Joá, zona sul do Rio, para onde a Seleção se transferiu no dia 31. Finalmente, em 5 de junho, dezenove dias antes da abertura da IV Copa do Mundo, o técnico apresentou a listagem final dos 22 jogadores a serem oficialmente inscritos:[\[17\]](#) Barbosa e Castilho (goleiros); Augusto e Nilton Santos (zagueiros direitos); Juvenal e Nena (zagueiros esquerdos); Bauer e Eli (médiros-direitos); Danilo e Rui (centromédiros);

Bigode e Noronha (médiós-esquerdos); Friaça e Alfredo II (pontas-direitas); Zizinho e Maneca (meias-direitas); Baltazar e Adãozinho (centroavantes); Jair e Ademir (meias-esquerdas); Chico e Rodrigues (pontas-esquerdas). [18] Os torcedores que iam a São Januário durante a fase de treinamento mostravam-se bastante insatisfeitos, até que, em 14 de junho, a dez dias da Copa, o desânimo virou entusiasmo: a Seleção vencia por 8 a 1 o time do Vasco, reforçado por Barbosa, Augusto e Eli. Dois dias antes da partida inaugural contra o México, contudo, o *scratch* foi conhecer o gramado do Maracanã e teve dificuldades em virar o marcador para ganhar do Flamengo por 3 a 2.

A derrota para o Uruguai no primeiro jogo da Copa Rio Branco e o empate com o Paraguai na segunda partida da Taça Oswaldo Cruz, ambos no estádio do Pacaembu, produziram inquietações nos paulistas – que, na época, mantinham com os cariocas nítida rivalidade. Basta lembrar que, na Copa de 30, ainda no amadorismo, desentendimentos entre a recém-fundada CBD e a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) impediram a convocação dos craques paulistas, incluindo Friedenreich e Feitiço – com a única exceção de Araken Patuska (1906-1990), sem contrato com seu clube, o Santos, e inscrito como jogador do Flamengo. Agora, até a construção do Maracanã era recebida em São Paulo como reação de despeito: fazer face ao Pacaembu. A imprensa paulista criticava Flávio Costa por ter colocado na lista dos 22 nada menos que oito jogadores do Vasco, entre eles um reserva, Alfredo II, que costumava jogar de *half* e fora convocado como ponta-direita. E viram nisso uma intenção de preterir o corintiano Cláudio (1923-2000), que nem mesmo constava da lista preliminar de convocados. “Preciso de um coringa” – explicava Flávio Costa. “Um jogador que atue em várias posições, como é o caso de Alfredo II.” [19] Os paulistas também não concordavam com a preferência do técnico por uma linha média carioca (Eli, Danilo e Bigode), pois achavam que o São Paulo tinha um trio melhor e mais experiente (Bauer, Rui e Noronha). Outros reclamavam da não-convocação de Heleno de Freitas, então jogando na Colômbia [20], ou até mesmo de Leônidas da Silva, o centroavante da Copa de 38, já com 36 anos e ausente da Seleção Brasileira desde o Sul-Americano de 1946. Mas Flávio Costa ignorava as críticas: “Somos um país em que cada pessoa se julga uma autoridade em futebol. A primeira condição para ser técnico, no Brasil, é pensar com a própria cabeça, e não com a cabeça de milhões de ‘autoridades’ que existem espalhadas por aí”. [21]

Entre janeiro e junho de 50, a CBD já tinha despendido cerca de Cr\$ 30 milhões na preparação do selecionado e ainda havia quem se preocupasse com o que seria “a falta de um padrão de jogo”, mesmo depois de quase três meses de treinamento. Mas, durante o torneio, antes da “catástrofe” de 16 de julho, a Seleção de Flávio Costa iria mostrar, mais do que um padrão, uma soma de talento, estilo, técnica e mesmo arte que acabou por encantar jornalistas de todo o mundo.

---

[1]. Frustrada no projeto de sediar a Copa, a Argentina, tricampeã sul-americana de 45, 46 e 47, também perdera nos dois últimos anos a maioria de seus grandes craques (Di Stefano, Pedernera, Labruna, Nestor Rossi etc.), quando estes emigraram para a Colômbia, então

rompida com a FIFA e que oferecia salários milionários. Além disso, as relações entre a CBD e a AFA (Associação de Futebol Argentino) estavam estremecidas desde que os dois times brigaram em campo na final do Sul-Americano de Buenos Aires, em 10 de fevereiro de 1946. Os argentinos venceram por 2 a 0 e conquistaram o título. Os dois países só voltariam a enfrentar-se no Sul-Americano de 56, em Montevideu (vitória brasileira por 1 a 0). A desistência da Argentina da Copa classificou automaticamente os demais de seu grupo (Bolívia e Chile) e agradou à torcida brasileira, que a considerava um dos maiores obstáculos para a conquista da taça. Desde que Flávio Costa assumiu o comando da Seleção, em 44, a Argentina vencera três jogos e o Brasil, dois.

[2]. A partida Uruguai x Paraguai foi a única das eliminatórias disputada no Brasil e a última da série. Um jogo apenas *pro forma*, já que o regulamento previa a classificação de dois países nesta chave. O Paraguai venceu por 3 a 2, no estádio de São Januário, no Rio, em 30 de abril de 50.

45. A Índia ficaria na chave “C” para enfrentar a Itália, a Suécia e o Paraguai.

[3]. A Índia ficaria na chave “C” para enfrentar a Itália, a Suécia e o Paraguai.

[4]. As Copas de 30 e 50 foram as que até hoje tiveram menor número de competidores. A FIFA, em 50, tentou melhorar a situação convidando a França e Portugal para compor nas semifinais a chave onde constavam apenas o Uruguai e a Bolívia, mas a oferta foi recusada. A França argumentou então que seria muito árduo jogar com o Uruguai em Porto Alegre e, três dias depois, viajar até Recife, a 2.500 km de distância, para enfrentar a Bolívia.

[5]. Brian Glanville, *The Sunday Times History of the World Cup*. Londres, Times Newspapers Ltd., 1973.

[6]. Iugoslávia, Suíça e Estados Unidos jogaram em três cidades diferentes; Uruguai, Inglaterra, Espanha, Chile, México, Suécia e Paraguai, em duas; a Itália só jogou no Pacaembu, e a Bolívia foi eliminada com um só jogo, em Belo Horizonte.

[7]. No Maracanã, em toda a Copa, foram jogadas oito partidas: além de cinco das seis do Brasil, também as semifinais Inglaterra 2 x Chile 0 (domingo, 25 de junho), Espanha 2 x Chile 0 (quinta, 29 de junho) e Espanha 1 x Inglaterra 0 (domingo, 2 de julho).

[8]. Flávio Rodrigues Costa, nascido no Rio em 14 de setembro de 1906, iniciou-se na carreira militar. Conhecido como “Alicate”, foi jogador do Flamengo de 1925 a 1934, quando se tornou técnico do clube, ali ficando até 1937. Na ocasião, o Flamengo contratou o húngaro Dori Kruschner, que introduziu no país o sistema WM e de quem Flávio foi discípulo. Passou a técnico da Portuguesa do Rio (1937) e do Santos de São Paulo (1938), voltando ao Flamengo, onde permaneceu de 1939 a 1946, sagrando-se campeão carioca em 1939 e conquistando o tricampeonato de 42-43-44. Transferiu-se em 1947 para o Vasco, vencendo três campeonatos cariocas (de 47 e 49, ambos invictos, e de 50) e o Torneio dos Campeões Sul-Americanos do Chile, em 48, que também ganhou invicto. Retornou ao Flamengo em 1951. De 1953 a 1956 ficou novamente no Vasco. Em seguida: técnico do Futebol Clube Porto, em Portugal (1956/57), Portuguesa de São Paulo (1958), Colo-Colo do Chile (1959), São Paulo (1960) e Portuguesa do Rio (1961). Voltou pela quarta vez ao Flamengo em 1962, ganhando o campeonato carioca de 63. Em 1965 foi novamente para o Futebol Clube do Porto. De volta ao Brasil, em 1966, tornou-se supervisor do Flamengo, de 1966 a 68. Suas últimas funções de técnico foram no América do Rio (1968 e 69) e no Bangu (1970), passando então a supervisor do Cruzeiro de Belo Horizonte (1971 e 72), e encerrou a carreira indo pela terceira vez para a Portuguesa do Rio (1973) e como supervisor do Volta Redonda (1976). Flávio Costa ocupou o cargo de técnico da Seleção Carioca durante dez anos (1940-50), ganhando cinco campeonatos brasileiros (40, 43, 45, 47 e 50). Depois do tricampeonato conquistado pelo Flamengo, foi chamado para dirigir a Seleção Brasileira. Estreou em 1944, em dois jogos amistosos justamente contra o Uruguai, a quem derrotou por 6 a 1 (em São Januário, 14 de maio) e por 4 a 0 (no Pacaembu, em 17 de maio). Antes da Copa, foi técnico do Brasil em 35 partidas e conquistou a Copa Roca de 1945 contra a Argentina, a Copa Rio Branco de 1947 contra o Uruguai, o Sul-Americano de 1949, a primeira disputa da Taça Osvaldo Cruz, contra o Paraguai, em 1950, e, por fim, novamente a Copa Rio Branco, em 50. Nesse período, chegou a enfrentar a Celeste uruguaia 14 vezes, vencendo oito partidas, perdendo três e empatando três. Afastado da Seleção depois do Mundial, voltaria a dirigi-la em 13 de novembro de 1955, na Taça Osvaldo Cruz, quando derrotou o Paraguai por 3 a 0 no Maracanã, e em mais 14 jogos entre abril e agosto de 1956. Conquistou então a Taça Osvaldo Cruz contra o Paraguai, em Assunção, e a Taça do Atlântico – ocasião em que o Uruguai retornava pela primeira vez ao Maracanã depois do Mundial de 50, em 24 de junho de 1956, e Flávio Costa teve a sua chance de desforra: o Brasil ganhou por 2 a 0, um dos gols marcado por Zizinho, o único remanescente da final de 50. Flávio Costa morreu de aneurisma abdominal, aos 93 anos, em 22 de novembro de 1999. “Nunca houve um técnico igual”, escreveu Carlos Heitor Cony. “Foi o mais importante, o mais inaugural. Antes dele, não havia nem mesmo a profissão. Havia uma espécie de preparador que dava palpites. Flávio criou um ofício. A partir dele, o nosso futebol foi outro, mais profissional, mais técnico. Se tivesse vencido a final da Copa do Mundo de 50, Flávio Costa seria um dos brasileiros mais cultuados de nossa história.”

[9]. Citado por Radamés Mancuso, *Obdulio, el Último Capitán*. Montevideu, Edição do Autor, 1973.

[10]. Relação dos convocados. Do Vasco: Barbosa, Augusto, Eli, Danilo, Alfredo II, Tesourinha, Maneca, Ipojuacan, Ademir e Chico. Do Flamengo: Juvenal, Bigode e Gringo. Do Fluminense: Castilho, Pindaro e Orlando. Do Bangu: Zizinho. Do Botafogo: Nilton Santos. Do São Paulo: Bauer, Mauro, Rui, Noronha, Friaça, Savério e Teixeira. Do Palmeiras: Jair, Rodrigues e Lima. Do Corinthians: Baltazar e Rubens. Da Portuguesa de Desportos: Simão, Brandãozinho e Pinga. Do Grêmio de Porto Alegre: Nena, Sérgio, Clarel e Geada. Do Internacional de Porto Alegre: Adãozinho. Portanto, 18 jogadores eram do Rio, 15 de São Paulo e cinco do Rio Grande do Sul. Rubens não quis se submeter ao rigoroso exame médico e dentário exigido e foi eliminado do grupo pelo técnico (“Muito a contragosto”, disse este.).

[11]. Vicente Feola (1909-1975) viria a ser o técnico da Seleção Brasileira que conquistou a Copa de 1958, na Suécia.

[12]. Ademir, *Manchete*, 8 de fevereiro de 1986.

[13]. Flávio Costa, *Manchete*, 8 de fevereiro de 1986.

[14]. Os Brancos treinavam com: Castilho; Augusto e Juvenal; Eli, Rui e Noronha; Friaça, Zizinho, Baltazar, Jair (Ipojucan) e Chico. Os Azuis com: Barbosa; Nilton Santos (Píndaro) e Mauro (Nena); Bauer (Alfredo II), Danilo (Brandãozinho) e Bigode; Tesourinha, Maneca, Ademir (Adãozinho), Pinga e Rodrigues. Os nove jogadores restantes foram sendo dispensados. Note-se que as formações de Brancos e Azuis não seria obedecida rigorosamente nos jogos oficiais.

[15]. O técnico esteve em Madri vendo Espanha 5 x Portugal 1 (dia 2 de abril), em Lisboa o empate das duas mesmas seleções (dia 9), e, em Glasgow, Inglaterra 1 x Escócia 0 (dia 16).

[16]. Foram cinco jogos ao todo. Contra o Paraguai, o time Branco ganhou em São Januário (Rio) por 2 a 0, em 7 de maio, e empatou no Pacaembu (SP) por 3 a 3, em 13 de maio. Contra o Uruguai, o time Azul perdeu no Pacaembu por 4 a 3, em 6 de maio, e ganhou em São Januário por 3 a 2, em 14 de maio. Houve necessidade de desempate, e, no terceiro jogo, em 18 de maio, em São Januário, o Brasil venceu por 1 a 0, gol de Ademir. Pelo Brasil, atuaram nesses três jogos contra os uruguaiois: Barbosa, Nilton Santos, Mauro, Juvenal, Eli, Danilo, Rui, Bigode, Noronha, Friaça, Tesourinha, Zizinho, Ademir, Baltazar, Jair e Chico. Pelo Uruguai: Máspoli, Matías, Gonzáles, Gambetta, Tejera, Juan Carlos Gonzáles, Obdulio Varela, Rodríguez Andrade, Ghiggia, Romero, Julio Pérez, Míguez, Schiaffino e Villamide. Portanto, nove jogadores do Brasil e dez do Uruguai iriam atuar em 16 de julho no Maracanã. Observe-se que, quando foi disputada a Copa Rio Branco, ambos os países já estavam classificados para as semifinais da Jules Rimet.

[17]. A FIFA, pelo regulamento, exigia o prazo mínimo de 30 dias antes da partida inaugural. Cobrava também 300 francos suíços para inscrição de cada país nas eliminatórias e 500 francos suíços suplementares para as semifinais.

[18]. Em 5 de junho também foram citados os últimos dispensados: Mauro, Brandãozinho, Pinga, Ipojucan, e Tesourinha. Este último, o pontadireita titular, contundiu-se no segundo jogo com o Uruguai pela Copa Rio Branco, e teve de ser eliminado. Entre os 22 escolhidos, apenas cinco não iriam atuar durante a Copa: Castilho, Nilton Santos, Nena, Adãozinho e Rodrigues. Embora oficialmente inscrito, Rodrigues também sofreu contusão (no segundo jogo com o Paraguai) e não pôde participar de nenhum jogo.

[19]. Mesmo sugerindo uma “provocação” aos paulistas, o técnico veio a escalar Alfredo II somente no único jogo da Seleção realizado no Pacaembu, em 28 de junho, quando o Brasil empatou com a Suíça por 2 a 2. E foi justamente Alfredo II que abriu o marcador, logo no início da partida.

[20]. Heleno de Freitas, nascido em São João Nepomuceno, Minas, em 20 de fevereiro de 1919, e famoso por seu gênio irascível, jogou de centroavante no Botafogo desde 1940 e atuou 18 vezes pela Seleção Brasileira entre 1944 e 1947. Por 600 mil cruzeiros (uma fortuna na época), Carlito Rocha, presidente do Botafogo, vendeu-o ao Boca Juniors, da Argentina, em maio de 1948. No ano seguinte foi contratado pelo Vasco, mas teve uma séria desavença com Flávio Costa (chegou a ameaçar matá-lo, munido de revólver) e, em fins de 1949, voltou a jogar fora do país, no Atlético de Barranquilla, na Colômbia, onde estava durante a Copa. Encerrou a carreira no América do Rio, jogando sua única partida no Maracanã contra o São Cristóvão, em 4 de novembro de 1951. Fora de forma, mas com a mesma têmpera, foi expulso no 20º minuto de jogo. Heleno morreu de sífilis, em um sanatório de Barbacena, em 8 de novembro de 1959. Tinha 40 anos.

[21]. Citado por João Máximo, “História das Copas – As Batalhas do Maracanã”, *Placar*, dezembro de 1975 a março de 1976.

# ERA UMA VEZ...

A IV Copa do Mundo estava pronta para começar. Mas não convém historiá-la isoladamente, como simples aspecto de um passado constituído por elementos desconexos: à luz da razão dialética, impõe-se um método totalizador que revele relações entre as partes, de cada parte em face do todo, do todo em face de cada parte. Revele, enfim, uma “unidade sintética” que, embora distinta na soma de seus componentes, reencontra-se integralmente em cada um deles, no mesmo movimento comum. A Copa de 50 e o jogo Brasil x Uruguai, além da complexidade dos dados internos, integram-se a uma infinidade de fatores sociais, políticos, psicológicos e históricos que também os constituem. São conseqüências ou extensões naturais de um momento vivido da realidade contemporânea. Cabe investigar então o que se passava fora das quatro linhas do gramado, como era o mundo circundante enquanto Barbosa, Zizinho, Ademir, Jair, travavam as batalhas pelo título mundial em pleno Maracanã.

Para começar, embora a II Guerra houvesse terminado há quase cinco anos (agosto de 45), o “sítio” onde se insere a Copa de 50 não era um mundo de paz, nem de segurança. Muito pelo contrário: agora que o século XX chegava à sua metade, a população mundial de 2,5 bilhões de pessoas (hoje, 6,2 bilhões) vivia o momento de maior tensão internacional desde o armistício. Justamente no dia seguinte à abertura da Copa (Brasil x México), domingo, 25 de junho – a rigor, no mesmo dia, considerando-se a diferença de fusos horários – tinha início a guerra da Coréia, provável estopim para um novo conflito mundial, agora que as grandes potências se alojavam em dois blocos antagônicos – as forças capitalistas lideradas pelos EUA e o poder comunista representado pela União Soviética.

Até então, depois de sepultado o nazi-fascismo, processava-se, sem armas, a chamada “Guerra Fria”. A Europa continuava recuperando-se da destruição deixada pela II Guerra, com o apoio financeiro do Plano Marshall – principal motivo, aliás, para que o Brasil ficasse como candidato único à Copa –, e os EUA se desdobravam para impedir que revoluções populares em países devastados pudessem ampliar o domínio soviético. Com propósitos preventivos, de mútua defesa, doze nações criaram em 4 de abril de 1949 a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), sob influência norte-americana.<sup>[1]</sup> Mas a “ameaça vermelha” dilatara-se consideravelmente nos últimos meses. Em 29 de agosto de 49, a União Soviética havia detonado sua primeira bomba atômica, estabelecendo o temor de um choque nuclear de conseqüências apocalípticas. Além disso, dispunha de nova aliada, a República Popular da China, que Mao Tsé-tung (1893-1976) veio a proclamar um mês depois, em 1º de outubro – tanto que não durou para que Mao formalizasse com Josef Stalin (1879-1953) uma aliança econômico-militar, em Moscou, no dia 15 de fevereiro de 50. Nesse meio tempo, a Alemanha, derrotada na guerra, passara a representar concretamente esse mundo dividido: em 21 de setembro de 49 era fundada a República Federal da Alemanha, capitalista e, dias depois, em 7 de outubro, surgia a socialista República Democrática Alemã,

sob influência soviética. Para completar, a URSS e a China apoiaram o líder revolucionário Ho Chi Minh (1890-1969) quando este, em 7 de janeiro de 50, apoderou-se do Vietnã do Norte – fato que levaria os EUA a apoiar a França em sua política colonialista no Vietnã do Sul, cenário preparado para um conflito que acabou durando mais de dez anos (de 1964 a 1975).

Coincidindo com a abertura da Copa, o início da guerra da Coreia – o primeiro combate armado de grandes proporções desde o fim da II Guerra – constituía, nesse panorama político, perigosa ameaça à paz mundial. É verdade que não se consumou a previsão mais funesta: apesar da era atômica, na Coreia seriam utilizados apenas equipamentos e táticas já conhecidos desde o fim da II Guerra. Mas a Coreia significava o apogeu da “Guerra Fria” e exacerbava a paranóia anticomunista que varreu a América (e, conseqüentemente, o Brasil) ante a escalada do bloco soviético nos últimos meses. Desde 1945, o Comitê de Atividades Antiamericanas no Congresso de Washington rastreava conspiradores vermelhos, e havia pouco, em 12 de fevereiro de 50, o senador Joseph McCarthy (1909-1957) tinha denunciado, sem provas, a presença de simpatizantes de esquerda no Departamento de Estado (“Tenho em mãos uma lista de 205 pessoas que trabalham para o governo e são militantes ou simpatizantes do Partido Comunista!”). Estávamos no início do macarthismo e sua “caça às bruxas”, que iria atingir sobretudo a indústria de cinema, destruindo carreiras: em junho são sentenciados à prisão os “Dez de Hollywood”, que haviam considerado o Comitê anticonstitucional.<sup>[2]</sup> Outro exemplo marcante dessa histeria coletiva foi a detenção de Julius Rosenberg no dia seguinte à derrota do Brasil na Copa: acusado de passar segredos nucleares e militares à URSS, veio a ser condenado à morte com a mulher Ethel, em abril de 51, e executado em 19 de junho de 53. Até hoje, os únicos cidadãos norte-americanos punidos com pena capital por conspiração.

Agora, durante a Copa, agravava-se a conjuntura. Em ataque-surpresa, os norte-coreanos cruzaram o Paralelo 38 com sete divisões de infantaria e uma blindada e invadiram a Coreia do Sul com planos de unificação dos dois países, apartados desde 1947 pela ONU. A operação teve início na madrugada de 25 de junho, horário da Coreia – isto é, aproximadamente quando estava por terminar a partida do Brasil contra o México no Maracanã (12 horas a menos). De imediato, na ausência temporária de um representante soviético, o Conselho de Segurança da ONU tomava sua primeira “ação política” desde sua fundação em 46 e aprovava, em 7 de julho, assistência dos países membros aos sul-coreanos – dois dias depois do primeiro choque entre as forças americanas e os comunistas, próximo a Seul, e no mesmo dia em que o presidente Harry S. Truman (1884-1972) nomeava comandante-em-chefe das operações militares o general Douglas MacArthur (1880-1964), que havia liderado a reconquista do Pacífico aos japoneses na II Guerra. Dia 15 – véspera de Brasil x Uruguai –, a costa leste da Coreia era invadida pelos norte-americanos. Começava a guerra cujo armistício somente se daria três anos mais tarde, em 27 de julho de 53, com um acordo de paz, quando as forças da ONU já tinham perdido 325 mil homens em combate, contra 1.350 mil baixas entre os comunistas.<sup>[3]</sup> O panorama internacional, de resto, apresentava o predomínio de duradouros regimes autoritários, de direita e de esquerda: Josef Stalin mantinha-se no poder da União Soviética há 21 anos (era o auge da repressão stalinista), Antonio de Oliveira Salazar

(1889-1970) dominava Portugal há 18 anos, Francisco Franco (1892-1975) continuava ditador da Espanha há 11 anos, o marechal Tito (1892-1980) detinha há cinco anos o comando político da Iugoslávia, Juan Perón (1895-1974) e sua mulher Evita (1919-1952) controlavam a Argentina há quatro anos. Na Inglaterra, sob o reinado de George VI (1895-1952), havia o governo trabalhista de Clement Attlee (1883-1967), com a oposição liderada por Winston Churchill (1874-1965), enquanto a França vivia sua Quarta República, oito anos antes do retorno ao poder de Charles De Gaulle (1890-1970). Então acima de qualquer suspeita, pontificava desde 1939 no Vaticano o papa Pio XII (Eugenio Pacelli, 1876-1968) – aquele que historiadores contemporâneos (como seu biógrafo John Cornwell) acusam de “indulgência” para com o nazismo.

No Brasil da chamada “Segunda República” (1945-1964), chegava ao fim o governo Dutra, responsável, no pós-guerra, por fortalecer o alinhamento e a cooperação com os EUA. A inflação era de 3,4%, a “balança comercial” – com sua política livre-cambista – atingia o saldo de 425 milhões de dólares no último ano, o investimento estrangeiro caíra de 25 milhões de dólares (em 48) para apenas três milhões, o salário-mínimo (Cr\$ 380,00) não se reajustava desde o estabelecimento do cruzeiro, oito anos antes, e o dólar era cotado a Cr\$ 18,72 . O panorama ideológico mantinha a mesma atmosfera pesada da Guerra Fria: a imprensa conservadora fazia campanha cotidiana e espalhafatosa contra “quinta-colunas a serviço de Moscou” e cidadãos eram acusados de traidores da pátria por seus ideais marxistas (até lutariam pela URSS em caso de guerra contra o Brasil!). Desde 47, o Partido Comunista Brasileiro estava extinto, e o senador Luis Carlos Prestes (1898-1990), cassado, vivia na clandestinidade. Ser comunista, então, era o mesmo que ser fora-da-lei, criminoso, inimigo público número um.

Eleições gerais estavam previstas para 3 de outubro próximo, e a política, além do futebol, mobilizava a nação naqueles dias em que a própria Copa do Mundo prestava-se de “cabo eleitoral” para a maioria dos candidatos. Três dos quatro nomes que concorreriam à presidência da República já tinham sido oficialmente inscritos: em 12 de maio, a UDN referendou o brigadeiro Eduardo Gomes (1896-1981), que fora derrotado por Dutra em 45; Cristiano Machado (1894-1953) foi eleito candidato pelo PSD em 9 de junho; Getúlio Vargas, deposto como ditador em 29 de outubro de 45, e que vivia em seu “exílio” em São Borja, Rio Grande do Sul, sua terra natal, ressurgia pelo PTB, que o indicou em 16 de junho – dia da inauguração do Maracanã –, contando com o apoio do PSP de Adhemar de Barros (1901-1968), governador de São Paulo.

Um dos *jingles* que popularizaram a candidatura de Vargas calcava-se no sucesso do baião *Paraíba*: “Olha Cristiano / A cigana te enganou / Olha Brigadeiro / O teu voto eu já não dou / Quem vem é o Getúlio / Que o Brasil já governou / Pois eu mando o meu voto pra ti, pequenino / Getúlio pequenino, homem forte sim senhor”. Vargas venceria o pleito e voltaria ao poder em 31 de janeiro de 51: obteve 3.849.040 votos (48,7% do total de eleitores), contra 29,7% conquistados pelo Brigadeiro e 21,5% alcançados por Cristiano Machado.<sup>[4]</sup> O então jornalista e vereador Carlos Lacerda, diretor da *Tribuna da Imprensa*, já prevendo a vitória de Vargas, atacava em 1º de junho de 50: “O sr. Getúlio Vargas não

deve ser candidato à Presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar!” Prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek (1902-1976) candidatava-se a governador de Minas Gerais, cargo para o qual seria eleito, seis anos antes de chegar à Presidência. Pleiteando e obtendo a reeleição para deputado, Tenório Cavalcanti era das figuras mais populares, portando sua metralhadora “Lurdinha” e encastelado no seu “reduto inviolável” em Duque de Caxias, zona norte do Rio. E o PTB tanto acreditava no título mundial para o Brasil que chegou a oferecer uma “eleição garantida” para vereador ao técnico Flávio Costa – naturalmente, perdida.

Antes da agitação política, mas já motivado pelo tema Copa do Mundo, veio o carnaval, em 19, 20 e 21 de fevereiro, quando as Grandes Sociedades (*Os Fenianos, Os Democráticos, Tenentes do Diabo*) desfilaram pela Av. Rio Branco, no centro do Rio, trazendo carros alegóricos dedicados ao Mundial, e a Império Serrano saiu-se campeã entre as escolas de samba com enredo *61 Anos de República*. Com a presença do prefeito Mendes de Moraes, o baile de gala do Teatro Municipal, segunda, dia 20, reuniu três mil foliões em seu *Carnaval em Veneza* e barrou a entrada da nudista Luz Del Fuego, fantasiada de Yemanjá. “Vejam só que injustiça”, disse ela. “Não me deixam entrar justamente quando apareço vestida.”<sup>[5]</sup> O Baile do Hotel Glória motivava reprimendas na imprensa, como em *O Cruzeiro*: “Alegria, delírio e confusão com o uso indevido de lança-perfume e excesso de bebidas fortemente alcoólicas, responsáveis por cenas desagradáveis.”<sup>[6]</sup> Elvira Pagã, que causou escândalo de biquíni no Baile dos Artistas, acabou sendo eleita Rainha do Carnaval, enquanto Mara Rúbia ganhava o cetro de Rainha das Atrizes, Carmélia Alves o de Rainha do Baião, a quase desconhecida Dinah Mezzomo o de Rainha do Cinema e a paulista Marlene (Vitória Bonaiutti), 25 anos, favorita da Aeronáutica, por não ter havido votação para a escolha da Rainha do Rádio, manteve o título conquistado com meio milhão de votos no ano anterior em disputa com a favorita da Marinha, Emilinha Borba, 26 anos.

A cada ano, o carnaval trazia novo repertório de sambas e marchas consagrados ao evento. As chanchadas produzidas pela Atlântida, fundada em 41, forneciam boa parte desse material, e, em 50, foi a vez de *Carnaval no Fogo*, de Watson Macedo (1918-1981), rodada em fins de 49 e oportunamente lançada quinze dias antes do carnaval, em 6 de fevereiro, permanecendo dez semanas em cartaz. Com Anselmo Duarte, Eliana (1926-1990), Oscarito (1906-1970), Grande Otelo (1915-1993) e Adelaide Chiozzo, trazia, entre os números musicais, seis grandes sucessos do ano: as marchas *Daqui Não Saio* (interpretada pelos Vocalistas Tropicais), *Balzaqueana* (Jorge Goulart), *Serpentina* (no filme, Goulart, mas gravada por Néelson Gonçalves, 1919-1998) – as três primeiras colocadas no concurso oficial da prefeitura –, *Marcha do Gago* (Oscarito) e *Meu Brotinho* (Francisco Carlos), e o samba *General da Banda* (Blecaute, 1919-1983). Este último acabou ficando em terceiro lugar no concurso oficial de sambas, juntamente com *A Lapa*, gravada por Francisco Alves (1898-1952), e perdendo para *Nega Maluca*, a campeã, interpretada por Linda Batista (1919-1988), e *A Coroa do Rei*, segunda colocada. Outros sucessos foram *Se é Pecado Sambar*, com Marlene, e *Aí Gegê*, com João Goulart, composto por João de Barro (Braguinha) em favor da candidatura Vargas. E ainda repercutiam *hits* de carnavais

anteriores, como o samba campeão de 49, *Chiquita Bacana*, do mesmo Braguinha, gravado por Emilinha Borba, e *É com Esse que Eu Vou*, de 48, com os Quatro Ases e Um Coringa.

No Maracanã, antes e depois dos jogos e nos intervalos, eram ouvidas algumas dessas gravações – mas predominava sempre o grande ritmo da moda, o baião, de origem nordestina, “a música que melhor enfrentou a invasão do bolero ao final dos anos 40”.<sup>[7]</sup> Com música de Luiz Gonzaga (1912-1989) e letra de Humberto Teixeira (1916-1979), *Baião*, gravado em outubro de 1946 pelos Quatro Ases e Um Coringa, iniciou o ciclo que iria durar até 52. Já famoso também pela toada *Asa Branca*, de 47, e o baião *Juazeiro*, de 49, Gonzaga chegava ao auge da popularidade em 50, quando gravou nada menos do que vinte baiões, oito deles com letras de Teixeira, sete de parceria com Zé Dantas, incluindo *Baião de Dois*, na voz de Emilinha Borba, e *Qui Nem Jiló* – sem contar a toada *Assum Preto* e o xote *Cintura Fina*.

Desse repertório todo, o tema mais tocado no Maracanã era o baião *Paraíba*, que Emilinha Borba tinha gravado em março – a tal ponto que, sendo a música, de todas as artes, aquela que melhor inspira sentimentos recorrentes, *Paraíba* permaneceu sendo, como diria Hegel, “o elemento absoluto do som enquanto sinal de representação” para a Copa de 50.<sup>[8]</sup> Não era o único: foi ali também que surgiu o depois famoso *Uma Vez Flamengo*, com o Trio Melodia – um dos doze hinos compostos por Lamartine Babo para celebrar o evento e homenagear clubes cariocas ou a própria Copa, caso da citada *Marcha do Sretch Brasileiro*, com o mesmo trio.<sup>[9]</sup> Restaram ainda os baiões *Pé de Manacá* e *Sabiá da Gaiola*, ambos com Heleninha Costa, e *No Ceará Não Tem Disso Não*, os sambas *Antonico*, com Alcides Gerardi (1918-1978), e *Cadeira Vazia*, com Francisco Alves, além do choro *Brasileirinho*, com Ademilde Fonseca. Há mais de dois anos em litígio com o ex-marido, o compositor Herivelto Martins (1912-1992), a cantora Dalva de Oliveira (1917-1972) separava-se também do Trio de Ouro (ela, Herivelto e Nilo Sérgio), que apresentara em maio sua nova formação, com Noemi Cavalcanti no lugar de Dalva, e remoía suas dores conjugais no bolero *Que Será* e nos sambas-canções *Tudo Acabado* e *Errei Sim*.

Na mesma época em que Frank Sinatra (1915-1998), 34 anos, divorciava-se em abril da mulher Nancy e iniciava namoro com Ava Gardner (1922-1990), enfrentando a fase mais impopular de sua carreira – quase no ostracismo, só recuperou-se três anos depois, com o sucesso da canção *Young at Heart* e o Oscar de coadjuvante pelo filme *A Um Passo da Eternidade* –, estavam em cartaz na Broadway quatro *shows* que se tornariam clássicos: dois da dupla Richard Rodgers e Oscar Hammerstein II, *Oklahoma!* (ficou em cena de março de 43 a dezembro de 52) e *South Pacific* (estreou em abril de 49 e permaneceu até 54), um de Cole Porter, *Kiss Me Kate* (lançado em dezembro de 48), e outro de Jule Styne e Leo Robin, *Gentlemen Prefer Blondes* (estreado em dezembro de 49). No Brasil, as músicas estrangeiras mais ouvidas em meados do ano de 1950 chamavam-se *Again*, com Doris Day, *Ay de Mi*, *Hipócrita* (bolero gravado por Adelina Garcia), *Mona Lisa*, com Nat King Cole (1919-1965), *My Foolish Heart*, *Douce France*, com Charles Trenet, *Maria Bonita*, de Augustin Lara, e sobretudo *Riders in the Sky*, de Stan Jones, cantada por Peggy Lee, primeiro lugar em vendagem nos EUA em 50.

Paralelamente à Copa, a cidade do Rio vivia um momento de particular importância na área da música clássica. O famoso pianista russo Alexander Brailovsky (1896-1976) dera uma série de dez

recitais no Teatro Municipal em maio e junho, mas foi em pleno torneio (de 24 de junho a 16 de julho) que a mesma casa acolheu um número incomum de celebridades, que se revezaram em um total de 14 concertos no período: o violinista americano Isaac Stern, o barítono italiano Gino Bechi, a contralto americana Marian Anderson (1902-1993), o violinista americano Yehudi Menuhin (1916-1999) – que também tocou na véspera da abertura da Copa – e o pianista tcheco Rudolf Firkušny, a quem coube o “privilégio” de dar uma audição na véspera e outra dois dias depois do jogo Brasil x Uruguai. (*For the record*: no Municipal, a récita do dia 16 de julho, às dez da manhã, ficou para a soprano Alice Ribeiro.) Berta Rosanova despontava como primeira bailarina do teatro e, no dia seguinte à abertura da Copa, um garoto de 10 anos, Arthur Moreira Lima, estreava com a Orquestra Sinfônica Brasileira em um concerto no Teatro Rex. Na mesma ocasião, Heitor Villa-Lobos (1887-1959) concluía a sua Sexta Sinfonia.

Ainda não havia televisão, e os dois milhões e 407 mil habitantes da capital da República desfrutavam dos programas e dos ídolos do rádio, em aparelhos Invictus, Philco, RCA Victor, transmissores de ondas curtas e longas. A Rádio Nacional (PRE-8), inaugurada em 12 de novembro de 36, detinha o monopólio de audiência como nunca se viu na história da radiofonia brasileira. Havia 13 emissoras no Rio, cabendo à Nacional um faturamento anual de 50 milhões de cruzeiros, enquanto a Tupi atingia apenas 24 milhões, a Mayrink Veiga, 7,6 milhões, e a Emissora Continental, 6,7 milhões. “O povo brasileiro falava a língua da Rádio Nacional”, escreveu Rubem Braga.<sup>[10]</sup> Apresentados em seu auditório de 486 lugares, no 21º andar do Edifício “A Noite”, na Praça Mauá, centro do Rio, os programas de maior audiência – segundo o *Anuário do Rádio* de 1950 – preenchiam a faixa das 20h30min na Nacional: em primeiro lugar, o humorístico *PRK-30* (39% de audiência), depois *Alma do Sertão* (35%) e *Piadas do Manduca* (34%), de Renato Murce (1900-1987). Às 21h30min, *Papel Carbono* ocupava o primeiro lugar, com 33% de audiência, acima de *Tabuleiro da Baiana*, *Nada Além de Dois Minutos* e *Tancredo e Trancado* – todos da Nacional, que na época também oferecia *Obrigado, Doutor*, *Um Milhão de Melodias*, *A Hora do Pato* e o *Repórter Esso*, na voz de Heron Domingues. Nas demais emissoras, o destaque ia para Silvino Neto (1913-1991) da Mayrink Veiga, com o seu *Pimpinela Escarlate*, no qual parodiava vozes de Getúlio e Adhemar de Barros, embora, no humor, nada pudesse ser comparado à principal atração da Nacional: a *PRK-30*, criada por Lauro Borges (1901-1967) e interpretada pelo autor e Castro Barbosa (1909-1975). Tendo estreado na Nacional em 27 de setembro de 1946, o programa ocupava o horário das 20h30min nas sextas-feiras com seus “personagens” característicos (Megatério Nababo de Alicerce, Otelo Trigueiro), mas, apesar do sucesso de audiência, não durou muito depois da Copa: em 29 de setembro seria transferido para a Tupi de São Paulo, ficando em seu lugar *Balança Mas Não Cai*, de Max Nunes. Ainda conforme o *Anuário*, todos os cantores preferidos também eram contratados pela Nacional: Orlando Silva (1915-1978), com 15%, em primeiro lugar, seguido de Francisco Alves (14%), Sílvio Caldas (13%), Emilinha Borba (11%), Vicente Celestino (1894-1968) (9%) e Carlos Galhardo (1913-1985) (6%). Em seu elenco, a PRE-8 dispunha de César Ladeira, Almirante, Paulo Gracindo, César de Alencar, Floriano Faissal, Manoel Barcelos, Paulo Tapajós, o maestro Radamés Gnattali (1906-1988), e duplas caipiras – outra moda da época –, como

Jararaca (1896-1977) e Ratinho (1896-1972). No dia 16 de julho a Nacional deixou de transmitir sua habitual atração domingueira das 14h30min, *Coisas do Arco da Velha*, e as corridas do Hipódromo da Gávea, sempre a cargo de Teófilo de Vasconcelos.<sup>[11]</sup> Praticamente todas as emissoras estavam no Maracanã para narrar o jogo Brasil x Uruguai: na locução de Antônio Cordeiro e Jorge Curi (pela Nacional), Ary Barroso (Tupi), Waldir Amaral, Sérgio Paiva e Jorge de Souza (Continental), Oduvaldo Cozzi (Mayrink Veiga), Luiz Mendes (Globo), Mário Provenzano (Tamoyo) – e, de São Paulo, Pedro Luiz (Pan-Americana), Geraldo José de Almeida (Record), Rebelo Júnior (Tupi) e Edson Leite (Bandeirantes).

A era do rádio iria encerrar-se aos poucos com o advento da TV, dois meses depois da Copa. Presidente dos Diários Associados, comandando um império de 34 jornais, 36 emissoras de rádio, uma agência de notícias, a revista *O Cruzeiro*, dez revistas infantis e uma editora, Assis Chateaubriand (1891-1968) introduziu a televisão no país com a TV Tupi (PRF-3), canal 3, de São Paulo, cuja inauguração se deu às 22h de 18 de setembro de 50, com o programa *TV na Taba*, com Homero Silva, Lolita Rodrigues, Mazzaroppi, Walter Forster e Lima Duarte, diretamente dos estúdios no prédio Cidade do Rádio, no Sumaré, ficando a antena transmissora no alto do edifício do Banco do Estado de São Paulo.<sup>[12]</sup> A programação diária ia das 18 às 23h, introduzida pelo desenho de um índio feito por Mário Fanucchi, que permanecia meia hora no ar (para ajustes da imagem verticais e horizontais) ao som de um tema musical tupi-guarani, *Mosaniná Orêkuá*. Também em setembro começaria a funcionar, em caráter experimental, a TV Tupi do Rio, canal 6, a ser inaugurada oficialmente em 20 de janeiro de 51. Durante a Copa, sua torre transmissora estava sendo construída, desde maio, no alto do Pão de Açúcar (onde permaneceu até 1957), pela General Electric, responsável também pela venda dos primeiros aparelhos receptores, que em média custavam 9 mil cruzeiros, três vezes mais do que uma vitrola. A revista *O Cruzeiro* fotografou a torre em obras, informando: “Os trabalhos estão sendo acelerados visando proporcionar aos brasileiros a satisfação de *televisar* jogos do Campeonato Mundial de Futebol”.<sup>[13]</sup> Por pouco isso não aconteceu, mas o Brasil ficou sendo o quarto país do mundo a ter televisão e o primeiro na América Latina.<sup>[14]</sup>

Simultaneamente, em julho, achava-se em fase de acabamento o primeiro filme produzido pela Vera Cruz, *Caiçara*, de Adolfo Celi (1922-1986), cuja rodagem consumiu seis meses, com equipe de 70 pessoas, em locações em Ilhabela (litoral paulista). Lançado em 1º de novembro, dava partida a uma série de 18 longas-metragens (entre eles, *O Cangaceiro*) com que a Vera Cruz, até 1954, movimentando técnicos europeus, pretendia implantar no país um modelo de produção hollywoodiano. Ao custo de 7,5 milhões de cruzeiros, foi fundada em 4 de novembro de 49 pelo industrial e engenheiro italiano Franco Zampari, com grandes estúdios em São Bernardo do Campo (São Paulo), cabendo a chefia de produção ao cineasta Alberto Cavalcanti (1897-1982). Nesse *boom* cinematográfico, como alternativa ao modelo da Vera Cruz, e visando um estilo neo-realista, nascia também a Cinematográfica Maristela, fundada em 11 de agosto pelo industrial Mário Audrá Jr., com estúdios no bairro Jaçanã, em São Paulo. O filme de estréia, *Presença de Anita*, de Ruggero Jacobbi (1920-1981), seria lançado em maio de 51. Ainda que anterior à Copa, cabe registrar também que, em fevereiro de 50, o primeiro desenho de longa-metragem

brasileiro, *Sinfonia Amazônica*, de Anélio Latini Filho (1925-1986), surgia nas telas depois de três anos em produção.

No exterior, durante o ano, foram produzidos 383 filmes nos EUA, 110 na França, 83 na Inglaterra, 74 na Itália, mas o recorde foi batido pela Índia, com 241 longas-metragens. Carmen Miranda (1909-1955) estrelava seu penúltimo filme em Hollywood, *Romance Carioca (Nancy Goes to Rio)*, lançado nos EUA em fevereiro, o mesmo mês em que a estréia de *Stromboli (Stromboli, Terra di Dio)*, de Roberto Rossellini (1906-1977), causava escândalo em Nova York: dias depois, sua atriz, Ingrid Bergman (1915-1982), casada, dava à luz um filho do diretor e sofria acusações de adultério. Ainda nos EUA, surgia em março *Pavor nos Bastidores (Stage Fright)*, suspense rodado na Inglaterra pelo mestre Alfred Hitchcock (1899-1980), e em abril *Crepúsculo dos Deuses (Sunset Boulevard)*, de Billy Wilder, e o *western* de John Ford (1895-1973), *Caravana de Bravos (Wagonmaster)*. Maio trouxe pela primeira vez no cinema um estudante do Actor's Studio, Marlon Brando, 25 anos, em *Espíritos Indômitos (The Men)*, de Fred Zinnemann (1907-1997), e outra desconhecida, Marilyn Monroe (1926-1962), fazendo ponta em *O Segredo das Jóias (The Asphalt Jungle)*, de John Huston (1906-1987). Durante a Copa, estavam em cartaz nos EUA alguns lançamentos de junho: *A Ilha do Tesouro (Treasure Island)*, primeiro filme com atores produzido por Walt Disney (1901-1966) e estrelado pelo menino Bobby Driscoll (1936-1968); *Destino à Lua (Destination Moon)*, produção de George Pal (1908-1980), cujo êxito popular deu novo e definitivo impulso ao gênero ficção-científica; o musical da Metro *Três Palavrinhas (Three Little Words)*, com Fred Astaire (1899-1987); o faroeste de Anthony Mann (1906-1967), *Winchester 73'*; outro de Delmer Daves (1904-1977), *Flechas de Fogo (Broken Arrow)*; o criminal *Pânico nas Ruas (Panic in the Streets)*, de Elia Kazan; o capa & espada *O Gavião e a Flecha (The Flame and the Arrow)*, de Jacques Tourneur (1904-1977). Prontos para lançamento estavam a aventura histórica *A Rosa Negra (The Black Rose)*, com Tyrone Power (1913-1958), e outro musical da Metro, *Casa, Comida e Carinho (Summer Stock)*, com Judy Garland (1922-1969) e Gene Kelly (1912-1996).

Achavam-se em plena produção alguns títulos famosos. Em 22 de maio, a Metro tinha iniciado nos estúdios de Cinecittà, em Roma, as filmagens do épico *Quo Vadis*, superespetáculo de sete milhões de dólares (o filme mais caro do cinema até então), estrelado por Robert Taylor (1911-1969) e Deborah Kerr, cuja estréia foi protelada por mais de um ano (novembro de 51). No Monument Vallery, John Ford rodava seu novo *western*, *Rio Bravo (Rio Grande)*, com John Wayne (1907-1979), enquanto se aceleravam os arremates de *Cyrano de Bergerac*, com José Ferrer (1909-1992), e *Nascida Ontem (Born Yesterday)*, com Judy Holliday (1922-1965), para serem lançados em novembro, a tempo de conquistar os Oscars de melhor ator e atriz de 50. Na França, apareciam em junho *Conflitos de Amor (La Ronde)*, de Max Ophüls (1902-1957), e *Orfeu (Orphée)*, de Jean Cocteau (1889-1963). Na Itália, duas estréias importantes: Antonioni e Federico Fellini (1920-1993) dirigiam os primeiros filmes de suas carreiras, respectivamente *Crimes D'Alma (Cronaca di un Amore)* e *Mulheres e Luzes (Luci del Varietà)*, co-dirigido por Alberto Lattuada). Vittorio De Sica (1901-1974) e Cesare Zavattini (1902-1989) – no auge do neo-realismo – dedicavam-se a *Milagre em Milão (Miracolo a Milano)*. Michel Powell (1905-1990)

rodava na Inglaterra *Os Contos de Hoffman (The Tales of Hoffman)*, Luis Buñuel (1900-1983) dirigia *Os Esquecidos (Los Olvidados)* no México, e Akira Kurosawa (1910-1998), concluía *Rashomon*, o filme que abriu as portas do mercado ocidental ao cinema japonês.

Ao mesmo tempo, a “moda” existencialista, saída da boemia parisiense e inspirada nos escritos de Sartre (1905-1980) e Camus (1913-1960), começava a decair na Europa – tanto que o próprio Sartre aderira ao marxismo e, em julho, publicava em sua revista *Les Temps Modernes* um primeiro esboço do tratado de moral *Saint Genêt*. Outro pensador cultuado por existencialistas, o alemão Martin Heidegger (1889-1976), continuava em silêncio, proibido de lecionar, sob acusação de simpatizante do nazismo (seria parcialmente absolvido no ano seguinte). Em 50, Eugène Ionesco (1912-1994) impunha-se como um dos grandes dramaturgos do século com *A Cantora Careca*, sua primeira peça de sucesso crítico, mas o físico Albert Einstein (1879-1955) não obteve a mesma repercussão com seu livro auto-biográfico *Out of My Late Years*. Na ausência de Jorge Amado, 38 anos, vivendo na Tchecoslováquia, a literatura brasileira reuniu, entre os principais lançamentos do ano, *Geopolítica da Fome*, de Josué de Castro (1908-1973), *Cangaceiros*, de José Lins do Rego (1901-1957), *Maria Bárbara*, de Rachel de Queirós, o 12º volume da *História da Literatura Brasileira*, de Álvaro Lins (1912-1975), e *Obra Poética*, de Jorge de Lima (1895-1953). No movimento teatral sobressaía-se o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), fundado dois anos antes e enfrentando em 50 sua primeira temporada profissional, com elenco fixo de 12 atores, entre eles Cacilda Becker (1921-1969) e Sérgio Cardoso (1925-1972). O dramaturgo Néelson Rodrigues (1913-1980) estreava em janeiro a peça *Dorotéia*, dirigida por Ziembinski (1908-1978), e Pedro Bloch preparava para outubro o monólogo *As Mãos de Eurídice*, grande êxito popular. O casal Vicente Celestino e Gilda de Abreu, no Teatro João Caetano, centro do Rio, protagonizava outro melodrama, *Olhos de Veludo*. Desde 1939 no ramo do teatro de revistas, explorava o produtor Walter Pinto esse gênero que, em 50, não tinha competidores entre as atrações noturnas do Rio: depois de *Na Copa do Mundo*, com Colé, o Teatro Recreio, centro do Rio, principal templo das revistas, encenava durante o Mundial *Catuca Por Baixo...*, em que a “naturalista” Luz Del Fuego exibia o corpo semidesnudo envolto por cinco cobras amestradas. Entre os *night-clubs*, predominavam duas preferências do *socialite* da época: o Monte Carlo, na Gávea, zona sul do Rio (fecharia em 54), e o Night and Day, na sobreloja do Edifício Serrador (Cinelândia), com frequência média de 800 pessoas por dia.

O mundo acabara de perder, em 21 de janeiro, o escritor George Orwell, autor de *1984*, morto prematuramente de pneumonia aos 46 anos; em 19 de março, o criador de Tarzan, Edgar Rice Burroughs, aos 74; em 3 de abril, o compositor Kurt Weill, 49 anos, habitual colaborador de Brecht (*A Ópera dos Três Vinténs*); em 8 de abril, o célebre bailarino Nijinsky, aos 59. Outro “desaparecido”, mas ainda lutando para sobreviver, com sérios problemas financeiros, chegava ao Brasil em 20 de abril: o pugilista Joe Louis (1914-1981), para lutas contra o argentino Alfredo Lagay e Walter Haffer e o chileno Arturo Godoy, em ringues improvisados no Rio e em São Paulo.<sup>[15]</sup> Ao contrário, ninguém tinha sequer ouvido falar de futuras celebridades: Marilyn Monroe e James Dean (1931-1955) ainda não haviam atingido o estrelato, Elvis Presley (1935-1977) era um adolescente de 15 anos, John Lennon (1940-1980) estava

com dez, Glauber Rocha (1939-1981) com onze, Pelé com nove, Zico e Maradona nem haviam nascido; John F. Kennedy (1917-1963), aos 33 anos e solteiro, não passava de obscuro deputado de um distrito pobre de Boston; Fidel Castro, 23 anos, estudava Direito; Steven Spielberg era um bebê de dois anos; Brigitte Bardot, 15 anos, ex-capa de *Elle*, iniciava namoro com Roger Vadim (1927-2000).

E a tecnologia? Além da televisão, também não havia aviões a jato, apenas quadrimotores a hélice (o jato comercial de passageiros só iria aparecer em 52, com o Comet da British Overseas Airways, e, em maior escala, em 1958, ano do lançamento do Boeing 707); muito menos existiam aparelhos de ar refrigerado (no Rio, escadas rolantes e refrigeração somente na loja Sears Roebuck, em Botafogo, inaugurada em 6 de junho de 49 e fechada em fevereiro de 91 – um dos melhores “programas” para crianças da época); ainda muito longe da era do CD e do rádio FM, ouvia-se apenas discos de 78 rotações, mono (o *long play*, de 33 1/3 rotações, 10 polegadas, já tinha saído em 48 nos EUA pela Columbia, mas só chegou ao Brasil em 51; dois anos depois, surgia o disco de 45 rotações pela RCA Victor; o LP de 12 polegadas e o som estéreo apareceram aqui em 58, pela mesma RCA; somente em 83, para substituir o disco de vinil, seria lançado nos EUA o sistema CD); a Xerox estava exibindo em Nova York o primeiro equipamento de fotocópias, o 914; a câmara Polaroid, em preto & branco, criada em 48, não tinha acesso ao mercado brasileiro, mas os novos filmes de 35 mm, também em p&b, estreavam com os fotógrafos de *O Cruzeiro* na cobertura da Copa. Em 1950, a Remington Rand decidiu prestar ajuda financeira a pesquisadores da Universidade da Pensilvânia que quatro anos antes haviam criado o primeiro modelo de computador, o *Eniac* – e já em 51 surgiria outro modelo, o *Univac*, mais desenvolvido, capaz de ler 7.200 caracteres por segundo. Era o ainda precário despontar da tão distante idade da informática.

Sem dúvida, o conforto não era suficiente – em pleno verão carioca, por exemplo, ia-se a cinemas, teatros e *night-clubs* sem ar refrigerado. E sofriam os portadores de blatariefobia: não havendo ainda serviços de dedetização, baratas só se combatia com pulverizador Fly-Tox, inseticida Flit ou veneno, pouco eficazes. Além do mais, era sistemática a falta de luz e água (problema a ser parcialmente solucionado com a ligação provisória da Adutora do Guandu, em 55). Em 13 de abril, o governo instituiu o horário de verão, e a Light explicava nos jornais: “Com a queda do volume d’água do Reservatório de Lajes e a falta de chuvas, em 49 a água perdeu 287 milhões de litros. Assim, é indispensável consumir menos energia agora, a fim de que possa ser acumulada a maior quantidade de água possível no reservatório, para sua utilização durante o período de estiagem.” O trânsito também criava problemas, como se lê no *Diário Carioca* de 14 de abril: “A confusão em matéria de trânsito é enorme. Os sinais são desrespeitados e os pontos de paradas de ônibus vivem atravancados de carros no centro da cidade”. O Serviço de Trânsito providenciava “faixas e fiscalizações rigorosas em frente aos educandários”. Aos olhos de hoje, soam exageradas advertências para uma cidade relativamente tranqüila, cujas ruas e avenidas só comportavam bondes elétricos (o principal meio de transporte coletivo da época, estabelecido pela Light em 1893 e que seria desativado em 1963) e carros importados (a indústria automobilística nacional começou em 56), marcas De Soto, Studebaker, Chevrolet, Nash, Ford, Opel,

Citröen, Cadillac “rabo de peixe”. Em Ipanema – onde foram plantados em junho sete oásis com coqueiros nas dunas de areia – e no Leblon o cenário lembrava um vilarejo do interior: muitas casas, poucos prédios de 3 ou 4 andares, nenhum arranha-céu. São Conrado e Barra da Tijuca eram áreas verdes, desabitadas. As favelas, que antes se concentravam no centro da cidade, começavam a proliferar somente na zona norte. Não havia aterro na praia do Flamengo, onde um apartamento chegava a custar 360 mil cruzeiros. Sem a ponte Rio-Niterói, a travessia era feita nas barcas da Cantareira. Túneis como o Rebouças, o Santa Bárbara, os de Copacabana (Barata Ribeiro-Raul Pompéia, Tonelero-Pompeu Loureiro), o Elevado Paulo de Frontin, a auto-estrada Lagoa-Barra, a duplicação da Avenida Atlântica e do túnel do Leme – nada disso ainda existia. Mas continuavam de pé, no centro, o Palácio Monroe (construído em 1904 e demolido em 76), o tradicional Palace Hotel da Av. Rio Branco (prestes a ser demolido no mesmo ano de 50), o Morro de Santo Antônio (desmontado em 52 com a favela ali existente), e, em Copacabana, o Cassino Atlântico (posto 6, construído em 1934 e demolido em 1979) e o Hotel Vogue, no Leme (destruído por um incêndio em 55). Também em 50 foram retirados todos os jardins centrais da Av. Presidente Vargas. O Museu de Arte Moderna, fundado em 49, ainda sem sede e sem acervo, funcionava em duas salas cedidas pelo Banco Boavista. E o único aeroporto era o Santos Dumont, no centro da cidade, inclusive para vôos internacionais.

Frequentar o Parque Shangai, com sua montanha-russa e seu trem-fantasma, na Quinta da Boa Vista, constava entre os bons programas da garotada ainda muito longe dos *video-games*, da informática e das redes de *fast-food* (a primeira casa do gênero, a Bob’s, surgiu em 52). Crianças e adolescentes compravam uniformes escolares nas Casas Mathias e, sem TV ou bastantes filmes para ver nos cinemas, divertiam-se lendo *O Tico-Tico* ou os quadrinhos de *Biriba*, *Gibi*, *Guri*, *O Herói*, *Lobinho*, *Vida Juvenil*, *Vida Infantil* e *O Globo Juvenil*. Em plena Copa (julho) saía o número um de *O Pato Donald*, com Zé Carioca na capa: a revista que inaugurou a Editora Abril, do italiano Victor Civita (1907-1990), logo esgotou os 82 mil exemplares da primeira edição. Nos jornaleiros, os adultos dispunham de várias publicações hoje desaparecidas: os jornais *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *A Noite*, *Diário Carioca*, *O Jornal*, *Diário da Noite*, *A Notícia*, *O Mundo*, *Jornal de São Paulo*, *Folha da Manhã*, e as revistas *O Cruzeiro*, *A Cigarra*, *Revista da Semana*, *Fon-Fon*, *Careta*, *Vida Doméstica*, *Eu Sei Tudo*, *Carioca*. Também não eram poucos os cinemas que depois fechariam as portas: no centro ficavam o Capitólio, Metro-Passeio, Pathé, Plaza, Cineac-Trianon, Ritz, Império, São José e Rex; na zona sul o Astória, Rian, Ipanema, Pirajá, Metro-Copacabana, Polytheama, Floresta, Nacional, Star; na zona norte o Metro-Tijuca, Carioca, Olinda, Paratodos, Vaz Lobo, Colonial, Primor. Nos escritórios, usava-se máquinas de escrever Smith-Corona e Underwood, nas mesas talheres de prata Wolff, nas cozinhas, geladeiras Frigidaire. Ouvia-se rádio com aparelhos Invictus, comia-se bombons Bhering, andava-se de bicicleta Monark, falava-se “de araque”, “não chacoalha”, “mixa”, “C. C.” (cheiro de corpo), “broto”, “é o tal”, “lorota”, “balzaqueana”. Sem contar os anglicismos na imprensa: só na área do futebol, “football”, “team” (time), “match” (jogo), “goal”, “placard”, “scratch”, “shoot” (chute), “coach” (técnico), “captain”, “goal-keeper” (goleiro), “center-forward” (centroavante), “back” (beque), “center-half”

(centromédio), “scratchmen” (jogadores do escrete), “dribbling”, “foul”, “hands”, “córner”, “off side” (impedimento).

Farmácias e armazéns não tinham artigos importados e forneciam diversos produtos que depois saíram do mercado: Astringosol, Guaraina, pasta dental Forhan’s, Mitigal, sabonetes Dorly (“Preço por preço o melhor”), Lifebuoy, Lever S. R. e Regina, sabão Platino, cera Parquetina. Especialmente para homens, todos de cabelos emplastrados, escolhia-se gomalina Fixbril, óleo Glostora, petróleo Oxfor ou brilhantina Gessy. A maioria usava bigodinho fino, ternos de casemira, linho ou panamá, em geral brancos, camisas de cambraia, óculos Rayban, chapéus Ramenzoni, de feltro ou panamá, sapatos pesados, de sola grossa (para estudantes o Tanque Colegial), e em geral preferia o aroma da loção Pindorama. As mulheres perfumavam-se com Cashemere Bouquet ou colônia Paris, pintavam as unhas com esmaltes Peggy Sage ou Cutex e os lábios com batons carmins Coty, Tangee ou Colgate (“O coração bate com Colgate”), embelezando os olhos com Cilion e a cútis com Leite Divina Dama, além do *pancake* e do *rouge* compactos. Seguiam, em geral, os ditames da maior autoridade no assunto, a criadora de produtos de beleza Helena Rubinstein (1870-1965). Novidade em 50 era o permanente a frio nos cabelos, feito em casa. “Tomei conhecimento do Permanente Toni no dia em que devia participar de um baile de gala” – dizia Tonia Carrero em um comercial. “Como estava muito ocupada, que prática me resultou esta ondulação-creme a frio. Ficou uma verdadeira maravilha! Como se fosse natural! Meu penteado foi tão comentado que me senti envaidecida, e minha permanente se mantém sempre firme, como no primeiro dia!” Simplória, como se vê, a propaganda em 1950 – a julgar também pelos acanhados cartazes que circundavam o estádio, à frente das arquibancadas e do fosso das gerais: Casa Oliveira Leite, A Colegial, Relógios Eterna, Guaraná “O Caçula”, Biscoitos Aymoré, Viação Cometa etc.

Ir à Copa do Maracanã, um evento de gala, era ficar em dia com as últimas tendências da moda. As mais *chics* seguiam à risca o *new look* que Christian Dior (1905-1957) lançara em Paris em 47 e chegava ao Brasil em 50, esbanjando tecidos: saia *godé* abaixo dos joelhos, larga, com muita roda e muito pano, cintura apertada, boleros de fustão, frente única, luvas de pelica ou crochê, cabelos sempre curtos e sapatos *escarpins* de salto alto, de camurça fosca e aveludada, disponíveis na Sapataria Cedofeita. Copiada sobretudo dos desenhos de Alceu Penna em *O Cruzeiro*, era a moda “Noiva do Biriba”. (Biriba: nome do cãozinho mascote do Botafogo, campeão carioca de 48, na época passou a designar qualquer coisa – desde uma nova revista infantil precedida de enigmática propaganda, “Biriba vem aí!”, até um jogo de cartas.) Outra tendência, os modelos Jacques Fath, começava nos desfiles então famosos da Casa Canadá, na Av. Rio Branco, que rivalizavam com os da Fábrica Bangu, no Copacabana Palace. Para a noite, as elegantes portavam chapéus, leques, luvas, broches, véus, colares de pérola ou fitas de veludo – e sobretudo a maior novidade da temporada, o *nylon*, que chegava ao mercado para competir com tafetás, rendas e tules. Ninguém falava em ginástica ou regimes de emagrecimento. O que se via nas praias era a “revolução” do *lastex* em maiôs de duas peças grandes. Lançado em maio de 50, o *lastex* pôs abaixo a hegemonia dos antigos maiôs inteiros de lã *jacquard* e só seria destronado em 59 com os de espuma de borracha, que revelavam ainda mais a anatomia feminina – apenas um resquício arcaico da futura

liberação sexual a partir da venda da pílula anticoncepcional, em 67. Quando Simone de Beauvoir (1908-1986) publicou “O Segundo Sexo” no ano anterior, prevaleciam ainda o puritanismo mais conservador, a intolerância contra todas as formas de rebeldia, a moralidade quase vitoriana que determinava a sexualidade como “concupiscência malsã”, a sujeição ao “tabu da virgindade”. Nenhuma ruptura com a tradição: 1950 conservava-se bem longe da revolução comportamental e tecnológica que, em velocidade crescente, iria dominar a segunda metade do século XX.

- 
- [1]. O Pacto de Varsóvia, encabeçado pela União Soviética, seria constituído somente cinco anos depois (6 de junho de 55).
  - [2]. Os dez eram os diretores Edward Dmytryk e Herbert Biberman, o produtor Adrian Scott e os roteiristas Dalton Trumbo, John Howard Lawson, Ring Lardner Jr., Albert Maltz, Alvah Bessie, Samuel Ornitz e Lester Cole. Diversos cineastas passaram a trabalhar com pseudônimo ou emigraram para a Europa, como Joseph Losey, Robert Rossen, Carl Foreman, e até Charles Chaplin.
  - [3]. O desenrolar da guerra da Coreia em junho/julho de 50 será acompanhado à medida que for se processando a Copa.
  - [4]. Pouco antes da Copa, a Bayer, fabricante de Melhoral, promoveu através da Rádio Nacional uma votação para apontar o jogador mais popular do país – o *Melhoral dos Cracks* – e Ademir foi eleito com 5.304.935 votos, ou seja, quase um milhão e meio de votos a mais do que o total obtido por Vargas.
  - [5]. *O Cruzeiro*, 11 de março de 1950.
  - [6]. *O Cruzeiro*, 24 de fevereiro de 1950.
  - [7]. Jairo Severiano e Zuza Homem de Mello, *A Canção no Tempo: 85 Anos de Músicas Brasileiras (Vol. 1: 1901-1957)*, São Paulo, Editora 34, 1997.
  - [8]. Hegel, op. cit.
  - [9]. Os hinos saíram em seis discos de 78 rotações. O Trio Melodia também gravou os dedicados ao Fluminense, Bangu e Canto do Rio, cabendo a Sílvio Caldas (1908-1998) os do Vasco e do São Cristóvão, e a Jorge Goulart os do América, do Madureira e do Bonsucesso.
  - [10]. Citado por Luiz Carlos Saroldi e Sonia Virgínia Moreira, *Rádio Nacional – o Brasil em Sintonia*, Rio, Funarte, 1984.
  - [11]. Os jôqueis mais famosos eram Francisco Irigoyen, Luis Rigoni e Osvaldo Ullôa. O cavalo bi-campeão do Grande Prêmio Brasil, Helíaco. À propósito, nas corridas automobilísticas do Circuito da Gávea (o chamado “Trampolin do Diabo”), realizadas entre 1938 e 1952, destacavam-se o veterano Francisco Landi, o argentino Juan Manuel Fangio (1911-1995) – único piloto cinco vezes campeão mundial, entre 1951 e 1957 – e os italianos Luigi Villorosi e Giuseppe Farina – este, o primeiro vencedor do Campeonato de Fórmula 1, que começou a ser disputado justamente em 1950 –, com suas “possantes” Maseratis, Alfas e Ferraris.
  - [12]. Quinze dias depois de Brasil x Uruguai, na noite de 31 de julho, domingo, fora feita a primeira transmissão experimental da TV Tupi paulista: um recital com o cantor Frei José Mojica e orquestra, no Museu de Arte de São Paulo. “Como não existem aparelhos receptores nos lares paulistanos – informou *O Cruzeiro* em 12 de agosto –, os engenheiros da RCA Victor colocaram dois desses aparelhos no saguão do Edifício dos Diários Associados.” Depois da inauguração oficial, Chateaubriand espalhou cerca de cem televisores por pontos estratégicos de São Paulo, como a Praça da República e o Jôquei Club.
  - [13]. *O Cruzeiro*, 10 de junho de 1950.
  - [14]. Embora em fase experimental desde os anos 30, a TV comercial só ganhou regularidade em 1946 na Inglaterra, pela BBC de Londres, e em 1948 nos Estados Unidos. No Brasil, São Paulo receberia mais dois canais até 1953, e o Rio só teria sua segunda emissora, a TV Rio (canal 13), em 1955. O videoteipe seria introduzido em 1962, e a TV a cores em 1972, 19 anos depois de seu lançamento nos EUA. A comercialização do videocassete caseiro, lançado pela Sony em 75, chegaria ao Brasil três anos depois. A primeira Copa do Mundo a ser transmitida ao vivo pela televisão foi a de 70, no México.
  - [15]. Joe Louis era campeão invicto de peso-pesados desde 1937, abandonando as luvas sem derrotas em 22 de junho de 49, após 25 lutas – o mais longo reinado da história do boxe. De volta aos EUA, com problemas financeiros, decidiu voltar aos ringues, enfrentando o novo campeão, Ezzard Charles, em 28 de setembro de 50, no Yankee Stadium de Nova York. Perdeu por pontos.

# A BATALHA DAS SEMIFINAIS

Nesse “mundo” cada vez mais longínquo de 1950 transcorreu no Brasil o IV Campeonato Mundial de Futebol, o primeiro cuja taça trazia o nome de Jules Rimet. Pela tabela, as 16 partidas das semifinais, reunindo 13 países, seriam disputadas em nove dias, de 24 de junho a 2 de julho. Após intervalo de uma semana, os quatro vencedores das chaves jogariam entre si as seis partidas finais, de 9 a 16 de julho. Pela primeira e única vez, como foi dito, desprezava-se o sistema de Copa, com jogos eliminatórios, em benefício do sistema de Campeonato e classificação por pontos ganhos.

Com exibição da Banda do Corpo de Fuzileiros Navais executando *O Guarany*, salva de 21 tiros da Artilharia da Costa, hasteamento da bandeira pelo presidente em exercício da CBD, Mário Pollo (em 17 de maio, Rivadavia Correa Meyer se licenciara por problemas de saúde), revoada de cinco mil pombos e miríades de balões subindo aos céus – o maior deles, solto no gramado, levava flâmula com os dizeres “Avante, Brasil!” –, a presença na tribuna de honra do presidente Dutra, o prefeito Mendes de Moraes, o presidente do Conselho Nacional dos Desportos, João Lyra Filho, e o presidente da FIFA, Jules Rimet, além dos Ministros da Guerra, Canrobert Pereira da Costa, da Marinha, Sílvio de Noronha, e da Aeronáutica, Armando Trompowsky, abria-se no sábado, 24 de junho de 1950, o certame que mobilizou a nação brasileira durante, no mínimo, doze anos, desde que pleiteou a sede pela primeira vez, em 1938, no Congresso da FIFA em Paris. Nesse acontecimento de gala, os festejos distraíam o receio de muitos, lembra Ademir: “O estádio não estava pronto, e temia-se que pudesse não resistir ao peso da multidão”. [1] Tijolos, vergalhões e andaimes ocupavam grande parte das arquibancadas do Maracanã ainda em obras, à direita das tribunas de honra, e quase se repetia o ocorrido na Copa de 30, em Montevideu, quando o Estádio Centenário, erguido para a ocasião – era então o maior do mundo, com capacidade para 80 mil espectadores –, não chegou a ser concluído a tempo para a partida inaugural.[2]

Provavelmente por isso, o público que comprou ingressos para a abertura da Copa (vendidos desde o dia 20 na sede da CBD, no Clube Ginástico Português e na loja Dragão dos Tecidos) era relativamente pequeno: 81.649 espectadores pagantes, que gastaram 30 cruzeiros[3] por um lugar nas arquibancadas, 140 cruzeiros nas cadeiras numeradas, 15 cruzeiros nas gerais e 600 cruzeiros nos camarotes para cinco pessoas. A renda: Cr\$ 2.565.020,00. O Brasil, sendo sede, tinha o direito de jogar na abertura e enfrentava o México, pelo sorteio na chave (os dois países nunca haviam se defrontado antes). Era a primeira partida oficial realizada no Maracanã, inaugurado há oito dias e que acolhia nessa tarde uma platéia fascinada por sua grandiosidade. E, abertura da Copa, também a única realizada nessa data. Por exigência do regulamento, começou exatamente às 15 horas, como todas as demais, trazendo na arbitragem o inglês George Reader, 53 anos, o mesmo que iria apitar a final de 16 de julho. Só não houve a execução dos hinos nacionais, por medida pleiteada por Mário Pollo junto à FIFA: os hinos só seriam

tocados na fase final da Copa. Do lado de fora do estádio, o diretor do Serviço de Trânsito, o major Menezes Cortes, achava um meio eficaz de impedir estacionamento irregulares, mandando esvaziar os pneus dos automóveis – prática que perdurou por todo o certame.

Flávio Costa mandou a campo um time improvisado, que não voltaria a atuar no resto do certame – sobretudo porque o meia-direita Zizinho, o “Mestre Ziza”, tido até hoje como um dos maiores craques brasileiros de todos os tempos, havia se contundido no joelho esquerdo em um jogo-treino da Seleção com o Flamengo, em São Januário, e não pôde ser escalado nas duas primeiras partidas. Lesionado estava também Chico, ponta-esquerda. Com seu uniforme branco, [4] a Seleção entrava no gramado assim constituída: Barbosa; Augusto e Juvenal; Eli, Danilo e Bigode; Maneca, Ademir, Baltazar, Jair e Friaça. A base dessa equipe, repetimos, era o Vasco do “Expresso da Vitória”, campeão carioca invicto de 45, 47 e 49 e “Campeão dos Campeões” no Sul-Americano Interclubes do Chile, em 48. Nada menos que oito da Seleção, neste dia, eram vascaínos (ou ex-vascaínos, como Friaça), habituados a jogar juntos e sob o comando do próprio Flávio Costa. A imprensa e os torcedores reclamaram. “Como se esperava, Flávio preferiu a linha média carioca. E acabou improvisando um ataque que até então jamais atuara junto. Para a ponta direita deslocou Maneca, reserva de Zizinho. Na meia direita, Ademir, que tinha sido convocado como meia-esquerda. No centro, Baltazar, magnífico cabeceador que jamais cumprira na Seleção suas excelentes atuações no Coríntians. Na ponta esquerda, o ponta-direita Friaça. Assim, dos cinco homens do ataque, o único que estava na posição correta era o meia-esquerda Jair.”[5]

O México formou com Carbajal; Zetter e Montemayor; Ruiz, Ochoa e Roca; Septién, Ortiz, Casarín, Pérez e Velásquez.[6] Pelas regras oficiais da época, nenhum dos 22 jogadores que assinavam a súmula podia ser substituído, nem por contusão (as substituições só foram permitidas da Copa de 70 em diante). Por isso, e pelo natural “bom comportamento” em campo dos jogadores de então (a torcida também mantinha esse grau de civilidade, décadas antes dos famigerados “arrastões”), o Mundial de 50 continua sendo um fenômeno na história das Copas: não houve qualquer expulsão de campo em todo o certame, fato que iria repetir-se somente no Mundial de 70. Sequer havia cartões amarelos (advertência) e vermelhos (expulsão), adotados pelos juizes a partir da Copa de 70, quando também foi implantado o sistema de pênaltis em caso de empates. A bola era marrom, de couro, com bico e mais pesada – a Superball “Duplo T” nº 5 – e as traves dos arcos de madeira quadrada, com redes escuras.[7] O sistema de jogo armado pela Seleção Brasileira respeitava um WM rígido, criado na década de 30 por Herbert Chapman, técnico do Arsenal de Londres e, como já sabemos, introduzido aqui em 1937, no Flamengo, pelo húngaro Dori Kruschner, de quem Flávio Costa foi discípulo. A vitória de 4 a 0 – Ademir assinalando o primeiro gol do Mundial aos 32min do primeiro tempo; Jair (aos 21min), Baltazar (aos 25min) e novamente Ademir (aos 34min) completando o marcador no segundo – assegurou um voto de confiança no trabalho do técnico brasileiro, que parecia estar no caminho certo. Embora muito aquém daquilo que seria capaz adiante, o Brasil fazia uma estréia promissora. Apenas o meia-esquerda Jair trouxe mais um problema: contundido no jogo, não pôde entrar na segunda rodada.

No dia seguinte, domingo, 25 de junho de 1950, enquanto, do outro lado do mundo, ocorria a

invasão da Coreia do Sul pela Coreia do Norte – estopim da guerra que iria durar três anos, como vimos –, desenrolavam-se no Brasil os outros quatro jogos da primeira rodada das semifinais: Inglaterra 2 x Chile 0, no Maracanã, que foi assistido pelos jogadores brasileiros; Suécia 3 x Itália 2, no Pacaembu; Iugoslávia 3 x Suíça 0, em Belo Horizonte; Espanha 3 x Estados Unidos 1, em Curitiba. Não chegou a ser surpresa a derrota da campeã mundial, a Itália, que começou a partida anunciando uma goleada (abriu o marcador aos sete minutos) e tinha a seu favor a torcida da colônia italiana de São Paulo, que afluiu em massa ao estádio do Pacaembu, cuja arquitetura destacava uma ampla concha acústica, mais tarde demolida. Só que as duas equipes estavam igualmente desfalcadas – a Itália, privada de seus grandes astros desaparecidos em desastre aéreo, como foi dito; os campeões olímpicos de 1948, sem os seus principais atacantes, comprados pelos próprios italianos, armaram uma seleção às pressas – e os suecos puderam sair-se melhor, explorando uma deficiência da *Squadra Azzurra*: o mau preparo físico. É que a Itália, ainda traumatizada pelo acidente de Superga, um ano antes, foi a única seleção a preferir atravessar o Atlântico de navio, numa viagem estafante de duas semanas.

Já o *English Team*, com seus “mestres do futebol”, até então invicto na própria casa (só perderia no Estádio de Wembley em novembro de 53, para a Hungria) e que, afinal, após mais de meio século, assentia em deixar sua ilha para expor ao mundo, circunspecto, os prodígios de sua grande arte, via-se naturalmente acolhido pela imprensa como o principal candidato ao título máximo. Nunca, nem antes nem depois da Copa de 50, uma seleção chegou a um Mundial com tal estoque de respeitabilidade e legenda. Estreando contra os chilenos, na segunda partida oficial do Maracanã, tinha bastante confiança em seu imponente uniforme de gala, um asséptico e vistoso branco e preto, e na experiência de seus famosos ases como o lendário Stanley Matthews (1915-2000), ponta-direita, Alf Ramsey (1920-1999), zagueiro direito – que disputou 32 partidas pela seleção inglesa entre 1949 e 1955 e foi seu treinador de 1963 a 1974, tendo conquistado a Copa realizada na Inglaterra em 66 (façanha pela qual ganhou o título de *Sir*) – e o capitão Billy Wright, médio direito, para não se preocupar com os andinos, facilmente batidos.

Para abrir a segunda rodada das semifinais, na quarta-feira, 28 de junho, a Seleção Brasileira foi a São Paulo, pela primeira e única vez na Copa, enfrentar a Suíça no Pacaembu. Uma prova de fogo para Flávio Costa, que até então nunca dirigira o escrete contra um selecionado europeu. A equipe viajou de *clipper*, na segunda, hospedando-se no City Hotel, onde também estava alojada a delegação suíça. Mal repercutia no país o agravamento da crise asiática: no mesmo dia, Seul (capital da Coreia do Sul) era capturada pelos norte-coreanos, 48 horas depois da decisão do presidente Truman nomear o general MacArthur para comandar um contra-ataque das forças americanas, sem recorrer ao Conselho de Segurança da ONU. Os brasileiros estavam atentos a outro tipo de “guerra”: a rivalidade esportiva entre Rio e São Paulo. Para não desagradar aos paulistas, a CBD acedeu em levar o escrete nacional a apresentar-se também no Pacaembu. Provavelmente para derrotar por larga margem uma equipe que, três dias antes, tinha perdido para a Iugoslávia por 3 a 0.

Os paulistas, como vimos, costumavam acusar Flávio Costa de ser carioca demais e não chegavam a apreciá-lo. A antipatia era mútua: o técnico e seus colaboradores ficaram magoados nas diversas

ocasiões em que houve animosidade do público no Pacaembu e isso prejudicou o desempenho dos jogadores. No primeiro jogo da Copa Roca de 45, o selecionado de Flávio perdera por 4 a 3 para a Argentina, sob vaias. Jogando em Montevideú, pela Copa Rio Branco de 47, contra o Uruguai, empatou por 0 a 0 e sofreu críticas pesadas da imprensa de São Paulo, de tal modo que Flávio reagiu: “Nunca mais dirigirei uma seleção do Brasil que for jogar no Pacaembu!”<sup>[8]</sup> Mas precisou voltar e, outras vezes, foi hostilizado: acabou perdendo para o Uruguai, por 4 a 3, pela Copa Rio Branco de 50, menos de dois meses antes do Mundial, e empatando por 3 a 3 com o Paraguai, sete dias depois. De nada adiantara ter escalado, em cada uma dessas partidas, quatro jogadores paulistas. Durante o Sul-Americano de 49, teve inclusive a precaução de colocar em campo maior número de craques de clubes de São Paulo nos três jogos realizados no Pacaembu, por considerar fator relevante a participação da torcida. Desta vez, contra a Suíça, seguia o mesmo princípio e fez entrar no gramado uma Seleção bem diferente da que jogou na estréia: Barbosa; Augusto e Juvenal; Bauer, Rui e Noronha; Alfredo II, Maneca, Baltazar, Ademir e Friaça. Diferente até no uniforme: pela primeira e única vez na Copa, o Brasil jogou com calções azuis, de modo a contrastar com os calções brancos dos suíços. Estes formavam com Stuber; Neury e Bocquet; Lusenti, Eggyman e Gyer; Tamini, Bickel, Friedlander, Bader e Fatton.

Segundo alguns, o técnico cedera ao bairrismo de dirigentes da CBD, escalando a linha média do São Paulo. “Foi um desastre. Onze jogadores que jamais – nem mesmo nos treinos experimentais em Araxá – tinham atuado juntos fatalmente não poderiam se entender dentro do campo.”<sup>[9]</sup> No ataque, Maneca passava da ponta para a meia-direita, Ademir da meia-direita para a meia-esquerda, e, na ponta-direita, entrava o eclético Alfredo II, cuja presença em campo, já foi dito, desagradava demais aos paulistas (além de carioca, “não passava” de reserva do Vasco). Sob arbitragem do espanhol Ramón B. Azon, a partida começou auspiciosa para a improvisada equipe: logo aos 2,5 minutos, Ademir, com seu *rush* característico, conseguiu levar a bola até a linha de fundo adversária e, na confusão que se formou, cruzou de qualquer maneira para o centro, mas Baltazar deu um chute no vazio e a bola sobrou justamente para o tão depreciado Alfredo II, que emendou na corrida para o arco de Stuber. Mas, a partir daí, os brasileiros esbarraram no chamado “ferrolho” suíço, uma retranca que desconheciam (como se deu no caso do México, os dois países nunca haviam se enfrentado anteriormente). Fatton empatou aos 17 minutos e, a custo, Baltazar, aos 32, fechou com 2 a 1 o primeiro tempo. Na segunda fase, o placar não se alterou até os 42,5 minutos. Já se celebrava a vitória no Pacaembu quando novamente o ponta-esquerda suíço Fatton voltou a empatar, ao apagar das luzes.<sup>[10]</sup> O empate surpreendeu os brasileiros e teve sabor de sucesso para os suíços, que fizeram questão de posar para fotografias depois do jogo. Os brasileiros saíram de campo sob vaias de um público pagante de 42.032 pessoas (a renda: Cr\$ 1.534.720,00). Mais uma vez, a torcida paulista parecia desamparar a Seleção nos momentos de dificuldade: um grupo de mais de cem torcedores exaltados queimou a bandeira da CBD e tanto Flávio Costa quanto o médico Paes Barreto chegaram a ser agredidos ao deixar o campo. “Excomungava-se Flávio Costa, o homem que tivera três meses para armar uma grande seleção e que agora não fazia mais do que tatear, como um cego, as mil peças de um quebra-cabeça.”<sup>[11]</sup>

Por que o time havia sido alterado? Flávio Costa explica: “Fomos muito criticados por modificar a Seleção, mas havia razões fundamentais para isso: tínhamos três titulares contundidos – Jair, que se machucara na estréia, Zizinho e Chico – e precisei improvisar uma linha com os jogadores disponíveis. Além disso, como iríamos jogar uma partida séria contra a Iugoslávia, uma das boas equipes que vieram ao Brasil, e, como eu tinha visto em Belo Horizonte a Suíça perder de 3 a 0 para Iugoslávia e achei-a um time fraco para nós, poupamos alguns jogadores. Entramos para jogar com a Suíça com uma composição. Agora, atuou um árbitro espanhol que prejudicou muito os brasileiros. Valia tudo na defesa da Suíça e o juiz nada marcava”.[\[12\]](#) O empate arrefeceu o entusiasmo geral. “Uma onda de desânimo e pessimismo invadiu o país”, comentou o *Anuário Esportivo Brasileiro* de 1950. Agora, com um ponto perdido, a Seleção estava em situação difícil, correndo o risco de não passar à fase final. Como o último adversário, a Iugoslávia, acabaria vencendo nas duas rodadas iniciais, tornou-se preciso derrotá-la para não sair da Copa. Uma coisa era certa, porém: a CBD passaria a sediar todos os jogos do Brasil no Maracanã, depois do sucedido no jogo com a Suíça. Argumento alegado: melhores possibilidades de arrecadação.

A segunda rodada completou-se com outros quatro jogos disputados na quinta, 29 de junho: Espanha 2 x Chile 0, no Maracanã; Estados Unidos 1 x Inglaterra 0, em Belo Horizonte; Iugoslávia 4 x México 1, em Porto Alegre; Suécia 2 x Paraguai 2, em Curitiba. O “escândalo”, aqui, foi o que pode ser considerado o mais surpreendente resultado de toda a história das Copas: a famosa derrota do *English Team* para um grupo formado em Nova York com imigrantes semiprofissionais que representava os Estados Unidos. Um dos “amadores”, o centroavante haitiano Joseph Gaetjens, que lavava pratos para poder estudar nos EUA, fez o gol da vitória, de cabeça, aos 35 minutos do primeiro tempo – seu único instante de glória (chegou a jogar depois no Racing da França, e em 64 foi preso e dado por desaparecido no Haiti pela polícia do ditador Duvalier). Aos ingleses, invictos em Wembley, recebidos como “reis do futebol” e que aparentemente haviam cruzado o Atlântico para dar lições a todo mundo e conquistar a Jules Rimet, o sucedido no Estádio Independência foi simplesmente um vexame fragoroso, considerando-se a falta de prática do adversário na matéria – algo como uma derrota de Golias para Davi.[\[13\]](#) Dois mil trabalhadores ingleses da mina de Morro Velho, em Minas Gerais, testemunharam das arquibancadas a mais absurda das derrotas – um revés que, sobretudo, deixava a Inglaterra em complicadas condições de passar à fase final.

A Iugoslávia, que goleara o México com a mesma facilidade encontrada pelo Brasil, mas se mostrou mais habilidosa em desfazer a retranca suíça (venceu por 3 a 0), continuava invicta, e contra ela iria bater-se agora a Seleção de Flávio Costa no jogo decisivo para a classificação às finais na chave A.[\[14\]](#) Em manchete, alertava *O Estado de S. Paulo*: “A Seleção Brasileira corre o risco de ser eliminada esta tarde!”[\[15\]](#) Aos iugoslavos bastava um empate, como foi dito, pois o Brasil tinha perdido um ponto no Pacaembu. Em certo sentido, este jogo veio a ser o mais difícil da Copa para o Brasil, incluindo a final com o Uruguai, no qual a situação estaria invertida, com o empate favorecendo os brasileiros. A imprensa considerou-o o “Dia D” do futebol nacional.

O Maracanã, sob forte policiamento, aparecia de novo como palco de luta, na tarde de sábado, 1º de julho de 1950, o mesmo dia em que a crise internacional recrudesceu com o desembarque das tropas norte-americanas na Coréia – e também o dia em que foi realizado o recenseamento demográfico em todo país. Como sempre se deu com as partidas semifinais do Brasil, era o único jogo previsto na tabela, abrindo a terceira e última rodada. Novamente no Rio, Flávio Costa pôde contar com toda a torcida a seu favor. Declarou então o capitão Augusto: “Quero lembrar que as cenas a que assistimos no Pacaembu, no final do jogo, ficaram gravadas na mente de todos nós. Exatamente no momento em que mais precisávamos da torcida, ela, dando mostras do seu desagravo, vaiou-nos. Estamos confiantes na vitória contra os iugoslavos. Será essa a resposta que a torcida paulista terá pelas suas vaias e agressões aos representantes da sua, da nossa terra, o Brasil. Apelo, neste momento decisivo, para a Seleção, para a torcida carioca, que sempre soube incentivar os defensores brasileiros”. Preocupadas e nervosas, 142.429 pessoas pagaram ingresso (muitos vendidos a 60 cruzeiros por cambistas) para incentivar seu escrete, que pela primeira vez entrava no gramado com sua formação completa: Barbosa; Augusto e Juvenal; Bauer, Danilo e Bigode; Maneca, Zizinho, Ademir, Jair e Chico. A renda registrou Cr\$ 4.619.682,00, mas o estádio permaneceu quase vazio nas cadeiras atrás dos arcos, embora não mais apresentasse vestígios aparentes de obras. A Iugoslávia formou com Mrkusic; Horvat e Stankovic; Cajkowsi I, Jovanovic e Dajic; Vukas, Mitic, Tomasevic, Bobec e Cajkowsi II. E o prefeito Mendes de Moraes, em seu discurso antes da partida, incumbiu-se de reforçar o fardo de responsabilidade do onze brasileiro, antecipando com palavras similares o que viria a proferir na final contra o Uruguai: “Jogadores do Brasil! A batalha do Campeonato do Mundo se compunha de duas partes. A primeira: a construção do estádio, e ele aí está. A segunda: a vitória do Brasil no campeonato. O governo municipal, na parte que lhe competia, cumpriu com o seu dever. Brasileiros, cumpram o vosso!”

Havia para esse jogo decisivo uma atração a mais: finalmente Zizinho, que o técnico considerava “cérebro e coração de qualquer time” – e seria eleito pela imprensa internacional o melhor jogador do certame –, estreava na Copa, com uma joelheira na perna esquerda, ainda não de todo refeita da entorse que o impossibilitou de integrar a equipe no dois jogos precedentes. “Ainda assim – disse ele –, sentia muitas dores. Só com o correr do jogo o joelho foi se aquecendo e as dores diminuíram.”<sup>[16]</sup> Outro estreante era o ponteiro esquerdo Chico. Contundido no jogo com o México, Jair voltava ao time. O meia Ademir, que fizera dois gols na estréia com o México, foi colocado no centro do ataque, substituindo Baltazar, o centroavante até então titular. E o técnico deslocou outra vez Maneca para a extrema direita, como fez na partida inaugural. “Mais tarde, Flávio Costa explicaria por que voltara a modificar as duas extremas: Maneca era um jogador de grande versatilidade, capaz de ocupar todos os setores do campo com uma eficiência que Friaça, por exemplo, só tinha na ponta direita ou no centro do ataque. E Flávio queria um jogador que ajudasse na luta pelo meio campo. Quanto a Chico, era voluntarioso, brigão, peitudo. Um jogador com a coragem de Chico valia muito numa decisão.”<sup>[17]</sup>

Flávio Costa, que mexia no time pela terceira e última vez, agora acertou em cheio. A Seleção, que voltava de vez ao Maracanã e não mais abandonaria o uniforme todo branco, não iria causar qualquer

outra decepção com seus desacertos, e passou a presentear seu público com exibições memoráveis como esta – antes, é claro, de 16 de julho. Quando saiu do estádio com a vitória de 2 a 0 e uma exibição de futebol vistoso e criativo, ninguém mais pensava no tropeço com a Suíça (a imprensa carioca já chegava a chamar de “antipatriótica” a reação da torcida paulista naquela ocasião). Para muitos, foi a melhor performance do Brasil em todo o certame. “A meu ver, talvez o jogo mais difícil tenha sido contra a Iugoslávia”, diz Barbosa. “Talvez tenha sido a maior partida dessa Copa.” Logo aos três minutos de jogo, Ademir abriu o marcador. Zizinho, cuja presença deu outro ânimo ao ataque nacional, bem no início do segundo tempo marcava outra vez, mas o gol foi discutivelmente anulado pelo juiz galês Benjamin M. Griffiths, sob alegação de impedimento de Ademir. A cena foi filmada e, de fato, houve erro do juiz: Chico atrasou para Ademir, este chutou a gol, a bola bateu em um adversário e só então foi para Zizinho. Os jogadores brasileiros não desanimaram, e Zizinho insistiu tanto que, aos 24 minutos, repetia o feito – agora, um gol incontestável que mereceu celebração, não apenas da torcida, mas de quem quer que estivesse junto à meta: Chico agarrou-se a Zizinho dentro das redes, chegaram Maneca e Ademir, e jornalistas invadiram o campo, como demonstra o filme da cena.

Nessa partida que a classificou para as finais, a Seleção Brasileira parecia ter enfim encontrado sua filosofia de jogo, sua escalação definitiva e se tornava, aparentemente, uma equipe imbatível – ao menos, dentro do Maracanã. Pouco se levou em conta que a poderosa Iugoslávia, vice-campeã dos Jogos Olímpicos de 1948, havia jogado os dez primeiros minutos seriamente desfalcada de seu principal jogador – o meia-direita Rajko Mitic, que se feriu na tampa metálica da escadaria de acesso ao gramado, quando a equipe entrou em campo, e teve que jogar com a cabeça enfaixada. Assim, foi com apenas 10 jogadores que a Iugoslávia sofreu o primeiro gol, marcado logo aos três minutos. Nem por esse detalhe a torcida brasileira, nunca emocionalmente capaz de meias medidas, deixou de entregar-se a uma crescente onda de euforia, presunção e triunfalismo.

No dia seguinte, 2 de julho, domingo, rematavam as semifinais os quatro jogos restantes: Espanha 1 x Inglaterra 0, no Maracanã; Itália 2 x Paraguai 0, no Pacaembu; Suíça 2 x México 1, em Porto Alegre; Uruguai 8 x Bolívia 0, em Belo Horizonte. Abalada pela humilhante derrota frente aos “amadores” norte-americanos, três dias antes, a Inglaterra, como se previa, saiu do campeonato, no qual acabou classificando-se em modesto oitavo lugar, não sem antes colocar em campo seu jogador mais famoso – talvez, em 1950, o jogador mais famoso do mundo: o ponta-direita Stanley Matthews, já com 35 anos e desde 1938 titular do *British Team*, refinado e clássico driblador.<sup>[18]</sup> Nesse jogo contra a Espanha, os ingleses caíram em uma armadilha: depois do gol da vitória marcado por Zarra aos 3 minutos do segundo tempo, os espanhóis buscaram garantir o escore atrasando a partida, e passaram a atirar a bola no fosso de três metros de profundidade que separa o gramado das gerais. Para evitar o truque, tomou-se a devida medida – gandulas para apanhar a bola – já no domingo seguinte, estréia das finais, quando o Brasil enfrentou a Suécia.

Entrementes, começava e terminava no mesmo dia a campanha do Uruguai nas semifinais – com apenas uma partida, em que goleou a modesta Bolívia no mais alto escore registrado na Copa, 8 a 0.

Formado à base dos times do Peñarol e do Nacional, jogou o Uruguai com praticamente a mesma equipe que levantaria o título contra o Brasil, apenas com Juan Carlos González no lugar de Gambetta e Vidal no de Morán. Campeão dos Jogos Olímpicos de 1924 e 1928, Campeão do Mundo de 1930, o Uruguai – ausente nos mundiais de 34 e 38 – chegou ao Rio em 14 de junho de 1950, quase despercebidamente, alojando sua delegação no Hotel Payssandu, no Flamengo. Embora a chamada Celeste Olímpica estivesse invicta nos três torneios internacionais de que participou, não tendo, portanto, perdido o título mundial em jogo[19], havia deixado Montevideú meio desacreditada pelos próprios uruguaios. Nas eliminatórias, com a desistência do Peru e do Equador, só precisou enfrentar o Paraguai, como vimos. O jogo foi no estádio do Vasco, no Rio, em 30 de abril. Ainda por cima, os uruguaios perderam por 3 a 2, mas ambos os países se classificaram pelo regulamento.

É verdade que, pouco depois, em 6 de maio, o Uruguai iria derrotar o Brasil por 4 a 3, no Pacaembu, pela Copa Rio Branco, embora tenha perdido o título nos dois jogos seguintes, ambos em São Januário, no Rio, quando o Brasil venceu por 3 a 2 (em 14 de maio) e 1 a 0 (em 18 de maio). As três partidas se deram quando ambos os países se preparavam para as semifinais da Copa, como vimos, mas a experiência sortiria efeitos na decisão de 16 de julho, tanto pela proximidade do confronto quanto pela troca de observações táticas. Depois de sorteadas as chaves das semifinais, ciente de que lhe bastaria defrontar-se com um único país, a Bolívia, o Uruguai ainda fez dois jogos-treinos em Montevideú com um time de novatos do Fluminense do Rio, antes de seguir para o Brasil: empatou em ambos, por 1 a 1, em 28 de maio, e 3 a 3, em 4 de junho.[20]

Assim, para as finais da Copa, estavam classificados o Brasil (com 3 jogos, 2 vitórias, 1 empate), Espanha (3 jogos, 3 vitórias), Suécia (2 jogos, 1 vitória, 1 empate) e Uruguai (1 jogo, 1 vitória). Pelo regulamento, a contagem de pontos era a partir daí zerada entre os quatro finalistas.

---

[1]. Ademir, entrevista a *Globo Repórter* (especial *O Dia em que o Brasil Chorou*), Rede Globo de Televisão, 22 de julho de 1980.

[2]. O jogo foi França 4 x México 1, em 13 de julho de 1930, e precisou ser realizado no estádio do Peñarol, em Pocitos. Mas o Estádio Centenário chegou a ser palco da final, em 30 de julho: Uruguai 4 x Argentina 2.

[3]. O cruzeiro, estabelecido em 1942 em substituição ao réis, perdurou até 1968, quando apareceu o cruzeiro novo.

[4]. Ainda que o regulamento da Copa de 50 exigisse que “cada equipe usará as cores de seu país” (Art. 11º). Nos Mundiais precedentes, a Seleção Brasileira jogava com camisas brancas e calções azuis. A partir do Sul-Americano do Chile, em 1945, foi adotado o uniforme que seria usado na Copa de 50: camisas brancas com golas e punhos azuis, calções brancos com barras azuis e meias brancas com barras azuis (havia a alternativa dos calções azuis, usados no jogo contra a Suíça). Detalhe curioso: em 50, pela primeira vez em Copas, por exigência da FIFA, passaram a figurar números nas costas das camisas dos uniformes, nacionais e estrangeiros. Depois da derrota de 50, o uniforme seria mantido no Pan-Americano do Chile, em abril de 1952, (cont. da pág. ant.) vencido pelo Brasil. Quando, porém, com o mesmo uniforme, a Seleção perdeu para o Paraguai por 3 a 2, na decisão do Sul-Americano de Peru, em 1º de abril de 1953 (com Castilho, Nilton Santos, Alfredo II, Bauer e Baltazar, remanescentes da Copa), o jornalista Walter Mesquita, do *Correio da Manhã*, iniciou campanha pela mudança. A CBD acatou a idéia e promoveu concurso, em novembro de 1953, e o ganhador foi um gaúcho de 20 anos, Aldyr Schlee, que chegou a criar 50 esboços até obter o modelo definitivo, usado até hoje: camisas amarelas com golas e punhos verdes, calções azuis e meias brancas com barras amarelas e verdes – inspirado nas cores da bandeira nacional e no uniforme do Esporte Clube Pelotas. O novo uniforme estreou em 28 de fevereiro de 1954, em Santiago, quando o Brasil derrotou o Chile por 2 a 1 pelas eliminatórias da Copa de 54 (da equipe de 50 restavam Nilton Santos, Bauer, Baltazar e Rodrigues).

- [5]. João Máximo, op. cit.
- [6]. O goleiro Antonio Carbajal, nascido em 7 de junho de 1929, foi o primeiro jogador a disputar cinco Copas do Mundo (além de 50, esteve atuando em 54, 58, 62 e 66, perfazendo um total de 48 partidas pela seleção do México). Em razão disso, acabou detendo também o recorde de gols sofridos: 25. O feito de Carbajal só veio a ser igualado na Copa de 98 pelo alemão Lothar Matthäus, que disputara anteriormente as Copas de 82, 86, 90 e 94 e alcançou também a marca recorde de 25 partidas em Mundiais. (O recorde brasileiro pertence ao goleiro Taffarel e ao volante Dunga, com 18 jogos cada, nos certames de 90, 94 e 98.)
- [7]. As bolas de couro brancas seriam a seguir usadas no Maracanã em jogos noturnos, mas somente na Copa de 58 apareceram em algumas partidas, inclusive na final (Brasil 5 x Suécia 2). As gomadas, em preto e branco, vieram na Copa de 62 e 66 – quando ainda eram permitidas as brancas e as marrons (a final de 66 tinha bola cor laranja) – e ficaram oficializadas na Copa de 70. Igualmente em 70 as traves passaram ao formato redondo, menos propensas a acidentes. Em 93 a FIFA adotou também uma regra proibindo que bolas atrasadas pela defesa fossem agarradas pelos goleiros com as mãos.
- [8]. *O Globo*, 31 de março de 1947.
- [9]. João Máximo, op. cit.
- [10]. O passe para o gol de Fatton foi dado pelo meia-direita Alfred Bickel, 32 anos, que ainda iria disputar a Copa de 54. Bickel e o sueco Erik Nilsson são os únicos jogadores da história a terem participado de Copas do Mundo antes e depois da II Guerra Mundial: ambos haviam atuado na Copa de 38, na França.
- [11]. João Máximo, *Ibid.* Cabe notar que apenas quatro jogadores brasileiros atuaram em todos os seis jogos da Copa: Barbosa, Augusto, Juvenal e Ademir.
- [12]. Flávio Costa: entrevista inédita, concedida a Jairo Severiano, de 2 a 4 de julho de 1984, no programa *Memória Esportiva Carioca*, promoção da Associação dos Amigos do Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro. Morreu de complicações cardíacas, aos 85 anos, em 23 de fevereiro de 2000.
- [13]. Ainda assim, os Estados Unidos lograram classificar-se nas Copas de 30 e 34: na primeira, chegam às semifinais e perderam por 6 a 1 para a Argentina; na segunda, foram alijados pela Itália, que os goleou por 7 a 1. Não participaram da Copa de 38. Nas eliminatórias de 50, o México conseguiu goleá-los por 6 a 0 e 6 a 2.
- [14]. Ao contrário do México e da Suíça, a Iugoslávia não era desconhecida dos brasileiros. Na Copa do Uruguai, em 14 de julho de 1930, foi contra a Iugoslávia justamente que o Brasil jogou sua primeira partida de futebol contra um país europeu, perdendo por 2 a 1. Depois houve um amistoso, também em 1930, em que o Brasil ganhou no Rio por 4 a 1, e outro em 1934, em Belgrado, quando perdeu por 8 a 4.
- [15]. *O Estado de S. Paulo*, 1º de julho de 1950.
- [16]. Zizinho, citado por Teixeira Heizer, in *O Jogo Bruto das Copas do Mundo*. Rio de Janeiro, Mauad, 1997.
- [17]. João Máximo, op. cit.
- [18]. O jogo contra a Espanha marcou a única apresentação do lendário Matthews no Maracanã e também sua única atuação na Copa de 50. Nascido em 1º de fevereiro de 1915, profissional desde 1931, na época titular do Blackpool (além deste, só atuou em outro clube da primeira divisão, o Stoke City, de sua cidade natal), Matthews ainda mantém o recorde mundial de longevidade no futebol, com 33 anos de carreira: participou de 54 jogos pela Seleção inglesa, a partir de 1938, despedindo-se aos 50 anos de idade, num amistoso em sua homenagem entre o *British Team* e uma seleção da Europa, no estádio de Wembley, em 28 de abril de 1965, no mesmo ano em que foi consagrado *Sir* pela rainha Elisabeth. Depois da Copa de 50 seria convocado ainda, aos 39 anos, para a Copa da Suíça, em 54, quando realizou brilhantes performances nas partidas contra a Bélgica e o Uruguai.
- [19]. O nome Celeste Olímpica deve-se à cor da camisa azul-celeste da seleção e às duas conquistas olímpicas. O Uruguai só iria perder em Copas do Mundo no jogo semifinal disputado com a famosa equipe da Hungria, na Copa da Suíça, em 30 de junho de 1954, ocasião em que os húngaros venceram por 4 a 2, na prorrogação, depois de um empate de 2 a 2 no tempo regulamentar. Desse jogo participaram três uruguaios que ganharam a Copa no Maracanã em 16 de julho de 50: Máspoli, Rodríguez Andrade e Schiaffino.
- [20]. Na primeira partida com o Fluminense, estavam em campo todos os jogadores que viriam a atuar em 16 de julho, exceto Obdulio Varela. Na segunda, jogaram Matías González, Tejera, Ghiggia, Julio Pérez, Míguez, Schiaffino e Morán.

## OS DIAS DE GLÓRIA

A fase final da Copa de 50, diferente de todas as demais, previa, como sabemos, um quadrangular entre os classificados nas chaves semifinais, sem eliminação dos perdedores. Por essa razão, não foi previsto um jogo final e decisivo. “Se se vai programar uma Copa do Mundo – disse Brian Glanville –, manda a experiência que se especifique uma Final. Estranho que, em 1950, embora não se tenha tomado qualquer providência nesse sentido, a partida Brasil x Uruguai, que decidiu o torneio, tenha sido tão emocionante, seu clímax tão espetacular, que nenhuma Final oficial a poderia ter sobrepujado. Certamente, o povo ainda fala nessa partida, erroneamente – o que é desculpável –, como a Final.”<sup>[1]</sup>

Sendo assim, por incrível que pareça, foi por mero capricho do azar, e nada mais, que Brasil e Uruguai se encontraram no dia marcado para ser a data de encerramento do campeonato mundial, 16 de julho. Poderiam, por exemplo, fosse outro o resultado do sorteio da ordem das partidas, ter jogado na estréia das finais, ou na segunda rodada. Se prevalecessem os mesmos *scores*, imagine-se que o Brasil iria despedir-se do Mundial goleando a Suécia ou a Espanha e mesmo assim perdendo o título. Na segunda-feira, 3 de julho, *O Globo*, em manchete, dizia que a “ordem provável” de nossos jogos seria a seguinte: Brasil x Suécia; Brasil x Uruguai; Brasil x Espanha. (Levando em conta que o Uruguai estava mais descansado, pois só disputara uma partida, contra a sofrível Bolívia, em 2 de julho, Flávio Costa confessou que “preferia enfrentá-lo na última rodada”.) O acaso determinou que a derrota para os uruguayos se desse justamente no dia da derradeira partida do calendário, o que acabou contribuindo para fazer com que os acontecimentos assumissem a forma dramática que ostentou. Aliás, tanto Brasil x Uruguai não era uma “final” que os brasileiros, como vimos, levavam a vantagem do empate.

Segundo Glanville, “a fase final estava bem equilibrada entre dois times sul-americanos, que jogavam com ataque pelo centro e tinham feito um mínimo de viagens, e dois times europeus, jogando em clima adverso, tendo feito muitas viagens e com seu centro neutro”.<sup>[2]</sup> A Copa ficou interrompida uma semana antes do início das finais. As delegações estrangeiras foram homenageadas em recepções pelo Clube Ginástico Português, pela Capitania dos Portos e pela Associação Atlética Banco do Brasil. Na noite de segunda, dia 3, a Comissão Organizadora da FIFA entrou em acordo com São Paulo para que todas as partidas do Brasil se dessem no Rio. “Esqueçamos o lado desaconselhável do movimento paulista – declarou Mário Pollo – para, nesse instante em que todos os brasileiros sacodem a sua alma pela pátria, juntar a brava população de São Paulo à população carioca e a todos os estados em uma torcida imensa, gigantesca como o nosso território, em favor das cores nacionais.” Estabeleceu-se na mesma noite a tabela por sorteio. Pela ordem, a Seleção Brasileira iria defrontar-se com Suécia, Espanha e Uruguai. Enquanto a Copa não recomeçava, a tensão internacional adquiria outra carga: na quarta-feira, 5 de julho, as forças norte-americanas e norte-coreanas iniciavam seu primeiro confronto armado, e a

guerra tinha começado; na sexta, dia 7, na ausência temporária do representante soviético, o Conselho de Segurança da ONU estabelecia um comando unificado para o conflito asiático, sob liderança dos Estados Unidos, e autorizava o presidente Truman a oficializar o nome de MacArthur para comandante-em-chefe das operações.

A Suécia, campeã olímpica, alijara a *Squadra Azzurra* nas semifinais e era quase uma desconhecida para o Brasil: as duas seleções só haviam jogado uma vez, na Copa de 38, tendo o Brasil vencido por 4 a 2. Na tarde de domingo, 9 de julho, a Light aumentou para treze o número de linhas de bondes a serviço dos torcedores e 138.886 pessoas pagaram ingresso e afluíram ao Maracanã (a renda foi de Cr\$ 4.996.177,50) para presenciar o reencontro dos dois países e, pela primeira vez, deixar o estádio praticamente lotado (até mesmo as gerais ficaram repletas). Também pela primeira vez, a Seleção de Flávio Costa apresentava-se com a mesma formação do jogo precedente: Barbosa; Augusto e Juvenal; Bauer, Danilo e Bigode; Maneca, Zizinho, Ademir, Jair e Chico. E não deixava mais dúvidas quanto à excelência de seu futebol, oferecendo 90 minutos de técnica e virtuosismo no grande espetáculo que se arrematava com aquela platéia monumental. “O Brasil jogava um futebol do futuro, algo quase surrealista, taticamente falho, mas tecnicamente maravilhoso, no qual jogadores geniais, não sacrificando um milésimo de seu direito à exibição, encontraram um festivo *modus vivendi*.”<sup>[3]</sup> Na tribuna de honra, o político americano Nelson Rockefeller (1908-1979) e o escritor francês André Maurois (1885-1967), ao lado do prefeito Mendes de Moraes e do embaixador Oswaldo Aranha (1894-1960), testemunhavam a sucessão quase ininterrupta de bolas que iam balançando as redes do goleiro Svensson: no primeiro tempo, Ademir marcava aos 18 e aos 32 minutos, Chico aos 39; no segundo, novamente Ademir aos 5 e aos 10 minutos, Maneca aos 40 e Chico aos 43, enquanto os suecos se contentavam com um gol de honra, aos 21 minutos – um pênalti cobrado por Andersson e equivocadamente assinalado pelo árbitro inglês Arthur Edward Ellis.<sup>[4]</sup> A equipe sueca formava com: Svensson; Samuelsson e Erik Nilsson; Andersson, Nordhal e Gaerd; Sundqvist, Palmer, Jeppsson, Skoglund e Stellan Nilsson.<sup>[5]</sup>

O resultado de 7 a 1 ficaria registrado como a maior goleada obtida pela Seleção Brasileira em Copas do Mundo até hoje – sem contar o recorde obtido nesta oportunidade por Ademir, igualando o feito de Leônidas no jogo contra a Polônia na Copa de 38, como o brasileiro que maior número de gols (quatro) marcou em uma única partida em Mundiais. Mais expressiva se faz essa façanha levando-se em conta que, a partir do 21º minuto do segundo tempo, o Brasil só dispôs de dez homens em jogo: o pontadireita Maneca contundiu-se na coxa direita, passando a fazer número em campo, o que não o impediu de marcar, mesmo capengando, o sexto gol brasileiro (Maneca não pôde mais participar do resto do certame e foi substituído por Friaça). Uma curiosidade: foi nesse jogo Brasil x Suécia que a administração do estádio do Maracanã movimentou, pela primeira vez, uma equipe de gandulas. A idéia foi adotada definitivamente, para evitar que bolas fossem lançadas de propósito no fosso das gerais para ganhar tempo, como se dera uma semana antes, na partida Espanha x Inglaterra.

No mesmo dia, no Pacaembu, debaixo de chuva, o Uruguai lutava contra a Espanha. “Afinal, foi nossa partida mais difícil”, lembraria Schiaffino.<sup>[6]</sup> Ao fechar a primeira etapa, a Espanha vencia por 2

a 1 – o gol uruguaio marcado aos 39 minutos pelo ponta-direita Ghiggia e similar ao que iria derrotar o Brasil em 16 de julho: em uma escapada pela direita e com um chute rasteiro e quase sem ângulo entre o goleiro Ramallets e a trave esquerda. A custo, o capitão Obdulio Varela, considerado a “alma” da Celeste – que defendia desde 1939 – e sempre empurrando os companheiros ao ataque, como fez em toda a Copa, conseguiu empatar a partida aos 27 minutos do segundo tempo, com um chute de fora da área – ele que nunca atirava em gol. Combatendo seu primeiro adversário difícil no torneio (só tinha jogado com o Paraguai, nas eliminatórias, e com a Bolívia nas semifinais), a invicta campeã mundial de 30 saía-se sofrivelmente com um empate de 2 a 2, atuando com quase a mesma equipe que jogaria em 16 de julho, à exceção de Gambetta e Morán, aqui substituídos por Juan Carlos González e Vidal, este o titular da ponta-esquerda.

Encerrada a primeira rodada, o Brasil, com o marcador de 7 a 1 sobre os suecos, confirmava a partir de agora seu total favoritismo: estava com zero pontos perdidos, enquanto Uruguai e Espanha vinham atrás, com um ponto cada, e Suécia em terceiro, com dois pontos.

Na manhã do dia seguinte, segunda, 10 de julho, a delegação brasileira assistiu à missa de ação de graças pela vitória, na igreja São Francisco de Paula, e, na noite do mesmo dia, Flávio Costa, argumentando que os jogadores estavam sendo perturbados por muita gente que ia à concentração no Joá celebrar a vitória, decidiu transferir novamente os jogadores para o Estádio de São Januário – episódio que mais tarde viria a ser bastante discutido.<sup>[7]</sup> Naturalmente, jamais lhe passaria pela cabeça alterar a equipe: apenas precisou substituir Maneca por Friaça, na ponta-direita, para enfrentar a segunda e penúltima rodada das finais – agora contra a *Furia* espanhola de Ramallets, Zarra, Panizo e Gainza, que atravessara invicta as semifinais, tendo inclusive alijado a Inglaterra da competição.

Mas ninguém, nem mesmo Flávio Costa, podia imaginar que a tarde de quinta-feira, 13 de julho de 1950, ficaria marcada como uma das datas mais festivas do futebol brasileiro em todos os tempos. Por mais elaborada, nenhuma descrição literária poderá expressar, vaga que seja, a magia daquele momento extraordinário e imortal. Nessa tarde, a Seleção Brasileira veio realmente a superar-se, aniquilando a Espanha por nada menos do que 6 a 1. Repetia a goleada contra a Suécia e promovia aquilo que, na memória nacional, eternizou-se por suas proporções verdadeiramente “apoteóticas”: sem dúvida, um dos maiores espetáculos que o colosso do Maracanã, ainda tão jovem, viria a oferecer ao longo de sua história. Ou, muito mais do que isso, uma das grandes manifestações de júbilo coletivo já presenciada nos anais de qualquer esporte.

Mesmo sendo meio de semana, centenas de torcedores de várias partes do país dirigiram-se ao Rio, de avião e de trem. Oficialmente, 152.772 pessoas compraram ingresso para o jogo, atingindo a renda de Cr\$ 5.682.624,00. Só que parte da muralha externa foi derrubada e muita gente invadiu o estádio, ante uma notícia falsa vinculada às 12h55min pelo *Repórter Esso*, da Rádio Nacional, segundo a qual 15 mil ingressos adicionais seriam postos à venda nas bilheteria (no tumulto, uma pessoa morreu e 264 ficaram feridas). Na verdade, o Maracanã já estava quase superlotado desde o meio-dia, pois foi decretado ponto-facultativo nas repartições após as 12 horas e o comércio fechou. Foi como se a nação houvesse

parado para acompanhar a Seleção em sua batalha contra o adversário tido por todos, sem exceção, como o mais difícil das finais, tanto que alijara o *English Team* da competição. Brasil e Espanha haviam se enfrentado apenas uma vez, num amistoso em 27 de maio de 1934, em Gênova, e os espanhóis venceram por 3 a 1. Agora, a *Fúria* apresentava-se com um ataque vigoroso e um goleiro, Ramallets, que terminaria eleito pela imprensa estrangeira o melhor do campeonato. Formou com: Ramallets; Alonso e Gonzalvo II; Gonzalvo III, Parra e Puchades; Basora, Igoa, Zarra, Panizo e Gainza.

Mas o desempenho da Seleção de Flávio Costa mostrou-se irresistível. Três gols foram marcados na primeira fase – Ademir aos 15 minutos (gol este que algumas fontes erroneamente consideram contra, pois a bola resvalou em Parra antes de entrar na meta), Jair aos 22 e Chico aos 31 – e mais três na segunda – novamente Chico, aos 11 minutos, novamente Ademir, logo a seguir, aos 12 (foi o nono de Ademir no certame e aquele com que alcançou o recorde, até hoje mantido de maior goleador brasileiro em Mundiais), e, por fim, Zizinho, aos 23. Após o terceiro gol, aos 31 minutos da primeira etapa, iniciou-se a manifestação da torcida que acabou se transformando na marca registrada dessa partida arbitrada pelo inglês Ronald Leaf: o estádio inteiro acenando com lenços brancos – o adeus da vitória aos espanhóis –, que reapareciam após o gol de Zizinho (sim, em 1950 todos os homens usavam lenço). Além do *show* dos lenços que se agitavam, centenas de fogos explodiam, balões verde-amarelos subiam, bandeiras moviam-se, o povo cantava a versão brasileira de *Cielito Lindo*. O Maracanã parecia estremecer em uma efusão coletiva, que atingiria o apogeu após o quarto gol, marcado por Chico aos 11 minutos da segunda etapa: impelido pelos gritos de “olé” da multidão, um grupo começou a cantar a marcha carnavalesca *Touradas em Madri* (composta por Alberto Ribeiro e João de Barro, o Braguinha, 43 anos – presente ao estádio – e gravado em novembro de 1937 por Almirante). De imediato, todo o Maracanã passou a fazer o mesmo, em coro de mais de 150 mil vozes, puxadas pela *Charanga do Flamengo*, de Jaime de Carvalho, eleito pela loja Dragão dos Tecidos o chefe da torcida organizada brasileira:

“Eu fui às touradas de Madri / E quase não volto mais aqui / Para ver Peri, beijar Ceci / Eu conheci uma espanhola / Natural da Catalunha / Queria que eu tocasse castanholas / E pegasse um touro a unha / Caramba, caracoles / Sou do samba, não me amoles / Pro Brasil eu vou partir / Isso é conversa mole / Para boi dormir / (Pa ra ra tchim bum, bum, bum)”.

Segundo João Máximo, “a multidão prolongava de tal forma o *u* de *Catalunha* e *unha* que se tinha impressão de que um vento forte soprava sonoramente das arquibancadas, das gerais, das cadeiras cativas”.<sup>[8]</sup> Em *A Canção no Tempo*, Jairo Severiano e Zuzana Homem de Mello observam que “o espetáculo, que se supunha apenas futebolístico, transformou-se em uma das maiores demonstrações de canto coletivo de que se tem notícia até hoje: era como se o coro dos torcedores atuasse em contraponto às jogadas dos craques brasileiros, as duas coisas se complementando”.<sup>[9]</sup> O único momento de inquietude foi quando Chico, logo após assinalar seu primeiro gol, aos 31 minutos do primeiro tempo, levou no rosto fragmentos de um foguete vindo das arquibancadas e, estonteado, teve de ser socorrido fora de campo. O gol espanhol, marcado por Igoa aos 26 minutos da segunda etapa e último da partida,

não passava de simples consolação que a torcida brasileira, educada e despreocupadamente, aplaudiu.

Zizinho, em particular, teve nessa tarde o apogeu da glória de sua carreira. Após vê-lo nesse jogo, Willy Meisl escreveu no *World Sports* de Londres: “Não se trata de apenas um craque, de um dos muitos craques que andam espalhados nas diversas partes do mundo. Este é um gênio. Um homem que possui todas as qualidades que podem ser idealizadas para um profissional chegar o mais próximo da perfeição”.<sup>[10]</sup> No *Gazetta Dello Sport*, de Milão, Giordano Fattori concordava: “No jogo Brasil x Espanha viu-se de tudo o que se poderia imaginar teoricamente em futebol. Houve ciência, arte, balé, e até jogadas de circo. Mas, entre todos os onze jogadores dessa equipe mágica do Brasil, um estava em relevo. Era Zizinho, o mestre da esquadra. Seu futebol fazia recordar Leonardo Da Vinci pintando alguma coisa rara. Um Da Vinci criando obras-primas com os pés na imensa tela do gramado do Maracanã”.<sup>[11]</sup>

Com elogios inflamados e figuras de retórica exuberantes, muitas testemunhas desse jogo, por sinal, curiosamente o evocaram por um prisma de estesia, de contemplação estética. “O futebol é um ofício rude, distante dos cenários literários e dos círculos artísticos” – escreveu o jornalista argentino José Maria Navasal. “Mas, jogado como o fizeram naquela tarde os integrantes da equipe brasileira, adquire facetas de obras de arte. Um pouco de balé e outro tanto de artes plásticas. Porque qualquer atividade se transforma em artística quando alcança um nível próximo à perfeição. E o que fizeram naquela tarde os brasileiros esteve muito próximo de ser perfeito.”<sup>[12]</sup> No Chile, o jornalista Pepe Nava acrescentou: “Onze homens, fundidos em um instrumento futebolístico perfeito, exibindo sobre a grama verde todos os atrativos que o futebol pode ter quando seus cultores atingiram o máximo nível de eficiência. Entre os monumentos do Brasil moderno, junto ao Cristo Redentor e aos arranha-céus de Copacabana, deve-se colocar essa máquina esportiva construída por Flávio Costa”.<sup>[13]</sup>

Ary Barroso, também famoso como cronista e locutor de futebol, chegou a conceber assim o escrete de 50: “Vou descrever um ataque brasileiro. A música é lenta e suave. Danilo está com a pelota. Ligeira variação. Passa a Bigode, e a melodia vai num crescendo violento. A técnica de Danilo lembra Chopin, manso, doce, inspirado. Bigode é a selvagem poesia nacional de Villa-Lobos. Jair é Wagner, poderoso e dramático. Quando a bola está com Zizinho, é Mozart tecendo filigranas, mas, se entrega a Ademir.. Beethoven? Não, nem Listz, Strauss, Tchaikowsky ou Verdi. O futebol de Ademir é a música da terra, de ritmo marcante e beleza inconfundível. Que faz Ademir a caminho do arco, senão passes do mais puro samba, da mais brasileira das capoeiras, e, se dribla, é maxixe autêntico, é jongo, é o frevo de sua terra pernambucana. Um estrangeiro disse que o selecionado do Brasil é uma orquestra sinfônica afinada. Acrescente-se que, sob a batuta de Ademir, é uma orquestra tocando em ritmo de samba”.<sup>[14]</sup>

Lembra Flávio Costa: “Brasil x Espanha foi a maior partida que se viu no Maracanã até hoje. O espetáculo mais lindo que pode haver: o povo dançava e cantava, e os jogadores pareciam jogar ao som dessa música”.<sup>[15]</sup> “Muitos ainda acham que aquela foi a maior atuação de uma Seleção Brasileira em toda a história do Maracanã. Lá no gramado, a bola, de pé em pé, submetia-se aos caprichos dos futuros campeões do mundo. Sim, porque naquele instante ninguém mais duvidava de que os brasileiros seriam os campeões do mundo.”<sup>[16]</sup>

O espetáculo proporcionado pelo Brasil a uma torcida já empolgada pela performance contra os suecos, e que foi para as ruas extravasar sua euforia, como se a taça já houvesse sido arrebatada, também contribuiu, e muito, para agravar o impacto da derrota, que viria a ocorrer somente três dias depois. Como disse Mário Filho, “os brasileiros não admitiam que algum time algum dia pudesse jogar mais do que o escrete nacional jogou contra a Espanha.” E concluiu: “Sem o Brasil x Espanha, aceitaríamos melhor o Brasil x Uruguai, inclusive como uma contingência”.[\[17\]](#) Tirar o título mundial, não daquela Seleção que havia jogado em 16 de julho – e jogado sem igual categoria –, mas da Seleção que exibira aquele futebol contra a Suécia e a Espanha (para não citar a Iugoslávia) parecia um contra-senso. Um aspecto ainda não mencionado na série de razões que dramatizaram a derrota diz respeito à exigüidade de tempo em que tudo se processou: os grandes festejos das vitórias sobre a Suécia (7 a 1) e Espanha (6 a 1) – os maiores resultados jamais alcançados por uma Seleção Brasileira em Copas do Mundo[\[18\]](#) – e a “tragédia de 16 de julho” transcorreram em apenas uma semana, reviravolta demasiado rápida para ser suportada friamente e demasiado absurda para ser admitida pela lógica mais elementar.

O campeonato mundial mostrava-se assegurado por uma conjugação de forças: não era tão somente o desempenho do Brasil dentro do gramado, mas também a manifestação da torcida reunida em um estádio de proporções até então desconhecidas. Somadas, as duas coisas como que detonavam uma energia contra a qual ninguém podia oferecer resistência: a bola parecia ser impelida para o gol adversário tanto pelos jogadores como pelo som retumbante da multidão. Dentro desse cadinho, nenhuma equipe de futebol teria condições de fazer face ao Brasil – eis a simples dedução tirada do espetáculo em cena. As dimensões e a forma arquitetônica do Maracanã, uma novidade para todos, configurava-se uma armadilha fatal para os que o desafiassem. Com efeito, a Seleção Brasileira, nesse grandioso estádio, ainda não havia perdido ou empatado um só jogo: o Maracanã atemorizava o adversário, impunha-lhe respeito e submissão. O caso da própria Espanha, de acordo com seu zagueiro direito Gabriel Alonso: “Sabíamos antes de entrar em campo que íamos enfrentar homens divinos que haviam erguido aquele monumento ao futebol”.[\[19\]](#)

Simultaneamente, no Pacaembu, desdobrava-se a Seleção Uruguaia para enfrentar os suecos, mal saídos de uma acachapante derrota contra os brasileiros. Jogando praticamente com o mesmo time de 16 de julho, apenas com Paz no lugar de Máspoli e Vidal no de Morán, a Celeste sofreu um gol logo aos cinco minutos e ficou inferiorizada no marcador até os 40. Ghiggia empatou, mas somente um minuto depois a Suécia fechava a primeira etapa com seu segundo gol. Tal como no jogo com a Espanha, os uruguaios iniciaram o tempo complementar perdendo por 2 a 1, resultado que perdurou até quase o final da partida. Míguez, todavia, voltou a empatar, aos 31 minutos, e a situação parecia definida quando o mesmo centroavante uruguaio, cinco minutos antes de acabar o jogo, fez o terceiro gol da Celeste, enquanto, no Maracanã, o Brasil já vencia a Espanha por 6 a 1. Em certo sentido, como vimos, a Celeste ficaria devendo grande parte do título de 50 ao último gol de Míguez contra os suecos: se aquela partida terminasse empatada, depois de vencer o Brasil no Maracanã o Uruguai ainda assim não seria campeão do mundo, já que, pelo regulamento, os dois países, igualados em pontos ganhos (quatro cada um),

deveriam disputar um jogo-desempate. O gol de Míguez tornou a situação menos difícil para os uruguaios: embora com um ponto de desvantagem, a vitória sobre o Brasil passou a ser suficiente.

Três dias depois, domingo, 16 de julho, registrava a última rodada. O mero sorteio da seqüência das finais acabou coincidindo com a importância dos jogos: no Maracanã, dois países sul-americanos decidiriam o campeonato; no Pacaembu, dois países europeus iriam disputar o terceiro lugar.

---

[1]. Brian Glanville, op. cit.

[2]. Brian Glanville, *ibid.* Em termos de viagem, ainda aqui o Uruguai levou vantagem nas semifinais: jogou uma única vez, em Belo Horizonte, ao passo que o Brasil jogou duas no Rio e uma em São Paulo. A crítica de Glanville, porém, não é válida quanto à Espanha e à Suécia, pois ambas tiveram roteiro similar ao do Brasil (jogaram cada uma duas vezes no Rio e uma em Curitiba).

[3]. Brian Glanville, *ibid.*

[4]. Mr. Arthur Ellis foi vaiado com razão pela torcida ao marcar pênalti de Bigode sobre Palmer: o lance foi filmado e vê-se que o meia-direita sueco estava fora da grande área. Mr. Ellis veio a ser um dos bandeirinhas da partida Brasil x Uruguai. Mais tarde, o mesmo Mr. Ellis seria “queimado como Judas” nas ruas por ter apitado o jogo que desclassificou o Brasil na Copa de 54, da Suíça, a chamada “batalha de Berna”, contra a Hungria, em 27 de junho de 1954. Dizia-se na imprensa que facilitara a vitória húngara marcando dois gols em impedimento e um pênalti inexistente, além de expulsar dois jogadores brasileiros. Na ocasião, a crônica internacional, contudo, considerou sua atuação correta.

[5]. O goleiro Svensson e o meia-esquerda Skoglund iriam jogar na seleção sueca que perdeu por 5 a 2 para o Brasil na decisão da Copa de 58. O zagueiro-esquerdo Erik Nilsson, como foi dito, é o único jogador da história das Copas, juntamente com o suíço Alfred Bickel, a ter participado de Mundiais antes e depois da II guerra: na Copa da França, em 38, havia inclusive jogado contra o Brasil, na única partida anterior entre os dois países (em 19 de junho, vitória brasileira por 4 a 2).

[6]. Schiaffino, *El Gráfico y el Mundial*, nº 4, Buenos Aires, agosto de 1977.

[7]. Ver Capítulo 7.

[8]. João Máximo, op. cit.

[9]. Jairo Severiano e Zuza Homem de Mello, *A Canção no Tempo*, op. cit.

[10]. Willy Meisl, *World Sports*, Londres, 15 de julho de 1950.

[11]. Giordano Fattori, *Gazetta Dello Sport*, Milão, 14 de julho de 1950. A imprensa internacional destacava ainda o trio central atacante – Zizinho, Ademir e Jair – como o melhor da Copa, por sua arte e poderio.

[12]. José Maria Navasal, citado por *Jornal dos Sports*, 17 de junho de 1970.

[13]. Pepe Nava, *ibid.*

[14]. Segundo o jornalista francês Jean Eskenazi, citado por Arno Vogel, op. cit.

[15]. Flávio Costa, *Grandes Momentos do Esporte*, TV Cultura, Rio, 26 de março de 1994.

[16]. João Máximo, op. cit.

[17]. Mário Filho, *Manchete Esportiva*, 12 de abril de 1958.

[18]. Com 22 gols assinalados em seis jogos, o escrete brasileiro de 50 também é o que maior número de gols marcou em Mundiais, incluindo o time campeão de 1970 (19 gols em seis jogos). No *ranking* internacional, a Seleção de 50 detém o terceiro lugar em média de gols na história das Copas (3,66), perdendo somente para a Hungria de 1954 (27 gols em cinco jogos; média: 5,4) e a França de 1958 (23 gols em seis jogos; média: 3,83).

[19]. Gabriel Alonso, *Correio da Manhã*, 14 de julho de 1950. As estatísticas – como veremos adiante – confirmam o poderio do Maracanã como fator de intimidação: nas cem partidas até hoje disputadas no estádio, a Seleção Brasileira perdeu apenas sete vezes.

## O TRIUNFO POR ANTECIPAÇÃO

Em contraste com o inexpressivo rendimento do Uruguai nas finais da Copa de 50 (um empate e uma vitória difícil), a campanha da Seleção Brasileira, que chegou a marcar 13 gols em apenas duas partidas, fazia logicamente prever o que iria se passar no Maracanã no domingo, 16 de julho de 1950, último dia do certame. Não era uma Final de Copa, como vimos, mas, pelas circunstâncias do acaso, a partida decidia o Mundial. O Brasil achava-se em situação privilegiada, exatamente inversa à que enfrentou em 1º de julho, quando precisava derrotar a Iugoslávia para classificar-se às finais: tinha agora o benefício do empate, e aos uruguaios, com um ponto perdido, não interessava outro resultado que não fosse a vitória.

Vinha de longe a rivalidade entre os dois países, e as estatísticas não favoreciam demais o Brasil em seu histórico com o Uruguai: nas 30 vezes em que ambos se defrontaram antes da Copa, desde 1916, havia vencido 13 partidas, perdido onze e empatado seis. É certo, porém, que no então recente Sul-Americano de 1949, disputado no Brasil, tinha goleado a Celeste por 5 a 1.<sup>[1]</sup> E acabara de ganhar duas vezes dos uruguaios, apenas dois meses antes, conquistando a Copa Rio Branco.<sup>[2]</sup> Naquela ocasião, o escrete de Flávio Costa, concentrado em São Januário, tomou o certame contra o Uruguai (que já se classificara, apesar de ter perdido para o Paraguai nas eliminatórias) como mero treino preparatório para a Jules Rimet, e sua base era a mesma do Mundial: nas três partidas da Rio Branco, jogaram todos aqueles que vestiriam a camisa da seleção na tarde de 16 de julho, exceto Augusto e Bauer, o mesmo se dando com os uruguaios, com exclusão de Morán.

Mas é verdade também que essa familiaridade constituía um risco não devidamente considerado na época: uma coisa era surpreender adversários como México, Iugoslávia, Suécia, Espanha, por melhores que fossem, com um futebol que desconheciam; outra, bem diferente, era deparar com uma seleção que já sabia o que a aguardava, na estratégia e no talento individual dos craques brasileiros. O goleiro Máspoli foi incisivo quanto a isso: “Pouco antes da Copa, em maio, jogamos três vezes com o Brasil. Embora eles vencessem o torneio, nós tiramos experiência daquelas partidas. Quer dizer, sabíamos intimamente que os brasileiros não iam nos arrasar no Maracanã. Teriam de lutar muito para nos ganhar. Não estávamos tremendo. Estávamos muito controlados e comedidos. Conhecíamos demasiado o Brasil. Se não tivesse havido aquela Copa Rio Branco, aí sim, não ganharíamos nunca”.<sup>[3]</sup>

Na euforia que se seguiu à goleada contra os espanhóis, esquecia-se a derrota que, na mesma Copa Rio Branco, a Celeste infligiu aos brasileiros em 6 de maio de 50, por 4 a 3, no Pacaembu – quando atuaram cinco dos jogadores brasileiros e sete dos uruguaios que jogariam em 16 de julho.<sup>[4]</sup> Na ocasião, advertiu Olympicus no *Jornal dos Sports*: “Que nossos craques aceitem bem esse castigo e essa lição para tirarem bom proveito, e que não caiam novamente no erro de perdoar a fraqueza do

adversário, de se julgarem vencedores da partida só porque fizeram um bonito gol de saída! Não, meus amigos: com essa mentalidade não poderemos vencer o Campeonato do Mundo!” Mas quase ninguém levava em conta os riscos de se subestimar o Uruguai, e poucos consideravam ainda a invencibilidade da Celeste nos três torneios internacionais de que participara até então. Um dos que mais se mostravam preocupados era o próprio técnico Flávio Costa. Tal como no Mundial, sua Seleção tinha cumprido uma campanha privilegiada no Sul-Americano de 1949, vencendo cinco dos sete competidores com goleadas iguais ou superiores às das finais da Copa[5], até que, no último jogo, viu-se inesperadamente derrotada pelo Paraguai por 2 a 1. Como o Brasil acabou ganhando o jogo-desempate, e por goleada de 7 a 0, a lição ficou esquecida – menos para o técnico. Antes da Copa, ele já alertava: “Os brasileiros não são favoritos. É grande a responsabilidade do nosso país. Os nossos mais sérios adversários acham-se bem preparados”. [6] E mais ainda, às vésperas do jogo final: “O time uruguaio tem sempre atrapalhado o sossego dos brasileiros. Tenho medo de que meus jogadores entrem em campo, domingo, como se já tivessem a faixa de campeões sobre os ombros. Este não será um jogo de exibição. Será uma partida como outra qualquer, somente um pouco mais dura”. [7] No sábado, dia 15 de julho, Flávio Costa declarou a *O Globo*: “A Suécia foi um competidor de respeito. A Espanha, terrível. Mas o Uruguai é o maior obstáculo à conquista do título. Estou absolutamente convencido de que, para vencermos amanhã, necessário se torna que encaremos os orientais como temos feito até aqui: capazes por todos os títulos de explorar qualquer falha nossa, qualquer descuido, que pode assim se tornar fatal”. [8] Recorde-se que, desde 1944, quando assumiu o comando da Seleção, Flávio havia enfrentado quatorze vezes a Celeste, das quais venceu oito, perdeu três e empatou três.

As preocupações de Flávio Costa, à luz da posteridade, devem desagrar o técnico quanto ao clima de favoritismo que se instalou no país entre 13 e 16 de julho. Além dele, poucas vozes alertavam para a hipótese de uma surpresa. No dia 14, *O Globo* ponderava: “Bastará o empate para dar aos nacionais a grande consagração, mas todo o país anseia pela repetição das vitórias sensacionais do turno finalista. Os uruguaio, nossos mais valorosos e árduos adversários do continente, pisarão a cancha convictos de que, com seu grande espírito de luta, sua agressividade tremenda e a boa classe de seu *football*, poderão embargar a série de triunfos espetaculares dos *scratchmen* brasileiros. É por conhecermos muito bem os orientais que não devemos facilitar, não devemos subestimar os resultados que os mesmos tiveram nos *matches* contra os espanhóis e os suecos como um indício de decadência de seu futebol ou da mediocridade do *scratch* que participa da Copa do Mundo. Os uruguaio são adversários perigosos que teremos de respeitar e não dar nenhum quartel”. [9] Avisava também *O Estado de S. Paulo* em 16 de julho: “Os 7 a 1 contra a Suécia e os 6 a 1 contra a Espanha não dão margem a que os brasileiros duvidem do êxito de seus jogadores. Mas a confiança excessiva é, sob todo ponto de vista, prejudicial. Esperamos que Bauer e seus companheiros se compenetrem de que o jogo se decide no campo e não nas arquibancadas e nas gerais. E convenhamos que o quadro oriental não pode ser menosprezado”. [10] Na manhã do jogo, o *Jornal dos Sports* pedia cautela: “A Seleção Brasileira está jogando de forma realmente magnífica. É a favorita unânime de todos os críticos estrangeiros aqui

presentes. No entanto, conhecemos bem o valor da equipe Celeste. Os resultados por ela obtidos contra a Espanha e a Suécia pouco ou nada significam. Os uruguaiois sempre foram assim. Quando menos se espera, jogam com um ‘sangue’ extraordinário, e muitas vezes transformam em vitória aquilo que todos julgavam ser uma pesada derrota”. Supersticiosos também faziam as contas: somando os sete gols marcados contra a Suécia e os seis contra a Espanha, o resultado não era bom presságio.

Porém, por mais prudentes que fossem tais advertências, a grande maioria deixou-se capturar pelo entusiasmo que se alastrava à medida que a hora da partida ia se aproximando. O mesmo *O Globo*, cauteloso na véspera, já no dia 15 mostrava-se enfático: “A postos para a última batalha! O que todos querem, agora, é o título de Campeão Mundial de Futebol para o Brasil, um título que aumentará o prestígio de nossa terra em todo o mundo. Portanto, a postos, jogadores, para o último encontro, para a conquista do título máximo! Queremos a vitória, só a vitória, nada mais do que a vitória! Esse ambiente de euforia vai por todos os lados da cidade, nas ruas, nas casas, nos locais de trabalho”.<sup>[11]</sup> Sob o título “Uma vitória ainda maior é o que todos desejam!”, o jornal entrevistava torcedores que tinham passado a noite de 14 para 15 nas filas de ingressos, no Teatro Municipal e no Teatro Carlos Gomes do Rio: “O goiano Amélio Napoleão, vindo ao Rio só para ver o jogo, diz que ‘jogando como atualmente, nosso quadro não perde para ninguém’. E Ina Ferreira: ‘Dos uruguaiois ganharemos de 3 a 0, pelo menos’”<sup>[12]</sup>. Esse ímpeto de festejar o título *a priori* foi observado pelo jornalista uruguaio Juan Carlos Urta Melián, de *El Pais*: “A certeza do povo brasileiro sobre o triunfo da equipe nacional é absoluta. Falar de uma possível derrota corresponde a admitir um absurdo”.

A *Gazeta Esportiva* de São Paulo, em 15 de julho, profetizava em manchete de primeira página: “Amanhã venceremos o Uruguai!”.<sup>[13]</sup> No mesmo dia, o *Diário Carioca* era taxativo: “Se os brasileiros jogarem como das outras vezes, não há dúvida, o Uruguai também será goleado. Convém não subestimar o valor do adversário. Mas também não é possível esconder o fato indiscutível: o futebol mundial tem novo senhor – chama-se Brasil o novo astro-rei do futebol. Amanhã, 200 mil pessoas assistirão à sua consagração”.<sup>[14]</sup>

No dia do jogo, o mesmo jornal arrematava: “Os brasileiros prometem arrasar a Celeste. Todos são unânimes em acreditar na vitória”.<sup>[15]</sup> Igual convicção refletia-se no *Diário de Notícias* do Rio, na manhã da partida: “Há na cidade um otimismo completo. Não há dúvida de que esse otimismo é justificável”. E o jornal incluía informes da imprensa estrangeira igualmente peremptórios, como o de *Il Messaggero*, de Roma: “Não pode mais subsistir qualquer dúvida a respeito da vitória final do torneio”. Araújo Neto, na *Tribuna da Imprensa*, arrematava: “Levemos os lenços, os sambas, vozes esganiçadas para povoar o Maracanã. E, antecipadamente, guardemos a folhinha de amanhã, domingo, 16 de julho de 1950, dia de Nossa Senhora do Carmo. O dia que futuramente deverá ser também o do Brasil, Campeão Mundial de *Football!*”<sup>[16]</sup>

O capitão uruguaio Obdulio Varela diz que, pouco antes do jogo, um dirigente da delegação, Juan Jacobo, lembrando as goleadas do Brasil, chegou para o centroavante Míguez e ponderou: “Olha, o principal é que essa gente não nos faça seis gols. Com quatro, está tudo bem, já nos damos por

satisfeitos”. Lembra Obdulio que, “já no vestiário, antes de sairmos para o campo, as instruções eram: ‘Agüentem firme! Já estamos satisfeitos em jogar a partida decisiva!’ ”[17] Com efeito, como disse Julio Pérez: “Todos os uruguaiois estavam pessimistas. Torcida, dirigentes e imprensa. Só havia confiança entre os jogadores”.

Hospedados desde a manhã do dia 14 no Hotel Payssandu, no Flamengo, os uruguaiois não podiam alhear-se à atmosfera geral. Segundo Radamés Mancuso, “todos meditavam e, sem exagero, as conclusões eram, na maioria dos casos, desesperadoras, pois não havia jornal ou revista no mundo inteiro que não tivesse já pronto o título ‘Brasil Campeão do Mundo!’ ”.[18] Geraldo Romualdo da Silva, que foi à concentração uruguaia na véspera do jogo, lembra que “o ambiente era quieto como se não houvesse viva alma” e “ninguém se aventurava em apostar na surpresa, qualquer que fosse”: “Depois daquelas estrepitosas goleadas do Brasil, a sensação que todos tinham, dirigentes e jogadores, era única – segurar bem o jogo até o último instante. O empate não prestava, mas salvava-se a honra da nação estremecida”. [19]

Se não era aconselhável subestimar o adversário, pior foi mexer com seus brios. Isso aconteceu quando, na manhã de sábado, dia 15, o jornal *O Mundo* distribuiu nas bancas seus exemplares com uma foto de primeira página dos jogadores brasileiros perfilados, abaixo do título em oito colunas: “Estes são campeões do mundo!” [20] Em depoimento ao autor, o jornalista Canôr Simões Coelho, então redator de *O Mundo*, conta que fora a São Januário, na concentração brasileira, recomendando que aguardassem sua volta para dar título à sua matéria: “Mas o secretário do jornal, Paulo Silveira, resolveu soltar a edição com aquele título. Os exemplares foram, mais tarde, retirados das bancas. Todavia, os uruguaiois conseguiram levar alguns exemplares para Montevidéu e os jornais de lá os exibiram em grande estilo”. Foi o bastante para incomodar o moral uruguaio, até por razões históricas, ou místicas.

Historicamente, segundo alguns, o país teria suas boas razões para medir forças com o Brasil: antes da independência do Uruguai, em 1828, este foi durante cinco anos uma mera possessão do império brasileiro, a Província Cisplatina, libertando-se à custa de muitas batalhas. Outros acham que um país tão pequeno, por ter ainda menos heróis e glórias do que o Brasil, encontrou quase exclusivamente no futebol uma grande oportunidade de afirmação nacional. Criou-se até a mística da “Celeste Olímpica”: os jogadores do Uruguai trazem no peito o azul heróico de inúmeras glórias. Segundo a mística, esses jogadores crescem tanto, envergando a Celeste, que se diria que sua camisa tem tanto valor quanto tinha para Davi sua funda contra Golias. Observando que, “porque somos muito pobres”, no Uruguai ninguém joga por dinheiro, mas por amor à camisa, o goleiro Máspoli afirma: “Somos um povo muito atrevido. O Uruguai se sente sempre muito ‘ele’. Não concebe que se adiantem a ele por qualquer maneira. Somos um paisinho, mas falamos aos demais com muita firmeza. Somos audazes – essa é a nossa mística. O que esses triunfos de 50 deixam de bom é que cada jogador que vai para a seleção tem a obrigação de não deixar mal os antecessores. Eles têm que defender o que outros já conseguiram. Cada um que veste a camiseta celeste a põe como uma coisa sagrada, como um brasão que nos permite às vezes conseguir triunfos que nos parecem vedados”. [21] O ponta-direita Ghiggia acrescenta: “No Uruguai, muita gente

acredita que os jogadores, ao vestirem a Celeste, se superam e viram leões em campo. O que realmente ocorre é que há jogadores que se apresentam melhor quando a torcida está do outro lado. Jogam como se estivessem com raiva. É por isso que os uruguaios acreditam na Celeste”.<sup>[22]</sup> Falando de 50, Obdulio Varela reitera: “Tínhamos que respeitar e defender uma herança fabulosa. Se neste país, o Uruguai, não houvesse existido aqueles fenômenos do futebol que fizeram o que fizeram em 1924, 1928 e 1930, talvez o Maracanã não tivesse sido o que foi. A memória gloriosa e permanente daquelas façanhas obrigava na moral e no futebol a dar tudo – e assim se fez, apenas isso”.<sup>[23]</sup>

Segundo João Máximo, para compreender a crença do uruguaio na força mágica de sua camisa é preciso, antes, conhecer um pouco da história do futebol uruguaio: “Esse esporte, lá, sempre foi uma paixão popular e um fenômeno social assentados em bases muito próprias. Diferentes, por exemplo, daquelas em que se fundamentou o futebol brasileiro. Enquanto no Brasil as primeiras partidas, os primeiros clubes e os primeiros campeonatos foram organizados por jovens de uma classe média alta, grande parte deles com dinheiro o bastante para estudar na Europa e de lá trazer a grande novidade que os ingleses haviam inventado, no Uruguai o futebol não começou como forma de lazer dos bem-nascidos e sim como um instrumento que os estrangeiros, donos de indústrias ou administradores de grandes propriedades rurais, usavam para adaptar o homem do povo às suas regras e interesses. (...) Os primeiros praticantes do esporte, ali introduzido por volta de 1880, eram o operário de fábrica, o homem do campo, a gente dos bairros pobres, incluindo ex-escravos. Ingleses e alemães, que ali investiam seus capitais, tinham muita dificuldade em lidar com os uruguaios, latinos de sangue rebelde, negros orgulhosos, mestiços irascíveis. Os europeus tinham tanto receio de que os nativos se conscientizassem das más condições em que viviam, recebendo salários menos do que irrisórios – e de que, em função disso, se organizassem em grupos e pudessem rebelar-se –, que acabavam exercendo sobre seus empregados uma atenta vigilância. Procuravam controlar suas comunidades, *educar* convenientemente seus filhos e até dar-lhes, em forma de diversões, atividades alienantes. O futebol, por exemplo. Seja como for, estrangeiros e filhos de estrangeiros da classe patronal, homem do povo nascido e criado nos *arrabales* de Montevideú, o uruguaio tomou-se, desde cedo, por tal paixão pelo futebol que fez dele uma espécie de extensão de sua casa, seu bairro, sua pátria. ‘A Seleção nacional é a própria pátria’, dizia José Nazassi, capitão do time olímpico de 1924”.<sup>[24]</sup> Após jogar com os uruguaios na Copa de 54, o húngaro Kocsis declarou: “Não eram jogadores de futebol, mas soldados defendendo a pátria até a morte”.

Pois foi como soldados honrando a nação ultrajada que os jogadores da Celeste reagiram à manchete de *O Mundo*. Uma versão afirma que o cônsul honorário do Uruguai, Manuel Caballero, comprou mais de vinte exemplares daquele jornal que proclamava a conquista do título pelo Brasil e distribuiu-os pelas mesas onde a delegação almoçava, no Hotel Payssandu, véspera do jogo, dizendo: “Meus pêssames. Os senhores já estão vencidos!” De acordo com Geraldo Romualdo da Silva, “começou então a *discurseira*, as juras de amor à terra, e daí até a chegada ao Maracanã o desabafo foi um só: ‘Vamos a ganharles!’, ‘Nosotros somos mejores!’, ‘Arriba Uruguay!’, ‘A pelearlos, muchachos!’ ” Todos falavam baixo, de ouvido a ouvido, “como a lembrarem, uns aos outros, que a questão, o ponto de honra,

era um só: ‘ganar’, custasse o que custasse, mas ‘ganar’, com ‘la sangre’, custasse o que custasse, mas ‘ganar’!”[25] Outra versão diz ter sido Obdulio Varela quem comprou todos os exemplares de *O Mundo* em uma banca na esquina das ruas Paissandu e Barão do Flamengo e outros mais adiante, e, com as páginas da manchete, forrou os mictórios dos banheiros reservados aos jogadores no hotel, escrevendo a giz nos espelhos: ‘Pisen y orinen en el diario!’ Assim se fez: “Vários jogadores urinaram sobre a foto de *O Mundo*. Além do banheiro, as páginas mostrando o Brasil já campeão mundial estavam espalhadas por todos os cantos da concentração. *El Gran Capitán* Obdulio as havia distribuído com raiva, e em silêncio”. [26]

“Acho que essa é a maior arma que se pode dar ao adversário: dizer uma coisa dessas, na véspera de uma partida”, reconheceu Zizinho. “Penso que o jogador adversário vai se multiplicar para provar o contrário. E essas armas todas nós demos ao Uruguai.” [27] A inversão da ordem do rito, a proclamação da vitória antes da batalha, a posse de um título ao qual ainda não se tinha nenhum direito – isso era também uma falha de etiqueta: os uruguaios, hóspedes do Brasil, viram-se menosprezados pelo anfitrião. A empáfia, desrespeitosa, acabou sendo vingada. “O que nos fez perder a Jules Rimet foi termos vencido os uruguaios 48 horas antes da partida. Quando entramos em campo, não entramos para disputar, e sim para dar um recital de futebol” – escrevia o cronista Antonio Maria em 1958. [28]

A Seleção Brasileira achava-se de tal modo cotada para a vitória que isso redundou em um efeito reverso, em um fardo para a equipe. Que o Uruguai perdesse, tudo se explicava, mas nada havia a justificar sequer uma hipótese de derrota brasileira. O então presidente da CBD, Rivadávia Correia Meyer (na época, por doença, substituído interinamente por Mário Pollo), iria reconhecer esse triunfalismo em 1953, em declaração a jornalistas uruguaios: “Seria não dizer a verdade, ocultar nossos próprios sentimentos, se não disséssemos que os brasileiros foram ao Maracanã, no dia 16 de julho, totalmente convencidos de que ganharíamos do onze celeste por quatro ou cinco gols. A certeza dessa vitória se baseava nas atuações de cada contendor. O Brasil vencera brilhantemente todos os jogos, empatando um. O Uruguai, penosamente uns e empatado outro. O Brasil era todo harmonia, destreza e estado físico impecável. O Uruguai, um elenco só regular. Assistimos ao jogo desde o primeiro minuto com fé ilimitada. O gol demorou a chegar, mas chegou. Era o primeiro. Atrás, viriam os outros. Porém, ocorreu para nós o imprevisível”. [29]

Para alguns, foram as próprias goleadas contra suecos e espanhóis que dificultaram o encontro com os uruguaios, por gerar tal expectativa de vitória a qualquer preço: a imprensa e a torcida nada mais teriam feito do que aguardar aquilo a que já se haviam habituado. É o que deduz Geraldo Romualdo da Silva: “O Brasil tinha tudo a perder, o Uruguai, nada. Isso aumentou tremendamente a responsabilidade da Seleção Brasileira e deu ao Uruguai a grande vantagem de poder perder. Os brasileiros, ao contrário, não estavam preparados para a derrota, porque não podiam perder. Tudo o que parecia constituir vantagem para o Brasil transformou-se em *handicap* a favor dos uruguaios”. [30] É o que reconhece Flávio Costa: “A derrota para o Uruguai foi um acidente. Eles tinham um bom time, mas éramos melhores. O destino arrasou-nos, castigando-nos imerecidamente. Todos os jogadores procuraram

cumprir bem sua missão, mas muitos estavam envolvidos por fatores extracampo e não tinham condições emocionais para fugir ao clima que se criou em torno de 16 de julho. Não tínhamos preparo psicológico capaz de anular as influências de fora. Uma coisa foi decisiva: o ‘já ganhou’ da torcida, da imprensa, dos dirigentes”.[\[31\]](#)

Talvez a equipe brasileira e seus dirigentes estivessem em condições técnicas para ganhar a Copa de 50, mas é provável que ninguém esperasse por vitórias como as goleadas contra a Suécia e a Espanha nem estivesse psicologicamente prevenido para as conseqüências disso, como se a campanha houvesse passado das medidas previstas. Tanto assim que, a certa altura, a Seleção Brasileira já não mais sabia o que fazer perante tal agitação. Os jogadores iam ser marcas de refrigerante, cigarro, cerveja e outros produtos. “Houve muita festa antes do jogo da final”, lembra Zizinho. “Eu assinei mais de duas mil fotografias montadas com os dizeres ‘Brasil Campeão do Mundo’.”[\[32\]](#) Zizinho, e também Ademir, confirmam que, no dia 14, todos os jogadores ganharam de uma empresa de cinema permanentes para a sala do Cineac Trianon, no centro do Rio, com validade de cinco anos e uma frase datilografada: “Aos campeões do mundo de 1950”. Na sua autobiografia, Zizinho fala ainda de relógios de ouro que todo o time receberia depois da partida. Boatos diziam que os jogadores de defesa, quase sempre esquecidos, reivindicaram a divisão dos presentes por toda a equipe. “Dois atacantes – os nomes foram mantidos em segredo – não concordaram.”[\[33\]](#) “Um deles receberia o gelo dos companheiros e só pegaria na bola depois que o Uruguai empatou.”[\[34\]](#) O mesmo Zizinho se apressa em desmentir: “Inventaram uma briga com o Ademir, o Jair, o Danilo. Nós, da turma da Copa do Mundo, continuamos sempre juntos. Somos amigos até hoje. Amigos de sofrimento”.[\[35\]](#) Também corriam promessas de cargos políticos, como uma eleição garantida para vereador ao técnico Flávio Costa.[\[36\]](#)

O pleito de 3 de outubro, que apontaria o novo presidente da República, senadores, deputados e vereadores (como vimos, já haviam sido escolhidos três dos quatro candidatos ao Catete antes do início do Mundial), encontrou na movimentação da Copa uma chance rara de influência na opinião pública: não foi por acaso o fato de dois presidenciáveis, o brigadeiro Eduardo Gomes[\[37\]](#) e Cristiano Machado, terem dado início às suas campanhas exatamente em 25 de junho, dia seguinte à primeira partida do campeonato, e de Getúlio Vargas ter sido indicado pelo PTB em 16 de junho, dia da inauguração do Maracanã. Durante os jogos, folhetos de propaganda eleitoral choviam sobre a torcida, pedindo votos. E naturalmente essa agitação política foi envolvendo a Seleção Brasileira.

Nesse ponto, as controvérsias giram em torno da mudança da concentração brasileira, da Casa dos Arcos, no Joá, onde estava desde antes de iniciada a Copa, para o Estádio de São Januário, sede do Vasco da Gama, que a equipe de Flávio Costa passou a ocupar logo após a vitória sobre a Suécia, na noite de segunda, 10 de julho. Algumas versões garantem que uma romaria de políticos capaz de perturbar a tranqüilidade dos jogadores começou na volta a São Januário. Outras afirmam o oposto, como a de Flávio Costa: “Um dos fatores que me levou a ocupar o campo do Vasco foi o fato de que o presidente do clube, Otávio Menezes Póvoa, homem bem relacionado com os uruguaios, procurou colocar São Januário à disposição deles para treinarem – e o campo do Vasco era o único decente que

havia no Rio. Além disso, as noites no Joá estavam sendo perturbadas pelas pessoas que passavam, atiravam pedras, gritavam, iam cantar, fazer serenatas, essas coisas. Então, sem avisar a ninguém, eu me mudei para São Januário. E passamos uma noite tranqüila no dia 15. Tivemos uma manhã tranqüila no dia do jogo final”. [38] *O Globo*, na edição de 15 de julho, confirma: “São Januário está como isolado deste mundo. Nem mesmo na entrada do estádio, onde sempre se ajuntam garotos das redondezas para ouvir os *cracks*, há movimento. Em São Januário a atividade é absolutamente normal, como se nada tivesse acontecido de extraordinário há muitas e muitas semanas”. [39]

Os jogadores discordam. [40] Zizinho: “Não. Perdemos a Copa na mudança para São Januário. Estávamos numa casa muito tranqüila e, do dia em que fomos para São Januário em diante, a partida com o Uruguai passou a não existir. São Januário tornou-se a sede da política nacional. Aqueles que queriam um pouco de prestígio iam para lá. Houve uma invasão enorme. Era um tal de assinar autógrafos... Parecia que o jogo já tinha acabado”. [41] Ademir repete a história: “Em São Januário não havia o conforto que desfrutávamos no Joá. Foi um verdadeiro inferno. O Vasco tinha muitos sócios, que invadiram a concentração. Pior do que isso era o clima político que o Brasil vivia na época. Enquanto estávamos envolvidos nisso, os uruguaios estavam se preparando para a decisão. Na véspera do jogo, não tivemos tranqüilidade nem para treinar. Ficamos cansados e, o que é pior, diante de tal *discurseira*, que era dirigida aos ‘campeões do mundo’, ficamos acreditando piamente que nada poderia nos derrotar. Eu mesmo já me considerava campeão mundial. A maioria dos jogadores só conseguiu dormir por volta das 23 horas, quando um ligeiro burburinho ainda prejudicava as preces do Jair, que dividia o quarto comigo e Zizinho”. [42]

“Ali, no campo do Vasco, às seis da manhã ninguém conseguia dormir mais”, acrescenta Bigode. “Era um entra e sai bárbaro. E ali eu acho que nós perdemos o jogo.” [43] Conclui Barbosa: “Tiraram a gente do céu e nos colocaram no inferno. Lá no Joá era uma serenidade. Só descíamos na hora do jogo e queríamos vencer bem e rapidamente para voltar àquele ambiente de paz. Em São Januário era uma loucura. Mas sabe por que a seleção mudou de concentração? A imprensa começou a reclamar que São Conrado era longe. O Flávio Costa comprou a briga sozinho e foi voto vencido. Foi o pior que poderia nos ter acontecido. Nunca vi tanta gente como na véspera do jogo. De cinco em cinco minutos, vindo de toda a parte, paravam carros, caminhões e ônibus descarregando gente que queria autógrafos, felicitar antecipadamente os campeões do mundo ou só ficar nos olhando. Não tínhamos liberdade, nem tranqüilidade. A todos tínhamos que atender, ora conversando, ora assinando autógrafos. Cheguei a ficar com o braço direito dormente. Lembro bem que apareceu em São Januário um sujeito, na véspera do jogo, carregando um baú com 10 mil fotografias. Queria que nós as assinássemos para vendê-las depois. Quando soube, Flávio Costa pegou o baú e o jogou no meio da rua, expulsando o rapaz. Respirava-se em São Januário uma atmosfera pesada, mais parecendo um ambiente de festa popular do que um local de repouso. Toda hora apareciam políticos tentando se promover às nossas custas para ganhar votos. A nossa concentração se transformara mesmo num ponto de romaria, tal como sucede nos locais religiosos.” [44]

Seja como for, diz Friaça, “o clima era ruim: todos estavam ficando nervosos, explodia-se por qualquer razão”.<sup>[45]</sup> Exemplo disso foi um incidente ocorrido na véspera do jogo. Os jogadores casados tiveram a tarde livre para ficar com suas mulheres, depois de um almoço de confraternização, e Flávio Costa permitiu que Juvenal, solteiro, também saísse “para *fuçar*”, explicando-lhe: “Olha Juvenal, vou te dar a condição de casado”. Depois que o zagueiro retornou, atrasado e embriagado, o técnico veio a saber que Juvenal fora ao Dancing Avenida, um cabaré no centro do Rio. “Soube que Juvenal tinha dado um vexame no *dancing*”, diz Flávio. “Até vomitar, ele vomitou. Fiquei uma fera. Chamei o Oto Glória, que me auxiliava, e disse: ‘Não posso olhar nem a cara dele’. Pedi ao médico Amílcar Giffoni que o examinasse. Estava alcoolizado. Fiquei nervoso. Ele foi exemplado, da forma que um pai faz com um filho que erra.” O assunto parecia encerrado quando o técnico percebeu que Juvenal estava de malas prontas, tentando abandonar a concentração. “Perdi toda a confiança nele. Pensei em lançar Nena, mas ele estava machucado. Podia ter deslocado Noronha para a zaga central, pois ele sabia jogar ali. Se ao menos o Juvenal tivesse falhado contra a Espanha eu teria motivo para lançar o Noronha. Estou certo que, se tivesse feito isso, poderia ter mudado a rota do destino. Mas precisei impedir que Juvenal fosse embora, reconsiderar tudo e convencê-lo a ficar.”<sup>[46]</sup>

Enquanto isso, no Hotel Payssandu, além de irritados com as manchetes que davam o título ao Brasil por antecipação, os uruguaios também se preocupavam com a comida, como lembra Máspoli: “Depois do jogo com o Brasil, os espanhóis se queixaram de que vários jogadores tinham se sentido mal, e deram a entender que haviam colocado algo em seu almoço. Não podia desconfiar do pessoal do Brasil, que se comportou conosco de modo maravilhoso, com um cavalheirismo único. Mas eu era goleiro e, numa dessas, uma falha minha custaria o campeonato. Na noite anterior ao jogo, não quis jantar no hotel com o resto do time e fui a uma churrascaria próxima com o Morán”.<sup>[47]</sup> O restante da delegação jantou no refeitório do hotel e os jogadores ficaram até as 22 horas conversando no *hall*. “O Julio Pérez era admirador de Zizinho, eu gostava do Ademir, o Paz (Anibal Paz, goleiro reserva) exaltava o chute do Jair”, recorda Máspoli. “Como mais velho, sentenciei: Schiaffino, Julito e Míguez são melhores.” O meia-direita Julio Pérez criticava: “Não adianta ter Zizinho e Ademir. Um time se compõe de onze jogadores. A defesa do Brasil não tinha a mesma qualidade do ataque. Isso o Obdulio Varela e o técnico Juan López haviam conversado conosco”. Segundo Schiaffino, “Obdulio lembrou que tínhamos de respeitar os brasileiros, mas não temê-los: afinal, havíamos jogado três vezes contra eles, dois meses antes, pela Copa Rio Branco. Vencemos uma vez e perdemos duas, sempre de forma apertada. Logo, não tínhamos o que temer.” O problema maior, conforme Máspoli, era manter a calma, sobretudo dos mais jovens: “Obdulio, eu e o Gambetta éramos os mais velhos. Morán, o mais novo. Tinha 19 anos, imagine! Procuramos envolver os mais novos naquela véspera de decisão, para controlar seus nervos. Conseguimos”.<sup>[48]</sup> A equipe encerrou a noite no hotel cantarolando músicas uruguaias.

A essa altura, véspera da partida, ninguém estava muito interessado em inteirar-se das notícias recém-chegadas da Coréia, dando conta do primeiro desembarque de forças da Marinha americana na costa oriental, sábado, dia 15, quando também as superfortalezas voadoras do general MacArthur

executaram o primeiro bombardeio no aeroporto ocupado de Seul, destruindo 30 tanques, 126 caminhões, 23 vagões e 22 veículos norte-coreanos. Enquanto já surgiam as primeiras vítimas americanas em campo de guerra, com vantagem para os comunistas, os centros de recrutamento do Exército e da Marinha nos EUA passavam a operar sete dias por semana, mas, de acordo com o comando do 5º Exército, “a campanha de alistamento voluntário é simplesmente desalentadora”.

Em contraste com a tensão internacional, os brasileiros desfrutavam de seu otimismo generalizado. Não era algo que se pudesse debitar à simples imprudência: a campanha descolorida e claudicante do Uruguai, com efeito, em nada parecia intimidar o futebol ostentado pelo Brasil. “Era o Maracanã, nosso campo, nossa terra”, disse Flávio Costa.<sup>[49]</sup> Senhora de si, tinha mais do que bons motivos a torcida brasileira para fruir da glória antes do tempo. Sua Seleção voltaria pela quinta vez ao maior estádio do mundo, cenário de memoráveis triunfos e que tanta apreensão motivava naqueles que ousassem desafiá-la. Os uruguaios, ao contrário, iriam pisar pela primeira vez no colosso do Maracanã – e cientes, como todos, de que o Brasil representava, sem a menor dúvida, o sal da terra do futebol mundial de 1950.

---

[1]. A partida deu-se no Estádio de São Januário, no Rio, em 30 de abril de 1949. Jogaram pelo Brasil seis da equipe que iria disputar a final da Copa: Barbosa, Augusto, Danilo, Zizinho, Ademir e Jair.

[2]. Ver nota 16 do Capítulo 3.

[3]. Roque Máspoli, *Jornal do País*, 16 de maio de 1985.

[4]. Pelo Brasil: Barbosa, Zizinho, Ademir, Jair e Chico. Pelo Uruguai: Máspoli, Matías González, Obdulio Varela, Rodríguez Andrade, Julio Pérez, Míguez e Schiaffino.

[5]. O Brasil venceu no torneio a Bolívia por 10 a 1, o Equador por 9 a 1, o Peru por 7 a 1, a Colômbia por 5 a 0 e o próprio Uruguai por 5 a 1.

[6]. Flávio Costa, *O Globo*, 27 de abril de 1950.

[7]. Citado por Brian Glanville, op. cit.

[8]. Flávio Costa, *O Globo*, 15 de julho de 1950.

[9]. *O Globo*, 14 de julho de 1950.

[10]. *O Estado de S. Paulo*, 16 de julho de 1950. “Não exageremos na certeza da vitória”, prevenia o concurso Guará em anúncios nos jornais: o futebol europeu mostrara-se incapaz de fazer frente ao Brasil, contudo o Uruguai pertencia à mesma escola sul-americana e, por isso, deveria ocorrer maior equilíbrio.

[11]. *O Globo*, 15 de julho de 1950.

[12]. Ibid.

[13]. *A Gazeta Esportiva*, 15 de julho de 1950.

[14]. *Diário Carioca*, 15 de julho de 1950.

[15]. *Diário Carioca*, 16 de julho de 1950.

[16]. *Diário de Notícias*, 16 de julho de 1950; *Tribuna da Imprensa*, 15 de julho de 1950.

[17]. Obdulio Varela, *Jornal do País*, 10 de janeiro de 1985.

[18]. Radamés Mancuso, op. cit.

[19]. Geraldo Romualdo da Silva, *Jornal dos Sports*, 16 de julho de 1989.

[20]. *O Mundo*, 15 de julho de 1950.

[21]. Máspoli, *O Globo*, 10 de janeiro de 1981.

[22]. Ghiggia, *Jornal do Brasil*, 17 de junho de 1970.

[23]. Obdulio Varela, depoimento a Radamés Mancuso, op. cit.

- [24]. João Máximo, *Jornal do Brasil*, 10 de janeiro de 1981.
- [25]. Geraldo Romualdo da Silva, op. cit.
- [26]. *Vêja*, 24 de junho de 1970.
- [27]. Zizinho, entrevista ao *Globo Repórter*, op. cit.
- [28]. Citado por Arno Vogel, op. cit.
- [29]. Rivadávia Correia Meyer, entrevista à revista *Peñarol*, Montevidéu, julho de 1953.
- [30]. Geraldo Romualdo da Silva, op. cit.
- [31]. Flávio Costa, *Placar*, 19 de junho de 1970.
- [32]. Zizinho, *Globo Repórter*, op. cit.
- [33]. *Jornal do Brasil*, 17 de junho de 1970.
- [34]. *Manchete*, 7 de agosto de 1971.
- [35]. Zizinho, *Globo Repórter*, op. cit.
- [36]. *Manchete*, op. cit. De fato, Flávio Costa veio a candidatar-se a vereador pelo PTB de Vargas, mas perdeu as eleições.
- [37]. Em *O Globo Esportivo* de 14 de julho de 1950, dois dias antes de encerrar a Copa, Eduardo Gomes publicou anúncio com os dizeres: “Desportista! Amparar, desenvolver e incentivar iniciativas novas no setor dos esportes é um dos pontos do programa do Brigadeiro! Como desportista que é, o Brigadeiro está tão interessado quanto você em trabalhar, nos esportes, pela grandeza da Pátria!”
- [38]. Flávio Costa, *Globo Repórter*, op. cit.
- [39]. *O Globo*, 15 de julho de 1950.
- [40]. Em seus depoimentos, muitos foram traídos pela memória, já que a transferência do Joá para São Januário ocorreu três dias antes da partida contra a Espanha e, nesse caso, em nada afetou o desempenho da equipe.
- [41]. Zizinho, *Globo Repórter*, op. cit., e TV Cultura de São Paulo, 26 de março de 1994.
- [42]. Ademir, *Manchete*, 8 de março de 1986.
- [43]. Bigode, *Globo Repórter*, op. cit.
- [44]. Barbosa, *Manchete*, 7 de agosto de 1971, *O Globo*, 14 de julho de 1989, e *Jornal dos Sports*, 16 de julho de 1989.
- [45]. Friaça, citado por Teixeira Heizer, op. cit.
- [46]. Flávio Costa, *Placar*, 19 de junho de 1970, e citado por Teixeira Heizer, op. cit.
- [47]. Roque Máspoli, *El Gráfico y el Mundial*, op. cit.
- [48]. Máspoli, Julio Pérez, Schiaffino, citados por Teixeira Heizer, op. cit.
- [49]. Flávio Costa, *Manchete*, 8 de janeiro de 1986.

## A HORA DA VERDADE

O dia 16 de julho de 1950 começou sem nenhum sinal de que seria lembrado como um dos mais tristes da história do Brasil contemporâneo. “Tempo bom, com nebulosidade variável. Nevoeiro pela manhã. Temperatura em ligeira elevação de dia e estável à noite. Máxima: 25°. Mínima: 14°” – esse o boletim meteorológico de um dos raros domingos de sol e férias escolares em que as praias cariocas ficaram quase desertas depois das 11 da manhã. Os programas dedicados às crianças ficaram vazios também<sup>[1]</sup>: nos cinemas, o circuito Plaza exibia o desenho de Walt Disney *Álbum de Recordações*, o Parisiense mostrava o documentário *Esplendor Selvagem*, e *Sinbad, o Marujo*, com Douglas Fairbanks Jr. e Maureen O’Hara, estava no Colonial. Para adultos, os Metros tinham *A Costela de Adão (Adam’s Rib)*, de George Cukor, com Katharine Hepburn, Spencer Tracy e Judy Holliday, e o cartaz do Rex era *Escravos da Ambição (Lust for Gold)*, com Ida Lupino e Glenn Ford. Pela manhã, a partir das 10 horas, o Cineac-Trianon, no centro da cidade, estaria mostrando em sessões contínuas documentários dos jogos Brasil x Suécia e Uruguai x Espanha, com uma semana de atraso.

Na maior despreocupação, os teatros para aquela noite anunciavam Jaime Costa em *Onde Dormiu Meu Marido?* (no Glória), Silveira Sampaio em *O Impacto* (Teatro de Bolso), Morineau em *Os Filhos de Eduardo* (Fênix), Conchita Moraes e Rodolfo Mayer em *As Árvores Morrem de Pé* (Regina), Eva em *Ai, Teresa* (Serrador), Alda Garrido em *Se o Guilherme Fosse Vivo* (Rival). As revistas faziam mais sucesso: no palco do Recreio, *Catuca Por Baixo...*, reunindo Dercy Gonçalves, Linda Batista e Luz Del Fuego, outra no República, *Carosello Napolitano*. E o ídolo dos boleros, Gregório Barrios, estreava naquela noite de 16 de julho, na boate Night & Day, seu novo show, *Visões do Harlem*. Havia ainda os programas habituais dos domingos na Rádio Nacional, *Piadas do Manduca*, *Tancredo e Trancado*, *Nada Além de Dois Minutos* e *Papel Carbono*. Emilinha Borba ia apresentar-se ao vivo em um caminhão ambulante na esquina das ruas Tobias Barreto e Duque de Caxias, em Vila Isabel, zona norte do Rio (apesar de tudo, não deixou de comparecer, ante um público reduzido, cantando seu maior sucesso na época, *Paraíba*).

Notas nos jornais davam conta da inauguração, na véspera, do trecho inicial da nova Rodovia Presidente Dutra, com 46 quilômetros asfaltados a partir de Parada de Lucas, zona norte do Rio. Outras informavam a presença na cidade do casal Simone Signoret (1921-1985) e Yves Montand (1921-1991), este chamado a participar em julho do *Programa César de Alencar*, da Rádio Nacional – ambos convidados a assistir à decisão da Copa na tribuna de honra do Maracanã. O noticiário internacional continuava fixando-se na guerra da Coreia: os norte-coreanos haviam dizimado a linha de defesa do VIII Exército americano ao longo do rio Kum, na noite anterior, enquanto, no Kremlin, o marechal Josef Stalin respondia por carta (conteúdo não revelado) ao primeiro-ministro da Índia, Jawaharlal Nehru (1889-

1964), que lhe pedira a suspensão das hostilidades, a retirada das forças comunistas para além do Paralelo 38 e o ingresso da China comunista na ONU.

Mas as principais manchetes aludiam, além do jogo, à afluência excessiva de torcedores ao Rio de Janeiro. No sábado, o *Correio da Manhã* dizia que “não há um só lugar disponível em qualquer dos nossos hotéis, que se apresentam superlotados, e as companhias de avião que ligam São Paulo ao Rio colocam vôos especiais para atender a pedidos”.<sup>[2]</sup> Lia-se em *O Estado de S. Paulo* na manhã do dia 16: “O Rio está vivendo do futebol. Só se fala nisso. O Campeonato do Mundo absorve todas as atenções. Os hotéis estão abarrotados, os trens, navios e aviões estão chegando pejados de torcedores”.<sup>[3]</sup> E em *O Globo*: “Veio gente do Rio Grande do Sul e de todos os recantos do Brasil. Houve quem acampasse nas imediações do estádio, na véspera, para ser dos primeiros a entrar e assistir ao que seria o maior feito do esporte brasileiro de todos os tempos. Provavelmente não haverá neste século outra Copa do Mundo no Brasil e ninguém quer perder os mínimos lances da jornada memorável.”<sup>[4]</sup> Muitos já haviam pernoitado nas filas dos ingressos, de quinta para sexta, quando, às 8 da manhã, os guichês foram abertos para a venda das cadeiras numeradas e camarotes nas bilheterias do Teatro Municipal, na loja A Exposição e no Clube Ginástico Português. Segundo *O Globo*, uma das filas no Teatro Municipal, centro do Rio, começava na Av. Rio Branco, dobrava o Largo da Carioca e tomava a Rua da Assembléia. Tumultos diversos e a ação de cambistas exigiram providências na venda para as arquibancadas e gerais, iniciada às 9h de sábado, no próprio Maracanã, no Teatro Municipal e no Teatro Carlos Gomes (cada pessoa só tinha direito a 20 bilhetes no máximo). Foram vendidos antecipadamente 120 mil ingressos para as arquibancadas e 14 mil para as cadeiras numeradas, restando apenas, na manhã do jogo, a chance de se obter uma vaga nas gerais. A disputa por um lugar no estádio chegava a tal proporção que o “maior do mundo” parecia pequeno para acolher tanta gente. “Naquele dia – descreve o relatório do Conselho Fiscal da CBD de 1950 –, desde a criança que engatinhava um pouco mais até o velho que se apegava menos trôpego ao bastão acharam todos de assistir ao jogo final do Campeonato do Mundo. Não se podia perder o último encontro! As portas da capital eram assediadas por forasteiros dos estados. Não havia hotéis, casas de pensão, lares, clubes que pudessem abrigar os que se comprimiam pelos bairros. Dormia-se ao relento. Acampava-se onde havia um palmo de terra disponível. Puxava-se sono dentro dos cerca de cinco mil automóveis que passaram pelas barreiras.” Anunciava a Light ter implantado um esquema especial com quinze linhas de bondes para facilitar o acesso ao estádio.

Os portões do Maracanã foram abertos às 11h de domingo, e, ao meio-dia, já não haviam espaços para se sentar nas arquibancadas. Precauções policiais foram tomadas para evitar a invasão ocorrida no jogo contra a Espanha, com a mobilização da Polícia do Exército. A renda oficial chegaria a Cr\$ 6.272.959,00, com recorde mundial de 173.850 espectadores pagantes – mas, calcula-se que, incluindo convites, permanentes, funções oficiais, de serviço e jornalísticas, o Estádio do Maracanã tenha abrigado naquela tarde quase 200 mil pessoas, o maior público que até hoje se reuniu em todo o mundo para assistir a uma competição esportiva, incluindo os Jogos Olímpicos e a própria Copa do Mundo.<sup>[5]</sup> Oficialmente, haviam mais 21.078 pessoas do que na partida contra a Espanha, e em toda a volta das

arquibancadas torcedores se comprimiam sentados no parapeito inferior, enquanto as cordas de segurança das gerais não impediam que muitos, inclusive mulheres, caíssem na vala de 3 metros de profundidade e 3 de largura que os afastavam das cadeiras.[6] À volta do estádio – que, ainda inacabado, lembrava nas cercanias um vasto canteiro de obras –, sambistas aguardavam o final do jogo para festejar a vitória. Bandeiras de todas as nações participantes da IV Copa do Mundo estavam hasteadas ao redor do Maracanã, simbolizando o reconhecimento mundial frente à consagração do futebol brasileiro. “Quem foi lá naquele dia – diz Mário Filho – foi menos para assistir a um jogo do que para participar de um carnaval que já houve.”[7]

A essa altura, muita coisa tinha se passado em São Januário. “Fomos acordados às sete da manhã para assistir a uma missa em uma capela no estádio, em ação de graças por uma emissora de rádio que estava sendo inaugurada”, lembra Ademir. “Podíamos ter dormido até mais tarde, mas, em vez disso, tivemos que nos ajoelhar e ficar de pé por muito tempo. Não tivemos folga nem para relaxar, ficar com as pernas para o alto, para facilitar a circulação sanguínea. Enfim, ter a paz necessária um jogador no dia de decidir uma Copa do Mundo.”[8] Por sua vez, Zizinho diz que dormiu mal, preocupado com o sistema defensivo brasileiro, com um só zagueiro de área, Juvenal. “O Bauer e o Danilo eram homens de organização de jogadas e não sabiam marcar direito. Meu amigo Danilo era extremamente clássico. Além do mais, Juvenal era lento, e a falta de velocidade o prejudicava no momento da cobertura.”[9]

São Januário amanheceu repleto de visitantes, sobretudo da classe política que concorreria no pleito de 3 de outubro. “Eu gostava de fazer balão de São João, com o Nílton Santos, o Castilho e o Danilo – lembra Zizinho –, mas no dia da decisão não foi possível: não havia espaço para esticar o papel no chão.”[10] Barbosa afirma que “no dia do jogo quase não pudemos comer direito, pois tínhamos que levantar para cumprimentar seu fulano, candidato à Presidência da República, ou candidato a deputado ou, quem sabe, candidato a vereador – era um político atrás do outro”. [11] O fato é confirmado por Zizinho: “No dia do jogo, um dia sagrado, estávamos no refeitório de São Januário para almoçar. O almoço já estava atrasado e deveria ter sido servido religiosamente no horário em dia de jogo. Foi aí que nos tiraram duas vezes da mesa. Na primeira, chegou o Cristiano Machado, candidato à Presidência, com sua comitiva, para nos dizer ‘algumas palavrinhas’, como disse. Junto a ele estavam figurões da CBD. Fomos levados à sala de troféus do Vasco e o candidato falou, falou, falou sobre seu programa de governo. Outros membros da comitiva também falaram, repetindo promessas. Aí eles se retiraram. Voltamos ao refeitório e, mal sentamos, chegou o Adhemar de Barros, que apoiava Getúlio Vargas. Fomos de novo à sala de troféus! Era um tal de discursos que ninguém agüentava mais. Um dos candidatos estava no meio do discurso quando falei alto para o Ademir: ‘Será que o jogo já acabou?’ Flávio Costa fez *psiu* e depois me deu uma bronca pela minha indelicadeza. Só faltaram me bater”.[12]

“A confusão foi tanta – acrescenta Barbosa –, que Flávio Costa resolveu colocar todo mundo no ônibus e seguir para o Maracanã.”[13] Zizinho: “Saímos até um pouco atrasados. Na saída, o ônibus teve que puxar um pouco para chegar”.[14] Saudados por torcedores ao longo do trajeto, o ônibus passou pela Quinta da Boa Vista, onde fica o Museu Imperial. Quando o técnico explicava aos jogadores paulistas e

gaúchos fatos históricos relativos ao local, o motorista distraiu-se e abalroou de leve o portão de saída dos jardins. O zagueiro Augusto bateu com a testa no vidro da janela e teve pequeno hematoma no supercílio, sendo atendido pelo médico Amílcar Giffoni. Segundo Ademir, “alguns jogadores desceram e empurraram o ônibus, que, depois de muito esforço, acabou pegando. Chegamos ao Maracanã por volta de uma e meia da tarde e o estádio já estava praticamente lotado”.<sup>[15]</sup> Os batedores, uniformizados, seguiam na frente. Friaça: “Quando o portão nº 18 do Maracanã se abriu, vários jogadores fizeram o sinal da cruz. Mesmo quem não era católico fez as suas reflexões. Ficar bem com Deus não custava nada”.<sup>[16]</sup>

Barbosa: “Ficamos muito tempo trancados no vestiário e aproveitamos para comer alguns sanduíches, já que não tínhamos almoçado direito. Não podia dar certo, não é?”<sup>[17]</sup> O técnico fez então uma preleção, aliás controvertida. Ademir diz que ele “pediu disciplina, observando que o Brasil chegara até aquele momento sem ter tido um jogador expulso e, portanto, queria que continuasse assim. Isso acabou com Bigode e Juvenal, jogadores limitados, que jogavam mais à base da vontade”.<sup>[18]</sup> Juvenal, lembrando que “naquela época era Deus no céu e Flávio Costa na terra”, reitera que, no vestiário, o técnico exigiu disciplina em primeiro lugar: “Parte da derrota do Brasil foi devido a Flávio Costa. Ele chegou para Bigode e disse: ‘Não me dê um pontapé fora da área’. Quer dizer, ele ficou com medo. Bigode só sabia jogar dando pontapé. Certo? O treinador devia dizer: ‘Ganhe o jogo de qualquer maneira’. Ou no futebol ou botando a bola embaixo do braço e fazendo confusão. O que interessava era vencer o jogo”.<sup>[19]</sup> Em defesa do técnico vem o goleiro Barbosa: “Não, o Flávio Costa não pediu ao Bigode que deixasse de ser duro. O que ele sempre quis é que não fossemos desleais. Isso ele nunca admitiu”.<sup>[20]</sup>

Esta, a versão de Flávio Costa: “Não teríamos que jogar com o Uruguai nem leve nem pesado. Quanto à parte disciplinar, realmente teríamos que obedecer às regras do jogo, sem outra preocupação que não fosse a vitória, que era a única coisa que nos interessava. De modo que não houve nenhuma instrução negativa, porque quem mais queria ganhar aquele jogo era eu, sabe?”<sup>[21]</sup>

Em entrevista ao autor, declarou o técnico: “Na minha vida esportiva, seja como técnico, seja como jogador, sempre fui um homem de decisões. Nunca fui de dizer a algum jogador que jogasse delicado. Quando um treinador coloca um Bigode para jogar, sabe que ele é um jogador viril, é um marcador, não é um jogador cerebral. Bigode era um defensor. Não seria ético, na hora de decidir um campeonato, que eu quisesse mudar a característica desse jogador, que o mandasse botar pó de arroz no rosto, para fazer bonito. Não houve nada disso”. É provável que Flávio Costa estivesse atento à boa impressão que os brasileiros pudessem causar, como se infere de outra declaração sua: “Eu tinha feito uma viagem à Europa, antes da Copa, para observação e estudo. Quando voltei, entre outras coisas que mencionei no meu relatório, falei do medo que os europeus tinham de vir ao Brasil, porque não possuíam uma visão séria do Brasil naquele momento: pensavam que o Brasil era muito mais subdesenvolvido do que era realmente. Então, achavam que o Brasil não tinha capacidade de patrocinar um Campeonato do Mundo dentro da segurança, dentro da ordem, dentro da lei. E essa foi uma das preocupações do presidente da

CBD, Rivadávia Correa Meyer: fazer um campeonato bem organizado, em que houvesse muita disciplina, muita ordem, e sobretudo que quem ganhasse a taça pudesse levá-la realmente. E aconteceu isso. Foi um campeonato sem deslize algum. Até na partida final: o Uruguai ganhou dentro das leis esportivas, dentro daquilo que se prescreve de boa ordem, enfim, de um país civilizado”.[\[22\]](#)

Outra questão polêmica refere-se ao ambiente no vestiário. Lê-se no *Jornal do Brasil* que teria se estabelecido ali “o maior tumulto de que até hoje o Maracanã tem notícias”: “Havia gente de toda a espécie, para mais fotografias abraçando jogadores. Flávio Costa não conseguiu encontrar tempo para reunir os jogadores e traçar qualquer plano tático. A única coisa que recomendou, quando todos iam saindo para entrar em campo, foi que não aceitassem o jogo violento dos uruguaios”.[\[23\]](#) Flávio Costa desmente, em entrevista ao autor: “Não houve nada disso. Depois do almoço, ainda cedo, antes de o público afluir ao Maracanã, fui com a equipe para o estádio, tranquei o vestiário, mandei colocar colchões para os jogadores repousarem, sem o menor contato com ninguém, e até apaguei as luzes. Um emissário do prefeito veio me pedir para ajudar a organizar um desfile de carros abertos que haveria depois do jogo e eu impedi que ele entrasse e perturbasse o ambiente, dizendo-lhe que não trataria daquele assunto naquela hora”. Segundo Ademir, “no íntimo sentíamos que nem tudo ia bem, com aquele clima festivo, e Flávio Costa também sentiu isso”. Diz que Augusto, o capitão do time, “conversou com todos, avisando que o jogo seria duro”. Ele próprio, Ademir, “não tinha ilusões de uma nova goleada, embora acreditasse na vitória: conhecíamos os uruguaios e sabíamos que não ia ser fácil”.[\[24\]](#) Por sua vez, a Celeste passou uma manhã sem atropelos em seu hotel no Flamengo. O único que se esforçava era Gambetta, há dias empenhado em exercícios físicos para perder peso. Alguns jogadores telefonaram para suas famílias, como diz Schiaffino: “Liguei para minha noiva e ela perguntou se íamos ganhar. Respondi: o jogo é difícil, mas vamos tentar”.[\[25\]](#) Ao meio-dia a delegação seguiu de ônibus para o estádio. Foi no trajeto, e só aí, que o técnico Juan López aproximou-se de Morán e avisou-o de que ia substituir Vidal, o titular da ponta-esquerda, único argentino do grupo, que se contundira no ombro no jogo contra a Suécia. Muita responsabilidade para um jogador de apenas 19 anos e que ainda não havia participado de nenhuma partida.[\[26\]](#) A equipe chegou ao Maracanã duas horas antes do jogo, e, “ao entrar no corredor subterrâneo que dava para os vestiários, todos os jogadores começaram a cantar o hino uruguaio, baixinho”.[\[27\]](#) Schiaffino lembra que “ficamos esperando lá embaixo, ouvindo todo aquele ruído, os gritos, as bombas, os explosivos: eu queria ver o estádio, pois não podia compreender como era a festa”.[\[28\]](#) “Alguns disseram que Gambetta até adormeceu antes do jogo, para dar uma idéia de sua grande tranqüilidade, mas isso não é verdade”, acrescenta Máspoli. “Ninguém poderia dormir, porque o ruído das arquibancadas era infernal.”[\[29\]](#) Geraldo Romualdo da Silva descreve o discurso que houve no vestiário: “O embaixador uruguaio, Giordano Bruno Eccher, pediu serenidade, pediu cavalheirismo, pediu bom comportamento, pediu disciplina, pediu que não manchassem o espetáculo, porque o Uruguai tinha uma péssima tradição no Brasil. Os jogadores ouviram, silenciosamente, e foram para o campo. Ainda no corredor de acesso, Obdulio Varela reuniu-os e disse: ‘Rapazes, aqui! Aquilo passou! Nada! Conversa fiada! Agora vamos jogar – como homens!’ ”[\[30\]](#) O fato é confirmado por Radamés Mancuso:

“No momento de entrar no gramado, Obdulio disse: ‘Esqueçam os dirigentes e o público. Aqui dentro eles são onze, e nós também!’ ”[\[31\]](#)

Lá fora, a festa da torcida completava-se com uma exibição da Banda do Corpo de Fuzileiros Navais, em uniforme de gala, executando no gramado marchas militares, a maioria americanas, como *Anchors Aweigh*. Como nas partidas anteriores do Brasil, a *Charanga* do flamenguista Jaime de Carvalho também animava as arquibancadas, enquanto os alto-falantes iam repetindo sons e ritmos que marcaram toda a Copa do Mundo no Maracanã – sobretudo o gênero da moda, o baião, com sucessos de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira (*Paraíba, Qui Nem Jiló*), ou marchas de Lamartine Babo (*Uma Vez Flamengo, Flamengo Até Morrer, Marcha do Sretch Brasileiro*). Ao microfone da Rádio Pan-Americana, de São Paulo, Leônidas da Silva, atacante brasileiro nas Copas de 34 e 38, comentava: “Isso é um espetáculo para mim inédito. Conheci vários estádios de futebol do mundo e ainda não presenciei o que eu estou presenciando aqui. É uma coisa que comove a qualquer cidadão. Por mais indiferente que seja ao esporte, o sujeito se sente nesse momento mais brasileiro do que nunca”. Além de Leônidas, também se achavam presentes craques de outras Copas: Preguinho (João Coelho Neto), capitão do escrete de 1930, e Domingos da Guia (1912-2000), zagueiro-direito do Mundial de 1938. Na tribuna de honra iam chegando as autoridades: o presidente Dutra, Jule Rimet, Mendes de Moraes (cujo nome foi recebido com vaias ao ser anunciado), Mário Pollo, Nelson Rockefeller, André Maurois, Luiz Aranha (do conselho executivo da FIFA), Ottorino Barassi, João Lyra Filho, Raul Fernandes, Clemente Mariani (ministro da Educação) etc.

Pelos 254 alto-falantes do estádio, a ADEM comunicou então que, naquele momento, o Maracanã acolhia “quase dez por cento da população do Rio de Janeiro”[\[32\]](#) e forneceu as escalações. Com explosões de foguetes e a aclamação esplendorosa da multidão, a Seleção Brasileira entrou em campo às 14h30m, seguida dos uruguaios. Portava o já clássico uniforme todo branco, de golas e barras azuis, e trazia a mesma formação do jogo com a Espanha: Barbosa; Augusto e Juvenal; Bauer, Danilo e Bigode; Friaça, Zizinho, Ademir, Jair e Chico. Explica Flávio Costa: “Até o jogo com o Uruguai, o time se portou como um elenco intocável, quase como uma máquina. Não havia nada a modificar”. Reagindo às críticas paulistas, que desde o início reclamavam da base carioca da Seleção (somente Bauer e Friaça jogavam então em São Paulo), diz o técnico: “Tive de aproveitar o conjunto existente entre alguns jogadores que já se conheciam bem nos clubes e na seleção carioca. Naquele momento, encontravam-se no Rio os melhores jogadores do país, ainda que fossem de origem mineira, gaúcha, paulista ou nordestina”.[\[33\]](#) O Uruguai vinha com Máspoli; Matías González e Tejera; Gambetta, Obdulio Varela e Rodríguez Andrade; Ghiggia, Julio Pérez, Míguez, Schiaffino e Morán. O técnico Juan López declarara pouco antes: “Tudo faremos para não estragar a festa e não levarmos uma goleada”. [\[34\]](#)

Tal como fizera antes do jogo contra a Iugoslávia, o prefeito Ângelo Mendes de Moraes preparou um discurso épico, conclamando os jogadores a defender as cores do Brasil como se constituíssem uma tropa formada para uma batalha e estivessem lutando pela pátria e sua bandeira. O general chegou a referir-se aos uruguaios como “tricampeões do mundo” (pelas Olimpíadas de 24 e 28 e a Copa de 30).

Falou das 200 mil pessoas esperando pela vitória e dos 52 milhões de brasileiros querendo o triunfo. “Vós, brasileiros, a quem eu considero os vencedores do Campeonato Mundial! Vós, jogadores, que a menos de poucas horas sereis aclamados campeões por milhões de compatriotas! Vós, que não possuís rivais em todo o hemisfério! Vós, que superais qualquer outro competidor! Vós, que eu já saúdo como vencedores!” E mais: “Cumprí minha promessa construindo este estádio. Agora, façam o seu dever, ganhando a Copa do Mundo! Jogadores do Uruguai: o desporte no Brasil os saúda com o coração aberto! Jogadores do Brasil: 52 milhões de brasileiros esperam pelo título mundial! Não frustem essa esperança!”[35]

Com os dois times perfilados, e em complemento ao que mais parecia uma grande cerimônia cívico-militar, a Banda da Cidade executou os hinos nacionais – primeiro, o do Uruguai, depois o do Brasil. O estádio inteiro ergueu-se para cantar o hino brasileiro, e uma pesada responsabilidade já afetava a equipe de Flávio Costa, agravada pelo discurso do prefeito: enquanto os jogadores da Celeste, perfilados, mostram-se mais descontraídos (Matías González, por exemplo, está com as mãos nos quadris) e olham aleatoriamente para os fotógrafos e a torcida, os brasileiros acham-se em posição de sentido, cabeça erguida, braços distendidos, aspecto solene e grave, como um batalhão armado para uma guerra em defesa da pátria. Em comparação, o time uruguaio traz uma postura de quase humildade.[36] Alguns eram levados pela emoção: Morán tinha lágrimas nos olhos e Julio Pérez urinou no calção, ainda perfilado, o que chamou a atenção dos companheiros próximos. “A urina escorria pelas minhas pernas, molhando tudo – diz Julio Pérez –, mas não me envergonho disso.”[37]

As duas seleções posaram então para fotos. No time uruguaio – com o clássico uniforme de camisas azul-celestes, calções pretos e meias pretas com barras azuis – posou praticamente a delegação inteira, incluindo o técnico Juan López, diretores, médicos e massagistas. No quadro brasileiro entram apenas os massagistas Johnson e Mário Américo – além de um menino de nove anos, Orlando Loureiro, filho do barbeiro do Vasco na época, Paes Loureiro, e que é visto agachado à frente de Ademir, com uniforme da seleção. Foi a primeira e última vez que o time teve um mascote.

Chamados ao centro da cancha pelo juiz inglês George Reader (1896-1978) – que já apitara Brasil x México e Uruguai x Bolívia –, os capitães Augusto e Obdulio Varela trocaram flâmulas e cumprimentaram-se respeitosamente. Um minuto e meio antes de se iniciar o jogo, foi tirado o *toss* (sorteio de cara e coroa, com a moeda jogada ao chão). Sucedeu então uma primeira surpresa, premonitória para os supersticiosos: o Uruguai ganhou, tendo assim o direito de escolher o lado do campo para iniciar a partida, ficando o Brasil com o direito de dar a saída. Nas partidas contra a Suécia e a Espanha, o Brasil tinha vencido no *toss* e escolhido para começar o jogo o campo correspondente ao lado direito das cabines de rádio, deixando o adversário, todo o tempo inicial, com a desvantagem de receber o sol de frente para o arco. Agora, o Uruguai escolhia exatamente o mesmo lado. Fiscalizando a lateral do campo mais próxima das cabines, atuaria de bandeira vermelha o também inglês Arthur Edward Ellis, 36 anos, e, do lado oposto, o escocês George M. Mitchell, 38 anos, de bandeira amarela.

[38]

Enquanto apenas 11.227 espectadores viam Suécia e Espanha disputar a terceira colocação no Pacaembu (vitória da Suécia por 3 a 1), o Estádio Ângelo Mendes de Moraes, exatamente um mês depois de inaugurado, realizava sua oitava partida oficial – aquela que viria a ser a mais importante de toda a sua história, decisão do IV Campeonato Mundial de Futebol, com a presença do próprio Jules Rimet. Também oficialmente, seria o 114º jogo da Seleção Brasileira, desde 1914.<sup>[39]</sup> Qualquer que fosse o resultado, a taça e o título de melhor do mundo voltavam à América Latina depois de vinte anos. Uma tarde de inverno e sol radiante emoldurava o maior espetáculo jamais presenciado por um público recorde de todos os tempos. Os relógios do estádio marcavam 14h55min. Os jogadores puseram-se em suas colocações no gramado. Ademir, com a bola nos pés, aguardava o apito de Mr. Reader. O jogo ia começar.

---

[1]. O *Diário Carioca* de 17 de julho de 1950 informou que a maioria das salas do centro da cidade “teve de fechar as portas e dispensar os empregados na parte da tarde”.

[2]. *Correio da Manhã*, 15 de julho de 1950. Tenho o curioso depoimento de minha irmã, Maria Helena Perdigão, que fora a São Paulo assistir a um casamento e voltou de avião justamente no domingo. Recusou uma oferta de 100 cruzeiros pela passagem aérea e sua cadeira cativa e chegou ao Aeroporto Santos Dumont, no centro do Rio, à uma da tarde. De carro foi a Copacabana trocar de roupa e dali seguiu para o estádio: a cidade estava deserta, como em um filme de ficção-científica em que a espécie humana tivesse sido exterminada por um holocausto nuclear. “Nunca vi isso em toda a minha vida. Quando íamos nos aproximando do Maracanã, a zoeira da multidão ia surgindo e aumentando. Parecia que toda a cidade estava dentro do estádio.”

[3]. *O Estado de S. Paulo*, 16 de julho de 1950.

[4]. *O Globo*, 16 de julho de 1950.

[5]. Para simplificar, por vezes no texto arredondamos para 200 mil espectadores o público de Brasil x Uruguai. O recorde oficial de público no Maracanã é o do jogo Brasil x Paraguai, em 31 de agosto de 1969: 183.341 pessoas assistiram a essa eliminatória para a Copa de 70 e à vitória do Brasil por 1 a 0, gol de Pelé. Brasil x Uruguai de 50 figura em quinto lugar na lista dos recordes de público pagante no estádio. Em segundo lugar consta Flamengo 0 x Fluminense 0, decisão de campeonato carioca, em 15 de dezembro de 1963, com 177.020 espectadores; em terceiro lugar, Flamengo 3 x Vasco 1, também pelo campeonato carioca, em 21 de março de 1976, com 174.770 espectadores; em quarto, Brasil 4 x Paraguai 1, última eliminatória para a copa de 54, em 21 de março de 1954, com 174.559 espectadores. Em Copas do Mundo, ocupa o primeiro lugar, seguido por Argentina x Alemanha Ocidental (Copa de 86; público de 114.600 espectadores), Brasil x Itália (Copa de 70; com 107.412 espectadores), Inglaterra x Alemanha Ocidental (Copa de 66; com 93.802 espectadores), e Itália x Alemanha Ocidental (Copa de 82; com 90.089 espectadores).

[6]. Durante a partida, 169 pessoas ficaram feridas e foram atendidas em um posto médico de emergência.

[7]. Mário Filho, *Manchete Esportiva*, 12 de abril de 1958.

[8]. Ademir, *Manchete*, 8 de fevereiro de 1986.

[9]. Zizinho, citado por Teixeira Heizer, op. cit.

[10]. Zizinho, *Globo Repórter*, op. cit.

[11]. Barbosa, *O Globo*, 14 de julho de 1989.

[12]. Zizinho, citado por Teixeira Heizer, op. cit., e *Globo Repórter*, op. cit.

[13]. Barbosa, *O Globo*, 14 de julho de 1989.

[14]. Zizinho, *Globo Repórter*, op. cit.

[15]. Ademir, *Manchete*, 8 de fevereiro de 1986.

[16]. Friaça, citado por Teixeira Heizer, op. cit.

[17]. Barbosa, *O Globo*, 14 de julho de 1989.

[18]. Ademir, *Manchete*, 8 de fevereiro de 1986.

[19]. Juvenal, *Globo Repórter*, op. cit.

- [20]. Barbosa, *Jornal dos Sports*, 16 de julho de 1989.
- [21]. Flávio Costa, *Globo Repórter*, op. cit.
- [22]. Flávio Costa, entrevista a Jairo Severiano, op. cit.
- [23]. *Jornal do Brasil*, 17 de junho de 1970.
- [24]. Ademir, *Manchete*, 7 de agosto de 1971.
- [25]. Schiaffino, citado por Teixeira Heizer, op. cit.
- [26]. Ruben Morán, o mais jovem da partida, foi cronologicamente o primeiro a morrer, aos 46 anos, em 1978.
- [27]. Geraldo Romualdo da Silva, *Globo Repórter*, op. cit.
- [28]. Schiaffino, *El Gráfico y el Mundial*, op. cit.
- [29]. Máspoli, *ibid.*
- [30]. Geraldo Romualdo da Silva, *Globo Repórter*, op. cit.
- [31]. Radamés Mancuso, op. cit.
- [32]. Segundo o censo de 1º de julho de 1950, a população do então Distrito Federal era de 2,4 milhões de pessoas.
- [33]. Flávio Costa, *Futebol: Jogo da Paixão*, TV Educativa do Rio, 25 de abril de 1993.
- [34]. Juan López, *Manchete*, 7 de agosto de 1971.
- [35]. Citado por Brian Glanville, op. cit., e *Historia de los Mundiales de Futbol*, fascículo nº 4 de *La Colección de Oro*, *El Pais*, Montevidéu, 29 de setembro de 1989.
- [36]. Era a primeira vez, como foi dito, que seus jogadores entravam no Maracanã, ainda por cima repleto.
- [37]. Julio Pérez, citado por Teixeira Heizer, op. cit.
- [38]. Mitchell foi bandeirinha de Brasil x México e Brasil x Espanha. Quanto a Arthur E. Ellis, como vimos, já apitara Brasil x Suécia e, na Copa de 54, diz-se que teria prejudicado o Brasil na derrota para Hungria, transformando-se em “Mister Ellis, o inimigo público nº 1” da torcida brasileira. Curiosamente, na narração do jogo Brasil x Uruguai, ao comentar a marcação de um *foul* de Friaça, o locutor Antonio Cordeiro chega a reclamar: “Esse bandeirinha é contra nós, hein?”
- [39]. Cf. Ivan Soter, *Enciclopédia da Seleção: As Seleções Brasileiras de Futebol – 1914-1994*. Rio, Editora Ópera Nostra, 1995.

## ESTRATÉGIA DA LUTA

Em entrevista ao autor, Flávio Costa diz que, “em toda a Copa, a Seleção Brasileira foi armada para jogar justamente um *WM* ortodoxo, com três defesas, aquele quadrado de meio de campo e três homens avançados”. Portanto, em todos os jogos cabia ao médio esquerdo marcar o ponta-direita adversário e ao zagueiro direito marcar o ponta-esquerda. Na partida final, foi dada a Bigode a missão de marcar Ghiggia e a Augusto a de ficar com Morán. Bauer e Danilo dividiam a tarefa de dar apoio ao ataque, e Zizinho e Jair funcionavam como os outros componentes do quadrado do meio de campo. “Para os técnicos europeus presentes ao campeonato, aquele *WM*, com quatro gênios do ‘quadrado mágico’ a suprir de bolas o notável Ademir, poderia transformar o Brasil em uma equipe praticamente imbatível.”<sup>[1]</sup> Flávio Costa havia se consagrado sobretudo como o técnico que introduziu no país o chamado sistema “diagonal”. Explicou ao autor como isso aconteceu: “Em 1939, quando passei a técnico do Flamengo, havia no time o Domingos da Guia. Íamos jogar contra o Independiente, da Argentina, que tinha um ataque maravilhoso, e eu estava assustado. Uma das maneiras de fechar nossa defesa era prender o Domingos dentro da área, como beque central, o *stopper* do sistema *WM* criado por Herbert Chapman, do Arsenal de Londres – aquele que fica dentro da área, cobrindo o gol. Para impedir que Domingos saísse para dar combate ao extrema adversário, coloquei um homem marcando esse extrema. Assim, criamos um sistema híbrido: o lado direito com o *WM*, o esquerdo com a armação, digamos, clássica. A idéia deu certo e procurei aperfeiçoá-la. Na ‘diagonal’, o *half* direito e o meia-direita ficavam atrasados, enquanto o *half* esquerdo e o meia-esquerda atuavam adiantados. O Flamengo tornou-se uma máquina de fazer gols. Com esse êxito, todos os times do Rio e do Brasil passaram a adotar a ‘diagonal’ ”.

Por que, então, esse sistema foi abandonado? “Realmente, a ‘diagonal’, que começou surpreendendo, acabou mostrando seus pontos fracos”, lembra Flávio ao autor. “Razão por que, quando fomos jogar o Mundial, dispensei o sistema. O time brasileiro foi preparado para disputar todos os jogos no sistema *WM*, porque, para mim, os grandes adversários vinham da Europa – Inglaterra, Espanha e Itália, que jogavam no *WM*, introduzido no Brasil em 1937 pelo húngaro Dori Kruschner, no Flamengo. O *WM* é a mãe de todos os sistemas. Todas as variações surgiram a partir dele – inclusive o 4-2-4 da Hungria de 1954.”

Com Augusto, Juvenal e Bigode fechando a área, Danilo e Jair recuando para ajudar a defesa, e o lado direito mais atacante, com Bauer e Zizinho avançando, tendo na ofensiva Friaça, Ademir e Chico, o plano básico inicial para o jogo com o Uruguai estava traçado. A meu pedido, Flávio Costa definiu também os onze jogadores brasileiros que atuaram em 16 de julho, dos quais oito eram do Rio (cinco do Vasco da Gama, dois do Flamengo, um do Bangu) e três de São Paulo (dois do São Paulo, um do Palmeiras):

*Barbosa*, 29 anos, goleiro do Vasco: “Colocação impecável e grande técnica de jogo”.

*Augusto*, 29 anos, zagueiro direito do Vasco e capitão do time: “Boa colocação e bom marcador”.

*Juvenal*, 26 anos, zagueiro esquerdo do Flamengo: “Jogador atleticamente bem dotado”.

*Bauer*, 24 anos, médio direito do São Paulo: “Bom de bola e grande apoiador”.

*Danilo*, 28 anos, centromédio do Vasco: “Jogador de grande técnica, habilidoso e inteligente. Com Bauer, Zizinho e Jair, fazia a parte pensante do time”.

*Bigode*, 28 anos, médio esquerdo do Flamengo: “Vigoroso e bom marcador”.

*Friça*, 25 anos, ponta-direita do São Paulo: “Estava substituindo Maneca, que se contundira. Bom atacante, atuava em várias posições na ofensiva”.

*Zizinho*, 28 anos, meia-direita do Bangu: “Construía e atacava. Era um dos melhores jogadores de sua época. Trabalhava o tempo todo”.

*Ademir*, 25 anos, centroavante do Vasco: “Também eclético. Goleador admirável. Rápido e inteligente”.

*Jair*, 29 anos, meia-esquerda do Palmeiras: “Jogador de composição, armador por excelência. Chute poderoso e certo com a canhoto e colocação perfeita em campo”.

*Chico*, 28 anos, ponta-esquerda do Vasco: “Vigoroso e veloz”.

Taticamente, o que se passava do lado uruguaio não constituía propriamente segredo para ninguém. Em 15 de julho, véspera do jogo, o *Diário de Notícias* de Porto Alegre publicava entrevista com o técnico Juan López, feita por outro técnico, Otto Bumbel, na qual era exposto o esquema a ser adotado na partida: “Marcação cerrada sobre Zizinho e Jair, e o bloqueio de Danilo e Bauer, com contra-ataques rápidos pela direita, com Ghiggia e Julio Pérez, procurando decidir o jogo nos últimos minutos”.<sup>[2]</sup> Foi exatamente o que veio a acontecer. Em *O Esporte Ilustrado* de 27 de julho de 50, Levy Kleiman cobraria de Flávio Costa: “Por que ele não tomou medidas táticas para anular o plano dos uruguaios, publicamente anunciados na véspera do jogo?”<sup>[3]</sup>

Logo após a vitória, ainda no vestiário, Juan López explicaria: “Para vencer a batalha, usei a tática do contra-ataque. O contragolpe, coisa muito velha no futebol. Bloquear os pontos fortes do adversário e avançar de improviso, à base da velocidade”.<sup>[4]</sup> Confirmou ter feito, portanto, o que planejara. Anos mais tarde, entrou em maiores detalhes: “No dia da partida, custei muito a dizer a Vidal que não iria jogar. Ele queria fazê-lo, mas estava com o ombro contundido. Ficou amolado, mas depois me deu razão. As instruções normalmente se faziam de forma coletiva, mas nessa oportunidade preferi conversar pessoalmente com cada um dos jogadores. Comecei com Máspoli. Levei-o para um canto e ele me disse: ‘Não deixe que eles brinquem dentro da área’. Tinha razão, porque o trio central brasileiro era maravilhoso. Então, agarrei Matías González e o adverti: ‘Não saia da meia-lua da área. Nunca deixe que o levem para fora dela’. Era a maior garantia. Mas eu também tinha que evitar os centros sobre a área, pela mesma razão que me havia dado Máspoli: eram perigosíssimos. Falei com Gambetta: ‘Imponha seu jogo. Do teu lado não pode sair nenhum centro. Se o centro vier de outro, abandone aquele que você está marcando e cubra a área’. Rodríguez Andrade sabia que tinha que seguir até a morte o seu ponteiro, e a

Obdulio Varela não precisei dizer nada – por isso ele era o capitão. Depois cheguei perto de Ghiggia. ‘Olhe, Juan – disse-me ele –, estão me lançando muito adiantado a bola. Diga-lhes que me a entreguem mais perto.’ Fui ao encontro de seu companheiro de ala, Julio Pérez, e lhe expliquei: ‘Saia da marcação, atraia um bolo de adversários e passe a bola para Ghiggia’. Ele tomou isso muito a sério. Os cinco atacantes sabiam que teriam de jogar bem pertos e, quando os brasileiros atacassem, deviam fechar a zona e não cair na marcação individual. Julio Pérez tinha a missão de fazer dupla com Obdulio, e os jogadores da defesa tinham que buscar como saída Schiaffino. A sagacidade, o engenho e a improvisação fizeram o resto. Também serviu muito o espírito com que as coisas eram encaradas então. Fiz com que Gambetta e Obdulio beijassem a camisa antes de entrar em campo”.[\[5\]](#)

Em seu livro *Lo del Brasil Fué Asi...*, o cronista uruguaio Pedro Escartin concluiu, depois de entrevistar Juan López, que a Celeste também disputou a partida com o sistema WM: “Segundo o técnico, a disposição dos jogadores em campo seguia esse princípio. O zagueiro direito, Matías González, cuidava do centroavante adversário, Ademir; o zagueiro esquerdo, Tejera, fazia com o centromédio, Obdulio Varela, a cobertura do interior do campo uruguaio, respectivamente à esquerda e à direita; o médio direito Gambetta marcava Chico, ponta-esquerda, enquanto o médio esquerdo Rodríguez Andrade fazia a marcação sobre Friaça, ponta-direita. Que será isso senão o ponto de partida e o fundamento da M defensiva? Não estão aí os três defensores e os dois meios-volantes? Além disso, Julio Pérez, meia-direita, e Schiaffino, meia-esquerda, jogavam atrasados, formando barreira com Obdulio Varela e Tejera, aquele mais adiantado do que este. A soma desses quatro homens constitui nem mais nem menos que o famoso ‘quadrado mágico’ do WM, origem de todos os sistemas de ataque e defesa”.

Durante a partida, coube a Obdulio Varela o controle tático e psicológico dos companheiros no gramado: ante o evidente domínio de campo exercido pelo Brasil nos momentos iniciais sob o impulso da grande torcida, *El Gran Capitán*, como era chamado, passou a articular aos gritos a reação. Os pontas Friaça e Chico, como vimos, teriam de ser controlados respectivamente por Rodríguez Andrade e Gambetta, mas o maior perigo vinha de trás: Bauer ficaria marcado por Schiaffino, Danilo e Jair por Julio Pérez. A Matías González cabia fazer sombra a Ademir. E cuidados especiais estavam destinados a Zizinho e seus dribles curtos e penetrantes: Tejera deveria marcá-lo fora da área, o próprio Obdulio já mais perto do arco de Máspoli, enquanto o resto do bloco defensivo teria de afunilar-se. “Alguém precisava parar Zizinho”, disse Julio Pérez. “Além de ser um craque, ele era duríssimo. De baixa estatura, era capaz de enfrentar o Obdulio, o Gambetta e o Matías González, que era igual a uma árvore. Não os temia.” Acrescenta Schiaffino: “Ninguém era igual a Zizinho. Quando ele organizava o time e alimentava Ademir, Jair, Chico e Friaça, nosso estômago esfriava. O gol estava próximo”.[\[6\]](#)

Segundo Máspoli, a defesa do time era uma segurança: “Todos os homens tinham experiência. Foi talvez a base do triunfo. No ataque eram todos jovens, habilidosos, criativos”.[\[7\]](#) Schiaffino: “Creio seriamente que os brasileiros erraram a tática. Quiseram jogar duro de saída, e isso os derrotou”.[\[8\]](#) Concorda Máspoli: “Sem dúvida. Eles se enganaram ao escolher dois jogadores para os pegar. Foram escolher logo Ghiggia e Julio Pérez. Dois jogadores frios, imperturbáveis, que pouco ligaram para a

rudeza do jogo”.[\[9\]](#)

Juan López assim definiu cada um dos jogadores uruguaios que foram a campo, dos quais cinco pertenciam ao Peñarol, três ao Nacional e três ao Cerro:

*Máspoli*, 33 anos, goleiro do Peñarol: “Um homem sereno, experimentado, com muita lucidez e segurança”.

*Matías González*, 22 anos, zagueiro direito do Cerro: “Muito jovem, parco, com excelentes condições, todavia sem experiência”.

*Tejera*, 28 anos, zagueiro esquerdo do Nacional: “Era desses tipos que adoram grandes festas. Dono de uma coragem e um fervor indomáveis”.

*Gambetta*, 34 anos, médio direito do Nacional: “Um jogador que sempre atuou bem em qualquer posição. Apesar de sua veemência, era um dos mais responsáveis”.

*Obdulio Varela*, 33 anos, centromédio do Peñarol e capitão do time: “Tinha uma personalidade tão definida que despertava obediência entre seus companheiros e influía psicologicamente nos adversários”.

*Rodríguez Andrade*, 23 anos, médio-esquerdo do Cerro: “Acreditem que, antes das partidas, o excesso de responsabilidade o deixava branco. Depois, no gramado, era uma fera”.

*Ghiggia*, 23 anos, ponta-direita do Peñarol: “Aparentemente um jogador frio. Sem dúvida, muito audacioso, com uma tremenda confiança em si mesmo”.

*Julio Pérez*, 24 anos, meia-direita do Nacional: “Um grande craque por natureza”.

*Míguez*, 25 anos, centroavante do Peñarol: “Era a cara do Uruguaí. Jogava e fazia jogar. Grande controle de bola e sentido exato de colocação. Era mais atrevido do que audaz, e foi, sem dúvida, o último grande *center-forward* uruguaio”.

*Schiaffino*, 25 anos, meia-esquerda do Peñarol: “O mais cerebral de todos. Como Moreno e Pedernera, tinha a virtude de fazer jogar bem qualquer que fosse aquele que jogasse a seu lado”.

*Morán*, 19 anos, ponta-esquerda do Cerro: “Era o mais jovem de todos e não o carregamos de responsabilidades porque lhe coube estreitar justamente nesta partida. Respondeu à confiança que nele depositamos”.[\[10\]](#)

...

Um jogo de futebol encerra condições práticas contraditórias. Primeiro, a distribuição de funções. Cada jogador recebe a missão de executar uma tarefa individual para satisfazer necessidades diversas, mas respondendo livremente às iniciativas dos parceiros para garantir a execução de um fim comum. Assim, em primeiro lugar, a função limita o jogador e, de certo modo, é ela que *o faz*: preexiste à ação individual, fica à espera do jogador, contendo já um esboço de sua conduta, com uma negação inerte de certos possíveis (o goleiro, por exemplo, não pode abandonar a meta). Mas a própria limitação imposta contribui para a eficiência da ação (o goleiro permanece guarnecendo a meta) e assegura ao jogador certa soberania ou poder autoritário sobre o setor que lhe cabe trabalhar. Entra aqui um segundo momento: o jogador, a partir do que lhe deram, passa a *fazer-se* a si mesmo, pois a execução da tarefa requer a iniciativa singular do agente frente a urgências imprevistas e suas aptidões pessoais para inventar

livremente certas posturas ante as circunstâncias. Esse livre curso das possibilidades individuais será então uma etapa ou meio para outro fim mais amplo, que não depende apenas delas – um fim comum a alcançar pela ação de todos, na qual irão dissolver-se as iniciativas de cada um. Mas há também que se considerar a relação dialética com o time adversário. Aparece então uma contrafinalidade que subverte o chamado “espírito de equipe”, pregando-lhe emboscadas, invertendo o objetivo pretendido. É o caso do jogador de xadrez que prevê a tática de seu oponente a fim de transformar o lance preparado contra ele em uma armadilha, minando-lhe a retaguarda. Ou o do pugilista que levanta sua guarda visando um fim (proteger os olhos), quando esse fim se torna o meio para que se realize o fim do adversário (que pretende castigar-lhe o estômago). Daí por que, em uma competição esportiva, não se pode depender de estatísticas preexistentes, do mesmo modo como não haveria o que atribuir a caprichos de um destino sobranceiro ou nefasto.

A questão é abordada por Flávio Costa, em entrevista ao autor: “Dentro do campo não sucedeu aquilo que desejávamos sobretudo pela eficiência do adversário. No futebol pode-se planejar o que quiser, mas você não encontra a ação do adversário justamente para impedir o seu projeto. Se acontece, por qualquer motivo, ter o adversário se acutelado contra certas coisas, o projeto falha. A ação do adversário visava anular tudo aquilo que planejamos. Os uruguaios respeitavam o time do Brasil, possivelmente mais do que nós respeitávamos o time do Uruguai. Em função disso, eles se prepararam para não deixar o Brasil jogar. O Schiaffino, o Julio Pérez, até o Ghiggia iam jogar na defensiva, porque eles queriam evitar que o Brasil tocasse a bola livremente. Nós tínhamos exímios tocadores de bola. Eles procuravam então atuar por contra-ataques, pelas extremas. O que aconteceu de imperfeito conosco é que nossa defesa permitiu que ocorressem esses contra-ataques”.

“No futebol, um time pode dominar o jogo e, de repente, por um lance de felicidade do adversário, ser derrotado. Na partida com o Uruguai, tomamos os mesmos cuidados de sempre. Tínhamos uma equipe muito bem armada, com uma execução muito boa. Jogávamos procurando ocupar todas as zonas do campo, a partir de uma tática inicial que se altera no decorrer da partida, já que o jogo é móvel e os jogadores, se têm qualidade, se caracterizam pela noção de colocação dentro do campo. Um bom jogador está sempre no lugar certo, no momento exato. Agora, é lógico que cada jogo tem a sua história. Tem aquele dia em que o jogador não está bem, e isso cria uma deficiência tremenda dentro daquilo que atua como um sistema. É como um relógio: se uma das rodinhas pára, todas as outras param também. No time de 50, nosso sistema era comandado por Bauer, Danilo, Zizinho e Jair, todos muito capacitados. Eram o coração e o cérebro do time, devido à função que exerciam. No corpo humano, temos uma série de órgãos – alguns vitais, outros coadjuvantes. Podemos extrair um dos rins, mas, se arrancarmos o coração, é o fim. Chico e Friaça, nas extremas, são jogadores de ofensiva, também colaboradores. Mas se um jogador se machuca, se não houver substituição, o técnico o coloca lá na ponta, porque o ponta tem menos funções construtivas. Os jogadores de ataque podem falhar, chutar para fora etc. Agora, um jogador de defesa, se erra a bola, é um desastre.”

“A derrota, às vezes, tem de vir, porque são dois times. Aquilo que a gente planeja sempre encontra

o plano contrário do adversário. Na guerra, isso também acontece. A tática nasceu justamente pela competição. Há uma história do teatro clássico que narra uma guerra entre Roma e Alba. A guerra era decidida na arena: três contra três. Houve o primeiro choque: caíram dois romanos mortos e três albanos ficaram feridos. Um romano estava incólume. Ele correu. Todos os vaiaram. Os três albanos o perseguiram, mas começaram a ficar pelo terreno, devido aos ferimentos, distanciados uns dos outros. Quando isso aconteceu, o romano voltou, matou os três e ganhou a guerra. Ou seja, ele recuou para separar os adversários. Se lutasse ao mesmo tempo com os três, teria levado a pior. Há também o exemplo da Linha Maginot: a França, para evitar ser invadida em caso de guerra, levantou essa fortificação aparentemente inexpugnável. Veio a Segunda Guerra e os alemães simplesmente invadiram a França ladeando a Linha Maginot, pela Bélgica. É a tática e a contratática. No futebol, se você tem a idéia de como o adversário irá jogar, você estabelece um esquema, embora nem sempre ele seja eficaz.”

“Em 1950, nosso time havia dado demonstrações de tal capacidade – em função das circunstâncias, talvez – que realmente nós entramos em campo contra o Uruguai, não para empatar, mas para vencer o jogo. Pela nossa força, pela nossa superioridade. Contando também com a ação do adversário, mas sempre confiantes na nossa força. Tínhamos um sistema definido, tínhamos tudo devidamente comprovado – porque o time era um time em ascensão, em desenvolvimento. Se houvesse mais um jogo além daquele, eu teria de agir seriamente, em função de corrigir a nossa falha defensiva no setor esquerdo, que só apareceu nesse dia. Até então, não. Essa deficiência não existia. Veja a Espanha. Eu temia a linha atacante espanhola muito mais do que temia a uruguaia. Nossa defesa, no entanto, portou-se maravilhosamente contra a Espanha e não se portou assim contra o Uruguai.”

“Portanto, não entramos em campo para jogar defensivamente. Entramos sempre para desenvolver aquilo que o estado do time aconselhava. O time chegou a um estado de suficiência para jogar de igual para igual com qualquer um. Nosso time não tinha uma constituição para fazer um jogo nitidamente defensivo. Dentro daquele sistema, amparava-se os ataques do adversário, mas, dentro da zona de jogo essencial, nós tínhamos jogadores admiráveis para um jogo ofensivo. Agora, o futebol tem o seu dia, tem o seu jogo, como disse. As histórias são diferentes. Talvez se o Brasil tivesse jogado em outras circunstâncias, o resultado fosse completamente diferente. Eu era um técnico muito cioso de pequenas coisas, de detalhes, muito cuidadoso, e estava preocupado, durante o jogo, porque as coisas não estavam saindo como tínhamos previsto. No futebol, às vezes o jogador está cansado, amedrontado, sem motivação. Isso ocorre com toda gente. Um escritor, por exemplo, tem dias que está lúcido, cheio de idéias. Noutros dias, está indisposto, teve insônia, não está criativo. Às vezes o escritor pega o papel e as coisas saem claras. Outras vezes, não: então, ele tem o direito de guardar o papel na gaveta e dizer que ‘hoje não sei nada, amanhã eu faço’. No futebol isso não ocorre. Você entra em campo e produz. Você tem a sua hora. Se passou uma noite maldormida, por isso ou por aquilo, você não é aquele homem que o treinador conhece. O futebol é executado por pessoas. Se até a máquina, o motor de um auto de corrida, pode falhar, imagine o que pode acontecer com uma pessoa.”

“Eu vi o Uruguai treinando antes do jogo. Quando eles chegaram ao Rio, estavam em forma física

precária. Jogadores como o Tejera estavam um pouco gordos. Havia o Gambetta, um jogador já veterano. O Máspoli, um goleiro pesadão. De modo que, realmente, eu não estava amedrontado com o Uruguai. Minha grande preocupação era com a Espanha e a Inglaterra. Quando a Espanha eliminou a Inglaterra, minha preocupação com ela aumentou. Ninguém acreditava nos uruguaios. O respeito que os espanhóis inspiravam – os iugoslavos também – contribuiu para a ótima exibição que fizemos. Depois daquela goleada contra a Espanha, tudo ficou claro como água: o título era nosso. Os uruguaios tinham uma seleção sem possibilidades, com alguns jogadores pesadões. Não, ninguém acreditava neles. Há quem atribua a culpa da derrota aos dirigentes, outros aos políticos. Mas quem criou o clima de euforia foi o povo e mais ninguém. A torcida, quando marcamos o primeiro gol, inflamou-se e passou a empurrar o time, sem ver que em duas ocasiões Barbosa fora obrigado a defesas difíceis, em lances nascidos no setor esquerdo da nossa defesa. Quando Schiaffino fez o primeiro gol, o estádio emudeceu. O trauma comunicou-se aos jogadores, que se tornaram apáticos até a marcação do segundo gol. Zizinho driblava dois, três, olhava e todos os nossos atacantes estavam marcados.”

Flávio Costa tece outros comentários na entrevista concedida a Jairo Severiano:[\[11\]](#) “Fizemos tudo que estava na nossa capacidade para formar aquele time e dar àquele time o ritmo necessário para jogar bem. É lógico que o futebol depende muito das condições físicas – um jogo é de luta, é de movimento, é de impacto. Depende muito das condições técnicas, porque o jogador tem que agir dentro do campo para executar manobras. Mas sobretudo o futebol depende das condições psicológicas, porque dali é que emanam as iniciativas, as atitudes – e a forma de atuar. Acontece que o brasileiro não está bem preparado psicologicamente para derrotas, porque somos um país novo, que desconhece grandes guerras e tragédias. Veja o que sofreu o povo do Líbano, veja o que sofreu a Inglaterra durante a guerra. Daí sai gente mais sensata, mais sofrida. Nós, não. Então se buscam mil causas para aquela perda de 50. Houve muita coisa, realmente, que talvez houvesse influído psicologicamente. Mas o fato é que todos sabíamos que íamos ganhar aquele jogo”.

“Passados tantos anos, quando me perguntam por que o Brasil perdeu aquele jogo, respondo: é porque Ghiggia correu 40 metros com a bola, sem ser interceptado. Nós perdemos dentro do campo. Não foi porque mudamos de concentração, ou porque houve muita promessa, ou porque houve agitação política. Não: a causa real foi Ghiggia pegar a bola daquele jeito. (...) Acontece que não perdemos o jogo no segundo gol. Nós perdemos no primeiro. Quando o Brasil fez o primeiro gol, não estava jogando bem, não estava repetindo aquela partida anterior contra a Espanha. O Uruguai jogava com muitos cuidados defensivos. No intervalo, com aquela reverberação – ‘vamos fazer isso’, ‘vamos fazer aquilo’ –, nós saímos atacando e, logo de saída, no segundo tempo, fizemos o primeiro gol. O público, que estava impaciente, levantou-se logo com as bandeiras, os lenços, esperando a goleada a que estava acostumado. Aí, formou-se aquele ambiente de vitória. Quando Schiaffino marcou o primeiro gol, houve um silêncio tão grande no Maracanã que os jogadores ficaram com um trauma. Sentindo isso, os uruguaios começaram a atacar e a dominar as ações, até que saiu o segundo gol. Foi aí que nosso time reagiu, mas reagiu nervoso, afobado. Tivemos oportunidades de empatar, o que nos daria o título. Mas o gol foi

impedido pela defesa do Uruguai, que a essa altura jogou bem, procurando se defender de qualquer maneira. Dizem que o Obdulio fez isso, fez aquilo, o que não é verdade. Foram as lendas que se criaram em torno de fatos normais passados entre as quatro linhas do gramado. O Brasil perdeu o campeonato dentro do campo.”

---

[1]. João Máximo, op. cit.

[2]. Juan López, *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 15 de julho de 1950.

[3]. Levy Kleiman, *Esporte Ilustrado*, 27 de julho de 1950.

[4]. Juan López, entrevista a Geraldo Romualdo da Silva, *O Globo*, 17 de julho de 1950.

[5]. Juan López, *El Gráfico y el Mundial*, op. cit.

[6]. Citados por Teixeira Heizer, op. cit.

[7]. Máspoli, *El Gráfico y el Mundial*, op. cit.

[8]. Schiaffino, *ibid.*

[9]. Máspoli, *ibid.*

[10]. Juan López, *El Gráfico y el Mundial*, op. cit.

[11]. Jairo Severiano, op. cit.

**PARTE II**

# **BRASIL X URUGUAI**

Segue-se a transcrição *in extenso* do jogo Brasil x Uruguai, que encerrou a IV Copa do Mundo de Futebol, em 16 de julho de 1950, no Estádio Municipal Ângelo Mendes de Moraes (hoje Estádio Mário Filho). Gravação da Rádio Nacional do Rio de Janeiro (PRE-8), com Antônio Cordeiro relatando os lances do lado do campo à esquerda das cabines de rádio e Jorge Curi descrevendo os do lado à direita. [1]

O sinal (...) indica trechos subtraídos – comerciais, informes sobre a partida Suécia x Espanha (que se desenrolava concomitantemente em São Paulo) e passagens não alusivas ao jogo propriamente dito. Na edição da narrativa, achei por bem acrescentar a minutagem da partida, cronometrada a partir da gravação original, bem como informações e comentários diversos sobre os principais lances, também destacados em notas à margem esquerda.

Considere-se a expressão “lance a gol” como indicativa de qualquer arremesso de bola visando diretamente a meta adversária como finalização de jogada de ataque – não se levando em conta, aqui, bolas atrasadas para o goleiro ou centradas para a área. Adicionei ainda, por não fazer parte da locução, mas por constituir elemento importante do jogo, a reação da torcida, no momento exato em que aparece, conforme os seguintes sinais: (*Torcida forte*), (*Torcida*), (*Foguetes*), (*Brasil! Brasil! Brasil!*) – indicando coro compassado –, (*Palmas*), (*Vaias*) e (*Susto*) – indicando reação de sobressalto.

Cabe sublinhar que narrações radiofônicas como esta são os únicos registros completos do evento. Na época, houve cobertura cinematográfica da Copa com exclusividade pelo consórcio Cinédia-Milton Rodrigues (produtor de *O Esporte em Marcha*), que ganhou concorrência aberta pela CBD, ficando a distribuição internacional a cargo da já extinta empresa alemã UFA (Universum Film Aktiengesellschaft). Os curtas-metragens dos jogos eram distribuídos por todo o país e exibidos no Rio e em São Paulo com uma semana de atraso, em sessões contínuas de variedades. Em dezembro de 50 o circuito Plaza, no Rio, apresentou o documentário *Por Que o Brasil Perdeu a Copa do Mundo*, reunindo os principais momentos da Copa. O material referente a Brasil x Uruguai foi quase todo dado por desaparecido depois que o cineasta Joaquim Pedro de Andrade dele fez uso em algumas cenas do filme *Garrincha, Alegria do Povo*, em 1963. Quanto à televisão – que no Brasil seria inaugurada dois meses depois da Copa – só no início dos anos 50 suas imagens passaram a ser filmadas em telecine e, a partir de 1956, gravadas em videoteipe (introduzido no país em 1962).

Por fim, registre-se a terminologia empregada na época, já em desuso, como demonstram alguns exemplos: couro, balão ou pelota (*bola*), tento (*gol*), peleja (*jogo*), finta (*drible*), quadro (*time*), cancha (*campo*), poste (*trave*), guardião (*goleiro*), tiraço ou petardo (*chute forte*), tiro de gol (*tiro de meta*), tiro de canto (*córner*), além de expressões inglesas (*dribling*, *foul*, *hands*, *center-forward*, *center-half*).

---

[1]. A presente transmissão radiofônica, depois da primeira edição deste livro, foi lançada no mercado em dois cassetes, em 1989, pela Collector's Editora (Rio).

# PRIMEIRO TEMPO

(A Seleção Brasileira joga à esquerda das cabines de rádio; o Uruguai, à direita.)

*Hora do início do primeiro tempo: 14h55min*

*(Torcida forte)* Movimentou Ademir para Jair. Jair atrasou para Bauer. Bauer na frente para Zizinho. Recebe Zizinho. Progride. Na frente para Ademir. Ademir para Zizinho. Avança Zizinho. Atrai Schiaffino. Passa por ele. Deu para Ademir! Ademir para Zizinho! Cortou Matías González! Insiste Zizinho! Manda Rodríguez Andrade para córner! *(Foguetes)* **[LOGO DE SAÍDA, ATAQUE DO BRASIL E PRIMEIRO CÔRNER DO URUGUAI.]** Córner contra o Uruguai! Vai ser batido por Friaça na ponta direita. Prepara-se Friaça. Cobrou, à boca da meta. *(Foguetes)* A pelota passou por todo mundo e ficou agora para Gambetta. Perdeu para Chico, que deixa a pelota sair pela linha de fundo. (...) Cobrou Matías González o tiro de meta. Bola no centro da cancha, na cabeça de Danilo, que dá para Chico *(Torcida forte)*. Chico engana espetacularmente, topou com Gambetta, mas cai também e a pelota se escoia pela lateral. Lateral favorável à equipe uruguaia. *[1 minuto.]*

O ataque inicial do Brasil, colocando imediatamente em risco a meta uruguaia, dava continuidade à performance oferecida no jogo com a Espanha e fazia prever nova goleada. A multidão aclamava a Seleção, compelindo-a ao ataque. O clamor da torcida – sobretudo quando a bola chega aos pés do trio central atacante – permanecerá até por volta do 14º minuto, quando a meta brasileira irá sofrer perigo de gol.

Momentos de sensação nos segundos iniciais da partida com um ataque perigoso do Brasil. Prepara-se Gambetta para movimentar. Cobrou a lateral. Entregou na direção de Julio Pérez. Vai sobre ele Danilo e o desarma, tentando dar ao ataque brasileiro. *(Torcida forte)* **[PRIMEIRO ATAQUE URUGUAIO.]** Corta porém Gambetta e dá na frente para Ghiggia. Ghiggia é desarmado por Juvenal. Recuperou Julio Perez. No ataque os uruguaio por intermédio de Julio Perez. Deu para Míguez. Vai progredindo Míguez. Adiantou-se. Atirou de fora da área... Defendeu Juvenal! *(Torcida forte)* A bola bateu em Juvenal e foi para Ghiggia. **[PRIMEIRA TABELA GHIGGIA / JULIO PÉREZ.]** Ghiggia combinou bem com Julio Pérez. Caíram agora Juvenal e Míguez e o juiz marcou *foul*. Marcou lateral. Arremesso lateral de Bigode. Bigode na frente para Chico. *(Torcida forte)* Corre Chico pela esquerda. Entregou a pelota a Ademir. Cortou Matías González. Recuperou Jair. *(Torcida forte)* Perdeu para Obdulio Varela. Obdulio na frente para Julio Pérez, que perde agora para Bigode. *(Torcida forte)* Bigode na esquerda, na direção de Chico. Mas o juiz marcou *foul* de Bigode em Julio Pérez, nas imediações da linha divisória do gramado. *[2 minutos]*

Vai ser cobrada a falta contra as cores brasileiras por intermédio de Gambetta para o selecionado do Uruguai. Prepara-se Gambetta. Tudo pronto para a cobrança da falta, enquanto o juiz advertiu Bigode. (...) Cobrou Gambetta. Bola pingando na área brasileira. Cabeceou Juvenal, defendendo. *(Torcida)* O couro volta então para Obdulio Varela, que é desarmado entretanto por Bigode. Bigode para Jair. *(Torcida forte)* Jair na frente para Zizinho. Vai levando Zizinho. É perseguido pelas costas por Schiaffino. Bateu Schiaffino, a primeira vez. Continua Schiaffino a persegui-lo. Fica o couro então em poder de Bauer. Bauer atrasou para Augusto. Pára a pelota no terreno Augusto. Deu na frente, na direção de Ademir. Passe malfeito, rebateu Matías González. Recupera entretanto Zizinho. *(Torcida forte)* **[PRIMEIRO LANCE DE GOL DO BRASIL.]** Vai para o ataque Zizinho. Atinge a intermediária contrária. Entregou a pelota a Ademir. *(Torcida forte)* Avança, prepara e atira... Defendeu Máspoli! Defendeu Máspoli o tiro de Ademir de fora da área. Deu com a mão! A pelota chegou para Jair! *(Torcida forte)* **[SEGUNDO LANCE A GOL DO BRASIL.]** Avança Jair. Entregou a Ademir, Ademir a Jair! Avança e atira... Defendeu Máspoli! Defendeu Máspoli o petardo de Jair! *[3 minutos.]*

Logo no segundo minuto de jogo, estive para cair a meta de Máspoli, com dois chutes seguidos, um de Ademir, outro de Jair. Lembra Ademir o lance que, a seu ver, “praticamente decidiria o jogo, se a bola entrasse”: “Percebi um espaço no lado esquerdo da defesa e gritei para Zizinho: ‘Dá! Enfia no buraco!’ Mas o Obdulio Varela gritou mais alto para Matías González: ‘Aguanta el Ademir! No lo dejes adelante!’ Apesar disso, consegui vencer a cobertura de González. Chutei com raiva, cruzado, mas Máspoli conseguiu defender. Eu estava preparando o grito de gol. A torcida também ficou engasgada”.<sup>[1]</sup> O filme do lance, porém, mostra que Ademir chutou na intermediária adversária uma bola rasteira e lenta que Máspoli segurou sem esforço.

Bola com o arqueiro do Uruguai, que atira a Schiaffino. Perdeu porém para Bauer. (*Torcida*) Bauer a Friaça. Cortou Rodríguez Andrade, entregando a pelota a Míguez. (*Brasil! Brasil! Brasil!*) *Foul!* Assinalou o juiz *foul* de Friaça em Rodríguez Andrade. Já cobrou Tejera. Aliviou Juvenal de cabeça, curto. Voltou a pelota para Míguez. Controla Míguez na entrada da área. Atira... (*Torcida*) fácil, para a bola bater em Danilo e ficar com Bigode. Bigode então vai à frente, vai progredindo. Dá em profundidade, na direção do adversário que é Obdulio Varela, que deu a Ghiggia. Cortou Bigode. (*Torcida*) Deu para Jair. Jair atrasou para Danilo. Danilo na frente na direção de Ademir, (*Torcida forte*) que vai para o ataque. Corre Ademir pelo centro. Continua progredindo. Atraiu Tejera. Deu agora para Friaça. Entra na área... Perdeu para Rodríguez Andrade! Excelente a marcação do médio. A pelota deriva para a esquerda do ataque brasileiro. Entra Chico sobre Obdulio e a pelota sai, é posta para fora pelo centromédio do Uruguai. O juiz, porém, deu falta contra o Uruguai. *Foul* contra o Uruguai! (...) **[FOUL PERIGOSO CONTRA O URUGUAI]** [4 minutos.]

(*Torcida*) Vai ser cobrada a falta quase na meia-lua da área por Jair. Prepara-se Jair para cobrar a falta. Atenção, brasileiros! Ajeita a pelota no terreno Jair. Não há barreira – defeituosa, três elementos apenas. Prepara-se Jair para a cobrança. Apitou Mr. Reader. **[TERCEIRO LANCE A GOL DO BRASIL.]** (*Torcida forte*) Atirou Jair... para fora! Para fora, à esquerda da meta guardada por Máspoli. (...) Já foi dado o tiro de meta. A pelota está no ataque uruguaio, em poder de Míguez. Bauer, entretanto, desarmou Míguez (*Torcida*) e deu na frente para o seu ataque, servindo à direita para Ademir. Corta Matías González. A pelota foi ter a Friaça. (*Torcida forte*) Friaça deixou para Zizinho, que engana espetacularmente a Schiaffino. [5 minutos.]

Deu a Bauer. Bauer devolveu a Zizinho, que perde porém para Morán. Recupera Friaça. Devolve para Zizinho. Perdeu para Morán, que vai para o ataque. Rebateu Augusto muito firme, (*Torcida forte*) dando para Jair na metade da cancha. Jair para Chico. Chico é desarmado, mas recupera agora Danilo. Entrega a Chico na ponta esquerda. De cabeça tenta dar a Jair. Volta-se o próprio Chico e ainda recolhe o seu passe, entregando a pelota a Ademir. Ademir pára o couro. Entrega a Chico, impedido! (*Torcida forte*) Impedido Chico, assinalando Mr. Ellis aqui do nosso lado. E Mr. Reader, junto do jogador brasileiro, confirma. (...) Cobrou Matías González o tiro de gol. Bola para Schiaffino, que atrasou para Rodríguez Andrade. Este entregou a Tejera, que perdeu para Jair! (*Torcida*) Jair estoura com Obdulio e a pelota fica para o centromédio do Uruguai, que entrega a Schiaffino, que vai para o ataque. Deu na direção de Obdulio, atrasado. Obdulio em profundidade para Míguez. Corre juntamente com ele Bigode. Chegou primeiro na bola Bigode. É atrapalhado por Míguez, mas consegue rebater. [6 minutos.]

A bola ficou com Obdulio Varela. Derivou para Ghiggia na ponta direita. O couro saiu pelo lado. (*Vaias*) Lateral favorável ao Brasil. É Bigode quem vai fazer o arremesso. (...) Bola com Ademir, que vai para o ataque. Continua correndo Ademir, mas perde agora para Tejera. Vai para o contra-ataque o Uruguai. Dá em profundidade para Ghiggia, na ponta-direita. Tenta aplicar uma finta em Bigode. Não conseguiu ainda. **[PRIMEIRO CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE.]** (*Torcida*) Está lutando contra Bigode. Lutam os dois. Chocou-se contra Bigode. Entra na jogada Míguez. Marcou o juiz *foul* de Bigode em Ghiggia. Na entrada da área perigosa. Ao lado da área vai cobrar Ghiggia esta falta contra o Brasil. (...) Atenção! Cobrou Ghiggia, morrendo sobre a meta. Salta defendendo Bauer. Volta a pelota para Morán. Puxou para a área. Salvou Bigode! **[PRIMEIRO LANCE A GOL DO URUGUAI]** (*Torcida forte*) Ficou o couro em poder de Obdulio. Atirou em gol. Defendeu Bauer. (*Torcida forte*) Para Zizinho. Zizinho vai então à frente. Aplicou uma finta em Schiaffino. Deu no centro para Ademir. [7 minutos.]

De acordo com Friaça, no primeiro confronto com Ghiggia, Bigode o atingiu e foi advertido pelo juiz e por Zizinho. “Daí por diante, Ghiggia começou a levar vantagem. Schiaffino também deixava a ala esquerda para reforçar a eficiência da ala direita.”<sup>[2]</sup>

Vai Ademir para o ataque. (*Torcida forte*) Abriu na ponta direita para Friaça. Corre Friaça com o couro. Ao lado da área. Entra Rodríguez Andrade e manda para fora. É um notável jogador o médio do Uruguai. Vai ser cobrado o lance lateral favorável à equipe do Brasil. Prepara-se Friaça. Movimentou na direção de Jair na meia direita. Jair devolveu a Friaça. Friaça deixou o couro sair pela lateral, quando estava completamente livre. Prepara-se então Rodríguez Andrade e cobra a lateral, entregando a Obdulio. Pára a pelota no terreno, é atacado por Friaça, e manda a Schiaffino, que tenta dar a Míguez. A pelota voltou ainda a Schiaffino, impulsionada pelo comandante do Uruguai, e vai para o ataque. Deu em profundidade. Cortou Danilo. (*Torcida forte*) Para Friaça, na ponta direita. Parou a pelota no peito Friaça. Prepara o passe, não executa, demora. Deu na frente para Ademir! (*Torcida forte*) Corre Ademir. Vai sobre ele Rodríguez Andrade. Ademir bateu, mas perdeu agora para Gambetta, que mandou a pelota para fora. Lateral favorável à equipe do Uruguai. Antes, porém, da lateral, o juiz marcara uma falta contra o Brasil na entrada da área perigosa uruguaia. (...) [8 minutos.]

A pelota é atrasada para Máspoli. Atirou o arqueiro do Uruguai, tentando servir à esquerda do seu ataque, para Morán. Aliviou de cabeça Augusto. Entra Rodríguez Andrade e perde para Zizinho. Zizinho está na metade da cancha. Continua o jogo de meia cancha com Bauer com a pelota. Bauer então é bloqueado por três e dá para Augusto. Parou a pelota no terreno Augusto. Levantou para o seu ataque, bem, para Zizinho. (*Torcida*) Zizinho deixou para Ademir. Ademir devolveu para Zizinho. (*Torcida forte*) Zizinho deriva então para a direita. Estava no comando do ataque. Progride o meia brasileiro. Atrai Tejera. Passou por ele. (*Torcida forte*) Perdeu para Julio Pérez, que atrasou agora para Máspoli. Atirou o arqueiro do Uruguai. A pelota foi ter livremente na direção de Juvenal, que cabeceia mal. Colocado porém Bigode. (*Torcida*) Rebateu firme na direção de Jair. Progride Jair pelo centro. Continua avançando. Deu mal na direção de Ademir. Rebateu também mal Gambetta. Bola para Zizinho. [9 minutos.]

(*Torcida forte*) Zizinho enganado. Entra agora Ademir. Rebateu Tejera. Recolhe Bauer. Bateu Schiaffino. Deu a Friaça. Friaça de cabeça para o ataque brasileiro. Cortou Tejera. Tejera rebate firme para o centro. Pula Juvenal com Míguez. Cabeceou para trás Juvenal. Colocado porém Danilo. Faz a cobertura. Deu para Bauer. (*Torcida*) Recebe o médio brasileiro. Entra agora Schiaffino. Estoura com ele e manda a pelota para fora. Lateral pro Brasil. (...) (*Brasil! Brasil! Brasil!*) Cobrou Bauer. Entregou a Zizinho. Zizinho a Friaça. Friaça tenta dar a Ademir. Cortou porém Matías González. Rebateu para o centro da cancha. A pelota foi ter a Danilo, que dá para o ataque brasileiro. Corta Obdulio, desfazendo Zizinho, mandando na frente a Míguez. (*Torcida*) Vai levando Míguez. Entra Bigode. (*Torcida forte*)

**[PRIMEIRA DEFESA DE BARBOSA.]** Perdeu para Míguez, que adiantou muito! Sai Barbosa da meta e faz a defesa. (...) [10 minutos.]

No ataque os uruguaios. Atirou violentamente Míguez, cruzado. Defendeu Barbosa! **[CHUTE PERIGOSO DE MÍGUEZ NO SEGUNDO LANCE A GOL DO URUGUAI.]** (*Torcida forte*) Notável tiro de Míguez, boa defesa de Barbosa. Bola no ataque brasileiro com Jair. Jair leva para a frente, dá a Ademir. (*Torcida forte*) Recebeu Ademir no comando do ataque, progride, vai avançando, aproxima-se da área. Atrai seu marcador que é Matías González. Passa por ele e dá a Chico na ponta. Prepara-se o ponteiro. Driblou Gambetta. (*Torcida forte*) Driblou a segunda vez. Driblou a terceira vez! Perdeu para Matías González! Rebateu Matías González, fraco. Corre Jair. Apoderou-se da pelota, foi derrubado por Gambetta, e esse manda a pelota para fora. Lateral favorável à equipe do Brasil. Vai cobrar Jair pela esquerda. (...) (*Torcida*) Bola com Ademir após a lateral. Entregou a Zizinho. (*Torcida forte*) Prepara-se Zizinho. Tenta dar a Ademir. Corta muito bem Tejera. Tejera a Obdulio. [11 minutos.]

Sai Obdulio da área com a pelota. Deu agora no centro da cancha para Míguez. Vai sobre ele Juvenal e rebate para a esquerda, na direção de Chico, que estava descolocado, e a pelota vai saindo pela lateral. Saiu. Favorável à equipe do Uruguai. Vai cobrar Gambetta para a Celeste. (...) Demora-se Gambetta, na altura da intermediária do Uruguai. Cobrou na frente, na direção de Ghiggia, defeituosamente, (*Vaias*) e vai cobrar Bigode agora para o Brasil. Cobrou Bigode. Mandou para Chico. Corre com Gambetta. Na frente o médio do Uruguai. Tomou a dianteira de Chico. (*Torcida*) Este cometeu falta e o juiz consignou. *Foul* de Chico em Gambetta na entrada da área perigosa. Prepara-se então Matías González para a cobrança do tiro livre em favor do Uruguai. Ajeita a pelota no terreno. Quem vai cobrar é Matías González. Cobrou o zagueiro-direito da equipe do Uruguai. Bola na direita do ataque Celeste. Cortou Danilo de cabeça, (*Torcida forte*) entregando a Zizinho. Vem Zizinho avançando. Deu na frente para Ademir. Ademir atrasou para Zizinho, que bate Tejera. Devolve para Ademir. Fê-lo porém com um pouco de força e a pelota ficou para Rodríguez Andrade. [12 minutos.]

Rebateu Rodríguez Andrade. A pelota foi ter a Zizinho, que deu agora para Friaça na ponta. (*Torcida*) Corre Friaça. Avança ainda mais. Entregou a Ademir, que perdeu para Matías González. Recupera Zizinho. Traz o Brasil para o contra-ataque. Avança. Entregou a Ademir. (*Torcida*) Ademir tenta dar a Friaça. Cortou outra vez Matías González. Entrega a Morán. Corta Augusto. (*Torcida*) Deu a Friaça. Friaça bateu Rodríguez Andrade. Atrai ainda Morán, que o persegue. Deu na boca do gol na direção de Ademir, mas a pelota chegou fácil a Máspoli. Bola com o arqueiro do Uruguai. Vem ao

limite da área penal. Prepara-se. Atirou Máspoli para o centro da cancha. A pelota veio ter a Danilo, recuado. Danilo com o couro. Bateu agora muito bem a Julio Pérez. Deu em profundidade para o ataque, na direção de Ademir, (*Torcida forte*) que enganou Matías González. Parou a pelota. Atrasou para Zizinho. Deriva Zizinho para a esquerda. Entregou a Ademir no comando. Ademir outra vez a Zizinho. (*Torcida forte*) Zizinho avança. Devolveu para Ademir! Corta espetacularmente Matías González. A pelota é rebatida e é alcançada por Bauer, que perde para Schiaffino. Este atrasa para Tejera. Tejera atira para o centro da cancha. [13 minutos.]

Bola para Bigode. Prepara-se o médio do Brasil. (*Torcida*) Rebateu. Bola para Danilo. Contra-ataque do Brasil por intermédio de Danilo. Avança. Atinge a intermediária contrária. Abriu agora na ponta para Chico, que estava no comando do ataque, e a pelota ficou com o zagueiro direito. Deixou para Gambetta. Rebateu Gambetta para o centro da cancha. A pelota sobe e desce na cabeça de Bigode. Bigode para Danilo. Danilo para Juvenal. Juvenal, livre, atirou para o ataque brasileiro, em profundidade para Ademir, pelo alto. Ademir perdeu para Matías González. Rebateu Matías González. Recupera Augusto. (*Torcida*) De cabeça entregou a Ademir na ponta direita. (*Torcida forte*) **[QUARTO LANCE A GOL DO BRASIL.]** Avança Ademir! Prepara-se! Ajeita a pelota e atira... Defendeu Máspoli espetacularmente! **[ATAQUE PERIGOSO DO URUGUAI.]** Bola na direção de Gambetta. Atirou Gambetta para o centro da cancha, para Schiaffino. Schiaffino a Míguez. Parou o couro e vai para o ataque. Controla Míguez. Abriu para Ghiggia na ponta direita. Completamente livre Ghiggia. Vai levando a pelota. Está na intermediária brasileira. Continua progredindo. Tem pela frente Bigode e Danilo. Atrasou. Para Julio Pérez. Julio Pérez lutou contra Danilo e passou por ele. Vai entrando na área. Passou para Ghiggia. (*Torcida*) Atenção! Vai atirar. Atirou atrasado. Entra... Falha agora Schiaffino, (*Torcida forte*) e salvou a situação Augusto, rebatendo para o meio da cancha. Houve perigo para a meta brasileira nesse lance. [14 minutos.]

O nervosismo do locutor e a reação da torcida indicam a situação de perigo por que passou aqui o Brasil. Foi o primeiro risco da defesa. Os torcedores estranharam uma situação que iria repetir-se um minuto e meio depois.

Bola na metade da cancha com Zizinho. Bola na frente na direção de Ademir. Vai perder para Matías González, que rebateu fraco, entregando o couro na direção de Gambetta. Gambetta para o seu ataque. Entrou Danilo muito bem, de sola, e passou para Jair, que entregou a Zizinho. Zizinho está na meia esquerda e deu em profundidade. Para Jair. Jair perdeu porém para Gambetta. Gambetta rebateu forte. A pelota é alcançada por Danilo. Grande partida do centromédio. (*Torcida*) Danilo para Zizinho. Zizinho para Jair. Jair perdeu para Gambetta. Gambetta na frente para Julio Pérez, que dá em profundidade ao ponta-direita. Adianta muito o passe. Sai da meta Barbosa e faz a defesa. (*Torcida forte e vaias*) Chocou-se contra Ghiggia e esse então caiu lá na linha de fundo. Já chutou Barbosa para o meio do campo, para Chico, na esquerda. Parou a pelota muito bem o ponteiro esquerdo do Brasil. Atraíu Gambetta. (*Torcida*) Deu-lhe um *dribling* espetacular e (*Torcida forte*) deu a Jair! Jair a Chico! Chico a Ademir! Ademir luta com Tejera. Leva a melhor! Entrega a Chico! Prepara-se Chico. Tenta atrasar para Ademir. Impedido o ponteiro do Brasil. [15 minutos.]

Cobra então Matías González, entregando a Schiaffino. Schiaffino está na meia esquerda. Bateu Bauer. Foi derrubado. *Foul* contra o Brasil. Vai cobrar na intermediária Morán. Pelo menos é o jogador mais próximo da bola, que vai se preparando para cobrar essa penalidade, na intermediária brasileira, no setor esquerdo. Portanto, a dez metros, ou mais, da área perigosa. (*Torcida*) **[URUGUAI PERDE TENTO CERTO, EM SEU TERCEIRO LANCE A GOL.]** Colocada na defesa toda a retaguarda brasileira. Já cobrou, para Míguez. Cabeceou Míguez para Ghiggia. Atirou... (*Susto*) Para fora, rente ao poste! Perdeu um tento certo agora Schiaffino. Ghiggia ajeitou para Schiaffino, confusão na área brasileira, e com o gol vazio, porque Barbosa saíra antes, Schiaffino atirou fora. Primeira grande oportunidade perdida pelo Uruguai. Como se vê, o Brasil está encontrando realmente, até agora, na Seleção Uruguaia, o seu adversário mais duro nessas finais do Campeonato Mundial. (...) [16 minutos.]

Um minuto e meio após ameaçar a meta de Barbosa, e reagindo à pressão brasileira, os uruguaios contra-atacam e quase abrem o marcador. Nos dois minutos seguintes, o Brasil volta a pressionar, sob o impulso da torcida, e também por pouco não faz o primeiro gol, levando o Uruguai a tentar ganhar tempo.

(*Torcida*) Bola com Zizinho no ataque. Avança Zizinho pela direita. Vai progredindo. Atraíu Tejera. Parou na intermediária. Atraíu o zagueiro. Deu agora para Chico na ponta-esquerda. Prepara-se o ponteiro. Atira para Ademir. (*Torcida forte*) **[QUINTO LANCE A GOL DO BRASIL.]** Entra Matías... Atirou Friaça... Defendeu Máspoli! Largou a pelota! Rebateu Matías González! Alcançou o couro Danilo. Perdeu para Julio Pérez, que dá na frente a Schiaffino. Corta Juvenal. Juvenal a Bauer. Avança Bauer pela direita. Deu agora para Zizinho. Zizinho atraíu Tejera. Passa por ele.

Entregou a Ademir. Prepara-se Ademir. Ajeita e atira... **[SEXTO LANCE A GOL DO BRASIL.]** Bateu a pelota em Matías González. Ficou para Danilo. Caminha Danilo pela ponta esquerda. Cruzou agora a boca da meta. Pula Zizinho. Rebateu Matías González. [17 minutos.]

Alcança a pelota Jair. (*Torcida forte*) Perdeu para Obdulio. Deu agora para Zizinho. Zizinho a Jair. Jair a Zizinho. Entra Friaça e atira... Bateu em Rodríguez Andrade. Ficou para Chico. Prepara-se o ponteiro. Bateu Julio Pérez, que agora o desarma, e manda a pelota para fora. Notável o ataque do Brasil! **[SÉTIMO LANCE A GOL DO BRASIL.]** Por um milagre não caiu a defesa de Máspoli. Prepara-se o ponteiro Chico para cobrar a lateral. (*Brasil! Brasil! Brasil!*) Bola nas mãos de Chico. Entregou a Jair. Jair foi derrubado por Gambetta. Valeu o lance. Gambetta para Julio Pérez, que está na defesa. Luta com Jair. Leva a melhor o meia do Uruguai e deu na frente a Míguez. Vem trazendo Míguez, na posição de centroavante. Perdeu para Juvenal, que atrasou para Bauer. (*Torcida*) Vai levando Bauer. (*Torcida forte*) Bateu Míguez e vai embora para o ataque. Já está na intermediária contrária. Avança. Continua progredindo pela direita. **[OITAVO LANCE A GOL DO BRASIL.]** Atirou... alto, sobre o gol de Máspoli! Um *rush* notável do médio-direito do Brasil. (...) [18 minutos.]

Vai ser cobrado o tiro de gol para a equipe do Uruguai. Vai cobrar Máspoli. Ajeita a pelota e chama o Matías González para a execução do lance. (*Torcida*) Demora-se muito o zagueiro. Estão ganhando tempo... para respirar. Demora-se demais. Parece até que eles estão ganhando a partida. Cobrou Matías González. Bola no centro da cancha para Schiaffino, que cabeceia, recebe *foul* de Bauer e o juiz consigna. Vai ser cobrado na altura da linha divisória do gramado. Vai ser cobrada a falta por intermédio de Gambetta. (...) Tudo pronto. Colocada a defesa brasileira, no limite da grande área. Atirou Gambetta. Aliás, atirou Tejera. O couro ficou com Schiaffino. Ele tenta enganar Bauer e não consegue. Recua. Continua com a pelota. Lutando ainda contra Bauer. Aplicou-lhe agora uma finta. A segunda. Empurrou o couro para Julio Pérez. Colocado entretanto Augusto, fez a rebatida. (*Torcida*) A pelota vai para o ataque brasileiro, na direção de Rodríguez Andrade e Ademir. [19 minutos.]

Leva a melhor Ademir. (*Torcida forte*) De cabeça deu a Friaça. Friaça a Ademir. Cortou Rodríguez Andrade. Mandou para o lado. Correu Friaça, mas a pelota saíra pela lateral, favorável ao Brasil. Cobrou Friaça, entregando a Zizinho. (*Torcida*) Zizinho progride. Vai levando lentamente o ataque. É perseguido agora por Schiaffino e ele ainda não viu. Deu na frente agora, incontinenti, para Ademir. Ademir abriu na esquerda para Jair. Jair para Chico. Parou a pelota Chico, no bico da área. Atraiu Gambetta. Passa por ele. Joga-se Gambetta aos pés de Chico e consegue agora levar a vantagem sobre o ponteiro do Brasil. Atirou Gambetta. Recolheu Danilo. Na intermediária do Uruguai, atira forte... Rebateu Matías González. Bola para Bauer. Bauer perde para Schiaffino, que entrega a Míguez. Míguez bateu Danilo e vai para o ataque. Dá em profundidade para Ghiggia. Muito atrasado. Sai da meta Barbosa e tranqüilamente faz a sua defesa. (*Vaias*) Bola com o arqueiro brasileiro, que vai chutar para a frente. Já estão os uruguaios mais preocupados com a defesa, a essa altura. Bola no ataque brasileiro, entre Jair e Chico. Jair cabeceia levemente para Chico. Corre sobre o ponteiro Obdulio Varela e manda a pelota para fora. (*Vaias*) Lateral favorável à equipe do Brasil. Vai cobrar Jair pela lateral. (...) [20 minutos.]

Nesse momento, o locutor anuncia a renda e o público pagante. Enquanto isso, ocorre um ataque do Brasil que termina em bola fora. Não tendo sido irradiado, considere-se este o nono lance a gol do Brasil:

Tiro de meta por intermédio de Matías González. Bola no ataque uruguaio. Em poder de Schiaffino. Schiaffino perdeu para Bauer. Domina a pelota no centro do terreno Bauer. Luta contra Schiaffino. Perdeu. Recuperou. (*Torcida*) Levou vantagem ainda Bauer, perseguido agora por Morán, e acabou perdendo para Morán. Adiantou muito Morán entretanto o couro, que vai para os pés de Juvenal. Juvenal então atrasa para Barbosa, que tranqüilamente faz a sua intervenção. Vai chutar Barbosa para o meio do campo. [21 minutos.]

Bola na metade da cancha com Obdulio, que perde para Jair. (*Torcida*) Vai avançando Jair pela esquerda. Continua progredindo o meia do Brasil. Atraiu Obdulio Varela. Entregou para Ademir. Ademir abriu para Chico. Prepara-se o ponteiro. (*Torcida*) Ajeita a pelota para Jair. Jair outra vez a Chico! (*Torcida forte*) **[DÉCIMO LANCE A GOL DO BRASIL E SEGUNDO CÓRNER DO URUGUAI.]** Aproxima-se do gol! Levanta para Ademir! Cabeceou Ademir... Mandou Máspoli para córner! Espetacular defesa do arqueiro! Espetacular defesa de Máspoli para córner, de uma cabeçada quase infalível de Ademir! Sensação na partida, com uma cabeçada acrobática e uma defesa espetacular. (...) (*Brasil! Brasil! Brasil! Torcida forte*) Vai cobrar Friaça na ponta direita. Ajeita a pelota no terreno o ponteiro brasileiro. Cobrou. Bola à boca do gol. Pula Ademir. Pula Matías González. Rebateu. Bola para Bauer. Bauer acossado por Schiaffino, mandou mal para a área. Rebateu de qualquer forma Obdulio. **[SEGUNDO CONFRONTO GHIGGIA X**

**BIGODE.]** A pelota foi ter a Ghiggia, que perdeu para Bigode. (*Torcida*) Bigode para Zizinho. Pula Schiaffino sobre Zizinho. Leva a melhor o meia do Brasil. (*Torcida*) [22 minutos.]

A cabeçada de Ademir deixou os torcedores convencidos do primeiro gol. Diz Máspoli: “Para quem via o jogo da arquibancada, foi um momento dramático, porque parecia que a bola havia me encoberto. Foi espetacular quando me atirei para trás e mandei a bola por cima do travessão. Mas, na verdade, era uma bola controlada. Não poderia ser gol de maneira alguma”. [3]

Atraiu Schiaffino. Passa por ele. (*Torcida*) Deriva Zizinho agora para a direita e entrega a pelota a Bauer. Bauer bateu Tejera e deu a Jair na meia. Corta Rodríguez Andrade. Recuperou Bauer. Avança pela direita. Entrega a pelota a Jair na meia direita. (*Torcida forte*) Jair a Ademir. Ademir a Jair. Jair pára o couro. Devolveu a Ademir. Ajeita e atira... (*Torcida forte*) bateu em Matías González! Entra Danilo e atira forte. A pelota deriva para a direita. Para Friaça. Atraíu Rodríguez Andrade. Tenta batê-lo. Entra Rodríguez Andrade e manda a pelota para fora. Lateral favorável à equipe do Brasil. Começa a pressionar, mas erradamente, a ofensiva brasileira. Cobrou Friaça, entregando a Ademir. Parou a pelota no peito. Deriva para a direita. Atraíu Tejera e esse manda o couro para fora. **[PRIMEIRA VAIA PARA MR. ELLIS.]** Lateral pró Brasil e Mr. Ellis deu favorável ao Uruguai! Absolutamente! (*Vaias*) Mr. Ellis deu favorável ao Uruguai. Vai cobrar então Rodríguez Andrade junto da bandeira que marca o ângulo de córner. Prepara-se Rodríguez Andrade. [23 minutos.]

Entregou a pelota a Schiaffino, que é marcado por Bauer. Leva a melhor o médio do Brasil. Deu a Friaça. Friaça a Zizinho. (*Torcida*) Zizinho passou por Obdulio. Deriva agora para o comando do ataque. Atenção! Na meia-lua da área. Prepara-se. Bateu Obdulio. Entregou a Ademir. Ademir não tem por onde chutar. Deu para Zizinho. (*Torcida forte*) Tenta emendar, mas perde para Matías González. Rebateu Matías González para Schiaffino. Corta porém Bauer. A pelota fica em poder de Míguez, que está na sua área. Vem avançando Míguez. Luta com Danilo, leva a melhor e vai para o ataque. Vem progredindo Míguez, numa investida pessoal. Está na metade da cancha. Bateu Juvenal. Manda para Morán na esquerda. Morán atrapalha-se com Augusto. Conseguiu passar. Deu na direção de Míguez outra vez. Para Julio Pérez. Perdeu agora para Bauer. (*Torcida*) Está um pouco desnordeado agora o ataque uruguaio, jogando precipitadamente. Bola com Friaça na ponta direita. Recua para o seu próprio campo, esperando uma posição melhor para centrar. Agora, parte para o ataque. Foi agarrado por Schiaffino. Valeu o lance porque levou vantagem. Entregou agora na frente para Zizinho. (*Torcida*) **[TERCEIRO CÔRNER DO URUGUAI.]** Zizinho prepara-se. Atraíu Tejera. Passou por ele como quis. Continua progredindo. Deu dentro da área para Jair. Entra Matías González e manda a córner. Córner contra o Uruguai. [24 minutos.]

Vai cobrar Friaça na ponta direita. A vigilância sobre Zizinho é também exercida com o auxílio de Schiaffino. Vai cobrar Friaça na ponta direita. Ajeita a pelota no terreno. Cobrou Friaça. Muito bem. Saiu Máspoli. Rebateu falho. (*Torcida*) Entra agora Matías González. Entra também Gambetta e rebate para fora da área. Corre Bigode até a intermediária do Uruguai. Entrega a pelota a Chico na ponta. Chico a Danilo. (*Torcida*) Vem caminhando Danilo. Perdeu agora para Julio Pérez. Esse na frente para Míguez, na altura da intermediária do seu próprio quadro. Perdeu para Jair, (*Torcida*) que deu a Juvenal, que atira então para a área. (*Torcida forte*) Pula Ademir e, de cabeça, deu para Friaça. (*Torcida forte*) Emendou Friaça! Mal! A pelota foi ter a Ademir. Ademir atrasou para Zizinho. Zizinho pára o couro. Bateu Tejera. Devolveu para Ademir. Ademir prepara o tiro e executa... (*Torcida forte*) **[11O LANCE A GOL DO BRASIL.]** Para fora! Entra Máspoli, mas a pelota saíra para a linha de fundos. (*Foguetes*) Tiro de gol favorável à equipe uruguaia. Vai cobrar Matías González, que é um dos esteios da defesa do Uruguai. [25 minutos.]

Cobrou Matías González. Bola no centro da cancha, na cabeça de Juvenal, que cabeceia para o lado. Bola para Julio Pérez. Controla na meia direita. Vai o Uruguai para o ataque por intermédio de Júlio Pérez. (...) Perdeu para Bigode. Bigode para Jair. Controlou Jair. (*Torcida*) Vai levando para o ataque brasileiro. Empurrou na frente, para Ademir. (*Torcida forte*) Recebeu Ademir. Deriva para a direita. Atraíu Matías González. Passa por ele. Passou por Tejera. Abriu para Chico na ponta. Emendou Chico! (*Torcida forte*) **[12O LANCE A GOL DO BRASIL.]** Raspou a trave de Máspoli e saiu! Espetacular o tiro de Chico! (...) A pelota caiu no fosso e é colocada em campo uma nova bola. É entregue a Máspoli, goleiro do Uruguai. [26 minutos.]

Prepara-se Máspoli para ajeitar a pelota para Matías González. Ajeitou o couro no terreno. Caminha o zagueiro direito do Uruguai e atira forte para o centro. A pelota está entre Schiaffino e Bauer. Cabeceou o médio do Brasil. Entregou na direção de Zizinho, (*Torcida*) que abriu agora em profundidade para Danilo. Corre Danilo. Atinge a intermediária contrária. Continua progredindo. Avança ainda mais Danilo. Atraíu Obdulio e atira. A pelota bateu em

Obdulio e ficou para Rodríguez Andrade. Rebateu Rodríguez Andrade. Bola para Bauer. (*Torcida*) Bauer para Ademir. Ademir cabeceia. Não tinha ninguém colocado. Bola para Obdulio. Atirou para o centro da cancha, na direção de Julio Pérez. Vai sobre ele Juvenal. Leva a melhor. (*Torcida*) Entrega a Danilo. Danilo, de meia bicicleta, entrega na frente a Jair, mas este perde para Obdulio. Recuperou Danilo (*Torcida*) e deu para Ademir. Ademir atrasou mal para Zizinho. Bola para Julio Pérez, que deu na frente a Schiaffino. (*Torcida forte*) Adianta-se Schiaffino. Bateu Augusto na corrida. Entrou na área! Defendeu Barbosa! Mergulhou no pé de Morán. (*Torcida forte*) **[URUGUAI PERDE OUTRO TENTO CERTO EM SEU QUARTO LANCE A GOL.]** Atirou... sobre a trave superior! (*Susto*) Com Barbosa caído, Morán atirou para fora! Segunda grande oportunidade perdida pelo Uruguai! (...) [27 minutos.]

Bola com Obdulio Varela no meio da cancha. Deu para Ghiggia na ponta direita. Controla Ghiggia. Prepara o centro. Não executa. Demora. Luta contra Danilo. Estão tentando reagir agora os uruguaios depois de um período largo de domínio territorial brasileiro. (*Torcida forte*) **[TERCEIRO CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE.]** Ghiggia perdeu para Bigode. Vai levando Bigode. Atraiu Ghiggia. Perdeu a pelota para Ghiggia. Recuperou Ghiggia. É acossado pelas costas por Bigode. Conseguiu passar na direção de Obdulio. Obdulio perdeu para Jair. Bola fora, pela lateral. **[O “TAPA” DE OBDULIO.]** Obdulio atingiu agora Bigode com um pontapé. E depois, com aquela sua mania de dar tapinhas na cabeça do jogador, atingiu também Bigode com a mão no pescoço. Agora, o juiz chama a atenção e obriga os jogadores a se abraçarem. [28 minutos.]

Exatamente aos 27min45s do primeiro tempo, deu-se o episódio que, de acordo com muitos observadores, iria modificar o panorama da partida. Ocorreu com o jogo paralisado, fora do campo, junto à lateral do lado oposto às cabines de rádio. Obdulio Varela teria dado um “tapinha” – ou, na pior hipótese, uma “bofetada” – no rosto de Bigode. O incidente contribuiu para insinuações de “covardia” do médio direito brasileiro e teria não apenas modificado daí para frente o seu comportamento em campo, mas também arrefecido o domínio brasileiro – o que de fato ocorreu, como veremos. Quanto ao “tapa”, seja o que for, constituiu um gesto de efeito moral, um golpe de teatro com o qual Obdulio Varela – percebendo que o time uruguaio não iria suportar por muito tempo a pressão brasileira – passou a marcar sua presença no gramado, gritando, gesticulando, xingando, procurando influenciar as decisões da arbitragem.

Ficou no Uruguai uma lenda futebolística segundo a qual Obdulio Varela ganhou a Copa do Mundo com muita garra, meia dúzia de gritos, alguns minutos de cera e uma bofetada. “É folclore. Não agredi ninguém” – diz Obdulio. “Apenas joguei com toda a minha alma, como sempre fiz quando vestia a camisa da Celeste.”[4] O técnico Juan López considera mesmo “uma ficção” o tapa que ele teria dado em Bigode, “fato considerado por alguns como ponto de partida para que assumíssemos o controle psicológico do jogo”. [5] Schiaffino também nega: “Obdulio disse-nos que não bateu no rosto de Bigode. Afirmou ter sido um gesto carinhoso. Não houve agressão, posso assegurar”. [6]

Logo após a partida, porém, o próprio Bigode admitiu a “bofetada” que, segundo Mário Filho, “ficou ardendo no rosto da multidão”: “Até certo ponto, o incidente teve influência no meu desempenho, porque me senti sem o amparo tão necessário nessas ocasiões. Eu havia recebido instruções para não revidar qualquer ataque e, quando fui agredido, contava com uma reação por parte do árbitro, e esta não veio”. [7] Mário Filho afirma que o médio direito, “como os demais, foi peremptoriamente proibido de qualquer reação, para não estragar a festa nem ser expulso e deixar o Brasil em inferioridade numérica”. [8] Como toda a Copa transcorreria na esportividade, sem qualquer incidente em campo, a FIFA havia instruído o juiz George Reader a evitar expulsões.

Anos depois, Bigode negou o incidente: “Não, é mentira. Calúnia dos repórteres da época, que nada tinham a fazer. Não tinham outro culpado e aproveitaram. Acossei o Ghiggia pelas costas. Então, o Obdulio veio e, falando ‘calma muchacho’, deu duas palmadinhas no meu pescoço, simplesmente. À distância, julgaram que ele me dava um bofetada. Você acham que eu ia deixar de revidar uma bofetada? Não poderia me acovardar aqui no Brasil, porque em Montevidéu fui expulso três vezes com o Obdulio jogando. Como iria correr dentro do Maracanã?”<sup>[9]</sup> Barbosa confirma: “O Obdulio passou pelo Bigode, que estava entrando firme nas jogadas, e suavemente deu-lhe tapinhas no rosto, dizendo ‘calma muchacho’. Eu estava perto e vi. O tal ‘tapa’ foi fruto da imaginação de alguns”.<sup>[10]</sup> Para Flávio Costa, “se Obdulio agredisse o Bigode, ele reagiria, pois não era jogador de levar desaforo para casa”.<sup>[11]</sup>

“Eu jogava forte realmente, mas jamais fui desleal” – garante o médio esquerdo. “Meus ‘carrinhos’ visavam a bola. Toda a defesa tem que jogar duro, não pode amolecer.” Mas diz que, agredido pelo capitão uruguaio, tomaria uma atitude, até porque o Brasil levaria “uma grande vantagem” com isso: “O Obdulio vinha sendo um dos donos do jogo e seríamos expulsos os dois”.<sup>[12]</sup> Outra não foi a idéia do ponta-esquerda Chico: “Eu queria tirar o Obdulio para fora. Bem, eu jogaria uma bola em cima dele e entraria nele violentamente. Obdulio era temperamental e na certa iria me agredir. Eu revidaria e sairíamos ambos”.<sup>[13]</sup> No entanto, Flávio Costa, em declarações ao autor, nega que o capitão da Celeste tenha sido alvo de algum plano secreto: “Nunca tivemos uma preocupação especial com ele, porque já era um velho conhecido nosso”. O técnico Juan López acha até “uma piada” o misticismo criado sobre o Obdulio: “Era um jogador de grande gabarito técnico e excepcional espírito de liderança. Mas daí a afirmar-se que possuía uma ascendência desmedida sobre os companheiros e até sobre os adversários, vai uma grande distância”.<sup>[14]</sup>

Tempos depois, recordaria o então presidente da CBD, Rivadávia Correia Meyer: “Não nos esqueceremos nunca dos gritos de Obdulio Varela. Como um general, ele reclamava aos gritos, mandava aos gritos, abria sua clássica camisa celeste e batia no peito, incentivando seus companheiros a ganhar. E assim venceu a batalha desigual. Sempre digo que, entre um exército regular que conta com um grande general e um exército extraordinariamente preparado, que tenha um general regular, prefiro o primeiro, porque, das ordens e da estratégia que dá o grande condutor, a vitória será sua. Obdulio, grande general de um onze regular, pôde mais do que o outro onze, magnífico em todos os aspectos, mas que carecia de um grande condutor. No Brasil, odeia-se Obdulio porque ele nos tirou a alegria de um triunfo que considerávamos nosso, mas o admiramos por sua enorme fé, por seu inquebrantável espírito de luta e seu enorme coração, coração de gigante, sem dúvida”.<sup>[15]</sup>

Parece muita coincidência o fato de que esse incidente tenha marcado o início da jogada sistemática de ataque que viria a resultar nos dois gols uruguaios. Bigode – que logo no começo do jogo, aos 2 minutos, fora advertido pelo juiz ao cometer falta violenta em Julio Pérez – havia se defrontado com Ghiggia duas vezes até então: na primeira, aos 6min30s, cometeu falta; na segunda, aos 22 minutos, tirou-lhe a bola. Agora, depois de acossar o ponteiro pelas costas, deu-se a *mise-en-scène* da “bofetada”. A partir daqui, o Uruguai irá despejar uma seqüência de bolas na direção de Ghiggia: mais seis vezes no

primeiro tempo e outras doze no segundo. De acordo com alguns observadores – e isso não foi percebido pelo Brasil na etapa inicial (como diz Flávio Costa, só na segunda fase o Uruguai iria deixar patente essa jogada) –, a deficiência no setor esquerdo defensivo brasileiro e a capacidade de Ghiggia para rompê-lo já estavam diagnosticadas pelos uruguaios. Teria sido premeditado o gesto de Obdulio: tentaria intimidar Bigode, deixando-o inseguro – já que desautorizado a reagir – e facilitando as investidas pela direita.

Na Celeste desde 1939, capitão do Peñarol desde 1946, esse mulato de 33 anos, filho de espanhol com negra, alto e forte, era um líder natural. Seu nome ficaria ligado à mitologia de Brasil x Uruguai de 50, nesse Maracanã onde iria se despedir do futebol, cinco anos mais tarde, disputando seu último jogo pelo Peñarol, contra o América do Rio. Lembrando a tarde de 16 de julho, diz Obdulio: “Eu era meio louco. Além do mais, quando se está jogando, não se pensa em nada, só na camisa. Hoje se joga por dinheiro. Eu jogava por amor ao meu país e não para enriquecer na Europa”.<sup>[16]</sup> E, quase se justificando: “Sei que, de modo geral, os brasileiros me compreenderam. Defendi com meus companheiros e para minha pátria, com todo o amor que por ela tenho, o mesmo que eles defenderam com igual fervor e menos sorte do que nós”.<sup>[17]</sup> Radamés Mancuso, a seu respeito, traduz a opinião geral: “Não digo que foi o Obdulio Varela quem ganhou o jogo – mas afirmo que sem ele não se ganharia”.<sup>[18]</sup>

(*Torcida*) Bola com Ademir na frente. Perdeu para Tejera, que cortou com a mão. Aliás, Matías González. (...) Bola no meio da cancha, depois de cobrada a falta contra os uruguaios, sem resultado. Ficou com Schiaffino na meia direita. Deu a Ghiggia. Controla Ghiggia. Atraiu Bigode. (*Torcida*) Há confusão... verdadeira luta livre entre Schiaffino e Danilo. (*Vaias*) **[QUARTO CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE. OBDULIO FAZ MALCRIAÇÃO E É VAIADO.]** E agora Obdulio Varela atirou a pelota para longe. O juiz manda Obdulio apanhar a bola. O juiz chama atenção de Obdulio. Está se salientando na forma do “louvável” costume o centromédio uruguio Obdulio Varela. Ainda há pouco desentendeu-se com Bigode, atingindo o jogador brasileiro sem bola. E agora, malcriadamente, atirou a bola para longe, quando o juiz marcara falta contra o Uruguai. *[29 minutos.]*

No meio da cancha, vai cobrar Juvenal. Prepara-se Juvenal para cobrar a falta contra o Uruguai. Atenção. Tudo pronto. Apita Mr. Reader. Chutou Juvenal. Bola para a direita, na direção de Zizinho. Pula Zizinho. Cabeceou agora no comando para Ademir. Cortou Obdulio e a pelota veio ter a Bauer. Para Zizinho. Zizinho engana Tejera! (*Torcida*) **[QUARTO E QUINTO CÔRNERES DO URUGUAI.]** Entra na área... e Tejera manda a pelota para escanteio. Córner contra o Uruguai. (...) Cobrou Friaça o tiro de canto. Entra Rodríguez Andrade e outra vez foi para córner, quando Máspoli estava inteiramente à vontade para defender o tiro de Friaça. Vai cobrar Friaça mais uma vez na ponta. Cobrou. Para trás. Muito bem. *[30 minutos.]*

Pula Ademir. Cabeceia para Zizinho. (*Torcida*) Perdeu agora para Rodríguez Andrade. Rebateu o médio do Uruguai. Bola para Schiaffino. Perde para Bauer. Bauer para a área. (*Torcida*) **[13º LANCE A GOL DO BRASIL.]** Bola para Jair. Prepara o tiro e executa... (*Torcida forte*) Defendeu Máspoli! Defendeu Máspoli o tiro de Jair. Bola com o arqueiro uruguio. Atirou forte para o centro da cancha. A pelota vai até a intermediária do Brasil, onde Juvenal cabeceia, tentando dar a Danilo, mas a pelota foi a Julio Pérez. Perdeu para Bigode. (*Torcida*) Bigode rebateu fraco! Voltou para Julio Pérez! Vai levando. Aproxima-se da área. Atenção! Apontou. Atirou... (*Torcida forte*) **[BOA DEFESA DE BARBOSA, NO QUINTO LANCE A GOL DO URUGUAI.]** Defendeu Barbosa, muito seguro! Boa defesa de Barbosa numa falha de Bigode, que passara a bola para o adversário. Barbosa chuta então para o meio do campo. Vai a pelota pelo alto na direção de Ademir, (*Torcida*) que levou um esbarro de Matías González. Marcou o juiz o *foul*. Foi realmente um empurrão, e dos violentos. Atingiu nos rins o jogador brasileiro. Exatamente. Vai ser cobrada a falta. Zizinho e Jair no local da cobrança. Correram os dois e nenhum dos dois cobrou. Finalmente voltou-se agora Jair para cobrar a falta. Prepara-se Jair. Vem correndo Bauer e cobrou na frente para Jair. *[31 minutos.]*

Jair enganou Schiaffino e devolveu para Bauer na direita. (*Torcida*) Prepara-se Bauer. Prepara outra vez para Ademir. Ademir levanta então à boca do gol. Ninguém fecha sobre o Máspoli, que agarra como quer. Máspoli, com a mão, na frente a Julio Pérez. Parou a pelota na intermediária do Uruguai, atraindo Danilo. Deu na frente na direção de Míguez, que pára no peito e vai para o ataque. Bateu Juvenal e deu a Ghiggia, que fechou muito bem. Ghiggia recebeu na

posição de *center-forward*. Está na entrada da área, lutando outra vez contra Juvenal. Atrasou a jogada. Está na meia esquerda. Dá na direção de Julio Pérez. Apontou Julio Pérez. Atirou. Para a área. Salvou Augusto. (*Torcida*) Conseguiu desarmar Míguez na hora do remate. Ficou o couro em poder de Zizinho fora da área, e o meia brasileiro vai levando novamente a ofensiva dos brancos para a frente. Está na metade da cancha. Cruzou na frente para Jair. Pára Jair. Deslocado para a meia-direita. Vai sobre ele Obdulio. Leva a melhor Jair, atrasando o couro para Friaça, (*Torcida*) que bateu a Rodríguez Andrade. E Mr. Ellis marcou *foul* de Friaça em Rodríguez Andrade. Esse bandeirinha é contra nós, hein? [32 minutos.]

Vai ser cobrada a falta. Jair coloca-se entre Rodríguez e Máspoli para impedir que a pelota seja atrasada para o arqueiro. Então vem Matías González. Cobrou o atlético zagueiro do Uruguai. Bola no centro da cancha, na cabeça de Bauer. Bauer a Zizinho. Zizinho luta com Tejera. Cabeceia, mas recupera agora Tejera e leva o Uruguai ao contra-ataque por intermédio de Julio Pérez. Vai levando Julio Pérez. Progride no terreno. **[QUINTO CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE.]** Abriu para Ghiggia. Ghiggia está lutando contra Bigode e Danilo ao mesmo tempo. (*Torcida*) Estão os dois... embrulharam o jogo naquele setor, e Bigode cortou com a mão, marcando o bandeirinha toque contra o Brasil. Bem marcado. Deixou Ghiggia para Gambetta cobrar. Reapareceu Gambetta depois de longo tempo de inatividade. Há muito tempo não tocava na bola. Chutou Gambetta. Bola na área brasileira. Bem cobrada a falta. Salta Barbosa. (*Torcida*) Defende de soco. Para a direita. Entrou Ghiggia. Tenta centrar. Lutando contra Danilo. Caiu, lutando contra Danilo. Conseguiu empurrar a bola, mas Juvenal veio e rebateu. Recuperou Gambetta, e dominou mal a pelota, pondo fora pelo lado. (*Váias*) Perderam os uruguaios mais uma oportunidade. (...) [33 minutos.]

Arremesso lateral de Bigode, que deu a Jair. Jair devolveu para Bigode. Bola na intermediária brasileira. Bigode então cruzou mal. Entretanto, Bauer conseguiu adiantar-se e levar a bola à frente, entregando a Zizinho. (*Torcida*) Foge Zizinho pela meia direita. Vai avançando Zizinho. Deu na frente agora para Friaça. Corre Friaça, disputando com Rodríguez Andrade. Entra Rodríguez Andrade e consegue atrasar a pelota na direção de Máspoli. Atirou Máspoli para o centro. A pelota veio na direção de Danilo. Parou a pelota no terreno o centromédio do Brasil. Atinge a intermediária do Uruguai. Continua caminhando com o couro. Avança pela esquerda. Atrasou a pelota na direção de Jair. Jair deslocou-se então para a meia direita. Vai avançando. (*Torcida*) **[14º LANCE DE GOL DO BRASIL.]** Entregou a Zizinho. Entra na área! Prepara o tiro e executa... (*Torcida forte*) para fora, à direita da meta de Máspoli! Chico veio correndo, porém muito tardiamente, e a pelota saiu pela linha de fundo. (...) [34 minutos.]

Vai a pelota para o centro da cancha. Caiu em poder de Obdulio Varela, que deu na frente a Ghiggia. **[SEXTO CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE.]** Ghiggia aposta corrida contra Bigode. Foi trancado. (*Torcida*) Caíram os dois. Bigode levou vantagem no lance. (*Torcida*) Então, resolveu driblar e perdeu! Depois de dominar o lance, perdeu! Recuperou entretanto ele, dando a pelota na área para Bauer. Bauer então atrasou mal. (*Torcida forte*) Sai Barbosa e consegue salvar a situação, protegido por Augusto. Lance complicado da defesa brasileira. Bola com Bauer na metade da cancha. Foi desarmado por Schiaffino, muito bem. Vai para a frente Schiaffino. Aproxima-se da área. Deu para Míguez. Salvou Bigode. Cortou Míguez com a mão, e o juiz marcou o *foul*. *Hands* de Míguez, prejudicando assim essa investida de seu próprio bando. (...) [35 minutos.]

Barbosa já chutou para o meio do campo, para Ademir. (*Torcida*) Cabeceou Ademir na direita, na direção de Friaça, perseguido pelo médio Rodríguez Andrade, que o desarma e manda para fora. Nítida vantagem do jogador do Uruguai sobre o ponteiro direito Friaça do Brasil. Prepara-se Friaça para cobrar então a lateral. Rápido na direção de Ademir. Parou a pelota no peito. Perseguido por Tejera, atrasou o couro outra vez para Friaça na ponta. Demorou-se Friaça. Executou o centro à boca da meta para Chico. (*Torcida*) Chico pula, atrapalhado pelo sol. (*Torcida forte*) Fecha agora sobre o arco. Acertou a pelota com a mão! Depois de uma confusão tremenda, Matías González atira para fora. Mas o juiz viu o lance de Chico e marcou o *hands* do ponteiro esquerdo do Brasil. (...) Vai ser cobrado o *hands* de Chico que, caído, tentou impulsionar a pelota com a mão para o fundo das redes. Ajeita Máspoli a pelota no terreno. Vem Matías González e cobra forte para o centro. [36 minutos.]

A pelota veio na direção de Danilo, que de cabeça tenta entregar a Jair. A pelota deriva para o lado e saiu agora pela lateral. Com Chico muito fechado para o centro da cancha, descolocado, portanto, para receber o passe de Danilo. Prepara-se Gambetta para cobrar o lance lateral. (*Palmas*) Demora-se Gambetta. Cobrou na direção de Julio Pérez, que perdeu para Zizinho. Zizinho a Ademir. (*Torcida*) Avança Ademir. Deu em profundidade para Chico! (*Torcida forte*) **[CHICO PERDE GOL CERTO.]** Aproxima-se do gol! Bateu em Matías González... Perdeu para Máspoli! Não tinha mais ninguém pela frente! Adiantou a pelota e perdeu para o arqueiro! Mandou na frente a Julio Pérez. Luta com Zizinho e vai para o ataque. Está na meia esquerda, derivado. Luta contra Zizinho. Passou por ele. Vai embora. Bateu também Danilo. Muito bom Julio Pérez. Vai progredindo. Atraiu outra vez Danilo, que já se recuperou. Abriu então para Morán, na ponta esquerda. Controla Morán, lutando contra Augusto. Não conseguiu passar ainda. Agora passou. Deu no meio,

bem na direção de Míguez. Atirou Míguez, (*Torcida*) fraco, para Ghiggia. Corre Ghiggia. Marcou o juiz impedimento. Estava impedido Ghiggia. Delicadamente, passou a pelota com a mão para Barbosa, que vai então cobrar o impedimento. (...) [37 minutos.]

Bola em circulação com a cobrança do impedimento por Barbosa, que já chutou para o meio do campo. A pelota sobe e desce no ataque brasileiro. Para Ademir, que cabeceia na direção de Friaça, e esse também de cabeça deu para o centro, onde Ademir deveria estar. Mas estava atrasado, porque fez muita força na jogada anterior. A pelota ficou então para Matías González, que deu então para Obdulio Varela, e esse leva o Uruguai ao contra-ataque. Dá em profundidade, para Schiaffino. Aliviou Bauer de cabeça. Aliviou mal. (*Torcida*) **[URUGUAI ATIRA NA TRAVE DE BARBOSA EM SEU SEXTO LANCE A GOL, ÚLTIMO NO PRIMEIRO TEMPO.]** Entrou Míguez, atirou... (*Torcida forte*) na trave! Na trave! A bola passou por Barbosa e bateu na trave esquerda! Protegida agora pela chance a defesa brasileira. Um pelotão de Míguez de fora da área, numa bola mal passada por Bauer. Bigode aliviou mandando a pelota pela lateral. O arremesso lateral é dos uruguaios. É Gambetta quem vai fazê-lo. Prepara-se Gambetta. [38 minutos.]

Míguez chutou da intermediária brasileira, como se vê no filme do lance. Barbosa estava adiantado e a bola passou por ele, chocando-se contra a trave esquerda. Se essa bola entrasse, como observou Máspoli (ver adiante), não seria bom para o Uruguai: o Brasil, no intervalo, mudaria a tática, buscando a reação. “Até mesmo a sucessão e o momento dos gols nos favoreceu”, disse ele.

Arremessou com a mão. **SÉTIMO CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE.]** Na frente, na direção de seu companheiro Ghiggia. Entrou Bigode, lutando contra Ghiggia. Levou vantagem Bigode. Deu a Danilo. Danilo quer driblar Ghiggia e a pelota perdeu-se pelo lado. A lateral é favorável ao Brasil e é Bigode quem vai fazer o arremesso. Indiscutivelmente, os atacantes uruguaios estão dando trabalho à defesa brasileira, embora ataquem menos. Porém suas contra-ofensivas são sempre perigosas. Bola na frente com Zizinho. (*Torcida*) Zizinho recebe de Bigode e vai para o ataque. Progredindo pela meia esquerda Zizinho. Continua caminhando. Bateu a intermediária contrária. Adiantou o couro e perdeu agora para Gambetta. Gambetta luta com Chico. Leva a melhor Chico. (*Torcida*) Entregou a Zizinho! Impedido! (*Torcida forte*) Assinalou Mr. Ellis. Deu a Ademir. Atirou Ademir... quando Mr. Ellis já havia marcado impedimento de Chico. (...) [39 minutos.]

Vai ser cobrado o impedimento por intermédio de Máspoli. Entregou a pelota a Gambetta para executar o lance fora da área, uma vez que Mr. Reader ali ordenou. Prepara-se Gambetta. Cobrou. Bola na intermediária do Brasil, na direção de Danilo. Cabeceou para o lado. A pelota veio na direção de Ghiggia, que deixou o couro sair pela lateral, que é favorável ao Uruguai. Vai arremessar Ghiggia. Espera por Gambetta. Gambetta não veio, e ele mesmo então vai fazer o arremesso. Demorou-se. Passou com as mãos na direção de um companheiro, que é Julio Pérez. Esse perdeu, entretanto, para Juvenal. Tranquilamente, Juvenal empurrou a pelota para Zizinho. (*Torcida*) Vai levando Zizinho. Demorou-se. Continua progredindo com o couro. Espera que seus companheiros se coloquem. Dá na frente para Ademir! (*Torcida forte*) Corre Ademir! Sai do arco Máspoli e recolheu. E Ademir desviou para não se chocar com o arqueiro. Sempre cavalheiro o comandante do Brasil. (...) **[15º LANCE A GOL DO BRASIL.]** Aqui houve um ataque do Brasil iniciado e terminado por Danilo, que mandou um pelotão da altura da intermediária do Uruguai, mas a pelota saiu sem perigo para o gol de Máspoli. (...) [40 minutos.]

Prepara-se agora Matías González para a cobrança do tiro de gol. Cobrou para o centro da cancha. Rebateu Bauer, muito bem, mandando na frente na direção de Ademir, que perde para Obdulio. Obdulio a Rodríguez Andrade e esse para o ataque do Uruguai. Entra Augusto. (*Torcida*) Desarma Morán e dá a pelota para Bauer. Bauer então entregou a Friaça na frente. Cortou Rodríguez Andrade. Recuperou Friaça. Atrasou para Bauer, que deu a Zizinho. (*Torcida*) Zizinho deixa a pelota tocar no terreno. Enganou como quer a Tejera. Mandou agora na direção de Ademir. Ademir deu um passe sem direção, levantando a pelota na direção de Máspoli. Bola com o arqueiro do Uruguai. Mandou na frente na direção de Julio Pérez. Bateu a Danilo, bateu a Jair e vai para o ataque. Vem trazendo pelo centro. Bom jogador o meia uruguaio. Deu em profundidade para Míguez. Míguez tenta bater Juvenal e conseguiu. Devolveu para Julio Pérez. Julio Pérez está na entrada da área. Perdeu para Danilo. Caiu. Recuperou Juvenal e rebateu. [41 minutos.]

Volta com Gambetta. Gambetta para Ghiggia. Contra-ataque perigoso do Uruguai. Ghiggia, na ponta direita, vai centrar. Atenção. Centrou. Para a área. Na direção de um adversário que é Bauer. Cortou Bauer, entregando a pelota nos pés de Zizinho. (*Torcida*) Zizinho então na intermediária serve a Ademir, que está na posição de centroavante. (*Torcida forte*) Vai para a frente Ademir. Parou, enganou muito bem o seu marcador, que a essa altura era Tejera. Deu para Zizinho. Zizinho avança. Aproxima-se da área. Atrai Tejera. Passa por ele. Entregou a Ademir! **[16º LANCE A GOL DO BRASIL.]** (*Torcida forte*) Prepara-se e atira... para fora! Grande oportunidade perdeu Ademir! (...) [42

*minutos.]*

Vai cobrar Matías González o tiro de gol. Ajeita a pelota no terreno e atira forte para o centro. A pelota veio na direção de Zizinho. Zizinho de cabeça cobre Schiaffino e atrasa muito bem para Bauer. Bauer para Zizinho. Zizinho atraiu Tejera. Passa por ele como quer e todas as vezes que deseja. Deu para Friaça. (*Torcida*) Friaça devolveu a Zizinho. Avança pela direita. Prepara-se. Entregou a Ademir. Ademir ajeita. De calcanhar, tenta devolver a Zizinho. Corta, porém, Matías González. Bola para Julio Pérez. Perdeu para Juvenal. Juvenal a Bauer. Bauer a Ademir. Ademir avançado pela direita. (*Torcida forte*) **[17º LANCE A GOL DO BRASIL.]** Prepara o tiro e executa... para fora, perigosamente! Um tiro surpreendente de Ademir, à direita do gol de Máspoli. (...) (*Brasil! Brasil! Brasil!*) Prepara-se Matías González para cobrar o tiro de gol. Chutou para o centro da cancha. A pelota está entre Danilo e Julio Pérez. Cabeceou o centromédio do Brasil, mas perdeu Jair para Obdulio, que deu na ponta a Ghiggia. (*Torcida*) [43 minutos.]

Chegou primeiro na bola Ghiggia, lutando contra Bigode. Já dominou a pelota. Bigode está tendo um trabalho intenso. **[OITAVO CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE.]** Bola com Julio Pérez. Entrou Danilo. Desarmou Julio Pérez e pôs a bola pelo lado. Muito seguro o *center-half* brasileiro. (...) Prepara-se Ghiggia para fazer o arremesso lateral. A bola está nas mãos do ponteiro direito. **[OBDULIO RECLAMA E É VAIADO.]** Vai Obdulio Varela agora reclamar qualquer coisa. (*Vaias*) Sempre reclamando Obdulio Varela. Agora ele mesmo vai fazer o arremesso lateral. Já fez. Muito mal. Pôs a bola fora, pela linha de fundo. (*Vaias*) Bola fora, pela linha de fundo, quando ele tentara corrigir os companheiros. Reclama muito o *center-half* uruguaio. (...) Na realidade, estamos assistindo hoje no Rio de Janeiro, no Estádio Mendes de Moraes, e na finalíssima da Copa do Mundo, um verdadeiro clássico do futebol sul-americano. [44 minutos.]

Joga bem a Seleção Brasileira, porém joga igualmente bem a Seleção Uruguaia. Barbosa dá o tiro de meta. Bola na metade da cancha. (*Torcida*) Com Zizinho. Zizinho na direita. Parou o couro. Atraiu Tejera. É uma criança perto de Zizinho o zagueiro Tejera. Prepara-se Zizinho. Manda na ponta esquerda, na direção de Jair. O passe foi muito alto. Saiu pela lateral, favorável à equipe do Uruguai. Prepara-se Gambetta para cobrar o lance lateral. (...) Foi cobrado o lance lateral. **[NONO CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE.]** O juiz marcou *foul* de Bigode em Ghiggia. Cobrou Ghiggia, entregando a pelota a Julio Pérez. Vem trazendo Julio Pérez na posição de centroavante. Deu em profundidade. Cortou Bigode e terminou o primeiro tempo. [45 minutos.]

Quando encerrou o primeiro tempo, o Brasil continuava vencendo a Copa do Mundo. Não para inquietar a torcida o 0 a 0 do marcador: não se esperava tal resistência do time uruguaio, mas a certeza da vitória não estava abalada. Uma coisa era evidente: a Celeste armara um sistema defensivo quase perfeito. Recorda Ademir: “Zizinho, eu e Jair não tínhamos espaço. Eles jogaram colados em nossos calcanhars, dividindo todos os lances. Quando conseguia um pouco mais de liberdade, eu penetrava rápido, na minha jogada característica, para receber o lançamento longo de Zizinho ou Jair. Aí esbarrava em Obdulio Varela, que sobrava na defesa, numa posição que chamamos hoje líbero”.[\[19\]](#)

Em entrevista ao autor, explicou Flávio Costa: “No intervalo de um jogo, procura-se fazer um apanhado do primeiro tempo e proceder então às correções necessárias. Entretanto, era aquele dia negro para a Seleção Brasileira. Os próprios jogos festivos contra a Suécia e a Espanha, por sua beleza, pelo fato de tudo ter saído certo, constituíram-se numa dificuldade para qualquer correção. Não tendo nada a corrigir, veio a impossibilidade de notar qualquer coisa. O primeiro tempo do jogo foi indefinido, equilibrado, muito amarrado, que não trouxe grandes orientações, com o time uruguaio na defensiva, procurando anular os nossos movimentos, mas sem dar nenhuma pista, também, da possibilidade daqueles contra-ataques que vieram nos surpreender no segundo tempo. Até o fim da etapa inicial, nada havia acontecido de anormal que demonstrasse pontos frágeis – foi um jogo equilibrado, um jogo preso. Jogando na defensiva, eles conseguiram impedir as ações do time brasileiro. A noção que se tinha era a de que o nosso time estava bem marcado. No intervalo, o técnico julga a ação do adversário e vê o que está certo ou errado em seu time. Achei que era necessário mais movimento e mais velocidade para que a

marcação uruguaia se desefetivasse. No intervalo, procuramos aprimorar o nosso jogo. Pedi mais energia, mais rapidez no ataque. Quando fizemos o primeiro gol, pensei que aquilo que nós tínhamos idealizado estava sendo concretizado dentro do campo. Desgraçadamente, houve o reverso”.

Flávio Costa diz que os uruguaios ainda não haviam iniciado seus contra-ataques e explorado o setor esquerdo da defensiva brasileira, mas isso, como se notou, já se anunciava a partir do 27º minuto, quando Obdulio Varela encenou o “tapa” em Bigode. Contudo, reconheça-se, em defesa do técnico, que essa jogada, no primeiro tempo, não indicava grandes possibilidades de êxito, já que não chegou a provocar situações de perigo para a meta brasileira.[20]

Outras fontes afirmam que Flávio Costa já teria se prevenido contra esse perigo: “Flávio Costa percebeu uma falha na sua defesa pela esquerda. Zizinho estava na armação, enquanto Jair fazia o papel de ponta-de-lança. Resultado: ficava uma zona vazia do lado esquerdo. O Uruguai aproveitou-se justamente desse ‘corredor’, ainda mais porque o ponteiro Ghiggia mostrava-se apto a vencer Bigode no drible e na corrida. No vestiário, durante o intervalo, Flávio Costa chamou Chico a um canto: ‘Você, Chico, nos dez primeiros minutos fica na sua posição. Depois recua para ajudar o Bigode. A ala direita deles é o ponto alto do time. Não quero mais nada de você: apenas que ajude o Bigode’.”[21]

Ao fim da primeira etapa, as estatísticas do jogo favoreciam a Seleção Brasileira, que havia arremessado 17 bolas à meta de Máspoli, ao passo que os uruguaios só tinham conseguido seis, quase um terço, contra Barbosa.[22] Este passou os 10 minutos iniciais sem fazer qualquer defesa e, com efeito, houve períodos de predomínio brasileiro nas ações ofensivas. Mas o tempo inicial da partida – fato não mencionado pelo técnico – já prenunciava as “surpresas” da segunda etapa em três momentos de alto risco que colocavam em questão o preparo do esquema defensivo de Flávio Costa: Schiaffino e Morán, respectivamente aos 15,5min e aos 26,5min, tiveram pela frente o arco de Barbosa desguarnecido e chutaram para fora, e, aos 37,5min, Míguez mandava a bola na trave.

---

[1]. Ademir, *O Globo*, 10 de janeiro de 1981.

[2]. Friaça, *Jornal do Brasil*, 10 de janeiro de 1981.

[3]. Máspoli, *El Gráfico y el Mundial*, op. cit.

[4]. Obdulio Varela em sua autobiografia, *Obdulio Desde el Alma*, escrita por Antonio Pippo, Montevideu, Editorial Fin de Siglo, 1993.

[5]. Juan López, *Manchete*, 7 de agosto de 1971.

[6]. Schiaffino, citado por Teixeira Heizer, op. cit.

[7]. Bigode, *Correio da Manhã*, 18 de julho de 1950.

[8]. Mário Filho, *Manchete Esportiva*, 7 de junho de 1958.

[9]. Bigode, *Globo Repórter*, op. cit.

[10]. Barbosa, citado por Teixeira Heizer, op. cit.

[11]. Flávio Costa, *ibid.*

[12]. Bigode, *ibid.*

[13]. Chico, *Globo Repórter*, op. cit.

[14]. Juan López, *Manchete*, 7 de agosto de 1971.

[15]. Rivadávia Correia Meyer, entrevista à revista *Peñarol*, julho de 1953.

[16]. Obdulio Varela, *Jornal do Brasil*, 15 de agosto de 1993.

[17]. Obdulio Varela, citado por Radamés Mancuso, op. cit.

[18]. Radamés Mancuso, *ibid.*

[19]. Ademir, *O Globo*, 18 de janeiro de 1981.

[20]. A locução da partida, na fase inicial, limita-se a observações genéricas, como se viu: “O Brasil está encontrando realmente, até agora, na Seleção Uruguaia, o seu adversário mais duro nessas finais” (aos 16 min); “Indiscutivelmente, os atacantes uruguaiois estão dando trabalho à defesa brasileira. Suas contra-ofensivas são sempre perigosas” (aos 38 min).

[21]. *Manchete*, 7 de agosto de 1971.

[22]. Ver maiores dados estatísticos ao final do Capítulo 2.

## SEGUNDO TEMPO

(Recebida com aclamação e fogos de artifício, a Seleção Brasileira retornou ao gramado antes dos uruguaios, que se atrasaram alguns minutos e cuja presença em campo foi reclamada ao juiz pelo capitão Augusto. Na inversão de campo, a Celeste passou a ocupar o da esquerda das cabines de rádio, o Brasil, o da direita, mas a meta a ser guarnecida por Máspoli já estava protegida dos raios solares.)

*Hora do início do segundo tempo: 16 horas*

Já saíram os uruguaios para o segundo tempo. (*Torcida forte*) Bola no ataque brasileiro, entretanto, e é Zizinho quem vem trazendo. (*Foguetes*) Vem progredindo no terreno. Bateu o contrário que é Tejera. Vai se aproximando da área. Apontou. (*Torcida forte*) **[18º LANCE A GOL DO BRASIL.]** Atirou violentamente... Defendeu Máspoli! (*Foguetes*) Um tiro de Zizinho desferido da entrada da área. O couro vem para Jair, que está lutando agora com Julio Pérez. Lutam os dois. Não passou ainda Julio Pérez. Saiu com a bola pela lateral. (...) (*Torcida forte*) Vai fazer o arremesso lateral Bigode, precisamente na altura do centro do campo, no setor esquerdo. Prepara-se Bigode. Demora-se. Passou com as mãos na direção de Jair, que lhe devolveu o couro. Bigode então parou a pelota no terreno e entrega novamente a Jair, que vai para a frente, entregando o couro para Chico. Entregou mal. O couro saiu pelo lado. A lateral é agora dos uruguaios. É Gambetta quem vai fazer o arremesso. (...) [1 minuto.]

(*Foguetes*) A bola ficou então com Julio Pérez, que, (*Vaias*) do meio de campo, quase atrasou para Máspoli fazer a defesa. Chutou Máspoli na direção do centro da cancha. Vai o couro na direção de Augusto, que cabeceia. (*Torcida*) Na ponta-direita para Friaça, que lutou contra Rodríguez Andrade e perdeu, mas Zizinho recupera. (*Torcida*) Mandam-se de novo os brasileiros para o ataque com Ademir, servido na entrada da área. (*Torcida forte*) Empurrou para Friaça. Atenção! Entrou na área! Atirou... **[FRIAÇA ABRE A CONTAGEM PARA O BRASIL, EM SEU 19º LANCE A GOL.]** GOOOL ! GOL BRASILEIRO! FRIAÇA! GOL BRASILEIRO! FRIAÇA! Estão reclamando! (*Foguetes*) Estão reclamando os uruguaios impedimento de Friaça! Não houve impedimento! Não houve impedimento! Obdulio Varela vai agora chorar lá com Mr. Ellis! Vai Augusto, entretanto, fiscalizar a conversa de Obdulio com o bandeirinha. Importunado o bandeirinha Mr. Ellis por Obdulio Varela, que quer impedimento a todo custo. (...) Obdulio Varela continua reclamando. Agora o juiz mandou Obdulio tomar sua posição. (...) Não quer admitir mais reclamações o juiz da partida. Obdulio queria forçar o bandeirinha a dizer que foi impedimento. [2 minutos.]

O gol de Friaça, a exatos 1min18s do segundo tempo, colocava o Brasil em condições excepcionais para a conquista do título mundial, já que o empate era suficiente para isso. Como disse Flávio Costa ao autor, “era também a certeza de que ia começar a goleada à que a torcida se habituara”. Um clássico sinfonista não faria melhor: a etapa final abria-se com um *allegro maestoso* e a efusão de um clamor de quase 200 mil vozes, para impregnar-se aos poucos de uma força temível e destruidora e morrer em coda recoberta com um véu funerário – a tragédia que se tecia, obsessiva, pelo *fatum* do Destino.

Lembra a jogada Friaça: “Zizinho entregou a Ademir, que caminhou alguns passos e deu no buraco. Eu vinha acompanhando o lance e entrei com decisão, libertando-me na corrida do meu marcador, Rodríguez Andrade, e finalizei com um tiro forte e endereço certo, no canto direito de Máspoli, quando ele já saía do gol. O mundo pareceu desabar em cima de nós. Fiquei mais de dois minutos desligado, e tenho a impressão de que, se naquele curto período me passassem a bola, não saberia o que fazer com ela. Já via o título máximo em nosso poder”.[\[1\]](#) O Maracanã inteiro presentiu o mesmo, e a aclamação

coletiva durou cerca de três minutos. Assim descreveu a jogada o locutor Pedro Luiz, da Rádio Pan-Americana: “Zizinho de primeira para Ademir. Vai descendo Ademir. Lançou para Friaça! Adentra a área! Na corrida, chutou! GOL! GOL DE FRIAÇA PARA O BRASIL! Abrindo a contagem para o Brasil! Um a zero no marcador! Quase vai abaixo o Maracanã!”

O jogo ficou interrompido durante 1min13s. Em meio ao arrebatamento geral, uma pequena – mas talvez determinante – confusão ocorria no campo: Obdulio Varela foi reclamar impedimento ao bandeirinha Mr. Ellis e depois segurou a bola debaixo do braço, sem soltá-la ou devolvê-la ao juiz, com quem foi encontrar-se no meio do gramado. Reclamou, o dedo em riste. Augusto ainda tentou tirar a bola de suas mãos, até que Mr. Reader, sem entender o que lhe dizia Obdulio, chamou um intérprete. Por fim, o capitão uruguaio cedeu, e os dois apertaram as mãos. Era sobretudo um novo gesto estratégico de Obdulio para arrefecer o entusiasmo dos brasileiros e promover a mudança de ânimo necessária à reação, como se dera no episódio do “tapa” em Bigode, no primeiro tempo. “Admito que meu gesto pode ter influído na vitória”, disse Obdulio. “Fiz aquilo tanto para sustar a continuidade do fervor brasileiro – afinal, se nos fizessem outro gol, é certo que nos liquidariam –, como para amenizar o desânimo que logicamente se abateu sobre os jogadores jovens do nosso time. Eu era o capitão e tinha de fazer alguma coisa para esfriar o jogo.”<sup>[2]</sup>

“A atitude de Obdulio mudou o ritmo do jogo”, relembra Ghiggia. <sup>[3]</sup> “Ele ficou um minuto gritando com todo mundo – o juiz, os bandeirinhas, os brasileiros, nós mesmos”, diz Míguez. “E não largava a bola. Quando fui apanhá-la para reiniciar a partida, ele me gritou: ‘Ou ganhamos aqui, ou eles nos matam!’ Era uma ordem.”<sup>[4]</sup> Obdulio virou-se para Rodríguez Andrade: “Deixe que gremem. Dentro de cinco minutos o estádio parecerá um cemitério e só se ouvirá um voz aqui dentro: a minha!”<sup>[5]</sup>

Mas há outra razão para o gesto de gênio do capitão uruguaio: “Juro que o bandeirinha assinalou impedimento, porém, como o juiz nada marcou, ele baixou a bandeira de imediato”, afirma Rodríguez Andrade.<sup>[6]</sup> O próprio Obdulio confirma: “Enquanto o estádio inteiro me insultava, peguei a bola para protestar contra o bandeirinha, que levantou o braço acusando impedimento e, logo na hora do gol, baixou-o, com medo da torcida, que o teria matado. Vi tudo e protestei. A essa altura, o entusiasmo dos brasileiros havia se transformado em ódio contra mim, que estava impedindo a continuação da festa. Esse ódio afetou os jogadores brasileiros. Quando o jogo reiniciou, estavam cegos, não pensavam com serenidade – e tiramos vantagem disso”.<sup>[7]</sup> Em *Tiempos del Mondo* (Montevideu, 14 de maio de 1998), Schiaffino discorda: “Todos viram que o gol foi claríssimo. Não sei o que Obdulio pretendia. Para mim, era um gol válido. Não sei, mas Obdulio fazia coisas dentro do campo que ninguém entendia. Seu gesto de agarrar a bola e ir reclamar com o bandeirinha foi algo espontâneo, mas ignoro a utilidade disso, porque o juiz não iria recuar e lhe dizer ‘sim, você tem razão’. Às vezes Obdulio exagerava. O gol era um fato consumado. Se ainda fosse o caso de expulsão de algum jogador... Obdulio representou uma comédia, como sempre fazia, para demonstrar que era ele o capitão. Quanto ao gol propriamente dito, a primeira impressão que nos deixou foi: agora vai ser terrível! Lembro-me de ter dito a Míguez: ‘Bem, paciência’. O gol de Friaça foi uma bela jogada. Pareceu-me que Másoli estava um pouco descuidado.

O gol deixou-os em situação difícil. Pensei que estava tudo perdido. Pretendíamos fazer um gol e, em seguida, fechar na defesa e atacar por contragolpes. Não foi o que aconteceu: o gol brasileiro foi uma ducha de água fria”. Há apenas um fragmento filmado (de trás do arco, junto à trave direita) e uma foto (batida das cabines de rádio) documentando a abertura do marcador pelo Brasil – ambos inconclusivos quanto a um possível impedimento de Friaça: este bateu Rodríguez Andrade e chutou na entrada da grande área, no setor direito; a bola cruzou a área, a pouca altura, Máspoli saltou e a bola quicou duas vezes o gramado (na grande e na pequena área) antes de atingir a rede lateral direita da meta.

Por que o gol de Friaça não levou o Brasil à vitória? “Não sei, não – diz Zizinho –, mas parece que o gol deu um gelo na gente. Estranhamente, nós, que jogávamos para o empate, parece que esfriamos. Até hoje não sei o que aconteceu. Eu corria como louco, mas sentia algo esquisito: nosso time tinha parado.”[8] Alguns crêem que talvez a Seleção haja se acomodado, pois um a zero era mais do que necessitava para ganhar. Outra hipótese é levantada por Brian Glanville: “Este gol vinha demasiado tarde para desmoralizar os uruguaios. Há muito eles vinham opondo tenaz resistência, investindo cada vez mais, estando já bem seguros de que os brasileiros eram mortais. Sua resposta ao revés não foi o desespero, mas o ataque vigoroso”. [9] Acrescenta Schiaffino, na citada entrevista: “O Brasil era um grande time, o favorito, sem dúvida alguma. Para nós, era difícil vencê-lo – mas sabemos como são as vicissitudes do futebol. Houve um momento em que eles baixaram seu rendimento. Por que razão? Isso, nunca se saberá. Tomamos partido disso e os derrotamos”.

O comportamento da torcida brasileira, exigindo nova e desnecessária goleada, foi fator de influência extracampo. “Nosso primeiro gol, que deveria nos tranquilizar – diz Flávio Costa –, acabou tendo um efeito contrário, porque o povo começou a festejar a vitória. Os jogadores, possivelmente, se descontraíram, quiseram talvez obter os resultados anteriores, e com isso houve uma abertura na nossa defesa. O time uruaio era batalhador, com um excelente ataque, e, aproveitando-se de um defeito defensivo do Brasil, através de duas jogadas, conseguiram dois gols. E, quando fomos reagir, reagimos muito tarde e desordenadamente, de modo que tivemos de enfrentar a derrota.”[10]

“Depois do gol de Friaça – observa Geraldo Romualdo da Silva –, a Seleção, ao invés de se resguardar, de se manter mais na defesa, mandou-se toda para o ataque. O erro foi que não nos contentamos em vencer: quisemos mais, muito mais. Vencer, por exemplo, de goleada, como se a Celeste fosse uma qualquer. Uma Celeste que lutava bravamente para não perder de muito. Pensando bem, até que aquele 1 a 0 servia aos uruguaios como um resultado bastante honroso. Daí o fato de não terem se perturbado, de continuarem lutando para sustentar o 1 a 0. Os brasileiros, ao contrário, viram no 1 a 0 um placar modesto demais para a grande festa da vitória programada. E, chegado o empate, recebemo-lo como um desastre, sem aos menos nos lembrarmos de que o empate ainda era um grande negócio, tanto que nos dava o título de campeão do mundo.”[11]

Na comemoração do gol, Ademir diz ter comentado com Zizinho: “Agora vamos jogar um pouco mais livres. Eles precisam atacar e vão afrouxar a marcação”. Veio então a primeira modificação tática da boca do túnel. Ademir recorda ter encostado na lateral para ouvir as novas ordens do técnico: “Diz ao

Danilo para se plantar um pouco mais na intermediária. Vamos tentar atrair o Uruguaí para o nosso campo, neutralizar a cobertura de Obdulio Varela e abrir mais espaço no bloqueio defensivo uruguaio”. [12] Flávio Costa lembrou ao autor que, após o gol de Friaça, a boca do túnel brasileiro, situado à esquerda das cabines de rádio – onde ele ficava com o assessor Vicente Feola e os massagistas Johnson e Mário Américo – encheu-se de gente credenciada que queria estar o mais perto possível dos jogadores na hora de comemorar a vitória. “Isso atrapalhou um pouco nosso trabalho daí para a frente.” Em um determinado momento, afirma, tal era o assédio de pessoas à sua volta que ficou muito difícil transmitir aos jogadores quaisquer mudanças táticas, situação que também teria prejudicado o rendimento em campo.

Agora, movimentou o balão já para a nova saída Julio Pérez. (*Foguetes*) Bola com Rodríguez Andrade, que deu na frente. Na direção de Morán, na ponta esquerda. Vai sobre ele Augusto. Leva a melhor Morán. Insiste Augusto e o desarma com muita classe. Augusto para Bauer. Bauer tenta uma bicicleta e falha. (*Torcida forte*) Mesmo caído mandou a pelota para fora. Mesmo caído Bauer desarmou um contrário e mandou a pelota para fora. Vai cobrar Rodríguez Andrade. Cobrou, na direção de Schiaffino. Perde para Bauer. [3 minutos.]

Recupera Rodríguez Andrade. (*Brasil! Brasil! Brasil!*) Centrou para a área brasileira. (*Torcida forte*) Danilo cabeceia para trás! Saiu do gol Barbosa e agarrou! (*Torcida forte*) Saiu do gol Barbosa e agarrou uma cabeçada de Danilo para trás! Atirou Barbosa para Ademir. (*Torcida forte*) **[PRIMEIRA DEFESA DE BARBOSA NO SEGUNDO TEMPO.]** Cabeceia na frente Ademir para Chico. Colocado, Gambetta faz a rebatida. O couro encobriu Obdulio e ficou com Zizinho. Marcou agora *foul*... acenando agora Mr. Ellis... Enquanto isso, Ademir está gritando com Chico. Advertido agora Chico. Chico e Gambetta estão trocando cumprimentos, forçados pelo juiz. Ademir reclamou de seu companheiro para que não se exceda. Foi um lance que escapara à nossa observação. (*Foguetes*) Bola na metade da cancha com Zizinho, depois de cobrada a falta. Deixou para Jair. Jair na frente para Chico. Entrou Julio Pérez e pôs fora, pelo lado. A lateral é dos brasileiros. (*Brasil! Brasil! Brasil!*) Quem vai repor em circulação é Chico. [4 minutos.]

Prepara-se Chico. Deu a pelota para Jair. Jair então vai fazer o arremesso. Já fez. Deu na frente para Chico. Vai entrando na área Chico. Cortou Tejera. Voltou o couro então para Ademir. Marcou o juiz novo arremesso lateral, agora favorável aos uruguaíes. É Obdulio quem vai fazê-lo. Arremessou Obdulio. Cortou Danilo de cabeça, tentando servir a Zizinho. Foi fraca a cabeçada. Ficou a bola com Schiaffino, que vai para o ataque. Escapa Schiaffino. Deu em profundidade para Morán! Entra Augusto! (*Torcida forte*) Desarma Morán e a pelota é atrasada para Barbosa! Um bolo de jogadores sobre o goleiro do Brasil, mas a pelota ainda ficou para Barbosa, que agora atira para o centro da cancha. (*Foguetes*) Está com Obdulio, que de cabeça entrega a Julio Pérez. Julio Pérez atrai Jair. Bateu Jair! Bateu Chico! Bateu Bigode! Deu na área para Ghiggia! **[SÉTIMO LANCE A GOL DO URUGUAÍ.]** Prepara o tiro! Entregou a Schiaffino, que atira... (*Susto*) para fora! Notável esse meia-esquerda do Uruguaí. (...) [5 minutos.]

Cobrou Barbosa o tiro de gol. Bola na altura da intermediária do Uruguaí. (*Torcida*) Cabeceou Ademir. Rebateu entretanto Gambetta. Mandou para o centro da cancha. Devolveu Danilo, de cabeça, para Jair. Corre muito Jair e consegue evitar que a pelota saia. Atraiu Obdulio. Empurrou o couro para Ademir. (*Torcida forte*) Ademir ajeita na entrada da área, lutando contra Matías González. Levou vantagem Matías González. Insiste Chico e o couro saiu pelo lado. Caído em campo Ademir. Troca cumprimentos com Matías González e é *foul* contra o Brasil. (...) Vai ser cobrado o *foul* de Ademir na entrada da área perigosa, por intermédio de Matías González. (...) [6 minutos.]

Já cobrou a falta. Devolveu Bigode, de cabeça. (*Torcida*) Recupera entretanto Tejera e mandou para o seu ataque. **[DÉCIMO CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE]** Na direção de Ghiggia na ponta direita. Vai sobre ele Bigode. Bigode atrapalhou-se com Juvenal. Entrou Ghiggia, cometendo falta no zagueiro do Brasil, e o juiz consignou. Aliás, Juvenal e Bigode, digo, cometendo *foul* em Ghiggia. Vai cobrar Obdulio Varela, a seis metros do limite da área perigosa brasileira. Todo o quadro do Brasil na defesa. Nenhum homem no ataque brasileiro. Prepara-se Obdulio Varela. Momento de sensação. (...) Cobrou Obdulio. Para a esquerda. Pula Schiaffino. Entra Danilo, sensacional, e desarma agora Schiaffino à boca do gol! (*Torcida forte*) A pelota fica para Rodríguez Andrade na ponta esquerda. Corre, acossado por Friaça. Entregou na frente a Morán, que perdeu para Augusto, (*Torcida*) e o zagueiro do Brasil mandou a pelota para fora. Cobrou Rodríguez. Deu a Schiaffino. Schiaffino a Julio Pérez. Perdeu para Danilo! (*Torcida*) Recupera Rodríguez Andrade. [7 minutos.]

Mandou para a área. Espectacular rebatida de Juvenal. (*Torcida*) Bola para Ademir. Mandou na esquerda para Jair. Parou o couro Jair e vai para o ataque. Deu para Zizinho na meia-direita. (*Torcida*) Vai progredindo Zizinho. Atraiu um contrário que é Tejera. Passou por ele. Deu na direção de Friaça. Friaça devolveu a Zizinho. Zizinho atraiu Tejera de novo. Outro dríble! (*Torcida forte*) Sensacional floreado! Bola agora com Chico na meia esquerda. Chico controla. Vem progredindo. Deu na direção de Jair. Malfeito o passe. Cortou Obdulio Varela. Prepara-se Obdulio e dá na frente. O couro bateu em Chico e ficou em poder de Danilo no meio da cancha. Esse atrasou para Juvenal. Juvenal é desarmado por Míguez, que passa a pelota para Morán. Malfeito o passe. Bola fora, pela lateral. (...) Bola com Ademir. (*Torcida forte*) Na frente, na direção de Friaça. Apostou corrida com Julio Pérez. Fez *foul* e o juiz marcou. *Foul* de Friaça em Rodríguez Andrade, aliás. (...) [8 minutos.]

Vai cobrar a falta Máspoli. Já chutou para o meio do campo. Defeituosamente. O couro vem na direção de Obdulio. Enganou Jair e deu na direção de Julio Pérez. Julio Pérez está na ponta direita. Atrasado, lutou contra Chico e perdeu. Pôs fora Chico, pela lateral. A lateral é favorável ao Brasil. É Jair quem vai fazer o arremesso. Prepara-se Jair. Demorase. Deu agora na direção de Ademir. Ademir aparou a pelota no peito. Está na ponta esquerda. Atraiu Obdulio. Devolveu para Jair. Vai levando Jair. Consegue entregar a Zizinho. (*Torcida*) Zizinho então aplicou uma finta em Julio Pérez e vai entrar na área. Aproxima-se. Bateu dois contrários. Deu para Jair. (*Torcida forte*) Atrasou-se Jair. Confusão na área! Sobrou a pelota para Gambetta, que rebateu. Marcou o juiz então *foul*. Marcou *foul* de Chico ou de Ademir. [9 minutos].

Falta contra o Brasil, dentro da grande área do Uruguai. (...) Cobrou Matías González. Deu o couro na direção de Danilo. Perdeu para Míguez, que deu a Julio Pérez. Julio Pérez na frente para Schiaffino. Schiaffino fez uma filigrana. Controlou a pelota no lado do pé. **[11º CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE.]** Abriu agora na ponta direita para Ghiggia. Avança Ghiggia pela ponta. Executa o centro à boca da meta. Salvou Juvenal muito bem! (*Torcida forte*) Voltou a pelota para Ghiggia, deslocado limpidamente por Bigode, e o médio do Brasil rebateu para Chico na ponta esquerda. Chico está lutando, contra Matías González, contra Gambetta. Caíram os dois. Levou vantagem Chico. (*Torcida forte*) Bateu Gambetta e vai embora. Vai se aprofundando agora. Deu em profundidade para Friaça. Muito adiantado. Impedido Friaça, marcou o bandeirinha. (...) O juiz deixou prosseguir o lance, porque a defesa levara vantagem, e não cobrou o impedimento. **[OITAVO LANCE A GOL DO URUGUAI.]** O couro está no ataque uruguaio. Com Míguez. Bateu a Juvenal e atirou... (*Susto*) à direita da meta de Barbosa, perigosamente para o arco brasileiro. (...) [10 minutos.]

(*Brasil! Brasil! Brasil!*) A pelota, atirada por Míguez, perdeu-se mais uma vez no fosso. E outro couro novo é colocado agora em cancha para Barbosa cobrar o tiro de meta favorável à equipe brasileira. (...) Volta a campo também, e ao mesmo tempo, a pelota antiga, e o Barbosa trata com um garoto que está situado atrás do gol. Ajeita a pelota no terreno Barbosa. Vai cobrar o tiro de meta para a equipe brasileira. (...) Cobrou Barbosa. Bola para Zizinho, que deu a Friaça. Entra Rodríguez Andrade e, acossado por Friaça, pôs fora, pela lateral. O arremesso lateral vai ser feito por intermédio de Zizinho. (...) [11 minutos.]

Fez o arremesso Zizinho. Na frente, na direção de Ademir. Ademir é desarmado por Tejera e o couro saiu pelo lado. Lateral favorável outra vez à equipe brasileira. Prepara-se para fazer o arremesso Zizinho. Agora é ao lado da área perigosa dos uruguaios. Demorou-se. Passou com as mãos na direção de Ademir. Ademir devolveu a Zizinho. Zizinho então atraiu um contrário. Passou por ele. Deu na direção de Ademir. (*Torcida*) **[20º LANCE A GOL DO BRASIL.]** Ademir driblou sensacionalmente a um contrário. Atirou... bola fora, pela linha de fundo. Saiu a pelota e o bandeirinha já assinalou tiro de meta favorável à equipe do Uruguai. (...) Matías González deu o tiro de meta. Bola com Jair. Jair na frente para Ademir. Ademir para Chico na ponta esquerda. Manobrando agora mais à vontade. Chico então cruzou para Friaça na direita. Entra Rodríguez Andrade. Alivia de cabeça para o lado. O couro então vem a sair a córner. (*Torcida*) **[SEXTO CórNER DO URUGUAI.]** Córner contra a equipe uruguaia. É o número meia dúzia do Uruguai contra zero do Brasil. [12 minutos.]

Vai cobrar Chico na ponta esquerda. Nota-se que o ataque brasileiro trouxe novas instruções, porque estão agora colocando mais em jogo a Friaça, com bolas cruzadas. Aliás, foi exatamente de um passe nessas condições que nasceu o gol. Cobrou Chico o córner, muito bem. A bola é desviada por Matías González. Para Zizinho. (*Torcida forte*) **[21º LANCE A GOL DO BRASIL.]** Atirou Danilo em gol! Defendeu outra vez Obdulio. Voltou o couro para Ademir. Empurrou Ademir a Matías González e o juiz marcou *foul*. (...) Cobrado o *foul* por intermédio de Matías González. Bola na cabeça de Obdulio, que dá na direção de Julio Pérez. [13 minutos.]

Esse perde para Danilo, que continua firme. Danilo a Zizinho. Zizinho a Jair. Jair está na meia esquerda lutando contra Obdulio, que o desarma e põe o couro fora, pelo lado. (*Vaias*) **[MAIS RECLAMAÇÕES DE OBDULIO, QUE É VAIADO.]** Agora Obdulio reclamou de Julio Pérez. Como reclama o capitão uruguaio! O público já tomou conta do

Obdulio, porque ele reclama de tudo – do juiz, dos adversários e agora dos companheiros. Jair vai fazer o arremesso lateral. Demorou-se. Passou com as mãos na direção de Chico. Chico então tenta enganar Gambetta e não consegue. Gambetta põe a pelota fora, pelo lado. Está resolvendo Gambetta se a bola é dele, mas o juiz diz que não. Bola do Brasil. Arremesso lateral, na altura da intermediária do Uruguai. Vai cobrar Jair, no setor esquerdo. Prepara-se Jair. Levantou o couro para Chico. Chico devolveu-lhe a pelota. Ele então tenta enganar Tejera e não consegue. O couro ficou com Gambetta. Entra Chico sobre Gambetta. Chocam-se os dois. Bola fora, pelo lado. (...) [14 minutos.]

Sobre a nova “cena” de Obdulio Varela, lembra Bigode: “Como capitão, Obdulio estava no papel dele. Teve uma bola que saiu pela lateral e Julio Pérez ficou com as mãos nas cadeiras, olhando. O Brasil ganhava de 1 a 0. Julio Pérez recebeu um carão muito grande. Foi até sacudido por Obdulio, que mostrou a camisa e pediu mais sangue”.[\[13\]](#)

Prepara-se Jair. Fez o arremesso para Ademir. Ademir aparou a pelota no peito. Atraiu Obdulio. Deu de calcanhar para Jair. (*Torcida*) Jair empurrou para Chico na área. Entrou na área Chico. Deu para Ademir. Impedido, marcou o juiz. Infiltrara-se Ademir, quase junto à linha de fundo, mas foi percebido pelo bandeirinha. (...) Cobrou Matías González. Bola na altura do centro da cancha, com Jair. Livrou-se de Julio Pérez e deu na frente para Chico. Aliviou Gambetta. Vai recuperar Jair... marcou o juiz *foul* de Chico contra Gambetta. Jogo um tanto brusco. Agora está reclamando Gambetta do juiz, porque Jair atirara a bola um pouco longe. Mas ele também não se preocupava em apanhar a bola. Jair atirara na direção do jogador uruguaio. Cobrou Matías González. Bola no ataque uruguaio. Defendeu Danilo de cabeça. Volta a pelota para Obdulio, que desarma Jair e dá para os seus. Entrou entretanto Zizinho. (*Torcida*) Levou vantagem no lance. Conseguiu dar lá na frente, na direção de Friaça, na ponta direita. Friaça aposta corrida contra Rodríguez Andrade. Chegou primeiro na bola Friaça. Tomou a bola do ponta-direita. Está lutando contra ele. (*Torcida*) **[SÉTIMO CÓRNER DO URUGUAI.]** Obrigou a córner. Córner número sete do Uruguai. (...) [15 minutos.]

Vai ser cobrado o córner por intermédio de Friaça. Prepara-se Friaça para cobrar o tiro de canto. Cobrou. Abrindo para Jair. Cabeceou Jair no meio para Chico. Salta Chico. Defendeu Obdulio. Recupera entretanto Jair. Tenta dar para Ademir. Não consegue. Ficou o couro em poder de Julio Pérez, que estava na defesa. Vai levando Julio Pérez pelo setor esquerdo. Adiantou para Morán. Mas o Ademir conseguiu atrasar para Augusto. (*Torcida*) Rebateu Augusto. Veio o couro para Obdulio. Obdulio combina com Tejera. Tejera bateu Chico e dá na frente. Na direção de seu companheiro Julio Pérez, na meia esquerda. Entra Ademir, (*Torcida*) desarma Julio Pérez e vai para o ataque. Deu em profundidade para Chico. Chico para Ademir. Vai progredindo Ademir. (*Torcida forte*) **[FALTA VIOLENTA EM ADEMIR.]** Infiltrou-se pela área. Entra sobre ele Matías González e o derruba. Caído na área Ademir. Rodríguez Andrade mandou a pelota pela lateral. (...) [16 minutos.]

Uma entrada dura de Matías González. Interrompida a peleja para ser socorrido Ademir, que ficou caído no solo. Matías González entrou para desarmar o *center-forward* brasileiro. (...) (Fala César de Alencar, locutor de campo: “O lance foi, embora legal, de uma violência a toda a prova. Aliás, diga-se de passagem que a defesa uruguaia, assim que os jogadores brasileiros penetram na área, são de uma dureza a toda a prova. Temos observado lances aqui do nosso posto de observação que absolutamente não fazem parte do futebol. Obdulio Varela, o *center-half* do escrete uruguaio, usa de todos os recursos contra Ademir. (*Torcida*) Parece que foi marcado pênalti contra os uruguaio! (*Torcida forte*) Pênalti contra os uruguaio! Não, não, não, não, não. Foi córner contra os uruguaio. É que um jogador brasileiro tinha levado a bola para a marca de pênalti e Mr. Reader não disse nada. Riu apenas. Mas como íamos dizendo, a defesa uruguaia é pesadíssima.”) (...) [17 minutos.]

O filme do lance mostra Ademir entrando na área com seu *rush* característico. Sobre o atacante vai Matías González, do lado esquerdo, jogando seu corpo contra o dele. No impacto, Ademir é arremessado para a frente, caindo na horizontal. A bola sobra para Rodríguez Andrade, que chuta para fora, segundo a prática cortês.

Já foi feito o arremesso lateral por intermédio de Friaça. Friaça levou vantagem. Centrou na direção da área. Colocado Chico. Defendeu Máspoli, muito bem. Defesa segura de Máspoli, que passou com a mão na direção de Julio Pérez. Julio Pérez está na posição de meia-direita. Prepara a investida. Tem pela frente agora Jair. Vai arrancando e deu para a ponta direita, para Ghiggia. **[12º CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE.]** Recebeu o ponteiro direito do Uruguai. Atraiu Bigode. Passou, mas a pelota ficou com o jogador do Brasil. (*Torcida*) Bigode então atrasou a pelota para Danilo e Danilo atrasou a pelota para Barbosa. Ganhando tempo os jogadores do Brasil. (...) Atirou Barbosa, em

profundidade. Bola para Ademir. Cabeceou Ademir, para trás, na direção de Jair. Parou a pelota Jair no meio da cancha. Foi atacado por Ghiggia, mas conseguiu passar para Ademir. Ademir, então, rápido, empurrou para Zizinho. [18 minutos.]

Zizinho tenta bater Tejera. Ainda não conseguiu dessa vez. Mas vai conseguir, porque já é freguês. (*Torcida*) Recua. Conseguiu passar, finalmente. (*Torcida forte*) Empurrou o couro para Chico, muito bem. Vai levando Chico pela meia direita. Pulou sobre Gambetta. Caiu. Levou vantagem no lance, mas o juiz deixou prosseguir. Marcou *foul* agora. (*Vaias*) *Foul* de Gambetta em Chico. Reclamam sempre os jogadores uruguaios. (...) Penalidade perigosa contra o Uruguai. Vai cobrar Jair. Ajeitou muito direitinho. Barreira compacta. Máspoli preparado para esperar o chute. Atenção. Está curvado Máspoli. Atenção. **[22º LANCE A GOL DO BRASIL.]** Partiu Jair. Atirou... Sobre a trave superior, sem direção. (...) Vai ser dado o tiro de meta por intermédio de Obdulio Varela. Deixou para Matías González. Chutou Matías González. Vai o couro na direção do centro da cancha, para Bauer, que cabeceou, servindo ao seu companheiro Friaça na ponta direita. [19 minutos.]

Friaça perdeu para Rodríguez Andrade, que caiu de produção nesse segundo tempo e pôs precipitadamente o couro para fora. O arremesso lateral vai ser feito por intermédio de Bauer na altura da intermediária contrária. Prepara-se Bauer. Demora-se. Deu com as mãos na direção do adversário que é Rodríguez Andrade. Esse serviu a Julio Pérez na meia esquerda. Julio Pérez bateu Bauer, mas teve que recuar muito. Caiu no terreno, lutando contra Ademir, e a bola acabou saindo pelo lado. O juiz marcou então falta contra o Brasil, segundo parece. (...) Vai cobrar a falta Tejera. Já chutou. Bola nas imediações da área do Brasil. Cabeceou Julio Pérez sobre Danilo. Entrou Juvenal agora. Falhou também. Mas Bigode rebateu firme para o centro da cancha. [20 minutos.]

Bola para Gambetta. Gambetta para Julio Pérez, na direita. Avança Julio Pérez. Continua progredindo. Atraiu Danilo. Perdeu para o centromédio. Recuperou Julio Pérez. Bateu Jair e entregou a Obdulio. Obdulio abriu na ponta direita para Ghiggia. A pelota chegou ao seu destino. (*Torcida*) **[13º CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE.]** Bigode tenta o carrinho. Falhou. Bola para Ghiggia. Centrou à boca do gol. Emendou Schiaffino. GOL DO URUGUAI! GOL DO URUGUAI! SCHIAFFINO! GOL DO URUGUAI! SCHIAFFINO! (*Foguetes*) (...) Empatada a peleja. Vão sair novamente os atacantes brasileiros. (*Brasil! Brasil! Brasil!*) **[SCHIAFFINO MARCA E EMPATA, NO NONO LANCE A GOL DO URUGUAI.]** Uma boa combinação do ataque uruguaio, que terminou com a conquista do tento de empate por intermédio de Schiaffino. Falhou Bigode na luta contra Ghiggia. Entrou e conseguiu centrar rasteiro à boca da meta. Um centro preciso. Entrou Schiaffino, que se deslocara da meia esquerda para a meia direita, e emendou marcando. Um a um, empatada a peleja.

O lance do primeiro gol uruguaio, aos 20min32s do segundo tempo, foi assim narrado por Luís Mendes, da Rádio Globo: “Bola em poder de Julio Pérez, dentro do grande círculo. Entra sobre ele Danilo. Danilo toma-lhe a bola. Julio Pérez insiste e retoma o balão. Investe e chega na intermediária brasileira. Defronta-se com Jair. Passa por ele e entrega a Obdulio Varela. Obdulio estende a Ghiggia na ponta direita. Ghiggia é cercado por Bigode. Ghiggia dribla Bigode. Chega na linha de fundo. Centra para dentro da área brasileira. Entra Schiaffino e chuta! Gol do Uruguai! Gol do Uruguai! Schiaffino! Está empatada a partida. Schiaffino!”

Pedro Luiz, da Rádio Pan-Americana: “Ghiggia fechou pela altura da linha de zaga. Tesourou Bigode e falhou. Fugiu Ghiggia. Rolou para área. Virou Schiaffino. Atirou... gol! Gol de Schiaffino, empatando a partida para o Uruguai, depois de uma falha de Bigode, que tentou tesourar o ponteiro direito, deixando que ele centrasse à vontade”. Dois dias depois, o *Jornal do Brasil* recapitulava: “O jogo prosseguia com a mesma característica de superioridade dos brasileiros. Eles se achavam no ataque quando a bola da defesa veio aos pés de Ghiggia, que correu ligeiro, e sobre ele Bigode, que procurou lhe barrar o caminho. A bola sobrou e tivemos a impressão de que Bigode julgou que a bola sairia pela linha de gol, mas Ghiggia passou por ele e segurou a bola antes dela sair, para dar uns passos e centrar na boca do gol, permitindo a Schiaffino chutá-la para dentro das redes de Barbosa”. [14]

“Ghiggia jogou uma enormidade no Mundial”, diz o técnico Juan López. “Quando passou por Bigode e correu até a linha de fundo, dei-me conta de que Bigode não o alcançaria mais. Pelo centro vinham chegando Míguez e Schiaffino, e, quando Ghiggia deu o passe para trás, o gol já estava feito.” [15] O próprio Ghiggia descreve o lance: “Obdulio me deu o passe, pouco depois da metade da cancha. Dominei a bola frente a Bigode. Corri pela lateral. Cheguei muito perto da linha de fundo e não tinha ângulo para chutar em gol. Vi entrar Schiaffino e dei para o centro, rasteiro”. [16] Schiaffino detalha a cena: “Obdulio estava próximo de Ghiggia e eu vinha atrás, à esquerda do ataque, porque, toda a vez que Obdulio se adiantava, eu atrasava para a cobertura. Míguez, um pouco enfiado, foi acompanhar Ghiggia. Vi que, pela direita e na metade do campo, Ghiggia recebeu a bola de Obdulio e, quando Bigode aproximou-se, começou a fazer dribles para lá e para cá. Ao mesmo tempo, adiantei-me na corrida, cortando o campo na diagonal, para a direita. Não percebendo esse movimento, pois eu fingira ir para a esquerda, meu marcador, Danilo, saiu para dar também combate a Ghiggia. Este evitou então um ‘carrinho’ de Bigode e livrou-se dele velozmente, deixando-o à distância, e partindo para a linha de fundo. Só então Ghiggia pôde me ver chegando até perto da grande área, na posição de meia-direita. Percebi que Ghiggia se adiantara demais e não tinha ângulo para chutar a gol. Ia cruzar a bola para trás. Uma vez que aquele a quem deveria marcar, Míguez, tinha ficado para trás, e se dando conta da minha penetração, Juvenal veio para cima de mim, no mesmo momento em que Ghiggia cruzava rasteiro, para trás, e a bola entrava forte na grande área – um passe preciso. Juvenal jogou-se para cima de mim, na tentativa de interceptar, mas cheguei na frente. Juvenal não era muito rápido, mas tinha um físico avantajado e, se tivesse me atingido as pernas, teria acabado ali com a minha carreira. Bastaria que eu chutasse com firmeza para fazer o gol. Queria preparar o chute com o pé esquerdo, mas não tive tempo para pensar e chutei de primeira, como a bola vinha, cruzando o arco, antes que Juvenal a alcançasse. Atirei mesmo com a parte interna do pé direito. Tentei acertar de raspão, só que peguei mal a bola, tal como ela vinha. Saiu um chute muito forte e alto, que acabou entrando no ângulo, junto ao travessão. Tive uma sorte espantosa. Se a trajetória da bola fosse mais baixa, como eu queria, o goleiro a teria agarrado. Barbosa pulou, e vi que a rede balançava. Era o empate. E a certeza de que estávamos a um passo de sermos campeões”. Schiaffino lembra que sua intenção era colocar a bola no canto direito do gol, mas o tiro saiu alto, mais para a esquerda da meta. “Sem dúvida – afirma –, os grandes jogadores brasileiros, como Zizinho e Ademir, ficaram surpresos. Mas, com a vantagem do empate, continuavam campeões. Nós, uruguaios, olhávamos para os relógios do estádio para ver quanto tempo ainda faltava para acabar o jogo.” [17]

Flávio Costa, recapitulando o lance, critica a ala esquerda da defesa brasileira: “Houve falha em nosso sistema defensivo. Juvenal não dava a necessária cobertura a Bigode na marcação da ala direita uruguaia, muito boa (Ghiggia, Julio Pérez). Bigode era um bom marcador, mas não tinha recursos. Num contra-ataque veloz, Ghiggia deu uma escapada. Bigode foi ao seu encontro, tentando tirar-lhe a bola com um ‘carrinho’. Ghiggia livrou a bola e as pernas do ‘carrinho’. Quando um jogador de defesa dá um ‘carrinho’, dá para pegar a bola e também as pernas, para derrubar. Ghiggia livrou as pernas, de modo

que, quando partiu na jogada, o Bigode estava no chão. Ghiggia correu isolado uns 20 ou 30 metros, até a linha de fundo. Ora, dentro do sistema, quando Ghiggia bateu Bigode, tinha que haver o combate de Juvenal. E o Juvenal se escondeu, permitindo que Ghiggia avançasse livre, só perseguido por Bigode, que estava a um metro ou dois atrás dele. Ghiggia teve tempo de olhar para trás e atrasar a bola para Schiaffino, que vinha pela meia direita. Schiaffino bateu um chute reto, que entrou no ângulo esquerdo de Barbosa. O gol uruguaio teve um efeito moral péssimo. O público, que havia se manifestado sacudindo lenços quando fizemos nosso gol, foi surpreendido, tal a rapidez do lance”.[\[18\]](#) No único filme que registrou a jogada, vê-se que a bola arremessada por Ghiggia correu rente ao gramado e quicou uma vez no terreno antes que Schiaffino a pegasse no ar de primeira, com o pé direito, dentro da grande área, no exato momento em que Juvenal, colocado um pouco à frente, ia sobre ele com a perna esquerda, mas sem chegar a tocar na bola. (Observe-se que, tanto no gol de Schiaffino como no de Ghiggia, Juvenal esteve no limite de interceptar os arremessos: em ambos os casos, chegou atrasado para o corte por uma fração infinitesimal de segundo.) O chute de Schiaffino subiu alto e forte, passando por Barbosa, que saltou para a esquerda, jogando o corpo para trás, e atingiu a parte superior da rede, à esquerda do gol. Danilo aparece marcando Míguez na entrada da área.[\[19\]](#)

O “silêncio tumular” que teria tomado conta da multidão após o gol de Schiaffino e contribuído, segundo muitos, para a reviravolta da partida, é uma lembrança vívida em todos os depoimentos recolhidos por Arno Vogel.[\[20\]](#) Não há, com efeito, quem não “recorde” aquele silêncio quando se trata do gol de empate uruguaio. Como, por exemplo, o então presidente da CBD, Rivadávia Correia Meyer: “O gol do empate! Um silêncio de tûmulo dominou o enorme cenário da luta. Todos emudecemos. Podia-se ouvir o vôo de uma mosca. Parecia-nos impossível o que aconteceu. ‘Só o silêncio é grande’, disse o poeta, e diante da dolorosa realidade fazíamos silêncio. Silêncio só quebrado pelo soar estridente do apito do árbitro e pelos gritos de Obdulio Varela”.[\[21\]](#)

Flávio Costa repete a história ao autor: “Por causa do silêncio, os jogadores ficaram traumatizados: eles se sentiram responsáveis por aquele silêncio. Ouvi uma atriz de teatro dizer que, quando a platéia não reage como o previsto, isso passa um mau fluido para o palco: o ator fica inseguro, não consegue acompanhar o texto, com medo de não corresponder às exigências do público. Bem: o nosso time ficou paralisado no campo. Não foi o segundo gol que nos derrotou, mas o primeiro. Quando fizemos o primeiro gol, logo na saída do segundo tempo, todos pensaram que ia começar a goleada. Nosso time amoleceu, e o Uruguai se encrespou. Quando saiu o primeiro gol uruguaio, nosso time se acovardou pela enorme responsabilidade diante daquele silêncio que tomou conta do Maracanã. Não se ouvia uma mosca. Os jogadores receberam aquilo em cima deles. À ação tinha de corresponder uma reação. O time do Brasil precisava crescer, mas em vez disso se diminuiu, se paralisou, como se houvesse levado um choque traumático. Como um pugilista quando leva um soco no queixo: a guarda vai para baixo, os braços descem, não obedecem. Eu senti o time brasileiro se imobilizar. Não adiantava ordem, não adiantava grito, não adiantava nada”.

Ademir concorda: “Os jogadores sentiram um grande impacto quando a arquibancada silenciou.

Nossos ataques perderam a força dos lances anteriores”.[\[22\]](#) Acrescenta o jornalista Sandro Moreyra: “Nas arquibancadas, as pessoas olhavam-se atônitas. Ninguém queria acreditar. Mudos de espanto, os torcedores esqueceram que o jogo prosseguia, que um gol nosso valia o título, pois jogávamos pelo empate. O silêncio foi tomando conta daquela multidão antes tão alegre e que tinha ido ali certa de sair noite adentro pelas ruas do Rio a festejar o primeiro título mundial. Foi impressionante. O Maracanã parecia ter ficado vazio de repente. Na verdade, quem assistiu àquele jogo nunca mais esqueceu o silêncio dramático daquelas 200 mil pessoas. Foi a maior frustração nacional neste país”.[\[23\]](#)

Os próprios uruguaio guardaram essa impressão, como descreve Máspoli: “Depois do ruído infernal que nos rodeava até aquele instante, a tal ponto que a fumaça dos foguetes não nos deixava ver as pessoas na arquibancada, fez-se subitamente um grande silêncio. Nesse instante, tenho certeza, todos os brasileiros sentiram medo de perder. E esse medo eu pude sentir quando, num choque, toquei a cabeça de um jogador brasileiro: estava gelada. Esse medo iria lhe custar a partida e o título. Nós, ao contrário, com muito menos responsabilidade do que eles, nos sentimos mais seguros da vitória do que nunca. Recordo bem os dois gols. Em ambos, Ghiggia teve a participação fundamental: no primeiro, deu o passe; no segundo, fez o gol. Nesse campeonato, ele foi o melhor de todos nós”.[\[24\]](#)

É verdade que, a partir do gol de Schiaffino, ninguém mais ficou tão seguro do desfecho da partida como antes. É também verdade que a Seleção Brasileira desequilibrou-se por algum tempo, como aliás demonstra a locução de Antonio Cordeiro à altura do 22º minuto (“Caiu um pouco a produção do quadro brasileiro, a essa altura. Ainda não está inteiramente refeito do golpe causado pelo gol de empate.”). Mas não é verdade a “lenda” que se consolidou com o tempo e a escassez de documentos na evocação da “tragédia de 16 de julho” a propósito do efeito sonoro que teria se dado em seguida ao primeiro gol uruguaio. Não resta dúvida de que tal tradução daquela emoção coletiva em termos de um “silêncio dramático e ensurdecido” consagra hoje a memória lendária de 50, da mesma forma que os gritos de Obdulio Varela, o gol de Ghiggia, o pranto de Danilo. Ocorre que nem a audição atenta da partida nem as reportagens da época autorizam a confirmar o fato, muito ao contrário: logo após o gol de Schiaffino, o estádio voltou a incentivar a seleção, o que também sucederia depois do segundo gol uruguaio, quando até foguetes são ouvidos no estádio. Nenhuma alusão àquele silêncio é feita, por exemplo, na recapitulação da partida pelo *Jornal do Brasil* dois dias depois: “Igualada a contagem, os uruguaio se animaram e cresceram no gramado, passando a atacar com verdadeiro ímpeto em busca da vitória. A defesa brasileira teve que se empregar a fundo para afastar o perigo. Quebrado esse ímpeto, os brasileiros voltaram a atacar mais, porém teimando em manter o mesmo sistema de jogo, trançando demais na porta do gol, para a defesa uruguaia inutilizar os ataques. Vários tiros a gol ameaçaram muito o último reduto uruguaio, mas os atacantes brasileiros estavam com má pontaria”.[\[25\]](#) Contudo, o “silêncio de 16 de julho” deve constar aqui, porque – como diz um jornalista no filme de John Ford, *O Homem que Matou o Facínora* –, “quando a lenda se torna mais forte do que a realidade, publica-se a lenda”.

Enquanto os uruguaio corriam para abraçar Schiaffino, Obdulio Varela permaneceu no centro do campo, gritando aos companheiros para que voltassem logo aos seus lugares. Com as duas mãos

balançando a camisa azul-celeste, mostrava-a ao resto do time, bradando: “Mais alma! Mais alma!” Depois, quando lhe perguntaram por que agitara a camisa, respondeu: “Porque só ela nos poderia levar à vitória”.[\[26\]](#)

Já saiu o ataque brasileiro. Bola então no meio da cancha, com Bauer. Bauer abriu na direção de Friaça na ponta direita. Friaça atraiu um contrário. Atrasou. Na direção de Augusto. Augusto então empurrou para o ataque. *[21 minutos.]*

Para Ademir. Ademir salta contra Matías González e a pelota saiu pelo lado. Lateral favorável à equipe do Brasil. (...) Arremesso lateral de Friaça. Bola com Zizinho. Zizinho tenta bater um contrário e perdeu. Mas recupera Bauer. Tenta passar para Friaça. Não conseguiu. Levou vantagem no lance outra vez Bauer. *Foul*, marcou o juiz. Falta contra a equipe brasileira. Vai cobrar Tejera. Prepara-se o zagueiro uruguaio. Cobrou. Tirou um pouco de grama, mas a bola já está com Bauer no meio da cancha. Bauer domina a situação. (*Torcida*) Vem trazendo. Vem progredindo na direção de Chico, na esquerda. Empurrou a pelota para Chico. Chico parou o couro. Preparou o centro. Fez uma investida pessoal. Empurrou o couro na direção de Jair. Salvou Obdulio Varela. Vai a pelota então para Bigode. Cabeceou Bigode para o lado. A lateral é favorável à equipe uruguaia. (...) *[21 minutos.]*

Vai Gambetta fazer o arremesso na altura do centro do campo. Empatada a peleja, aumentada portanto a emoção. Bola em poder de Julio Pérez, que está lutando contra Bauer. Perdeu. Para Jair. Jair combinou com Bauer outra vez. Bauer então domina a pelota e entrega na direção de Zizinho. Zizinho lutou contra o adversário e deu para Bauer novamente. Vai levando Bauer. Bateu agora Gambetta. Perdeu para Rodríguez Andrade. Vai recuperar Zizinho. Recuperou. Serviu a Bauer outra vez. Vai levando Bauer. Aplicou uma finta. Luta ainda contra Morán. Empurrou então o couro para Friaça. Malfeito o passe. Bola fora, pela lateral. Caiu um pouco a produção do quadro brasileiro, a essa altura. Ainda não está inteiramente refeito do golpe causado pelo gol do empate. Rodríguez Andrade então vai fazer o arremesso na intermediária. Passou com as mãos. Na direção de Schiaffino. Schiaffino perdeu para Augusto, que dá a Zizinho. Zizinho para Ademir na frente. Cortou Obdulio. Vai recuperar Friaça. Tenta atrasar e não pode. A bola ficou com Morán. Morán então atrasou para Obdulio. Obdulio na frente, na direção de Morán. Corre Juvenal. Deriva-se para a direita. Bateu Morán. Espetacularmente. Parou o couro e atirou agora forte para o centro do gramado. *[23 minutos.]*

A pelota veio para Ademir, que de cabeça tenta dar a Friaça. Corre porém Matías González. Rebateu para Julio Pérez. Perdeu para Danilo. Vai recuperar Ghiggia. Cabeceou na direção de Míguez. Míguez pára o couro. Bateu Danilo e atira. A pelota bateu em Juvenal. Vem ter a Jair. (*Torcida*) **[14º CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE.]** Jair bateu Obdulio e entrega a Chico, mas Gambetta o desarma. Desarmou Gambetta, e mandou agora na ponta direita, na direção de Ghiggia. Recebeu o ponteiro. Luta com Bigode. Bigode parou o couro em cima da lateral. E Mr. Ellis marcou, vejamos... marcou *foul* de Bigode contra Ghiggia. Quase na bandeira que marca o ângulo de córner. (*Vaias*) Vai ser cobrada a falta. Bigode e Danilo estão atônitos. Esperavam tudo, menos a marcação dessa falta. Vai ser cobrada a falta por intermédio de Ghiggia. Atenção. Um a um no marcador. Prepara-se o ponteiro direito do Uruguai. *[24 minutos.]*

Cobrou Ghiggia. Bola à boca do gol. Salvou de cabeça Bauer. (*Torcida*) Recupera Tejera. Entregou a Obdulio. Obdulio devolveu a Tejera. Levantou o couro. Perdeu para Jair, (*Torcida*) que deu de cabeça na frente a Ademir. Perdeu para Tejera outra vez Ademir. Ademir é batido por Tejera e o zagueiro atira então para Morán. Rebateu Augusto muito bem. Entrega na frente na direção do comando do ataque. Ademir descolocado. Bola para Matías González. Rebateu para a área do Brasil. Schiaffino entregou agora a Míguez. Míguez atraiu Juvenal. Deriva para a esquerda. Abriu agora para Schiaffino. Entra Danilo! (*Torcida*) Atira para trás, mandando a bola a córner! Momento de pânico na retaguarda do Brasil. **[PRIMEIRO CórNER DO BRASIL.]** Danilo desarmou Schiaffino à altura do pênalti, atirando a bola para fora, para escanteio. Vai cobrar Morán, na ponta. Ajeita a pelota no terreno o ponteiro esquerdo do Uruguai. (...) Cobrou Morán. Bola atrás, na altura da meia-lua. Pula Bauer, desarma Schiaffino e entrega a Jair. Jair a Zizinho. Zizinho recebe uma entrada dura de Obdulio, que fica com o couro. **[PRIMEIRO CórNER DO BRASIL.]**

Entregou a Morán na ponta esquerda. Luta com Augusto. Tenta bater o zagueiro do Brasil e não consegue. (*Torcida*) Atira Augusto. A pelota rebate em Morán e se escoa pela linha de fundo. Tiro de gol para a equipe do Brasil. (...) Cobra Barbosa o tiro de gol. Bola na cabeça de Obdulio. Obdulio a Míguez. Míguez a Julio Pérez. Esse a Ghiggia na ponta direita. **[15º CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE.]** Recebe Ghiggia o passe de Julio Pérez. Atraiu Bigode. Tenta batê-lo. (*Torcida*) Descamba para a meia. Bigode o persegue. Ghiggia volta para a ponta. Bigode ainda não entrou nele. Tenta batê-lo. Levou vantagem Ghiggia. Bateu Bigode! Executa o centro! **[10º LANCE A GOL DO URUGUAI.]** Entra Schiaffino! (*Torcida*) Entra agora Bauer e Schiaffino cabeceia para a linha de fundo! Tiro de gol para a equipe do Brasil. (...) *[26 minutos.]*

Vai ser cobrado o tiro de meta para a equipe do Brasil por intermédio de Barbosa. Cobrou, entregando fora da área a Juvenal. Juvenal devolveu agora a Barbosa. Bola com o arqueiro do Brasil. Acossado por Ghiggia, (*Vaias*) atirou Barbosa para o centro da cancha. Bola na direção de Zizinho. Cabeceou Tejera. Entra Obdulio Varela. De cabeça entregou a Julio Pérez. Corta Danilo e deu a Ademir! Ademir tenta dar a Zizinho. (*Torcida*) Recebeu Zizinho. Deu na frente, outra vez para Chico. Chico dá a Jair. (*Torcida forte*) **[CONFUSÃO NA ÁREA URUGUAIA: QUASE GOL CONTRA.]** Entra na área Jair. Apontou. Deu no meio. Confusão. Ia fazendo contra agora Gambetta! Gambetta ia marcando um tento contra! Enquanto isso o juiz paralisou a peleja porque está contundido o guardião Máspoli. Contundido Máspoli neste lance. Interrompida a peleja para ser socorrido Máspoli. (...) Caído em campo o guardião Máspoli, quando Jair organizou uma investida pelo setor esquerdo, e, em lugar de atirar, preferiu cruzar. Gambetta entrou. Ia chutando contra sua própria rede. Mergulhou Máspoli e contundiu-se no lance. (...) [27 minutos.]

No contra-ataque brasileiro, quase Gambetta marcou gol contra. “Foi uma situação difícil”, recorda Máspoli. “Jair entrou na área e deu um tiro violento. Ademir vinha chegando na corrida. Agarrei a bola, mas Ademir, sem querer – ele era um *gentleman* –, me pegou no braço direito. Fiquei com o braço adormecido. Foram segundos dramáticos que passei caído ao solo, enquanto me atendiam, porque não conseguia sentir o braço.”[27]

No 27º minuto da irradiação, é transmitida de São Paulo notícia sobre o andamento de Suécia x Espanha e os locutores deixam de narrar um lance do jogo. A Suécia vence por dois gols, marcados no primeiro tempo.

(*Torcida*) Já recomeçou aqui a peleja e há uma investida malograda dos brasileiros pelo setor esquerdo, porque entrou Matías González e fez *foul* em Ademir. O juiz marcou a falta. Vai cobrar Chico, ao lado da área perigosa. (...) [28 minutos.]

Prepara-se Chico para cobrar. Um a um no marcador. Atenção. Demora-se Chico. Chutou agora. Vai morrer sobre a meta. Salta Máspoli. Cabeceou para trás Zizinho. (*Torcida*) O couro entretanto já havia saído pela linha de fundo. Tiro de meta favorável à equipe uruguaia. Executou Tejera. Na direção do centro da cancha para Danilo, que cabeceia para o seu ataque. Malfeita a cabeçada. Bola com Gambetta, que rebateu de qualquer maneira. Devolveu Bigode, muito firme, lá na direção de Jair, no centro do campo. Jair para Danilo. Danilo então abriu para Friaça na direita. Entra Ademir. É atrapalhado por Rodríguez Andrade, que salva a situação. Caiu no terreno e perdeu agora para Jair. Mas Jair perde por sua vez para Obdulio, que manda para o ataque. Na direção de Ghiggia, na ponta direita. Recebeu Ghiggia. Controlou mal e a pelota saiu pela lateral, favorável à equipe do Brasil. Vai cobrar Bigode na altura da sua própria posição. Na intermediária do Brasil, prepara-se Bigode. Movimenta na frente para Chico. [29 minutos.]

Chico luta com Gambetta e consegue atrasar o couro para Jair. Jair deu na frente para Ademir. Salta Ademir contra Matías González. Levou vantagem o zagueiro e entregou a pelota a Gambetta, que rebateu para o meio do campo. Entrou Julio Pérez. Vai lutar contra Zizinho. Levando vantagem ainda Julio Pérez. Está com a bola presa no centro do terreno e empurrou para seu ataque, para Míguez. Míguez falhou e a pelota sobrou para Juvenal. Vem Juvenal. Carrega o couro em direção ao ataque do Brasil, avançando pela direita. Cruzou para Ademir. Ademir abre para Chico na esquerda. (*Torcida*) Caído Ademir no terreno outra vez. Foi derrubado por Matías González. Marcação dura do zagueiro uruguaio sobre o centroavante brasileiro. (...) O arremesso lateral é favorável à equipe uruguaia e é Gambetta quem vai fazer o arremesso. Está custando a chegar ao lugar da cobrança do arremesso a pelota. Afinal de contas, Gambetta recebe do próprio juiz e vai repor o couro em jogo. Arremessou com as mãos. (...) [30 minutos.]

Novamente aqui há um lapso na narração do jogo, porque de São Paulo se transmite a informação de que a Suécia marcou o seu terceiro gol, por intermédio de Palmer, contra zero da Espanha.

Bola em circulação com os uruguaios no ataque, por intermédio de Ghiggia. (*Torcida*) **[16º CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE.]** Luta com Bigode dentro da área. Bigode rebateu fraco! Recupera Ghiggia! Executa o centro! Cabeceou Schiaffino para Morán! Augusto o desarmou quase à boca do gol do Brasil! Vai correndo para a lateral. Luta com Schiaffino e deixa a pelota sair de campo. Lateral pró Uruguai. Bigode hoje está tendo um páreo duríssimo com esse ponteiro do Uruguai que é Ghiggia. Cobrou Schiaffino. Entregou a Míguez. Parou a pelota Míguez. Devolveu a Schiaffino na lateral. Esse consegue enganar a Bauer e deu a Morán. Morán a Schiaffino. Vai sobre ele Bauer. Lutam os dois e a pelota é posta para fora de jogo pelo médio do Brasil. Uruguai bola. Vai cobrar Schiaffino na direção da grande área do

Brasil, pela direita do nosso setor defensivo. [31 minutos.]

Cobrou Schiaffino. Entregou a Míguez na ponta. Perseguido por Jair, devolveu a Schiaffino. Deixa a pelota sair pela linha de fundo. (*Torcida*) **[SEGUNDO CÓRNER CONTRA O BRASIL.]** Tiro de meta favorável à equipe do Brasil. Não! Mr. Reader deu escanteio contra o Brasil. Augusto tocou na pelota e estava junto do zagueiro o árbitro da partida, Mr. George Reader. Vai cobrar Morán na ponta esquerda. Cobrou, muito bem. Bola à boca do gol. Saiu Barbosa. (*Torcida*) Rebateu de soco! Recuperou Obdulio Varela! Atirou para o arco! Bateu o couro em Míguez. (*Torcida*) **[SEGUNDA DEFESA DE BARBOSA NO SEGUNDO TEMPO E 11º LANCE A GOL DO URUGUAI.]** Ficou para Juvenal, que rebateu forte para Ademir. Entra Chico. Cabeceia. Mas o couro ficou na direção de Mathias González. Rebateu para o campo brasileiro. (*Torcida*) Intercepta Zizinho. Luta com Julio Pérez. Leva a melhor e deu a Friaça. Friaça vai lá na ponta direita, correndo. Chegou primeiro do que Rodríguez Andrade. Entra o médio e mergulha nos seus pés, mandando o couro a córner, que é o de número oito do Uruguai, contra o Brasil. (...) **[OITAVO CÓRNER DO URUGUAI.]** Contra-ataque rápido da Seleção Brasileira, que terminou com um córner cedido pelo ponteiro Rodríguez Andrade. [32 minutos.]

(*Torcida*) Vai Friaça cobrar a falta na ponta direita. Atenção. Cobrou Friaça. Abrindo muito. Cabeceia Ademir. Para trás, para Chico. Chico foi encoberto pela bola, que Gambetta rebateu. **[17º CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE.]** Veio o couro então na direção de Bigode, que vai lutar contra Ghiggia. Levou vantagem Ghiggia. Entra Juvenal. Levou vantagem também, mas o juiz marcara *foul* de Ghiggia, contra Bigode, no meio do campo. (...) Vai cobrar Juvenal a falta contra a equipe do Uruguai. Prepara-se Juvenal. Ainda não cobrou. Demora-se bastante a cobrar o zagueiro, esperando que os seus companheiros se coloquem. [33 minutos.]

Cobrou agora Juvenal. Direto, sobre a área. Salta Chico. Não alcança a bola. Mas ficou ainda no campo contrário. Cruzou à boca da meta! (*Torcida forte*) Aliviou Gambetta! Vem para Bauer. Bauer aparou o couro no peito. Tentou passar por um contrário. Atrasou para Jair. Jair então infiltra-se. Empurrou o couro. Defendeu Tejera. Voltou para Danilo. Danilo perdeu para Julio Pérez, que entregou imediatamente na direção de Míguez. Míguez devolveu a Julio Pérez, que está lutando contra Jair, ainda dentro do campo uruguaio. **[18º CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE.]** Deu para Ghiggia. Devolveu a Julio Pérez, (*Torcida*) que dá em profundidade ao ponteiro direito. Corre Ghiggia! Aproxima-se do gol do Brasil e atira! **[GHIGGIA DESEMPATA, NO 12º LANCE A GOL DO URUGUAI.]** (*Torcida*) GOL! GOL! DO URUGUAI! GHIGGIA! SEGUNDO GOL DO URUGUAI! Dois a um, ganha o Uruguai. (...) (*Foguetes*) [34 minutos.]

“Apenas três pessoas, com um único gesto, calaram o Maracanã com 200 mil pessoas: Frank Sinatra, o papa João Paulo II e eu. E acredito que poucas outras o farão neste século.”[28] Alcides Edgardo Ghiggia não está brincando quando recorda esse rápido instante, aos 33min32s do segundo tempo, que eternizou seu nome como autor do gol “que praticamente descontrolou o Brasil inteiro”, como diz Radamés Mancuso.[29] João Máximo afirma mesmo: “O gol de Ghiggia foi recebido em silêncio por todo o estádio. No entanto, sua força fora tão grande, seu impacto de tal forma violento, que o gol, um simples gol, parecia dividir a vida do brasileiro em duas fases distintas: antes e depois dele”. [30] O “gol de Ghiggia”, virando o marcador, ficaria na memória nacional com o estigma eterno da “tragédia de 50”. Continua sendo o gol mais famoso na história do futebol brasileiro, porque nenhum outro acarretou tantas discussões, análises, evocações, nenhum outro alcançou a mesma repercussão, nenhum outro transcendeu sua condição de fato esportivo para alçar-se às dimensões de drama e mitologia, para converter-se em momento histórico da vida de uma nação.

Ghiggia, na época com apenas 23 anos, diz que “jamais poderia supor que marcaria uma geração inteira de brasileiros e uruguaiois”. [31] A trave do Maracanã, à direita das cabines de rádio, ficou durante anos batizada como “gol de Ghiggia”, e supersticiosos diziam que nunca mais iria nascer grama no caminho percorrido por Ghiggia até chutar. “ ‘Isso é uma mentira! Estamos sonhando!’, gritou na

arquibancada o barítono Waldir de Perrota. Mas era um pesadelo.”[\[32\]](#) Faltavam apenas 11min28s para acabar o jogo. Era o único arremesso a gol que Ghiggia deu em toda a partida – e o 12º e último do Uruguai.[\[33\]](#) Não um gol imprevisto, a julgar pelo tom da locução de Jorge Curi, pela Nacional, ou de Pedro Luiz, pela Rádio Pan-Americana: “Julio Pérez serve Ghiggia. Ghiggia para Julio Pérez. Julio Pérez lança a Ghiggia, agora fugindo pela direita. Vai rapidamente! Adentra perigosamente a área! Chutou para... gol! Gol de Ghiggia!” Foi, porém, um gol muito rápido: durou apenas seis segundos desde o primeiro passe de Julio Pérez para Ghiggia, ou quatro, considerando-se somente a corrida do ponta-direita com a bola até o instante em que esta cruza a linha de gol.

Nascido de um contra-ataque, quando o time brasileiro achava-se quase todo no campo adversário, o segundo gol uruguaio – que sucedeu ao 18º confronto de Ghiggia com Bigode – praticamente repetiu o primeiro, apenas com um final diferente, e foi consequência direta deste – se não levarmos em conta outras investidas similares (sobretudo a dos 25,5min do segundo tempo, logo após o gol de Schiaffino, quando Ghiggia bateu Bigode, centrou para a área e Schiaffino cabeceou para a linha de fundo). Tal como no gol anterior, Ghiggia, em sua estocada fatal, agora tabelando com Julio Pérez, venceu Bigode pela direita, recebeu sozinho a bola adiante, foi fechando rumo à meta de Barbosa, e chutou antes de ser interceptado já na grande área por Juvenal, que vinha na corrida. A diferença é que, ao invés de centrar, desta vez Ghiggia chutou direto, surpreendendo Barbosa, que se adiantara cerca de um metro e meio para cortar um provável passe perigoso, como no gol de Schiaffino. A bola passou por exíguo espaço entre ele, que dera um bote para trás, e a trave esquerda.

O técnico Juan López relembra: “Antes do jogo, Ghiggia me pediu que não lhe fossem lançadas bolas de longa distância, divididas entre ele e seu marcador, Bigode. ‘Que Julio Pérez me traga a bola’, falou. E Julio Pérez cumpriu isso. Quando já não podíamos continuar jogando cautelosamente, à espera, porque precisávamos ir à frente para ganhar, Julio Pérez se aproximou de Ghiggia. Este arrancou outra vez, deixou Bigode para trás e foi buscando o fundo do campo. E aí ocorreu o importante, aquilo que sempre deve suceder quando um homem ataca: os outros atacantes o acompanharam. Por isso, como Barbosa tinha de acautelá-lo contra outro passe para Schiaffino, Ghiggia pôde atirar ao gol e marcar”.

[\[34\]](#)

Esta, a versão de Flávio Costa: “O Ghiggia era um jogador extraordinário, era um Garrincha. O Bigode marcou-o muito bem, mas isso não o impediu de fazer várias incursões igualzinhas. Em alguns casos, Barbosa cortou. Agora, pode-se notar nos gráficos dos dois gols uruguaios que o traçado é o mesmo: o Ghiggia bate o Bigode na intermediária e caminha com a bola, sem nenhuma interceptação, quase até a linha de fundos. Na primeira vez, ele deu para trás. O Schiaffino vinha pela meia direita, concomitantemente, e atirou uma bola reta, no ângulo, sem defesa para Barbosa. Na segunda e fatídica ocasião, Ghiggia fugiu com a bola, sozinho, até quase a linha de fundos. Foi a nossa desgraça: Barbosa, como jogador inteligente, de grandes reflexos, adiantou-se, na posição de cortar a bola, pois esperava uma repetição do lance do primeiro gol uruguaio, quando Ghiggia deu um passe para trás. Realmente, quando Ghiggia chutou, Barbosa voltou, mas Ghiggia tinha pegado mal na bola, ou dado um efeito de

propósito. Barbosa tinha deixado espaço suficiente para que a bola entrasse bem no canto esquerdo. Ele pulou, mas a bola, levando efeito, fugiu de seus dedos”.[\[35\]](#) De diversas declarações de Ghiggia – o único da equipe uruguaia a ter marcado um gol em todas as quatro partidas de sua seleção no Mundial, e que, curiosamente, nunca mais voltaria a participar de uma Copa –, resume-se assim a descrição do lance: “Eu sempre tabelava com Julio Pérez e ele, quando tinha chances, me entregava a bola atrás de Bigode. Eu ia então até a linha de fundo e cruzava para a área. Desta vez, Julio Pérez chegou próximo a mim e então fizemos uma tabela. Passei a bola para ele, que me devolveu na ponta. Virei as costas para Bigode e corri. A bola estava à minha frente, pelo lado direito. Bigode saía em falso. Eu o ultrapassei e já penetrava em diagonal no sentido da área brasileira. Pelo meio vinha correndo outra vez Schiaffino, esperando o passe para trás, como no primeiro gol. Barbosa também pensou na repetição da jogada anterior, que parecia idêntica, e começava a se adiantar para cortar o cruzamento. Continuei a penetrar e já via a linha de fundo se aproximar. Ergui a cabeça quando me certifiquei de que Bigode não podia mais me alcançar e percebi um espaço que se abriu entre Barbosa e a trave esquerda. Vislumbrei a chance de atirar contra o arco. Barbosa já estava acostumado aos cruzamentos e não se preocupou em fechar o ângulo. Senti que era a hora exata. Não pensei mais e chutei a bola com a direita. O chute saiu murcho e torto, em direção ao pequeno espaço entre Barbosa e a trave. A bola levava efeito, e isso contribuiu também para que Barbosa não pudesse controlá-la. Quando Barbosa se atirou, estava no contrapé e já era tarde. Ele tocou a bola, mas por sorte esta entrou assim mesmo, a meia altura, rente à trave”.[\[36\]](#)

Bigode, outro protagonista do lance, 28 anos na época e o jogador mais baixo da defesa (1m66cm), relembra o lance: “A jogada nasceu na intermediária, com Julio Pérez, que driblou Jair e Danilo, limpando a jogada. Fiquei entre ele e Ghiggia. Parti para dar combate a Julio Pérez e ele deu nas minhas costas, em profundidade, no espaço vazio. Foi uma jogada fulminante, e, quando me virei e consegui alcançar Ghiggia, ele já havia invadido a área. Quando percebeu a minha aproximação e transpôs o risco da grande área, chutou. Sua chuteira pegou mais a grama do que a bola. O tiro saiu fraco. ‘Essa está com Barbosa’, pensei. O enorme silêncio do estádio disse tudo”.[\[37\]](#)

Assim se resumem os comentários do goleiro Barbosa, então com 29 anos: “É lógico que, se haviam se registrado várias jogadas em que os lançamentos eram feitos para o Ghiggia e ele cruzava para dentro da nossa área, em passes perigosos, então eu teria de estar alertado para isso, estar sempre atento a essas jogadas. Quando vi que Ghiggia tomava a bola e outra vez se livrava de Bigode, fiquei com medo. E o medo aumentou porque, de soslaio, percebi que Juvenal abandonava o centro da área para correr na direção de Ghiggia, deixando Schiaffino livre. Pensei que Ghiggia ia cruzar, pois sempre fazia isso. Fiquei apavorado e saí do gol para chamar a atenção de Juvenal e cortar o centro. Quando Ghiggia percebeu, chutou para o gol, entre meu corpo e a trave esquerda, mais por desencargo de consciência, porque estava praticamente sem ângulo. Dei um salto de gato para trás e cheguei a tocar na bola. Um segundo depois, olhei para o gol e vi as redes balançando. Por um instante, pensei que ela estivesse do lado de fora. Ghiggia foi esperto. Tentou uma coisa impossível, que deu certo. Quer dizer: ele pensou errado e deu certo; eu pensei certo e deu errado”. [\[38\]](#) Passados muitos anos, Barbosa já podia pilheriar:

“Fiquei obcecado por aquela imagem da bola no fundo da rede. Com o tempo, tudo passou. Mas aquele gol foi a maneira que encontrei para entrar na História do Brasil”. [39]

Em busca de um culpado, multiplicaram-se acusações, feitas seja contra os três jogadores brasileiros que participam do lance – Barbosa, Bigode, Juvenal –, seja por esses jogadores entre si. Como diz Barbosa: “Ainda sou marcado, mais de 40 anos depois, pela Copa de 50. Ninguém mais tem o direito de me cobrar uma coisa ocorrida há tanto tempo. Neste país, a pena máxima criminal é de 30 anos. Não sou um criminoso vulgar, e já cumpri mais de dez anos além disso. Tenho o direito de dormir tranqüilo”. [40] Já em seguida ao jogo, escrevia *O Estado de S.Paulo*: “Se Barbosa permanecesse parado, onde se encontrava, a bola teria batido nele e voltado. Fez, porém, o inacreditável: numa bola atirada sem pretensões, de situação difícilíssima, atirou-se ao chão quando ela vinha de meia altura. E foi coberto vergonhosamente”. [41] Néelson Rodrigues fala em “frango eterno”: “Quando se lembra de 50, ninguém pensa num colapso geral, numa pane coletiva. Não. O sujeito pensa em Barbosa, o sujeito descarrega em Barbosa a responsabilidade maciça, compacta, da derrota. O gol de Ghiggia ficou gravado, na memória nacional, como um frango eterno. O brasileiro já se esqueceu da febre amarela, da vacina obrigatória, da gripe espanhola, do assassinato de Pinheiro Machado. Mas o que ele não esquece, nem a tiro, é o chamado ‘frango’ de Barbosa. Qualquer um, com esse frango, estaria morto, enterrado, com o seguinte epitáfio: ‘Aqui jaz fulano, assassinado por um frango’”. [42]

Juvenal, outro que participou do lance, 26 anos na ocasião, também não poupou o goleiro: “A culpa do gol foi de Barbosa. Como grande goleiro que era, não podia tomar um gol como aquele, a bola passando entre ele e a trave. O gol foi feito sem ângulo”. [43] Muitos, ao contrário, não vêem motivo para qualquer crítica, como é o caso de Máspoli: “O que matou Barbosa certamente foi conhecer muito futebol. Da posição em que Ghiggia ficou na corrida, o lógico seria o passe para trás, porque chegavam vários atacantes nossos pelo centro. Além disso, estava bem fresco na memória o que se deu 13 minutos antes, quando Ghiggia correu até quase a linha de fundos, passou para o centro e Schiaffino marcou”. [44] A impressão é similar à do capitão Obdulio Varela: “Ele teve azar no jogo contra nós, pois era um grande goleiro, ágil, com grande golpe de vista, e depois de 1950 foi crucificado pelos brasileiros”. [45] Para Chico, “com sua grande classe, Barbosa teve infelicidade: o primeiro gol foi feito na cara dele; o segundo foi a mesma jogada, ele saiu para cortar e Ghiggia chutou direto.” [46] Diz igualmente Zizinho: “O Barbosa fez tudo com correção. No gol de Schiaffino, ele fechou o ângulo e Ghiggia cruzou aberto para o chute. Ora, no segundo lance, Barbosa pensou certo. Entendeu que Ghiggia ia repetir e lançar aberto para Schiaffino. O goleiro, então, afastou-se e adotou a posição ideal para cortar o centro. Aí Ghiggia jogou entre ele e a trave.” [47] Para o próprio Ghiggia, também “não houve falha de Barbosa”, porque “ele usou a lógica, já que o primeiro gol surgiu de uma jogada semelhante, de um centro meu”. [48]

Dois dias depois da partida, *O Estado de S.Paulo*, além de Barbosa, culpava ainda Bigode, “que não teve recursos suficientes para se desobrigar de sua missão”. [49] Juvenal concorda: “Quem bem sabe é o Maracanã inteiro. Duzentas mil pessoas assistiram ao jogo e viram quando Bigode tomou dois dribles

do Ghiggia, fora da área, em lances fáceis. Além disso, houve falha de Danilo, que estava apoiando muito na frente, e de Jair, que não dava combate a Julio Pérez, que jogou solto e armou as jogadas. Eu fiz a cobertura, como devia”.[\[50\]](#) Por sua vez, Bigode se defende: “Começa que Ghiggia não me driblou. Ele me ganhou na corrida, pois estava de frente e eu de costas, preocupado com Julio Pérez. Os dois tabelaram, Ghiggia recebeu a bola na frente e, ao invés de cruzar, como fez num lance anterior, ele chutou. Quando a tabelinha foi realizada, eu já estava vencido no lance”.[\[51\]](#) Logo após o final do jogo, ainda no vestiário, Bigode já sentia o peso das acusações: “Sei que estão me culpando. Não viu aquele torcedor gritar para mim, ameaçando-me com palavrões? Acredite: se não fiz mais, se não provoqueei sequer um pênalti, foi porque estava longe de supor, muito longe de imaginar que, do ângulo em que Ghiggia chutou, a bola pudesse atingir o fundo das redes”.[\[52\]](#) Anos depois, acrescentou: “O pior me aconteceu depois da partida. Eu almoçava com amigos num restaurante do Rio. Na mesa vizinha, um grupo falava de futebol. Uma moça, que não entendia do assunto nem me identificara, largou essa: ‘É, o tal de Bigode pôs tudo a perder’. O bife virou pedra. Não consegui mais comer. Hoje não ligo mais para futebol. Esqueci o passado”.[\[53\]](#) Bigode garante que, “se tivesse me entregado naquela época, diante de tanta perseguição e injustiça, se fosse um fraco, e não dono de um espírito muito forte, eu teria ido para a sarjeta”. [\[54\]](#) E conclui: “Sofri uma campanha mortal. Não me sinto culpado pela derrota nem pela perda da Copa. Se, naquele lance, eu tivesse sido driblado três vezes, nem assim teria me sentido culpado. Cerquei o Ghiggia, ele fez uma tabelinha e recebeu a bola lançada mais na frente”.[\[55\]](#)

Se, de modo geral, a opinião pública fixou-se em Barbosa e Bigode para expiar o gol da derrota, por serem aqueles que mais aparecem na jogada, nota-se que, no ponto de vista dos jogadores e de Flávio Costa, a responsabilidade maior seria de Juvenal, por um erro tático não facilmente perceptível na movimentação da cena. “Não gosto de falar – disse Bigode –, mas deveria ter havido cobertura. Não é simplesmente pelo fato de o ponta ter feito o gol que eu seria o culpado, em absoluto. Faltou a cobertura de Juvenal. Ele estava na mesma linha que eu. A distância entre ele e Ghiggia talvez fosse menor do que a que me separava do ponta-direita. Quem estava mal posicionado dentro do campo era Juvenal. Ele tinha que me cobrir e ficou parado, fazendo não sei o quê. Dizem que a distância para ele chegar à bola era mais curta.”[\[56\]](#) Concorde Zizinho: “O que faltou foi a cobertura do Juvenal nos dois lances”.[\[57\]](#) Tanto Friaça quanto Augusto igualmente isentam Barbosa e Bigode. Friaça diz ter “muita pena de Bigode”: “Sobre ele recaiu grande parte da culpa da derrota. Sempre respeitei o seu silêncio sobre as acusações injustas que pesaram sobre sua cabeça. Ninguém se acovardou naquele jogo. O que houve foi pura e simplesmente um despreparo total para aceitar uma partida dura, disputada palmo a palmo. Foi naqueles minutos, depois do empate e do gol de Ghiggia, que caímos na realidade e vimos que não éramos deuses. Se houve culpado naquela tarde, ele foi Juvenal que, nos dois lances que decidiram a partida para o Uruguai, não deu cobertura a Bigode, como estava previsto”.[\[58\]](#) Augusto acrescenta: “Bigode não foi culpado do gol. Se houve culpa, ela cabe exclusivamente a Juvenal, que teria de dar-lhe cobertura. Se Juvenal fosse cobrir Bigode, eu automaticamente iria para o seu posto, e assim por diante”.[\[59\]](#)

No parecer do técnico Flávio Costa, “foi Juvenal quem atrapalhou tudo”: “O fato de Bigode ser

batido na jogada não tem importância alguma, porque a defesa não se faz só com marcação, mas também com cobertura. Não seria possível a Ghiggia correr 30 metros sem ninguém interceptá-lo, depois de bater Bigode”.[\[60\]](#) Acrescenta, em entrevista ao autor: “O defeito que existiu no nosso sistema de jogo é que o Uruguai jogou sempre na defensiva, recorrendo a contra-ataques. O Bigode teve de acompanhar muitas vezes o Ghiggia porque este vinha constantemente buscar a bola atrás. O Ghiggia era rápido, e muitas vezes Bigode foi batido. Aí falhou o sistema brasileiro, já que faltou cobertura de posições. Não pode haver zona livre de acesso. E foi o que Ghiggia encontrou nas duas vezes em que ocorreram gols e mais outras vezes em que o Barbosa interceptou. Praticamente o Juvenal se escondeu. Quando Ghiggia bateu Bigode, na altura da intermediária brasileira, a uns 30 ou 40 metros do gol, ele caminhou sem que ninguém o interceptasse. O Juvenal tinha de sair de encontro a ele. Mas se encolheu, seja por receio de levar um drible, seja porque preferiu marcar o Schiaffino, com medo de que o Ghiggia passasse a bola para trás, tal como ocorreu no primeiro gol”.

Quanto a Barbosa, reconhece o goleiro que a defesa não se moveu com a velocidade requerida pelo sistema tático adotado por Flávio Costa: “Eu tinha que decidir, em fração de segundo, entre abrir ou fechar o ângulo. Era o caso: se correr o bicho pega, e se ficar o bicho come. Na hora do gol de Ghiggia, escolhi abrir, apostando que ele iria repetir o lance do primeiro gol, mas Ghiggia foi esperto e eu perdi a aposta”.[\[61\]](#) Barbosa acha que “todos foram culpados”, ou ninguém o foi sozinho: “Não é justo acusar esse ou aquele. Se a Seleção Brasileira tivesse ganho, o título seria de todos. Como perdemos, a derrota tem que ser dividida por todos”.[\[62\]](#) É a mesma opinião de Obdulio Varela: “Acho que houve injustiças com Barbosa e Bigode. Não podem apontar esse ou aquele jogador como culpado. Quando se vai a campo, os onze perdem ou os onze ganham o jogo”.[\[63\]](#)

Um estudo do gol de Ghiggia pelo acompanhamento do relato da partida revela que tudo começou aos 15min30s do primeiro tempo, quando pela primeira vez a Seleção Brasileira sofreu risco de gol, demonstrando fragilidade no setor esquerdo de sua defesa justamente em uma jogada armada por Ghiggia, que serviu a Schiaffino e este chutou fora, com o gol vazio. Os uruguaio passaram então a explorar melhor esse setor à base de contra-ataques, e, para isso, Obdulio Varela, o capitão, incumbiu-se de encenar uma falsa ‘agressão’ a Bigode – a cena do “tapa” – aos 27 minutos do primeiro tempo, a partir do que são intensificadas as infiltrações através da ponta direita (Morán, na ponta esquerda, só pegou oito vezes na bola no segundo tempo – todas antes do segundo gol uruguaio) e começa com frequência o “duelo” Ghiggia x Bigode. Para avaliar, até esse 27º minuto do primeiro tempo, os dois só haviam se encontrado três vezes; nos 18 minutos restantes, defrontaram-se o dobro de vezes. Durante o intervalo do meio-tempo, a jogada foi aperfeiçoada, tanto que, logo cinco minutos depois de reiniciada a partida, após o gol de Friaça, quase sai a abertura da contagem para os uruguaio, em lance similar àquele que iria resultar no gol de Schiaffino (Ghiggia centrou dentro da área para o meia-esquerda uruguaio, que chutou perigosamente para fora). Quase todas as investidas uruguaio na segunda etapa passaram a ser a repetição dessa fórmula, como se registrou também aos 25,5 minutos, em outro arremesso de Ghiggia que Schiaffino cabeceou para fora. No segundo tempo, Ghiggia foi acionado 17 vezes, em 12 delas contra

Bigode, por quem conseguiu passar em seis ocasiões. Quase que na “obrigação” de prestar contas à torcida que a impulsionava para frente, com o projeto de nova goleada, a Seleção Brasileira continuava no ataque, sem que medidas fossem tomadas em campo para desativar o sistema de penetração estabelecido através de Ghiggia. A própria rigidez do sistema WM talvez dificultasse os movimentos, mas o fato é que, após o gol de Schiaffino, a torcida manifestava preocupação com essa jogada recorrente, à qual ninguém em campo parecia dedicar a atenção devida.[\[64\]](#) Observadores da Seleção poderiam ter recapitulado, sobretudo, o gol com que o mesmo Ghiggia abriu a contagem no jogo contra a Espanha, sete dias antes, no Pacaembu, praticamente em tudo idêntico ao que derrotou o Brasil: o ponteiro entrou rápido na área pela direita e colocou a bola entre o goleiro Ramallets e a trave esquerda.

Apesar das aparências, Flávio Costa garante ter tomado providências – só que não teria sido obedecido, ou sequer ouvido, pelo tumulto que se formou no túnel brasileiro. Afirma que, percebendo triangulações perigosas entre Ghiggia, Julio Pérez e Míguez – a ala direita do ataque uruguaio –, ordenou várias vezes a Danilo que se aproximasse para ajudar Bigode, o que o centro-médio não fez, e deu a mesma ordem a Chico, “mas este, que deveria entrar no meio dos três atacantes uruguaio, insistiu em permanecer na frente do ataque, esperando jogadas”. Em última análise, o técnico brasileiro afirma ter havido “desatenção da defesa” e “falta de uma cobertura melhor” nos dois gols uruguaio: “O Uruguai só tinha uma jogada, que aproveitava a velocidade de Ghiggia pela direita. Não tivemos a preocupação de pará-la”.[\[65\]](#)

Acha Máspoli que “até mesmo a sucessão e o momento dos gols nos favoreceu”: “Se tivéssemos marcado um gol no primeiro tempo, o Brasil teria os 15 minutos de intervalo para acalmar-se, mudar a tática e passar por cima da gente no segundo tempo. Mas, do modo como as coisas aconteceram, nosso empate matou os brasileiros. Quando vi que Ghiggia fez o segundo gol, aproximei-me correndo do companheiro que estava mais perto para abraçá-lo. Era Matías González. Estava duro, petrificado, sem reação. Não podia crer no que via. Tive que sacudi-lo: ‘Vamos, Matías, ganhamos!’”. [\[66\]](#) Como todos, Máspoli conserva a impressão – falsa – de que o Maracanã emudeceu, repetindo-se o ocorrido no gol de Schiaffino: “Um silêncio de túmulo nos rodeava. Nunca um gol tão silencioso significou tanto”.[\[67\]](#) Há outros depoimentos nesse sentido. O de Barbosa, por exemplo: “Quando me levantei, o Maracanã estava mudo. No centro do campo os uruguaio se beijavam”.[\[68\]](#) Igualmente Ghiggia: “Jamais me esquecerei do silêncio que se fez em todo o estádio, onde até aquele momento mal se podia escutar o apito do juiz. Quando a bola entrou no gol, parecia que o mundo parara. O silêncio era ensurdecedor e nós, uruguaio, entramos todos em delírio”. [\[69\]](#) E Schiaffino: “Embora isso pareça incomum, foi a primeira vez em minha vida que senti algo que não era ruído. Senti o silêncio. Parecia que tudo havia terminado”.[\[70\]](#) Míguez: “Depois do gol, os brasileiros pareciam estar longe dali, nunca no campo”.[\[71\]](#)

“Deixei de acreditar em Deus – declarou ao autor o escritor Carlos Heitor Cony – no dia em que vi o Brasil perder a Copa do Mundo no Maracanã.” Explicou que não era porque o Uruguai venceu: “Duzentas mil pessoas viram quando Ghiggia fez o segundo gol uruguaio. Foi um lance claríssimo, em plena luz do dia, sem qualquer confusão que pudesse suscitar dúvidas: havia apenas Ghiggia, Bigode,

Juvenal, Barbosa. Pois bem: depois do jogo, não encontrei uma só pessoa que descrevesse aquele lance da mesma maneira. Então, como acreditar na versão de meia dúzia de apóstolos, os poucos que viram Cristo ressuscitar, meio na penumbra, num local ermo e obscuro?” A escassez de documentação visual contribuiu sem dúvida para a mitificação do “gol de Ghiggia”, fazendo-o mais ambíguo, mais misterioso, mais inacessível, mais irreal, como um pesadelo. Existe dele somente um registro filmado e seis imagens fotográficas. “Por sua raridade histórica – observa Roberto Muylaert –, esse pequeno fragmento de filme equivale para os brasileiros o mesmo que, para os norte-americanos, representa o famoso extrato de 8mm obtido pelo alfaiate Abraham Zapruder, registrando o assassinato de John Kennedy em Dallas, 1963.” Os fotogramas revelam que Bigode se encontrava a cinco ou seis metros atrás de Ghiggia quando este arremeteu em direção à bola, paralelamente à lateral. Mal a bola passou da altura da linha da grande área brasileira, Ghiggia a empurrou, com o pé direito, fechando agora em direção ao gol. Antes de entrar na área, o ponteiro olhou rapidamente para o centro. Sem tocar a bola outra vez, deu mais sete passos, na corrida (no quinto, com o pé esquerdo, levantou o cal da linha lateral da grande área), e voltou a tocar a bola, com um chute de direita. O chute foi desferido com o peito do pé, após um impulso largo dado com a perna esquerda. A bola já entrara cerca de dois metros dentro da grande área quando Ghiggia a impulsionou para a meta. Era um ângulo fechado: calcula-se que a trajetória da bola ao ser chutada formou com a linha de fundo, tendo por vértice a trave esquerda, um ângulo de 20 a 25 graus.

Em apenas quatro segundos e com apenas dois toques na bola, Ghiggia marcou o seu gol hoje lendário e que já suscitou polêmicas e interpretações opostas. Há hipóteses quanto às reais intenções do atacante – Ghiggia teria pensado em centrar a bola e mudou de idéia na última hora – e à sua atuação no lance – o chute teria saído errado e a bola entrou por acaso. Segundo Chico, “fomos a um jantar em Montevideu e o próprio Ghiggia declarou que tinha pegado mal na bola”.[\[72\]](#) O filme do lance desfaz a primeira hipótese: vê-se que Ghiggia parte para a bola com a intenção de arremessá-la direto para a meta. O chute, com o peito do pé direito, sai de fato enviesado, trazendo um efeito estranho – e a bola chega a quicar duas vezes no gramado antes de entrar no gol, mas isso não basta para concluir que o chute tenha ou não “saído errado”.

No exato momento do chute, Bigode estava a cerca de 2,5 metros à esquerda de Ghiggia. Correndo na diagonal, no sentido contrário ao ponteiro, entrou Juvenal para interceptar o lançamento: chegou atrasado uma fração de segundo, e a bola passou por ele, que vinha velozmente e chegou a sair pela linha de fundo. Em sua trajetória, a bola, ao ser chutada, ganhou pequena altura do gramado, e após passar pela linha lateral da pequena área, quicou pela primeira vez no terreno a uns 40cm da mesma, ganhando agora altura menor ainda. Barbosa – que se adiantara para evitar um cruzamento – deu um bote para trás, com as mãos fechando para agarrá-la e caindo na grama meio metro à esquerda da trave esquerda. Ao contrário do que muitos afirmam, Barbosa não chegou a tocar a bola, que vinha a pequena altura. Logo após passar perto das mãos de Barbosa, ainda a uns 50cm da trave esquerda, a bola volta a quicar no gramado, já agora atingindo maior altura (cerca de 50cm) e entrando rente ao poste até atingir o fundo das redes, mais à direita, e parar no canto direito da meta. Ghiggia cruza o gol na corrida e é abraçado

por Morán, enquanto Augusto vai apanhar a bola. Depois, Barbosa ergue-se lentamente e caminha para o centro da pequena área, olhando de relance para o céu.

O filme foi registrado por um *cameraman* sentado um pouco à esquerda da trave esquerda, ângulo pouco favorável ao apanhado geral do lance. Quando a bola atravessa a trave e entra no gol, a câmara deixa de acompanhá-la, porque o cinegrafista, levando em conta a difícil possibilidade de gol naquelas circunstâncias (não havia ângulo), supôs que a bola houvesse ido de encontro à rede lateral do arco, pelo lado de fora. A câmara perde-se, procurando a bola no terreno, e só depois encontra-a dentro do gol. Além desse documento, o gol de Ghiggia dispõe apenas de seis registros fotográficos em preto e branco (não há imagens a cores da Copa de 50) – cinco batidos detrás do arco, um tirado do alto, nas cabines de rádio. Pela ordem cronológica:

1. A primeira foto exclui Barbosa: a bola é captada ainda em direção à meta, Bigode correndo a menos de dois metros à esquerda de Ghiggia, ainda na posição do chute, enquanto Juvenal, entre os dois, parte para a linha de fundo, atrasado na tentativa de interceptar o arremesso.

2. A segunda, única colhida da esquerda para a direita, atrás da meta, mostra a bola ao cruzar a linha de gol, e nela, ao contrário das demais, aparece apenas Barbosa, caído a meio metro da trave esquerda. Ao fundo, Augusto e Morán correm para a grande área.

3. A terceira, uma fração de segundo depois, foi tirada do ângulo oposto, com a bola já dentro do gol, mas sem tocar a rede ainda, vendo-se Ghiggia e Bigode na corrida e Barbosa caído, olhando a bola.

4. A quarta traz a bola batendo na rede, Ghiggia parcialmente encoberto pela trave esquerda e a bola, Juvenal à sua direita, atrás da linha de fundo. Bigode, em desespero, leva a mão direita à cabeça, na mesma linha dos pés de Barbosa, caído.

5. A quinta, imediatamente subsequente, colhida mais à esquerda, descortina Ghiggia, de corpo inteiro, já partindo para a comemoração do gol. Também aparecem Juvenal, Barbosa e Bigode, ainda com a mão na cabeça.

6. Simultânea à quinta foto, esta é a única batida de frente para a meta e do ângulo alto, das cabines de rádio. A teleobjetiva avista melhor toda a cena e a colocação dos jogadores, os fotógrafos atrás do gol e a torcida nas gerais.[\[73\]](#)

Era 4h33min da tarde e faltavam exatos 11 minutos e 28 segundos para terminar a partida. Dentro do gramado, os jogadores brasileiros, que pareciam perplexos desde o gol de Schiaffino, despertaram com o novo golpe. “O time perturbou-se com a obrigação de ganhar”, diz Barbosa. “Os uruguaio entraram como meros coadjuvantes da festa. Não contávamos ou talvez não nos lembrássemos que eles tinham um bom time e também lutavam pelo título. Tanto assim que o estádio gelou quando Ghiggia fez o segundo gol.”[\[74\]](#) A reação que viria foi desconexa e, portanto, improdutiva. Escreveu o *Jornal do Brasil* na ocasião: “Diante do perigo, os brasileiros foram à reação e, na verdade, continuaram a ser superiores aos uruguaio, mas estes, agora muito mais cautelosos, como faltava pouco tempo, recuaram para a defesa, deixando apenas na frente três extremas para as estocadas. Estava escrito que deveria ser o dia negro para o Brasil e a perda do campeonato, quando tudo indicava e justificava a sua conquista”.[\[75\]](#)

A torcida voltou a incentivar o time brasileiro, que partiu para o ataque (“Vibrando a torcida”, diria o locutor Antonio Cordeiro aos 37 minutos). Oito bolas foram ainda arremessadas ao arco de Máspoli – três de Ademir, duas de Jair, duas de Chico e uma de Bauer –, o goleiro uruguaio praticou três defesas e quatro bolas foram para fora. O Uruguai fechou-se na área para enfrentar a artilharia brasileira. “Zinho pediu calma e uma hora gritou com raiva: ‘Vou driblar esses caras todos!’ Mas não deu não” – lembra Ademir. “Quem viu o jogo não esquece a figura ágil, onipresente, de Zinho agitando os braços, na tentativa de fazer o ataque se mover após o segundo gol uruguaio. Inútil: ninguém se desmarcava. Só ele conseguia levar vantagem nos duelos.”<sup>[76]</sup> A cada jogada perdida, menor era o tempo disponível para evitar a derrota. Nesses 11 minutos e 28 segundos, cada movimento de bola, cada passe, cada deslocamento, tinham valor absoluto, pois o menor erro era inconcebível e impunha-se planejar e executar todo e qualquer lance com a mais absoluta perfeição, visando a mais poderosa eficiência e a resposta mais imediata. Naturalmente, como o nervosismo tomou conta dos jogadores, essa batalha contra o tempo e a imperfeição cercou-se de dificuldades. Flávio Costa comenta ao autor: “O primeiro gol do Uruguai, nascido de uma jogada feliz, não nos matou – porque o empate nos dava o campeonato. O que nos matou foi a falta de reação necessária para parar o time uruguaio. Os uruguaio seguiram fazendo ataques, e o nosso time se desnordeou. Quando saiu o gol de Ghiggia, veio afinal a reação necessária – mas já aí à base do desespero. Nossos atacantes ficaram nervosos, erravam infantilmente. Foi uma reação desorganizada, uma reação precipitada e nervosa, o que fez com que a gente perdesse, nesse momento, dois ou três gols que podiam ter sido conquistados. O gol de Ghiggia despertou o time da letargia, mas a afobação fez perder tudo”.

Já saiu Ademir. Bola com Zinho. Vai levando Zinho. Empurrou para Ademir na frente. Vai levando Ademir. Perdeu para Tejera. Tejera para Morán. Morán na frente, na direção de Julio Pérez. Controla Julio Pérez. Atrasou, na direção de Ghiggia. **[19º CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE.]** Vem trazendo Ghiggia. Luta com o adversário que é Bigode. Recuou. Continua progredindo. Deu na direção de Julio Pérez. Julio Pérez novamente para Ghiggia, que vai para o ataque. Ghiggia deixou para Julio Pérez. Atraiu Bigode. Consegue entregar o couro para Míguez. Míguez pára a pelota. Mandou na frente na direção de Schiaffino. Corta porém Bauer. (*Torcida*) Vai para o ataque Bauer! (*Torcida forte*) Vem progredindo. Vai pelo setor direito, perseguido por um adversário. Empurrou para Ademir. Ademir recuou. Dominou a situação. Aplicou uma finta em Gambetta. Recuou. Perdeu a bola mas recuperou. Está com ela na intermediária contrária agora. Empurrou na frente, mal. O couro ficou com Gambetta. Marcou o juiz toque. Gambetta tocara a pelota com a mão. Aliás, Tejera tocara a pelota com a mão, e é Jair quem vai cobrar a penalidade, de longa distância. *[35 minutos.]*

Um tiro de 40 metros contra a meta de Máspoli. **[23º LANCE A GOL DO BRASIL.]** Não há barreira. Atenção. Apontou Jair. Atirou violentamente. A bola bateu em um adversário, que é Obdulio. Vem para Bigode. Saltou e não alcançou o couro. Ficou então em poder de Gambetta. Gambetta na frente, na direção de Ghiggia, que está na ponta direita. Marcou o bandeirinha impedimento de Ghiggia. Estava impedido o ponta-direita. (*Foguetes*) Vai ser cobrado o impedimento por intermédio de Juvenal. (...) Atirou Juvenal. Bola na área perigosa. Para Ademir. Cabeceou Ademir. Defendeu Matías González. Voltou o couro para Bauer, que atrasou para Juvenal. Malfeito! (*Torcida*) **[20º CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE.]** Bola com Ghiggia! Recebeu Ghiggia na ponta direita. Caminha lentamente. Não tem pressa nenhuma. Está agora prendendo o jogo. Atraiu Bigode. Dança sobre o couro. (*Torcida*) Prá lá, prá cá. Continua presa a pelota nos pés do ponteiro do Uruguai. Enganou Bigode e entregou a Julio Pérez, que devolveu a Ghiggia. E o juiz marcou *foul* do ponteiro contra Bigode, nas imediações da área do Brasil. *[36 minutos.]*

Dois a um, vencendo o Uruguai. Vai cobrar Bigode. Cobrou, atrasando na direção de Barbosa. Atirou Barbosa para o ataque brasileiro. Cobriu a pelota Obdulio Varela. Vem para Gambetta. Gambetta então rebateu de qualquer maneira para o lado. A lateral é favorável ao Brasil. Prepara-se Danilo para fazer o arremesso. Demorou. Ainda não fez. Vem fazer

agora o arremesso na intermediária contrária. Passou com as mãos para Chico. Chico para Ademir. Ademir foi desarmado, entretanto, e o couro ficou com Julio Pérez. Julio Pérez então está lutando contra Chico. Aplicou-lhe uma finta. Caiu Julio Pérez. Levou vantagem ainda, e o juiz marcou *foul*. *Foul* de Chico em Julio Pérez, no meio da cancha. (...) Atirou Tejera a falta na direção da defesa brasileira. Rebateu Bigode, entregando a Danilo. Danilo cabeceia fraco. Vem a pelota para Obdulio. Atirou de qualquer distância. [37 minutos.]

Bola na direção de Juvenal. Juvenal desarmou Míguez. (*Torcida*) Caminha agora em direção ao ataque pela ponta direita. Entregou para Zizinho. (*Torcida forte*) Vem trazendo Zizinho. Vem se aproximando. Cruzou para Chico, na ponta esquerda. Vibrando a torcida. **[24º LANCE A GOL DO BRASIL.]** Chico empurrou para Jair na área! Atirou Jair... para fora! Um pelotaço na corrida. Tiro de meta favorável à Seleção Uruguaia. (...) Está caído em campo o ponteiro Ghiggia, para ser medicado. Interrompida a peleja. Mas o bandeirinha diz que não é nada. Acenou para o juiz. Diz que era “fita”. De maneira que então mandou prosseguir o lance Mr. Reader. Tiro de meta, já chutado por González para fora. (*Vaias*) A lateral é favorável então à equipe brasileira. É Bigode quem vai fazer o arremesso, na altura da intermediária contrária. Dois a um, vencendo o Uruguai. [38 minutos.]

Arremessou Bigode. Aliviou de cabeça entretanto Gambetta. Voltou o couro para Danilo. Danilo para Chico. Cabeceou Chico para Zizinho. Marcou o juiz *foul* de Gambetta em Chico. (*Torcida forte*) Levantou as mãos à cabeça Gambetta, e Jair vai cobrar a falta na entrada da área perigosa. Falta perigosa contra a meta uruguaia. (...) Preparados os jogadores uruguaio para a defesa. Prepara-se Jair, e o juiz vai contar então os passos. Contou Mr. Reader os dez passos para obrigar os jogadores uruguaio a recuar. Apenas Gambetta e Schiaffino fechando o ângulo. Atenção. Levantou Jair a pelota. Para a cabeça de Chico... defendeu Máspoli muito bem! Ficou caído no chão Ademir. Enquanto isso, Máspoli está batendo a pelota na área e já chutou para o meio do campo. Vai o couro na direção de Augusto. Parou a pelota no peito Augusto. Vai progredindo. (*Torcida*) **[25º LANCE A GOL DO BRASIL.]** Vai se infiltrando pelo campo contrário. Empurrou a pelota para Zizinho. (*Torcida forte*) **[26º LANCE A GOL DO BRASIL.]** Zizinho para Ademir. Atirou Ademir... Para fora! Da altura do pênalti deu uma daquelas suas tradicionais viradas, e a pelota foi para fora. (...) [39 minutos.]

Prepara-se Máspoli para dar o tiro de meta. Deixou para Matías González. Chutou Matías González. Vai o couro caindo na cabeça de Juvenal. Mandou para a frente, para Ademir. (*Torcida*) Cabeceou Ademir para Chico. Salvou Gambetta. Vem correndo Bigode. Vai lutar contra Obdulio Varela. Mandou a bola para fora de campo. Tropeçou em Bigode. Está rindo Obdulio. Bigode então faz o arremesso para Zizinho. Dentro da área Zizinho. (*Torcida*) Está tentando passar. Passou. Foi derrubado. (*Torcida forte*) Levou vantagem Matías González e mandou o couro para o meio do campo, para Míguez. Vai levando Míguez. Estendeu a pelota mal para a esquerda. O couro ficou com Augusto, que mandou de novo para o ataque. Para Bauer. Aparou a pelota no peito Bauer. Prepara o passe em profundidade. Não executa. Prefere correr com a pelota. [40 minutos.]

Lutando contra Tejera. Mandou para a área, na direção de Zizinho. (*Torcida*) Virou-se Zizinho na área. Perdeu para Matías González, que mandou para fora. (...) Vai ser o arremesso feito por intermédio de Friaça, na ponta direita. Demora a voltar a campo a pelota, e então vai entrar em ação uma outra bola. Já não é mais preciso. (...) (*Foguetes*) Vai fazer o arremesso Friaça. Executou. Na direção de Bauer. Está na entrada da área. (*Torcida*) **[27º LANCE A GOL DO BRASIL.]** Apontou para a meta. Atirou prensado... Saiu Máspoli e defendeu. Passou com a mão na direção de seu ataque. Não tem ninguém na defesa brasileira. E Ghiggia então prepara a investida e vai levando. (*Torcida*) **[21º E ÚLTIMO CONFRONTO GHIGGIA X BIGODE.]** Vem progredindo pela direita Ghiggia. Avança. Atraiu Bigode. Está correndo agora sobre a lateral. Está jogando junto de Bigode. Bateu Bigode. Vai progredindo. Bigode agora toma-lhe a dianteira. Ghiggia centrou à boca do gol. Rebateu Juvenal de cabeça, entregando a pelota a Bigode. [41 minutos.]

Bigode alivia fraco. Bola para Julio Pérez. Prendendo bem a pelota os jogadores uruguaio. Avança Julio Pérez pela direita. Progride. Entregou a Ghiggia, livre completamente na ponta direita. Executa o centro. A pelota bateu em Bigode e ficou com Barbosa. (*Torcida*) Bola com o arqueiro do Brasil. Atirou Barbosa. Bola na altura da intermediária contrária. Salta Zizinho. Deu para Ademir! (*Torcida forte*) **[28º LANCE A GOL DO BRASIL E NONO CÓRNER DO URUGUAI.]** Vai entrando Ademir! Deu para Chico! Vem na corrida Chico! Encheu o pé! Atirou... Defendeu Máspoli, mandando a córner! Defendeu Máspoli, quando o empate se avizinhava! Córner número nove, contra um do Brasil. (*Foguetes*) Vai cobrar Chico na ponta esquerda. (...) **[29º LANCE A GOL DO BRASIL.]** Cobrou Chico. Confusão na área. Salta Bauer. Cabeceou para trás. Para Danilo. (*Torcida*) Puxou Danilo. Para Ademir. Levantou de cabeça Ademir... fora, pela linha de fundo. (...) [42 minutos.]

O locutor de São Paulo informa aqui o encerramento de Suécia 3 x Espanha 1, no Pacaembu.

Cobrou Matías González. A pelota com Danilo no meio da cancha. Vai levando Danilo. Empurrou para Jair. Jair na área para Zizinho. (*Torcida forte*) Zizinho perdeu. Recupera entretanto Jair. Levantou para Chico. Defendeu Gambetta. Ficou o couro em poder de Julio Pérez, que dá para Míguez. Míguez para Ghiggia na ponta direita. Mr. Ellis marcou impedimento do ponteiro. Mesmo assim, (*Vaias*) Ghiggia, completamente de frente com Barbosa, ainda cobriu o arqueiro, mandando a pelota pela linha de fundo. Juvenal adverte Augusto para que chame a atenção do árbitro para descontar o tempo, com esse gesto dispensável do ponteiro direito do Uruguai. Vai cobrar Juvenal. Prepara-se o zagueiro do Brasil. Cobrou Juvenal para a direita. [43 minutos.]

Vai a pelota na direção de Ademir. Salta... perdeu para Tejera, recupera Bauer. Atenção. (*Torcida*) **[30º E ÚLTIMO LANCE A GOL DO BRASIL.]** Levantou o couro para Friaça na ponta direita. Friaça então centrou para a área. Emendou Ademir... (*Torcida forte*) fraco, para fora! Fraco, para fora! (...) Vai ser dado o tiro de meta por intermédio de Gambetta. Dois a um, vencendo o Uruguai. (*Foguetes*) Chutou Gambetta na direção do setor esquerdo. Bola fora, pela lateral, na altura do centro do campo. Vai então ser reposta a pelota em circulação por intermédio de Bauer. Arremessou Bauer. Na direção de Danilo. Danilo mandou na frente, e o couro então saiu novamente pelo lado, agora favorável ao Uruguai. Arremessou Rodríguez Andrade. Entregou na direção do seu companheiro que é Morán, e o bandeirinha assinalou nova bola fora. (...) [44 minutos.]

No filme do lance em que Ademir desfere o 30º e último arremesso a gol do Brasil, percebe-se o nervosismo dos jogadores, já com o tempo se esgotando. Friaça cruza alto, dentro da área, onde estão Zizinho e, mais atrás, Ademir. Zizinho deixa para Ademir, mas este precipita-se e dá de primeira, com o pé direito, pegando a bola no ar. O chute sai errado, e a bola perde-se longe da meta, a cinco ou seis metros da trave esquerda. “Os brasileiros estavam desesperados – lembra Schiaffino na entrevista a *Tiempos del Mundo* – e nós nos defendíamos até a morte. Às vezes, Julio Pérez e Ghiggia seguravam a bola para ganhar tempo. Aproximei-me do juiz e disse, ‘ei, mister’, tocando o seu pulso. Ele sorriu.”

Já foi feito o arremesso. O couro veio na direção de Bigode. Bigode está colocado no centro da cancha e faz um arremate na direção de Bauer. Bauer para Juvenal. (*Torcida*) Parou a pelota no terreno Juvenal. Vai embora. Vai invadindo a área. Empurrou para Ademir. Ademir levantou para Zizinho, na entrada da área. Caiu Zizinho. Ficou então a pelota em poder de Schiaffino, que mandou para o seu ataque. Triplo impedimento. Três impedidos, marcou o bandeirinha. Vai cobrar o impedimento no centro da cancha Juvenal. Prepara-se Juvenal. Chutou. Bola na área uruguaia. (*Foguetes*) Salta Obdulio. Defendeu de cabeça. Recupera Ademir. (*Torcida*) Empurrou para Friaça. Entrou na área Friaça. Aliviou Gambetta. Vem o couro então na direção de Augusto. Foge Augusto pela ponta direita. Empurrou para Friaça. Caiu Friaça. Levantou-se. (*Torcida forte*) Ainda centrou, prensado. O couro ficou então em poder de Gambetta, que mandou a córner. (*Torcida forte*) **[DÉCIMO CórNER DO URUGUAI.]** Córner contra o Uruguai, no último instante da luta! Terminou o tempo. E vai agora um córner contra o Uruguai. Há descontos ainda. Cobrou Friaça. Cabeceou Jair... (*Torcida forte*) Marcou o juiz entretanto o final da peleja! [45 minutos.]

*Hora do fim do segundo tempo: 16h45min*

Os dois últimos minutos do jogo foram assim narrados pelo locutor Pedro Luiz, da Rádio Pan-Americana: “Prepara-se para fazer o arremesso de bola Juvenal. Demora-se para colocar a pelota. Vai tomar grande impulso. Vai o time brasileiro para o ataque. Correu Juvenal e bateu. Levanta o couro para a direita. Ademir vai saltar. Salta com ele Tejera. Cabeceia. Escorou Bauer. Tenta levantar para a área. A bola bateu no ponteiro do Uruguai. Deu para Friaça. Friaça levantou. Levantou Ademir e chutou fora! Foi virar e errou, botando a pelota fora, pela linha de fundo. Prepara-se para cobrar o Uruguai mais um tiro de meta, quando o tempo está se esgotando! Dois para o Uruguai, um para o Brasil. Um minuto e meio para terminar o encontro.”

“Bola movimentada na ponta-esquerda. Vai sair pela linha das populares. Prepara-se Augusto para

repor o balão em jogo. Vai movimentar a pelota o zagueiro. Demora-se muito para apanhar. Vai correndo agora para a posição da saída da bola. Deu o couro para Bauer. Bauer movimenta o couro, dando para Danilo. Danilo levanta na direção de Friaça. Quando vai cabecear Friaça, a bola sai para fora. Dois para o Uruguai, um para o Brasil. Tormento demais! Um minuto, no Estádio Municipal do Maracanã!”

“Bola lançada para esquerda. Quando vai cabecear Míguez (a Rádio Nacional cita Morán), a bola já está fora de campo. O arremesso é para o Brasil. Prepara-se Bauer para fazer o arremesso. Dá o couro para Ademir. Salta com ele Schiaffino. Movimenta para Míguez. Míguez levanta para a intermediária do Brasil. Entra Bigode (a Rádio Nacional omite esse trecho que vai do arremesso lateral à participação de Bigode). Faz o despejo. Dá o couro para Bauer. Bauer para Juvenal. Juvenal vai descendo, vai se infiltrando! Caminha para a intermediária, dominou Schiaffino, deu para Ademir. Ademir virou na esquerda, para Zizinho. Entra e alivia Gambetta, botando a pelota para Schiaffino. Schiaffino chutou para o ataque. Bola no centro do grande círculo, onde está impedido Míguez (a Rádio Nacional cita triplo impedimento). Míguez pára a bola na altura da linha intermediária. (...)”

“Vai ser movimentada a bola por intermédio de Juvenal. Preparou-se. Correu para bater. Levantou para a grande área. Saltou Obdulio. Cabeceou. Estourou Ademir. Parou. Girou na direita para Friaça! Entra e já aliviou Matías González! (a Rádio Nacional cita Gambetta) Vai na corrida Augusto. Encontra-se com a bola. Levantou para a área. Rolou para Friaça. Caiu Friaça na corrida! Vai centrar! Cruzou! A bola bateu ainda em Tejera (a Rádio Nacional cita Gambetta) e sobrou pela linha de fundo. Tiro de canto para o Brasil! Última oportunidade! Talvez os últimos instantes! Talvez a última chance para o campeonato! Faltam poucos instantes para terminar o encontro! Última grande oportunidade do Brasil! Correu Friaça. Bateu. Pra boca do gol. Fechou todo mundo. Salta Máspoli... Quando termina a partida com o apito do árbitro o jogo Brasil x Uruguai, com o Uruguai campeão mundial de futebol!”

Quando Friaça cobrou o córner final, com o tempo praticamente esgotado, o time quase inteiro correu para área uruguaia. Nessa última esperança, como disse Vicente Marinho, “o Brasil estava todo na área”: “Havia gaúchos montados em seus pingos, cabeças chatas agarrados às suas atrevidas jangadas, mineiros, crioulos doidos, vaqueiros, machões, general, gari, físico nuclear, batedor de carteiras, bisavós, recém-nascidos. O Brasil estava inteiro na área, esperando aquela bola de Friaça que vinha pingando do céu”. Não é fácil imaginar o tormento de Friaça ao correr em direção à bola para o último chute da partida, última possibilidade de evitar a perda do título mundial e que o ponteiro não podia errar: uma jogada cujo valor ultrapassava o de todos os lances de futebol em todos os tempos, pois só admitia a perfeição. Friaça não errou (a bola caiu exatamente no meio da pequena área uruguaia), mas, encerrado o tempo regulamentar, o juiz, Mr. George Reader, 53 anos, só permitiu que a bola chegasse à altura da meta e apitou o final do jogo. Postou-se perto da trave direita de Máspoli e ficou de costas para o lance, demonstrando assim que, além da cobrança do escanteio propriamente dito, nada mais estaria valendo. Jair saltou junto com Máspoli para cabecear, apoiando-se no ombro direito do arqueiro (seria falta), enquanto que Zizinho olha para o juiz, Danilo e Ademir param dentro da área e Gambetta, o mais perto de Mr. Reader, é o primeiro a certificar-se da vitória. A bola passou por Máspoli e bateu no

terreno, à boca da meta, enquanto o árbitro apitava o final do jogo, abrindo os braços e com um trilar quase inaudível. “Só o Barbosa não veio para a nossa área” – lembra Máspoli. “O Friaça bateu, eu saltei com o Jair, e a bola sobrou na pequena área, no exato momento em que a partida terminou.” Ocorreu então um fato curioso: Gambetta correu e agarrou a bola com as mãos. “Pensei que ele tivesse ficado louco”, diz Ghiggia. “Agora será pênalti contra nós!” Rodríguez Andrade, que estava perto, chegou a gritar: “O que está fazendo, seu animal?”<sup>[77]</sup> Somente Gambetta tinha escutado o apito final. Final de uma longa história de doze anos, iniciada em Paris, 1938, quando o Brasil anunciou seu intento de realizar uma Copa do Mundo, e encerrada assim, de forma patética e tenebrosa.

Ficou então registrado o seguinte movimento técnico:

*Lances a gol:* Uruguai, 12 (a metade em cada tempo); Brasil, 30 (17 no primeiro tempo, 13 no segundo).

*Defesas do goleiro:* Máspoli, 10 (seis no primeiro tempo, 4 no segundo); Barbosa, 4 (a metade em cada tempo).

*Bolas na trave:* somente uma, no primeiro tempo, contra o Brasil.

*Bolas para fora:* Uruguai, 5; Brasil, 15.

*Laterais:* Uruguai, 31; Brasil, 21.

*Escanteios:* Uruguai, 10; Brasil, 2.

*Faltas:* Uruguai, 11; Brasil, 21.<sup>[78]</sup>

*Impedimentos:* Uruguai, 4; Brasil, 4.

Estes, pela ordem cronológica, os lances a gol do Uruguai:

### **1º tempo**

6º minuto: Obdulio Varela (bate em Bauer).

10º minuto: Míguez (defende Barbosa).

15º minuto: Schiaffino (para fora).

26º minuto: Morán (para fora).

30º minuto: Julio Pérez (defende Barbosa).

37º minuto: Míguez (na trave).

### **2º tempo**

4º minuto: Schiaffino (para fora).

10º minuto: Míguez (para fora).

20º minuto: *SCHIAFFINO* (primeiro gol uruguaio, aos 20min32s).

25º minuto: Schiaffino (para fora).

31º minuto: Obdulio Varela (bate em Míguez).

33º minuto: *GHIGGIA* (segundo gol uruguaio, aos 33min32s).

Igualmente, os lances a gol brasileiros:

### **1º tempo**

2º minuto: Ademir (defende Máspoli).

Jair (defende Máspoli).

4º minuto: Jair (de falta, para fora).

13º minuto: Ademir (defende Máspoli).

16º minuto: Friaça (defende Máspoli).

Ademir (bate em Matías González).

17º minuto: Friaça (bate em Rodríguez Andrade).

Bauer (para fora).

20º minuto: Lance a gol, para fora, não irradiado.

21º minuto: Ademir (provoca córner).

24º minuto: Ademir (para fora).

25º minuto: Chico (para fora).

30º minuto: Jair (defende Máspoli).

33º minuto: Zizinho (para fora).

39º minuto: Danilo (para fora).

41º minuto: Ademir (para fora).

42º minuto: Ademir (para fora).

### **2º tempo**

1º minuto: Zizinho (defende Máspoli).

*FRIAÇA* (gol do Brasil, a 1min18s).

11º minuto: Ademir (para fora).

12º minuto: Danilo (bate em Obdulio Varela).

18º minuto: Jair (de falta, para fora).

35º minuto: Jair (bate em Obdulio Varela).

37º minuto: Jair (para fora).

38º minuto: Chico (defende Máspoli).

40º minuto: Bauer (defende Máspoli).

41º minuto: Chico (provoca córner).

Ademir (para fora).

42º minuto: Ademir (para fora).

A leitura da narrativa radiofônica possibilita registrar considerável número de erros de fato e de

juízo que se formaram ao longo dos anos sobre esse jogo: a própria edição oficial da CBD sobre a Copa de 50 informa que o gol de Friaça foi consignado aos 3 minutos do segundo tempo (na verdade, a 1min18s), o de Schiaffino aos 26 (na verdade, aos 20min32s), o de Ghiggia aos 36 (na verdade, aos 33min32s), além de os depoimentos falarem de um silêncio que não houve no estádio. Jules Rimet, em sua autobiografia,[\[79\]](#) diz que entregou a taça a Obdulio Varela “sem conseguir dizer-lhe uma só palavra”, o que foi repetido pela imprensa: “Rimet não fez discurso, ficou confuso”.[\[80\]](#) – mas o presidente da FIFA discursou, como veremos. Espalhou-se até que um marinheiro havia se suicidado no estádio, após o jogo, atirando-se das arquibancadas, o que não houve, ou então, outra inverdade, que “no Rio três torcedores morreram de ataque cardíaco durante a irradiação do jogo e mais três morreriam nas manifestações subseqüentes” – como escreveu Brian Glanville.[\[81\]](#)

Por outro lado, foram esquecidos – ou nunca ficaram conhecidos – muitos detalhes do jogo que contribuíram de fato para que os brasileiros tivessem dificuldades em aceitar a derrota. No cômputo geral da partida, a Seleção Brasileira teve amplo domínio das ações, sobretudo no primeiro tempo, quando diversos gols deixaram de ser feitos. Ao todo, o Brasil fez 30 arremessos ao gol de Máspoli, provocando 10 escanteios, contra apenas 12 arremessos do Uruguai, que só causaram dois córneres. Barbosa ficou os dez primeiros minutos de jogo sem praticar uma única defesa, e, no fim, só tinha agarrado quatro arremessos uruguaios, enquanto Máspoli defendeu dez do Brasil. Além do mais, Ghiggia somente uma vez em toda a partida chutou direto à meta de Barbosa, e, nesse único chute, deu a vitória ao Uruguai. Não mais o ataque uruguaio arremessou, nem precisava fazê-lo, qualquer outra bola ao gol brasileiro.[\[82\]](#)

O Uruguai, que não participara das Copas de 34 e 38, continuava invicto em Mundiais e trazia de volta à América do Sul a taça que conquistou em casa, pela primeira vez, vinte anos antes. Em retrospecto, havia perdido para o Paraguai (por 3 a 2) em seu único jogo nas eliminatórias, disputado em São Januário, no Rio, em 30 de abril, mas, com a desistência dos outros países da chave (Peru e Equador), conseguiu ainda assim classificar-se. O Brasil, vice-campeão, sendo sede, não jogou eliminatórias. Nas semifinais, mais uma vez beneficiado por desistências, o Uruguai jogou também uma só partida (8 a 0 contra a Bolívia, em Belo Horizonte, 2 de julho, apitada pelo mesmo George Reader), enquanto o Brasil precisou de três jogos (duas vitórias, contra o México e Iugoslávia, e um empate, contra a Suíça). Nas finais, os uruguaios venceram dois (contra o Brasil e Suécia) e empataram um (contra a Espanha); os brasileiros, venceram dois (contra Suécia e Espanha) e perderam um.

A classificação geral do campeonato – referente apenas às finais – apontou o Uruguai com 5 pontos ganhos e um perdido, o Brasil com 4 ganhos e 2 perdidos, a Suécia com 2 ganhos e 4 perdidos, e a Espanha com 1 ganho e 5 perdidos. Em toda a Copa (excluindo as eliminatórias), o Uruguai marcou 15 gols e sofreu 5; o Brasil teve 22 gols pró e 6 contra. Seguiram-se na classificação: Suécia (3º lugar), Espanha (4º), Iugoslávia (5º), Suíça (6º), Itália (7º), Inglaterra (8º), Chile (9º), Estados Unidos (10º), Paraguai (11º), México (12º) e Bolívia (13º). Foram realizados no total 22 jogos em seis capitais do país, entre 24 de junho e 16 de julho. Até hoje, a Copa de 50 detém o recorde de público em todos os

Mundiais, com a média de 60.772 espectadores por partida.

---

- [1]. Friaça, *O Globo*, 10 de janeiro de 1981.
- [2]. Obdulio Varela, *El Gráfico y el Mundial*, op. cit.
- [3]. Ghiggia, *ibid.*
- [4]. Míguez, *ibid.*
- [5]. Rodríguez Andrade, *ibid.*
- [6]. *ibid.*
- [7]. Obdulio Varela, *Vêja*, 24 de junho de 1970, e *Desde el Alma*, op. cit.
- [8]. Zizinho, *Globo Repórter*, op. cit., e TV Cultura, 26 de março de 1994.
- [9]. Brian Glanville, op. cit.
- [10]. Flávio Costa, *Futebol – Jogo da Paixão*, TV Educativa, 25 de abril de 1993.
- [11]. Geraldo Romualdo da Silva, *Jornal dos Sports*, 16 de julho de 1989.
- [12]. Ademir, *O Globo*, 18 de janeiro de 1981.
- [13]. Bigode, *Jornal do Brasil*, 17 de junho de 1970.
- [14]. *Jornal do Brasil*, 18 de julho de 1950.
- [15]. Juan López, *El Gráfico y el Mundial*, op. cit.
- [16]. Ghiggia, *ibid.*
- [17]. Schiaffino, *ibid.*, e *Tiempos del Mundo*, op. cit.
- [18]. Flávio Costa, entrevista a Ivan Soter em 6 de dezembro de 1990; *O Futebol no Jogo da Verdade*, Rio, Cape Editora, 1996.
- [19]. Pela situação em que estava (setor 1 das cadeiras, à direita das cabines de rádio), pude presenciar de perto, e nunca esquecer, o duelo particular travado entre Ghiggia e Bigode no segundo tempo. Foram doze encontros. Neste, o quarto, Bigode atirou-se aos pés do ponteiro, tentando um “carrinho”, que falhou, ficando Ghiggia desimpedido para o ataque e o passe para o primeiro gol uruguaio. A partir daí, estabeleceu-se a inquietação na torcida toda vez que a bola ia aos pés de Ghiggia. “Vai, Bigode!”, as pessoas gritavam, mas o médio esquerdo não mais repetiu o “carrinho”, temendo o pior, limitando-se a cercar o ponteiro.
- [20]. Arno Vogel, op. cit.
- [21]. Rivadávia Correia Meyer, revista *Peñarol*, op. cit.
- [22]. Ademir, *O Globo*, 10 de janeiro de 1981.
- [23]. Sandro Moreyra, *Jornal do Brasil*, 10 de janeiro de 1981.
- [24]. Máspoli, *El Gráfico y el Mundial*, op. cit.
- [25]. *Jornal do Brasil*, 18 de julho de 1950.
- [26]. Obdulio Varela, *Jornal do Brasil*, 17 de junho de 1970.
- [27]. Máspoli, *El Gráfico y el Mundial*, op. cit.
- [28]. Ghiggia, *O Globo*, 10 de janeiro de 1981.
- [29]. Radamés Mancuso, op. cit. Nascido em Montevideu em 26 de dezembro de 1926, Ghiggia havia estreado na Seleção do Uruguai dois meses antes, em 6 de maio, quando a Celeste venceu o Brasil por 4 a 3, jogando no Pacaembu pela Copa Rio Branco. Tinha iniciado a carreira um ano antes, no Peñarol.
- [30]. João Máximo, *Jornal do Brasil*, 10 de janeiro de 1981.
- [31]. Ghiggia, *O Globo*, 10 de janeiro de 1981.
- [32]. *Vêja*, 24 de junho de 1970.
- [33]. Depois dele, Barbosa só tocaria a bola mais uma vez, aos 41 minutos, recolhendo um centro de Ghiggia que bateu em Bigode. Não houve qualquer outro lance direto do Uruguai sobre a meta brasileira. O Brasil, ao contrário, depois do gol de Ghiggia iria desferir oito jogadas contra o arco de Máspoli, obrigando o goleiro uruguaio a três defesas difíceis.
- [34]. Juan López, *El Gráfico y el Mundial*, op. cit.
- [35]. Flávio Costa, entrevista a Jairo Severiano, op. cit., e TV Cultura de São Paulo, 26 de março de 1994.
- [36]. Ghiggia, *Jornal do Brasil*, 17 de junho de 1970; *O Globo*, 10 de janeiro de 1981; *El Gráfico y el Mundial*, op. cit.; *Grandes*

*Momentos do Esporte: Barbosa*, TV Cultura de São Paulo, 26 de março de 1994. Como veremos, o próprio Barbosa diz que tocou a bola, o que não aconteceu.

[37]. Bigode, *Manchete*, 7 de agosto de 1971; *Jornal do Brasil*, 17 de junho de 1970. Neste e em outros depoimentos, ressurgiu a idéia de “silêncio tumular”, infiel à realidade. Gravações radiofônicas atestam que a torcida estava se manifestando e até foguetes são ouvidos.

[38]. Barbosa, *Globo Repórter*, op. cit., e *Futebol: Jogo da Paixão*, TV Educativa, 25 de abril de 1993.

[39]. Barbosa, *Vêja*, 2 de março de 1988.

[40]. Barbosa, *Grandes Momentos do Esporte: Barbosa*, TV Cultura de São Paulo, 26 de março de 1994. Note-se que, às vésperas do jogo Brasil x Uruguai pelas eliminatórias da Copa de 1994, em 19 de setembro de 1993, no Maracanã, o ex-goleiro foi levado pela BBC inglesa à concentração brasileira em Teresópolis. A comissão técnica impediu seu ingresso, alegando que nenhum dos jogadores era nascido em 1950 e não havia por que estabelecer nexos entre os dois fatos. Ou seja: Barbosa não era benquisto para “não dar má sorte”.

[41]. *O Estado de S.Paulo*, 18 de julho de 1950.

[42]. Nelson Rodrigues, *Manchete*, 13 de março de 1959.

[43]. Juvenal, *Jornal do Brasil*, 17 de junho de 1970.

[44]. Máspoli, *El Gráfico y el Mundial*, op. cit.

[45]. Obdulio Varela, *Vêja*, 24 de junho de 1970.

[46]. Chico, *Futebol: Jogo da Paixão*, TV Educativa, 26 de abril de 1993.

[47]. Zizinho, citado por Teixeira Heizer, op. cit.

[48]. Ghiggia, *Jornal do Brasil*, 17 de junho de 1970.

[49]. *O Estado de S.Paulo*, 18 de julho de 1950.

[50]. Juvenal, *Manchete*, 7 de agosto de 1971.

[51]. Bigode, *Jornal dos Sports*, 17 de junho de 1970.

[52]. Bigode, *O Globo*, 17 de julho de 1950.

[53]. Bigode, *Placar*, 19 de junho de 1970.

[54]. Bigode, *Revista do Fluminense*, 9 de maio de 1983.

[55]. Bigode, *ibid.*

[56]. Bigode. *Globo Repórter*, op. cit. São inconclusivas as fotos e o filme do lance quanto à participação de Juvenal: o zagueiro cruza a trajetória de Ghiggia na transversal, já dentro da grande área, saindo na corrida pela linha de fundo. Como foi dito, tal como no gol de Schiaffino, por fração de segundo Juvenal não conseguiu interceptar o arremesso da bola em direção ao arco.

[57]. Zizinho, citado por Teixeira Heizer, op. cit.

[58]. Friaça, *Jornal do Brasil*, 10 de janeiro de 1981.

[59]. Augusto, *Manchete*, 7 de agosto de 1971.

[60]. Flávio Costa, TV Cultura de São Paulo, 26 de março de 1994.

[61]. Barbosa, *Grandes Momentos do Esporte: Barbosa*, op. cit.

[62]. Barbosa, *O Globo*, 10 de janeiro de 1981.

[63]. Obdulio Varela, *Manchete*, 7 de agosto de 1971.

[64]. Já aos 43min da primeira fase, a locução do jogo observou: “Bigode está tendo um trabalho intenso”. Aos 30min da etapa final, pouco antes do segundo gol uruguaio, acrescentava: “Bigode hoje está tendo um páreo duríssimo com esse ponteiro do Uruguai que é o Ghiggia”. Ao todo, Ghiggia e Bigode defrontaram-se diretamente 21 vezes durante a partida, sendo nove no primeiro tempo e 12 no segundo. Ghiggia saiu vencedor em oito delas, Bigode em cinco; Ghiggia cometeu duas faltas, Bigode cinco. Alguns desses lances foram muito semelhantes, o que contribuiu para falhas de memória: por duas vezes, por exemplo, Flávio Costa afirmou ao autor que Bigode “tentou um carrinho” em Ghiggia antes que este assinalasse o segundo gol uruguaio, quando, neste caso, Ghiggia recebeu na frente o passe de Julio Pérez, pelas costas do médio esquerdo. O “carrinho” aconteceu no gol de Schiaffino.

[65]. Flávio Costa, *Jornal dos Sports*, 16 de julho de 1989.

[66]. Máspoli, *El Gráfico y el Mundial*, op. cit.

[67]. Máspoli, *ibid.*

[68]. Barbosa, *Jornal do Brasil*, 17 de junho de 1970.

[69]. Ghiggia, *ibid.*, *O Globo*, 10 de janeiro de 1981.

[70]. Schiaffino, *El Gráfico y el Mundial*, op. cit.

[71]. Míguez, *ibid.*

[72]. Chico, *Futebol – Jogo da Paixão*, op. cit.

[73]. Do encarte fotográfico constam algumas dessas imagens, incluindo reproduções dos fotogramas dos filmes.

[74]. Barbosa, *O Globo*, 10 de janeiro de 1981.

[75]. *Jornal do Brasil*, 18 de julho de 1950.

[76]. João Máximo, *O Globo*, 20 de dezembro de 1997.

[77]. Máspoli, Ghiggia e Rodríguez Andrade, *El Gráfico y el Mundial*, op. cit.

[78]. Embora se tenha falado em jogo duro dos uruguaios, na realidade o Brasil cometeu quase o dobro de faltas.

[79]. Jules Rimet, *La Histoire Merveilleuse de la Coupe du Monde*. Edição espanhola: *Fútbol – La Copa del Mondo*. Barcelona, Editorial Juventud, 1955.

[80]. *Placar*, 19 de junho de 1970.

[81]. Brian Glanville, op. cit.

[82]. Ficou quase ignorada a bola na trave lançada por Míguez aos 37 minutos da fase inicial. Máspoli observou bem, como vimos, que o Uruguai só teria se prejudicado, caso houvesse marcado esse gol, pois ao Brasil, seria concedido o intervalo de meio-tempo para reorganizar sua tática. A cronologia dos gols, como se deu, foi favorável aos uruguaios: abrindo a contagem, os brasileiros se animaram ao ataque, desguarnecendo a defesa e possibilitando contra-ataques que resultaram nos dois gols uruguaios, a partir do 20º minuto da fase final.

## CREPÚSCULO DOS DEUSES

Destinado a perpetuar a memória da Seleção Brasileira campeã do mundo de 1950, como ficou o templo do Maracanã quando o jogo terminou?

“Não chegam os uruguaio para a festa no Estádio Municipal do Maracanã”, exclama emocionado o locutor Pedro Luiz, da Rádio Pan-Americana, assim que acabou a partida. “A surpresa final do Campeonato do Mundo! Os uruguaio, campeões de 1930, ficam de posse do título de 1950, depois da mais brilhante campanha cumprida pela Seleção do Brasil, no final do certame da Copa Jules Rimet. Parece mentira aquilo que estamos vendo! Quando tudo era favorável, quando tudo estava do nosso lado, quando o nosso time acertou, quando exibiu um futebol para todo mundo no Maracanã, quando ninguém no mundo tinha dúvida da vitória, eis que o Uruguai, lutando com fibra, lutando com denodo, lutando com confiança, levanta o título, tira à última hora do Brasil o título de campeão do mundo de 1950. Depois de uma festa grandiosa e espetacular, que chamou a atenção de todos os brasileiros para o Maracanã, a nossa equipe não acerta a sua partida, não acerta o ritmo do seu jogo. Vence a meta do Uruguai. Parecia aberto o caminho da vitória. Cede o empate. E depois pressiona o Uruguai, desempata a partida. Nós pressionamos, lutamos, caímos em campo, e não conseguimos. São coisas do futebol. Os uruguaio mereceram a vitória na tarde de hoje. Sejamos justos para com eles. É verdade de que eles ocasionaram para nós, para nós que vivemos dentro do futebol, para aqueles que vivem fora do futebol, a maior dor que um coração esportista brasileiro poderia sentir neste instante de amargura. Quando esperávamos a festa, quando nos preparávamos para a alegria, não chegamos para as lágrimas e para as emoções doídas que nos tomam conta da alma, que nos colocam em desespero. Porque aquele prêmio a que o Brasil fez jus lhe foge das mãos à última hora! E seus adversários o conquistam num desafio a tudo e a todos, vencendo todos os obstáculos, e agora se transformando em lágrimas, desesperados dentro da emoção da vitória, num contentamento transbordante que não era esperado, mas que foi traduzido por 90 minutos de futebol, onde se ganha uma partida, onde se fazem os gols.”

Os novos campeões mundiais celebravam a vitória no gramado, onde já não bate mais sol. Cenas filmadas mostram Julio Pérez com Ghiggia, que ergue os braços em gesto de triunfo; Míguez trazendo Schiaffino, chorando; Obdulio Varela carregando Ghiggia no ombro, Míguez correndo para abraçar o ponteiro; Gambetta, Másoli e o técnico Juan López confraternizando-se com membros da delegação. Em fotos, Másoli vai consolar Zizinho e Augusto, que parecem em estado de choque. Diz Schiaffino na entrevista a *Tiempos del Mundo*: “Eu chorava mais do que os brasileiros, pois tive pena ao ver o que estavam sofrendo. Foi como se chorasse por eles. Nunca tinha visto jogadores de futebol chorando. Ainda no campo, quando esperávamos que nos dessem a taça, tive ímpetos de correr para o vestiário. Estávamos todos muito emocionados.” Mal se ouviu o soar do apito de Mr. Reader, os brasileiros

correram para o vestiário – atônitos como Bauer, que chegou a rumar por engano para o túnel dos juízes e foi avisado a tempo. O único que fica um minuto e meio em campo é Danilo. Ao ver que o juiz apitara o final da partida, Danilo leva a mão direita ao rosto e começa a chorar em pleno gramado. Chorando também, o locutor de campo Jaime Moreira Filho conduz então o centromédio para o túnel – a imagem mais conhecida entre as que se perpetuaram sobre a “tragédia de 16 de julho”.

Acompanhados por membros da delegação, da representação diplomática e de jornalistas uruguaios, os novos campeões do mundo dão a volta olímpica, conduzindo a bandeira nacional, um minuto e meio depois de terminado o jogo, e são aplaudidos por todo o Maracanã, em reconhecimento aos méritos da vitória, como escreveu Arno Vogel: “Antes de se entregar à tristeza, a multidão que lotava o estádio aplaudiu o escrete uruguaio. A generosidade da platéia reconhecia e saudava, dessa maneira, o valor de um triunfo que ninguém podia deixar de admirar. Nem por um instante a platéia contestou a legitimidade daquele título”.<sup>[1]</sup> A *Revista da Semana* de 29 de julho deixou o registro: “A quase totalidade da assistência, nos seus lugares, recalando a amargura da derrota, sob o mais fragoroso abalo moral, se deixou ficar em seu posto de honra para aclamar os vencedores, a quem se fez justiça”. Não havia pretextos a se recorrer no jogo propriamente dito que pudessem prestar-se a qualquer atenuante, como uma falha de arbitragem.<sup>[2]</sup> Meses depois, os uruguaios enviaram à CBD uma placa de bronze, em agradecimento “ao elegante comportamento dos torcedores”. Quase meio século depois, o goleiro Máspoli – em declarações a *El País* (26 de setembro de 1999) – ainda repete: “O que não me canso de destacar é a dificuldade de se encontrar no futebol pessoas como as de 50, verdadeiros cavalheiros. E me refiro tanto aos jogadores quanto ao público”. Foi o que reconheceu o jornal *A Noite* no dia seguinte à derrota: “Nesse gesto de emocionante grandeza espiritual, reconhecendo e louvando a vitória dos nossos antagonistas, a torcida brasileira deu medidas exemplares da sinceridade e do ânimo de justiça do nosso povo, sempre generoso e cavalheiresco”. Também Augusto Rodrigues no *Jornal dos Sports* de 19 de julho: “Esse povo heróico exibiu a têmpera inquebrantável que já é costume atribuir-se aos povos mais adiantados, às civilizações mais amadurecidas”.

O jornalista Willy Meisl, em 7 de agosto, mandava de Londres carta à CBD: “Todos nós sentimos a má sorte do Brasil não ganhando o título que ele tanto merecia. Mas, na derrota, os brasileiros se elevaram a alturas que não atingiriam se tivessem saído vitoriosos. Ferveu-nos o coração ver uma poderosa nação conter o seu desapontamento diante de tão forte golpe. Eu vi o Brasil exceder-se a si mesmo, e duvido que qualquer outro público tivesse atuado do mesmo modo. Certamente não o faria de forma igual, com tal naturalidade e elegância”. O mesmo Meisl, no *World Sports*, escrevera em 20 de julho: “Uma equipe pode jogar um futebol melhor durante 80 ou 90 minutos, e, apesar disso, perder por causa de um descuido ou pelo esforço individual de um adversário. O resultado pode até ser contestado, mas eu me reservo o direito de declarar que, nessa final Brasil x Uruguai de 1950, a equipe perdedora foi a que jogou melhor. Acabada a partida, a multidão permaneceu onde estava e aplaudiu os vencedores. Devo confessar que estive perto das lágrimas, pois acabava de presenciar um daqueles raros momentos na vida de um homem, quando um povo encontra a sua própria alma, quando uma nação se supera a si

própria. Em resumo: quando o Bem triunfa sobre o Mal. Porque o Brasil foi maior na derrota do que jamais poderia ter sido na vitória”.<sup>[3]</sup> Ou, como resumiu o chefe da delegação uruguaia, Américo Gil: “Os brasileiros souberam perder como campeões”.

Constituiu essa atitude da multidão outro aspecto marcante da Copa de 50. Ao contrário do time brasileiro, que se recolheu mal encerrada a partida, os torcedores não abandonaram logo o estádio. Nas arquibancadas, cadeiras e gerais, todos permaneceram quietos, muitos chorando. Havia uma “pluralidade de solidões”: encerrada a Copa, que dava à torcida uma efêmera sensação de “união nacional”, ante um perigo comum a todos (a perda do título), a tendência agora era a da dispersão absoluta, sem qualquer vínculo comunitário real. Nessa coletividade sem coesão, desorganizada, dispersa, cada pessoa passa a negar as relações de reciprocidade com os outros e a ocupar-se apenas de si mesma, perdida na multidão, carregando consigo o fardo de sua própria dor, por mais que reconheça no olhar do outro a coexistência de uma emoção comum. Mais uma vez, guardou-se na memória nacional a idéia de absoluto silêncio, o que não sucedeu. A diferença, aqui, é que os alto-falantes ficaram calados: nenhum baião, nem mesmo Emilinha Borba com *Paraíba*. E assim todos permaneceram em seus lugares para assistir ao próprio Jules Rimet, um vetusto senhor de 76 anos, óculos de aros pretos e cabelos brancos, entregar a taça com seu nome, não a Augusto, capitão da Seleção Brasileira, como se previa, mas ao principal adversário, Obdulio Varela.

Jules Rimet concordara com a sugestão do presidente em exercício da CBD, Mário Pollo, de modificar o protocolo da cerimônia de encerramento: devido à conformação arquitetônica do Maracanã, Rimet iria ao gramado realizá-la, ao contrário da tradição européia – o capitão do time vencedor subindo à tribuna de honra para receber o troféu. Em seu livro *La Histoire Merveilleuse de la Coupe du Monde*, Rimet rememora a cena: “Tudo estava previsto, menos a vitória do Uruguai. Ao término do jogo, eu deveria entregar a Copa ao capitão do time vencedor. Como os brasileiros tinham vivido até o último quarto de hora a ilusão de uma vitória que não podia escapar-lhes, haviam previsto para aquele momento uma grandiosa cerimônia. Uma vistosa guarda de honra seria formada da entrada no campo até o centro do gramado, onde estaria me esperando, alinhada, a equipe ganhadora (naturalmente, a do Brasil). Depois que o público houvesse cantado de pé o hino nacional, eu teria procedido à solene entrega do troféu. Faltando poucos minutos para terminar a partida (estava 1 a 1, e ao Brasil bastava o empate), deixei meu lugar na tribuna de honra, já preparando o discurso que deveria pronunciar diante dos microfones, e me dirigi aos vestiários, ensurdecido com a gritaria da multidão”.<sup>[4]</sup> Acompanhado por delegados da FIFA e representantes do alto comando da CBD, incluindo o presidente-em-exercício Mário Pollo, o coronel Herculano Gomes (diretor da ADEM) e o superintendente do Maracanã, Arno Frank, o presidente da FIFA caminhava para o gramado relendo o discurso no qual, como disse, “eu afirmaria então que aquele troféu era destinado ao país que praticava o futebol mais virtuoso do mundo”.<sup>[5]</sup>

Em declaração ao autor, o jornalista Canôr Simões Coelho, então diretor do Departamento de Imprensa Esportiva da ABI (Associação Brasileira de Imprensa) e que também acompanhava Rimet,

descreve a cena: “Quando faltavam poucos minutos para ser encerrada a partida e o escore registrava 1 a 1, Jules Rimet, Mário Pollo e eu resolvemos descer ao gramado para entregar a taça. O estádio não estava ainda praticamente concluído e tivemos que enfrentar elevador e escadas, em longos corredores. Quando surgimos na boca do túnel, o placar anunciava Uruguaí 2 x Brasil 1. O tento dos uruguaiois foi conquistado quando ainda fazíamos o trajeto para chegar à boca do túnel”. O próprio Jules Rimet relembra: “Eu seguia pelo túnel que me levaria ao gramado. Justamente quando chegava à saída do túnel, um silêncio mortal havia tomado o lugar de toda aquela agitação. A massa humana, até então inflamada por uma vitória que lhe parecia inegável, achava-se muda de estupefação, como se estivesse petrificada. (...) Não havia guarda de honra, nem hino nacional, nem discurso, nem entrega solene do troféu. Vi-me sozinho, no meio da multidão, empurrado por todos os lados, com a taça nas mãos, sem saber o que fazer. Acabei por encontrar o capitão uruguaio e, quase às escondidas, entreguei-lhe a Copa, apertando-lhe a mão e sem poder dizer-lhe uma só palavra”.<sup>[6]</sup>

Rimet, Pollo e outras autoridades dirigiram-se a um palanque improvisado no gramado, em frente às tribunas. Havia mais de oito minutos o jogo tinha terminado, a torcida continuava imóvel, e Rimet não conseguia entregar logo a taça, porque repórteres e fotógrafos se apertavam para documentar a cena, e uma pequena multidão cercava os jogadores uruguaiois. O registro filmado mostra Jules Rimet sem saber como agir, no meio da desordem. Irritado, ele decidiu se retirar – mas logo em seguida voltou. Ao contrário do que escreve em seu livro, fez um breve pronunciamento, em francês, concluindo com as palavras: “Estou feliz pela vitória que vocês acabam de conquistar. Cheia de mérito, sobretudo por ter sido inesperada. Com minhas felicitações”.<sup>[7]</sup> Entregou então o troféu a Obdulio Varela, que também a custo conseguiu chegar ao palanque, enquanto seus colegas de seleção e membros da delegação agrupavam-se por detrás, compondo a cena da premiação, que repetia o ocorrido em Montevideu, vinte anos antes – mais precisamente, em 30 de julho de 1930 –, quando o mesmo Jules Rimet entregou a taça da I Copa do Mundo ao presidente da federação uruguaia de futebol, Raúl Jude, após a vitória da Celeste sobre a Argentina por 4 a 2.

O jogo encerrou cerca de 16h45min, e a torcida demorou mais de vinte minutos para deixar o estádio. “Os brasileiros recusavam-se a acreditar que a partida tinha acabado”, diz Máspoli.<sup>[8]</sup> Permanecer o mais possível no estádio, isto é, “frente ao jogo”, era uma modalidade simbólica de fazer perdurar o próprio jogo, e, com ele, a “possibilidade de vitória” – ou seja, uma modalidade simbólica de “poder não sofrer”. Mas surge a necessidade de “encarar o real” e entregar-se à desolação. Às 17 horas, as pessoas estavam indo embora, salvo aquelas que persistiam em continuar no “campo da luta”, chorando, como diversas fotografias documentam. Os últimos a deixar as arquibancadas atearam fogo em jornais, provocando diversas chamas que logo se dissipavam, como também se dissipou a banda do Corpo de Fuzileiros Navais, incumbida de tocar baiões de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira durante a festa programada. Nos corredores e rampas do Maracanã, a multidão movia-se lentamente, agora sim, praticamente calada, a ponto de ouvir-se o arrastar dos passos no piso de concreto, cheio de confetes, serpentinas e até bandeiras. Quase ninguém falava, apenas ressoavam os sapatos, aquele arrastar dos pés

que desciam pelas rampas, aquela sonoridade estranha de um “silêncio ensurdecedor”. Lembro-me bem da caminhada: todos se deixavam levar irrefletidamente, como um batalhão de mortos-vivos que me cercavam por todos os lados e em cuja alma repousava um desconsolo inerte e gelado. Nesse “luto cavernoso”, ritual de cortejo fúnebre, não havia palavras de consolo. Os poucos menos conformados limitaram-se a derrubar o busto do prefeito, na entrada principal. Inaugurado em 17 de junho, o busto trazia a inscrição: “Este monumento testemunha a gratidão dos desportistas brasileiros ao general Ângelo Mendes de Moraes”.

A amargura geral ficou bem registrada pelo escritor José Lins do Rego (1901-1957) em sua coluna no *Jornal dos Sports* publicada no dia seguinte: “Vi um povo de cabeça baixa, de lágrimas nos olhos, sem fala, abandonar o Maracanã, como se voltasse do enterro de um pai muito amado. Vi um povo derrotado, e, mais que derrotado, sem esperanças. Aquilo me doeu no coração. Toda a vibração dos minutos iniciais da partida reduzidos a uma pobre cinza de fogo apagado. E, de repente, chegou-se à decepção maior, à idéia fixa que se grudou na minha cabeça, a idéia de que éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias, sempre perseguido pelo azar, pela mesquinha do destino. A vil tristeza de Camões, a vil tristeza dos que nada têm que esperar, seria assim o alimento pobre nos nossos corações”. Outro escritor, Augusto Frederico Schmidt (1906-1965), observava no *Correio da Manhã* três dias depois: “Sei que tudo passará, e que há tristezas bem maiores do que os transportes coletivos cheios de desiludidos e amargurados pelo triunfo do Uruguai. Mas há qualquer coisa de infantil, de muito juvenil nesses adultos, nessas mulheres, nesses seres naturalmente com seus problemas graves, há qualquer coisa de infância, de felicidade perdida, de brinquedo quebrado, nesse desenlace, nessa aspiração roubada no fim de tudo, depois de tanto brilho, de tanto orgulho”.<sup>[9]</sup>

“A cena da multidão derrotada – diz Barbosa – é a que mais ficou gravada na memória de todos que presenciaram o jogo. Foi como se tivessem preparado uma festa para coroar um rei e o rei morresse antes da coroação.”<sup>[10]</sup> Ghiggia também reconhece: “Jamais vi em minha vida um povo tão triste quanto o brasileiro após aquele jogo. Foi de arrepiar”.<sup>[11]</sup> Como escreveu Gustavo Corção (1896-1978) na *Tribuna da Imprensa* de 18 de julho: “Gente chorava nas ruas. Fisionomias abatidas, cabeças curvadas, olhos vermelhos, tudo respirava uma espécie de luto nacional, como se a nossa honra, posta em jogo lá no campo pela retórica oficial, tivesse sofrido realmente um perigoso revés”. No dia seguinte, *O Globo* publicava reportagem de Geraldo Romualdo da Silva dando conta da condição dos jogadores já no vestiário:

“Os brasileiros saíram de campo como verdadeiros autômatos, como que caminhando tropeçadamente, perdidamente, aereamente, como sonâmbulos. O último a deixar o campo foi Danilo, arrastando-se pelo corredor escuro do longo e silencioso túnel. Danilo andava sem rumo, funebremente, andando e parando. De quando em quando, parava de esfregar os olhos para olhar outra vez o espaço. Aí, então, punha-se a caminhar novamente. E, vendo-nos, não teve senão estas palavras:

– Foi uma desgraça. Por Deus que ainda não compreendi como isso nos sucedeu. Quisera que a terra se abrisse e me tragasse de uma vez!

– Flávio Costa ia e vinha, animando um e confortando outro. Estava pálido e triste, mas senhor de si. Disse-nos:

– Eles foram bravos, como sempre, e não jogaram mal. Mas nós cometemos erros. Os uruguaio tiveram um sentido mais exato das oportunidades. Aproveitaram-se bem das raras chances em instantes de falhas da nossa defesa. Foi uma tarde pouco propícia para nosso setor esquerdo defensivo, mas seria desumano culpar-se A ou B pela derrota. Todos procuraram cumprir religiosamente seus deveres. Foram corretos em todos os sentidos. Se não venceram foi porque a sorte não os ajudou.

– Você não acha que houve excesso de otimismo na véspera?

– Sim, ficou patente o excesso de otimismo. Mas esse otimismo se irradiava das ruas. Nós estávamos avisados de que a luta seria dura. Sinceramente, nem eu esperava pelo pior. Sabia, sim, que o time uruguaio era bravo. Tanto que não me cansei de avisar, durante toda a semana, que teríamos nos uruguaio o mais terrível dos adversários. Sei que os jogadores compreenderam o alcance da advertência. Mas veio o inelutável, houve o imponderável, e foi o imponderável que liquidou todas as nossas pretensões.

Fez uma pausa e concluiu:

– Nenhuma providência deixou de ser tomada a tempo e à hora. Antes do jogo e no intervalo. Lição por lição recebida no primeiro tempo foi estudada e meditada à luz dos acontecimentos. Mais do que isso seria impossível fazer-se. Tudo, tudo foi previsto dentro das normais circunstâncias do jogo. Foi o destino que mudou nossos planos, nossos projetos e nossos anseios. E, certamente, o bom desempenho dos vencedores. Isso de se dizer que não tivemos nem coração nem convicção não é absolutamente correto. Tanto tivemos o mesmo coração, a mesma coragem moral, o mesmo desempenho, que atacamos mais.

Bigode chorava mais do que todos:

– Compreendo que foi uma desgraça. Uma desgraça para nós, jogadores – muito mais para nós, jogadores.

Ademir olhava para as pessoas que passavam diante dele e só dizia isso:

– Cada um de nós teve o gol à sua feição, mas o caso é que o gol não saiu.

Perguntamos: esse clima extremado de otimismo não teria porventura influído na produção de vocês?

– Não! Qual nada! Ninguém estava iludido com os uruguaio. Foi uma fatalidade.

Zizinho, geralmente comedido, segurou a cabeça e gritou:

– Meu Deus! Como é que não se faz um gol? Um gol que fosse, numa partida dessas?

Veio Augusto e acrescentou:

– Nenhum golpe, surpresa alguma chocou-me tanto e me decepcionou mais. E dizer que eu pensava encerrar minha carreira com o título de campeão mundial! E dizer que me cuidei tanto, que corri tanto, que lutei tanto!

Enquanto isso, no vestiário uruguaio, comemorava-se a vitória com a presença do embaixador

Giordano Bruno Eccher. Os craques ouviram palavras elogiosas deles e depois cantaram a canção olímpica. Gritaram ‘Viva el Uruguay! Viva la Celeste!’ Abraçaram-se, aos prantos.

Ernesto Figoli, massagista do time de 1924, limitou-se a dizer:

– O quadro brasileiro esqueceu-se de que estava disputando uma final de Copa do Mundo para fazer exibição de futebol bonito.”[12]

Enquanto crises de nervos se sucediam nos vestiários, as mais sérias as do massagista Mário Américo e do reserva Adãozinho, que precisaram inclusive de socorro médico, Zizinho diz que “não cabia dentro do meu ódio, pois havia previsto esse cruel acontecimento”, e acrescenta: “Enquanto os jogadores estavam tomados pelo pranto, ouvi ainda de um dirigente da CBD palavras que feriram mais ou tanto quanto a derrota. Disse ele: ‘Que maravilha! Seis milhões de cruzeiros de renda! Não foi nada, rapazes!’ Para esse dirigente, o campeonato teve o êxito que ele desejava. As rendas atingiram o máximo, e eu nunca vi um homem tão feliz”. [13]

---

[1]. Arno Vogel, op. cit.

[2]. Daí o apelo comum, como se viu, a motivos extracampo, como “mudança de concentração”, “influência do meio político” etc.

[3]. Willy Meisl, citado no Álbum Oficial da CBD comemorativo da IV Copa do Mundo; e *World Sports*, 20 de julho de 1950.

[4]. Jules Rimet, op. cit.

[5]. Ibid.

[6]. Jules Rimet, *ibid.* Mas Rimet discursou, como se verá.

[7]. A surpresa de Jules Rimet iria repetir-se quatro anos depois, na Copa da Suíça, quando ele, que se retirava da presidência da FIFA, entregou à Fritz Walter, capitão da Alemanha, a taça que parecia endereçada a Puskas, capitão da famosa Seleção da Hungria. A derrota da Hungria para os alemães, por 3 a 2, no final da Copa, foi tão imprevista quanto a do Brasil em 50: os húngaros, como os brasileiros, pareciam insuperáveis, depois de terem passado quatro anos sem derrotas, ao longo de 32 jogos, tendo inclusive quebrado a invencibilidade do *British Team* no Estádio de Wembley, em 23 de novembro de 1953, quando ganharam por 6 a 3.

[8]. Máspoli, *El Gráfico y el Mundial*, op. cit.

[9]. José Lins do Rego, *Jornal dos Sports*, 17 de julho de 1950; Augusto Frederico Schmidt, *Correio da Manhã*, 19 de julho de 1950, citado por Gisella de Araújo Moura in *O Rio Corre para o Maracanã*, Fundação Getúlio Vargas Editora, Rio, 1998.

[10]. Barbosa, *O Globo*, 10 de janeiro de 1981.

[11]. Ghiggia, *O Globo*, 11 de janeiro de 1982.

[12]. Geraldo Romualdo da Silva, *O Globo*, 17 de julho de 1950.

[13]. Zizinho, *O Mestre Ziza*, op. cit. A renda total da IV Copa do Mundo chegou a Cr\$ 36.577.360,50, pelos cálculos oficiais, com despesas previstas de Cr\$ 16 milhões. Coube a CBD 30% desse total, Cr\$ 12.885.577,00, sendo o restante repartido entre a FIFA (15%) e as seleções participantes (55% proporcionais às rendas).

## “NUNCA MAIS... NUNCA MAIS...”

“O que parecia impossível aconteceu! O Brasil perdeu a Copa do Mundo!”, exclamava a manchete do jornal francês *France Football*.<sup>[1]</sup> “O maior estádio do mundo foi palco da maior derrota e maior tragédia já registrada em toda a história do futebol!”, acrescentava o *Esporte Ilustrado*, cujo colunista Levy Kleiman não poupou o “otimismo exagerado que consagrou antecipadamente nossos jogadores como os maiores do mundo”<sup>[2]</sup> Em destaque, lia-se na primeira página da *Gazeta Esportiva Ilustrada* de julho de 50 uma paráfrase ao corvo do poema de Edgar Allan Poe: “Nunca mais... nunca mais...” Entre os jogadores, o sentimento era o mesmo. “A gente não podia acreditar no que estava vendo”, comentou Chico.<sup>[3]</sup> “Eu trocava todas as conquistas e prêmios pela glória de campeão do mundo”, disse Barbosa.<sup>[4]</sup> E Zizinho: “O que senti quando o jogo terminou? Bem, o mundo caiu para mim”.<sup>[5]</sup>

Sobre o impacto da derrota inesperada, cada um seguiu o seu destino. “Saí abalado do Maracanã, mas caminhando firme, passo a passo, sem titubear” – lembrou Flávio Costa à revista *Placar* em 1976. “Estava surdo às ofensas generalizadas, porque pessoalmente ninguém tinha coragem de me dirigir um palavrão. Sentei-me ao volante de meu automóvel e fui para casa. Abracei e beijei Florita, minha companheira, minha mulher, uma santa. Não quis jantar. Bebi umas doses de uísque e menos de uma hora depois chegavam os médicos Amílcar Giffoni e Paes Barreto. Falamos sobre o jogo e, depois de meia hora de conversa, mudamos de assunto. A Copa estava encerrada. E perdida.” Diz Barbosa: “Eu era o mais sofrido. Fiquei mais duas horas no vestiário e só então, com minha mulher e um compadre, saí para jantar num restaurante em Bonsucesso, zona norte do Rio. Já não havia mais ninguém nas ruas. A cidade parecia que acabara de sofrer um terremoto. Levaram-me para casa, mas depois, prudentemente, fiquei escondido dois dias em um hotel de Itacuruçá, onde Ademir me esperava. Depois daquela tarde fúnebre, o Brasil acordou no dia seguinte com um pesadelo. Acho que nem se morresse um presidente teria sido aquilo”.<sup>[6]</sup> Conta Ademir: “Segui imediatamente para casa, peguei meu carro e parti para qualquer lugar. Fui bater em Itacuruçá e ali fiquei quinze dias. Realmente, me afastei de todos depois da derrota”. Danilo passou dez dias em Miguel Pereira, no sítio de seu padrinho: “Na noite de 16 de julho, antes de viajar, fiquei ouvindo até de madrugada o protesto de torcedores na calçada, dirigindo-me vaias e xingamentos”.<sup>[7]</sup> Bauer embarcou de trem para São Paulo, na mesma noite – mas, ao invés da anunciada recepção festiva à sua chegada, encontrou somente a noiva o esperando na estação, aos prantos. “Naquela noite, antes de chegar em casa, fui reconhecido por alguns torcedores, que começaram a me insultar” – recorda Friaça. “Vi que aqueles gritos iam me perseguir a vida inteira.”<sup>[8]</sup> Não sabe como, quando deu por si, Friaça estava em Teresópolis, na casa de amigos. Por sua vez, Jair lembra “ter ficado perambulando, com amigos, pelos bares do subúrbio, desorientado”. No dia seguinte, tomou um trem para sua cidade natal, Barra Mansa, e lá se refugiou por uma semana com amigos de infância, sempre com uma idéia fixa

na cabeça: “Ficava imaginando sem parar o que teria acontecido se eu tivesse chutado aquela bola...”[9]

Quanto a Zizinho, nem recorda o que lhe aconteceu direito: “Perdi o rumo de casa. Morava em Niterói e, até o dia seguinte, não sabia bem se tinha atravessado a baía de barca ou de carro, pela estrada de Magé. Na verdade, fui na barca da Cantareira, com alguns amigos. Felizmente, ninguém me hostilizou. Em casa, encontrei todos chorando. Fui até mesmo obrigado a falar asperamente para não enlouquecer. E as noites e dias que se seguiram foram os piores de minha vida. Pensei em ficar louco, não dormia, e, quando isso acontecia, tinha pesadelos bárbaros. De manhã, levantava e me sentia cansado. Mesmo acordado não conseguia tirar da cabeça lance por lance daquele maldito jogo.”[10] Já no dia seguinte, Zizinho precisou trabalhar em uma loja que tinha na época. Mais tarde, admitiu que “talvez tivesse parado de jogar futebol se não houvesse feito um contrato com o Bangu”. [11] A mesma idéia ocorreu a Danilo: “A derrota significou uma tragédia para a minha carreira. Não só para mim, como, quero crer, para todos os jogadores que participaram da Seleção. Inclusive, foi pensamento meu, na época, abandonar o futebol”. [12] Zizinho: “Ainda no vestiário, olhei para Danilo e vi que se sentia como eu. Estávamos perdidos no espaço, sem a menor noção de onde estávamos. Passamos uma semana sem dormir, sem falar com ninguém, um inferno”. Friaça, que jogara no Vasco, estava no São Paulo e ao Vasco voltaria em 51, observa que cinco dos onze da Seleção de 16 de julho eram vascaínos e por isso, durante muito tempo, “nosso time não podia sair à rua, porque as únicas palavras que escutávamos eram ‘Ghiggia!’ e ‘Obdulio!’ ”. [13]

Ainda no estádio, porém, depois do jogo, o impacto do inesperado e o cavalheirismo e a hospitalidade do povo enquanto “torcida da Copa de 50”, aclamando os ganhadores e retirando-se cabisbaixa, dirimiam preocupações. A CBD ofereceu escolta especial ao juiz George Reader, que achava-se hospedado no Hotel Luxor, em Copacabana, e ele, polidamente, recusou: “Preciso apenas de um táxi”. Quanto aos uruguaios, aplaudidos na volta olímpica, por ordem de Juan López, “de modo a evitar provocações e choques”, permaneceram no vestiário até o Maracanã esvaziar, segundo Schiaffino. [14] Já tarde, voltaram tranqüilos ao Hotel Payssandu, onde a delegação se alojara. “Estávamos com medo, mas não houve problema algum”, diz Máspoli. “Nosso ônibus seguiu morosamente pelo centro da cidade e os batedores quase não tiveram trabalho.” [15] Junto com os jogadores, o trio mexicano Los Panchos foi cantando pelo trajeto. Na noite de 16 de julho, enquanto os dirigentes da delegação iam comemorar o feito em Copacabana, onde se hospedavam (Hotel Miramar), os jogadores da Celeste permaneceram no Payssandu “quase escondidos”, como diz Julio Pérez: “Não havia mais jantar no hotel. Eu e o Ortuño, em trajes civis, para não sermos reconhecidos, fomos comprar cervejas e sanduíches em um bar próximo e lanchamos no hotel. Na verdade, temíamos ser molestados pela torcida. Mas na manhã seguinte, ao visitar lojas nos arredores, vimos que todos nos tratavam com respeito e alguns até nos aplaudiram”. [16]

Depoimentos da equipe desmentem um episódio narrado por Obdulio Varela em sua autobiografia, no qual ele teria se aventurado a sair sozinho por bares da zona sul do Rio na mesma noite de 16 de julho. “Andávamos sempre juntos”, garante Schiaffino. “Ainda que o clima fosse pacífico, preferimos

não nos arriscar. Obdulio foi conosco jantar perto do nosso hotel e depois a um pequeno hotel de Copacabana, onde sempre íamos quando jogávamos no Rio.”[\[17\]](#) Na versão de Obdulio, ele teria deixado o hotel sem que ninguém percebesse e, de táxi, ido a Copacabana, onde parou em um bar: “Havíamos arruinado a festa dos brasileiros e eles estavam se matando de amargura. Quer dizer, outro povo estava sofrendo por nossa culpa. Quis ver as coisas de outra maneira, do outro lado. Como doía essa tristeza alheia! De repente, estava rodeado de brasileiros que haviam me reconhecido. Pensei, por um momento, que fossem me matar, mas acabaram me convidando a beber com eles e me levaram por quantos bares se possa imaginar. Estive tomando caipirinha até de madrugada. Eles me diziam que eu havia vencido um país inteiro e merecia ser festejado. Posso dizer, sem vergonha: aquela noite me senti bem, fui feliz, pois tive a impressão de que havia feito algo necessário”.[\[18\]](#) Na noite seguinte, Obdulio e o resto da equipe realizaram um jantar de confraternização na Churrascaria Parque Recreio (já extinta), bem perto do hotel, e, na manhã de terça, 18 de julho, embarcaram de volta a Montevideú, no Aeroporto Santos Dumont, não sem antes serem recepcionados em um coquetel pelo embaixador Giordano Bruno Eccher. Por pequena mas entusiástica multidão, seriam acolhidos no Aeroporto de Carrasco, Montevideú, ao desembarcar com o resto da delegação em dois quadrimotores DC-4 da Companhia Pluna. Durante e após o jogo, a capital uruguaia havia sido tomada pelos torcedores entusiasmados. No teatro 18 de Julho, no Centro, o popular ator Paquito Busto chegou a interromper a vespéral da peça *A Tia de Carlos* e levou seu elenco para festejar nas ruas. Como todos, mostrou-se “surpreso” pela vitória e “grato” pela conduta da torcida brasileira. Reporta Gisella de Araújo Moura: “Como prova de apreço aos irmãos brasileiros, o governo uruguaio decide batizar uma das principais avenidas de Montevideú com o nome de Rio de Janeiro”.

Na casa de cada brasileiro ainda perdurava um clima de velório particular. Muitos juraram nunca mais ir a um campo de futebol na vida e cumpriram a promessa. Houve até quem morresse de desgosto, como relatou *O Globo*: “A derrota do Selecionado Brasileiro foi um verdadeiro choque para os torcedores. Ninguém se conformava e todos deixavam estampado na fisionomia o desespero pela oportunidade perdida. Homens e mulheres de todas as idades, nas ruas, nos cafés e nos meios de condução, não escondiam às vezes as próprias lágrimas. E, no meio dessa tristeza, registrou-se um caso doloroso: às 16h45min, no derradeiro minuto da peleja, falecia emocionado o terceiro sargento reformado da Marinha, João Soares da Silva, de 58 anos, na sua residência à Rua do Monte nº 71. O militar, ao lado de sua inquilina, Sra. Dejanira Ferreira Flores, ouvia toda a irradiação de pé, andando de um lado para outro da sala. Nos últimos instantes sentaram-se, deixando transparecer sua aflição. Minutos depois, antes que a inquilina pudesse providenciar algum socorro, o sargento caiu pesadamente ao solo, já sem vida, fulminado por um colapso. O fato foi comunicado às autoridades do 9º Distrito, que providenciaram a remoção do corpo para o necrotério”.[\[19\]](#) Já o *Jornal do Brasil* registrava: “O insucesso da Seleção do Brasil frente aos uruguaio estourou na cidade de Curitiba como uma calamidade, deixando a cidade num ambiente desolador. Em Recife, causou grande consternação a derrota sofrida pela seleção. Milhares de pessoas agrupavam-se nas ruas, em torno dos alto-falantes, e

voltavam entristecidas aos seus lares, muitas das quais chorando. Pesado silêncio envolveu a cidade, não havendo mais nenhum rádio ligado após o resultado fatídico. No Uruguai, nem tudo foi alegria. Três torcedores morreram do coração, enquanto ouviam o jogo pelo rádio. Outros cinco morreram durante as comemorações”.[\[20\]](#)

A associação entre derrota e finitude contribui para o entendimento do fenômeno. “O desânimo foi como se o Brasil tivesse perdido a mãe-pátria”, comentou um torcedor segundo Arno Vogel. “O estado de desolação tinha algo de delírio. Mas delírio ordenado, uma espécie de transe. Tudo parecia seguir um plano. Era um ritual – o ritual do luto.” Alguém resumiu o efeito predominante causado pela tristeza e pelo luto, dizendo: “Na hora da tristeza, todo mundo se uniu. Todo mundo era brasileiro. Então, foi o Brasil que foi derrotado”.[\[21\]](#) Conclusão a que já chegara o técnico Flávio Costa, ao dizer que “a derrota não é só minha – é de todo o Brasil”.[\[22\]](#) Outro torcedor ouvido por Arno Vogel repete: “Foi o nosso fracasso, e a nossa vergonha também. No final do jogo, um sujeito ainda estava com a bandeira do Brasil no alto. Aquela bandeira veio pelo Maracanã, pela Rua São Francisco Xavier, e eu atrás dela. E o rapaz que levava a bandeira chorava também”.[\[23\]](#) Esse sentimento geral de extrema humilhação, de perda da honra e “morte social” coexiste com a impressão de que a derrota, ocorrida em casa, nos nossos próprios domínios – “uma forma mais definitiva de perder”, segundo Vogel[\[24\]](#) – representou o próprio “funeral da nação”. Os brasileiros foram para casa, abandonaram as ruas – o mundo dos homens, onde se luta pela vida – e se exilaram no “asilo inviolável do indivíduo”, lugar “onde o luto, a dor e a vergonha podem ser escondidos”. O oposto da vitória, quando todos saem às ruas para festejar.[\[25\]](#) Neste caso, cada um só pensava em isolar-se do mundo. Por isso não houve desordens pela cidade – apenas um ligeiro mal-entendido entre um grupo de exaltados e alguns turistas uruguaios na portaria do City Hotel, na mesma noite de 16.[\[26\]](#) O funeral se traduzia na imagem da bandeira nacional que passa pela multidão chorando em silêncio e a infinidade de velas acesas pelas esquinas – o quadro mórbido de um país que cobiçara projetar-se no exterior com a envergadura de uma grande potência em ascensão, já recuperado da imagem de republiqueta herdada pelos 15 anos da Era Vargas, e que por fim perdeu as esperanças, descrente quanto ao futuro.

Na busca de consolo, algumas vozes da imprensa da época tentavam, em vão, alertar para os males desse derrotismo. No *Jornal dos Sports*, em 20 de julho, Vargas Netto advertia: “É preciso não esquecer que o desporto ensina aos jovens a tolerância para os golpes infelizes do destino, dá ao homem melhor preparo para a luta pela vida, porque lhe dá a compreensão da vitória, espírito de sacrifício nos momentos difíceis e endurece mais a resistência na hora da derrota. Isso tudo evita o desespero destruidor que só fica bem nos fracos e nos covardes”. Eufemismos e subterfúgios serviam a Mário Filho, no mesmo jornal, dois dias depois do jogo, para fazer crer que, embora derrotado, o país só teve a ganhar, somando as contas: “Embora perdêssemos o Campeonato do Mundo, ganhamos o estádio, que é uma prova da capacidade de realização do brasileiro, ganhamos a admiração do mundo por termos realizado o mais brilhante Campeonato do Mundo de todos os realizados, por termos oferecido aos disputantes do Campeonato do Mundo um ambiente de segurança ainda não oferecido em nenhum outro

Campeonato do Mundo e por termos exibido o melhor futebol do mundo. Também temos muitos motivos de orgulho. Orgulhem-nos do que orgulharia a qualquer povo do mundo”. O próprio *Relatório Fiscal* da CBD em 1950 enfatizava: “A Copa Jules Rimet ficou uma parcela com o Brasil, ao ter sido conquistada para a América do Sul pelas forças da nação mais próxima e mais ligada ao esporte da nossa terra”.[\[27\]](#)

Indagamos, de início: em que medida esse fracasso e o trauma subsequente, sofridos passivamente, poderiam ter antecipado o destino do país? Ainda que afetando a campanha do Brasil ao revestir a Copa de 50 com aspectos eleitoreiros, a proximidade das eleições presidenciais – marcadas para 3 de outubro, ou seja, a somente dois meses e 17 dias depois da “tragédia do Maracanã” – não seria fator considerável para a influência direta de um episódio sobre o outro: a julgar pela historiografia contemporânea, um simples estado de espírito – a angústia, a dissolução do amor-próprio – parece irrelevante em face do puro pensamento estatístico e da lógica calculadora, posto que Getúlio Vargas, eleito com 48,7% dos votos, beneficiava-se de sua popularidade na classe trabalhadora e não enfrentou candidatos à altura. Ainda que o povo trouxesse de volta ao poder o seu “protetor”, “pai dos pobres”, talvez capacitado a revivificar o ânimo nacional, quem poderia atribuir ao 16 de julho, segundo deduções heurísticas, suficiente energia para alterar votos e o quadro sucessório? É verdade que Vargas, empossado em 31 de janeiro de 1951, escolheu justamente o Maracanã, palco da derrota, para fazer seu primeiro pronunciamento aos trabalhadores, em 18 de fevereiro, prometendo “realizar a obra de reconstrução e de revigoração nacional que o Brasil está exigindo” e referindo-se “às fraquezas de nossa amargura”. É verdade também que as palavras de Vargas ressoaram no vazio e, ao contrário do previsto, a nação iria atravessar um dos mais sombrios períodos de sua história moderna. Nesse sentido, sim, o “pavoroso desastre de 16 de julho” renunciou a tensão nervosa e o peso fatalístico que, a partir daí, passaram a abalar os alicerces da luta pelo poder político no país, conjugando-se então, em dada definição histórica, a fatos subsequentes da mesma espessura de mundo contaminada pelo “sentimento trágico da vida”. A efêmera “era JK” (1956-1961), com sua prosperidade econômica e cultural, foi o hiato dessa “sucessão tenebrosa”: a atmosfera exasperante que conduziu ao suicídio de Vargas (agosto de 54), decorreu da renúncia de Jânio Quadros (agosto de 61), provocou a queda de João Goulart e o golpe militar de 31 de março de 1964, que por vinte anos manteve o país no autoritarismo, sem liberdades constitucionais, os meios de comunicação sob censura. (Até a eleição de Tancredo Neves para a Presidência, que assinalava o início do processo de redemocratização, em janeiro de 85, sequer pode ser celebrada: Tancredo morreu na véspera da posse, sem assumir o governo.)

Sintoma mais remoto dessa cadeia de infortúnios coletivos, a ruína de 50 fez varrer no país uma busca de explicações e responsabilidades, ainda no calor do inesperado. Acusou-se o prefeito Mendes de Moraes pelo discurso que proferiu antes do jogo, citando os uruguaiois como tricampeões do mundo e impondo aos onze jogadores brasileiros o “dever cívico” de vencer pela pátria, como escreveu o *Correio da Manhã* dois dias depois da partida: “O prefeito aumentou-lhes a responsabilidade, trouxe mais encargos sobre seus ombros, aumentou o nervosismo – enfim, enfraqueceu-os. O fato é que não podia perder a oportunidade da demagogia”. Na véspera, a *Tribuna da Imprensa* já exclamava: “O

general excedeu-se a si mesmo. Falou aos jogadores dando toques marciais ao flautim que tem na garganta, para lembrar-lhes a imensa responsabilidade para com a pátria. Aos que se lembram, o espetáculo igualou-se ao de Hitler falando ao pugilista Max Schmeling antes da luta com Joe Louis: era o destino da raça, era o rumo da nacionalidade que estavam em jogo”. Além da presunção da vitória antecipada e do menosprezo ao adversário, acusava-se também a ausência de fibra, de espírito resoluto, de coração e coragem, ou a falta de um líder em campo, como era Obdulio Varela para os uruguaios. Reacendeu-se inclusive uma questão derivada dos tempos do Estado Novo (1937-1945): a deficiência da “raça brasileira”, que seria a causa de uma “inferioridade natural” da nação. Lê-se no *Anuário Esportivo Brasileiro* de 1950: “Os uruguaios venceram porque tiveram fibra, jogaram com o coração e souberam honrar as suas tradições de campeões do mundo. Venceram porque não se mascararam, porque deram tudo, e não apenas no final, quando as coisas já estavam pretas, como foi o caso do nosso selecionado. Venceram porque têm ‘pinta’ de campeões mundiais, não sofrem de complexo de inferioridade, não se atemorizam com torcidas, mesmo quando sejam essas compostas por 200 mil pessoas. E jogam um jogo viril, um jogo de homens, porque futebol é um jogo másculo, onde as amabilidades cedem, na cancha, terreno para jogo duro”.[\[28\]](#)

Nessa ótica, embora pudesse dispor de mais categoria técnica, o Brasil não tinha garra, e, segundo arcaicos preconceitos, só mesmo por sua “inferioridade racial” parecia justificar-se a perda do campeonato dentro de suas próprias trincheiras. “Para as grandes decisões não era possível contar com os pretos e os mestiços. Na hora agá eles se acovardavam”.[\[29\]](#) Um dos pesquisadores que levantaram os fatores raciais no caso de 50, Simoni Lahud Guedes,[\[30\]](#) concluiu que a derrota foi alocada à nossa constituição racial e representou “o triste destino de um país doente, triste e inferior”.[\[31\]](#) Tal sociedade “racialmente impura” não teria mesmo como ser, em qualquer setor, a “melhor do mundo”. Roberto DaMatta encontra aqui, “em uma fórmula grosseira, o drama que o futebol permitiu veicular, ressuscitando as velhas teorias racistas que são parte dominante da ideologia brasileira”. [\[32\]](#) O preto Bigode e o mulato Juvenal, sem contar o goleiro Barbosa, também preto, foram os principais acusados. Bigode chegou a ser chamado de “covarde” por não ter respondido às “intimidações” de Obdulio Varela. O jornalista Mário Filho escreveu: “A prova da derrota de 50 estaria naqueles bodes expiatórios, todos de cor – Barbosa, Juvenal e Bigode. Os brancos do escrete brasileiro não foram acusados de nada”.[\[33\]](#) Esquecia-se, decerto, de que o poderoso inimigo Obdulio Varela também era mestiço, e, Rodríguez Andrade, negro. Ou simplesmente de uma pura coincidência: por acaso, apenas, Bigode, Barbosa e Juvenal foram os únicos que participaram nas jogadas dos dois gols uruguaios.[\[34\]](#)

O fator surpresa contribuiu, em muito, para as dimensões assumidas pela perda de um simples campeonato de futebol, ainda que mundial. “A derrota frente ao Uruguai foi um acontecimento comum do futebol”, diz Flávio Costa. “A perda da Copa só tomou esse aspecto tão dramático devido à euforia natural do povo brasileiro. Ninguém concebia uma derrota naquela final. Tínhamos os melhores jogadores e o maior estádio do mundo.”[\[35\]](#) Na época, escreveu *O Estado de S.Paulo*: “A derrota foi pura obra do destino. Quem poderia esperar que Bigode, regular nas suas excelentes produções, viesse a

atuar daquela maneira? E quem poderia imaginar Barbosa capaz de atuar no arco como o faria um principiante? E mais: quem poderia admitir que Ademir errasse todos os chutes que enviou ao gol de Máspoli?” O mesmo jornal arrematava: “O golpe recebido não será curado tão cedo. É desses que deixam cicatrizes permanentes”.[\[36\]](#) Também Alfredo Curvello no *Jornal dos Sports* de 23 de julho: “Seria inédita a festa, como inédito o cenário, tudo quanto se preparava ou se improvisara para precedê-la. A multidão fortemente compacta, a confiança ostensiva em todos os semblantes, o desfile empolgante dos fuzileiros navais, as suas evoluções e as suas marchas, as palavras de estímulo do prefeito, o coro das 200 mil vozes entoando o Hino Nacional! Sim, fôramos para uma festa consagrada, porque da vitória todos levávamos a convicção”.

Para Zizinho, foi mesmo uma questão de azar: “Comparado conosco, o Uruguai não passava de um amontoado de jogadores sem o direito, sequer, de sonhar com o empate. Por uma coincidência catastrófica, o dia azul dos uruguaios foi justamente aquele. Se nós os enfrentássemos, não dois anos ou dois meses, mas duas horas depois, eles seriam goleados. Vou mais longe: se aquele selecionado continuasse jogando com os uruguaios até a consumação dos séculos, não perderia nem empataria uma única vez. Teríamos triunfado, não fosse uma força misteriosa que não pudemos controlar”.[\[37\]](#) Ademir fala em violência: “Os uruguaios jogaram apelando, aos trancos e barrancos, e tudo dando certo para eles. Perdemos porque aceitamos tais apelações, quando nós é que deveríamos ter apelado. Em certame mundial, não é vergonha ser homem, baixar o pau. Os jogadores estavam de tal modo despreparados que foram incapazes de reagir à catimba dos uruguaios. Eles eram mais frios e experientes e não deixaram o time brasileiro andar”.[\[38\]](#) Na opinião de Nilton Santos, reserva do capitão Augusto, “o pessoal se esquece, mas o Uruguai tinha um grande time”: “O Schiaffino era um craque, o Míguez, muito técnico, e o Ghiggia... bem, era um ponta veloz. Os uruguaios tinham um ataque incrível. Quem entra em campo com ar de vencedor, sai de campo com cara de perdedor. Futebol é assim. Copa do Mundo é assim. Não perdoa”.[\[39\]](#) É também a dedução de Flávio Costa: “Naquele dia, o futebol brasileiro aprendeu sua maior lição – os jogos são ganhos ou perdidos dentro do campo”.[\[40\]](#) E Obdulio Varela: “Como fim e único pensamento, tivemos a convicção de que os jogos se ganham e se perdem no gramado, e, portanto, antes de se jogar, nada se pode saber. Nunca perdi um jogo antes de jogá-lo”.[\[41\]](#)

Os conquistadores da Jules Rimet ficaram tão incrédulos quanto os derrotados. “Para mim era quase um milagre sair campeão. Não tanto um milagre, porque não creio nisso, mas era uma epopéia” – disse Schiaffino. [\[42\]](#) De acordo com Zizinho, “os uruguaios, nossos amigos até hoje, dizem para a gente que sua única preocupação era não serem goleados”.[\[43\]](#) “Havia, sim, essa preocupação”, atesta Obdulio Varela. “Nosso plano era agüentar ao máximo. Claro que, embora ninguém falasse nisso, tínhamos esperanças. Ninguém vai para o campo com a finalidade de perder.”[\[44\]](#) Obdulio confessa que admirava o futebol da Seleção Brasileira: “Impressionava como os brasileiros jogavam e corriam. Assombravam sua velocidade e sua precisão para chutar a bola. Não demonstravam somente virtuosismo. Eram também práticos, como demonstraram através de goleadas incríveis. Era um time de futebol completo. Vi muito futebol em minha vida, percorri estádios e gramados. Tive de enfrentar fenômenos do futebol mundial,

mas, como essa equipe brasileira de 1950, tão completa, creio que nunca vi nenhuma – nem aqueles fabulosos húngaros de 54. Vi os jogos do Brasil nas semifinais: como era lindo! Pareciam peças de xadrez, perfeitos, não pareciam homens. Ficava satisfeito de ver aquilo: era futebol, eram jogadores. O melhor futebol do mundo. Flávio Costa preparara uma equipe fabulosa e tinha como grande arma um ataque objetivo que sabia chutar em gol”.[\[45\]](#)

O técnico Juan López acha que “foi um jogo normal, bem disputado, apesar das lendas e mais lendas que se criaram em torno dele. Apenas contamos com a ajuda da sorte, enquanto os brasileiros talvez não tivessem chegado a mostrar todas as suas qualidades, pelo nervosismo. Afinal, eles tinham de agradar aquela imensa torcida”.[\[46\]](#) Obdulio, igualmente, invoca o elemento sorte: “Sempre sustentei que tivemos muita sorte em 1950 e que, se jogássemos cem vezes aquela partida, iríamos perdê-la cem vezes. Mas isso se diz depois de jogá-la, antes não. O que aconteceu jamais se repetiria”. [\[47\]](#)

Máspoli observa que o time uruguaio conhecia os pontos fortes do Brasil – como o trio central atacante –, mas que suas fraquezas só apareceram no decurso da partida: “Neutralizamos os principais atacantes e assim as nossas possibilidades cresceram. Há coisas que parecem que já estavam escritas. Em muitas ocasiões o Uruguai já havia estragado festas do Brasil. Contra ele, o Uruguai joga sempre muito confiante”.[\[48\]](#) Para uma explanação tática quanto à neutralização do sistema ofensivo brasileiro, Obdulio Varela acrescenta: “Planificamos uma bela marcação, muitos companheiros renderam uma barbaridade, e tivemos a sorte de que a defesa andou muito bem. Após as goleadas conquistadas pelo Brasil, abandonamos nossa intenção de usar um líbero e nos voltamos para a velha tática. Com poucas modificações tomadas de empréstimo da formação com líbero, conseguimos erigir uma gaiola, da qual os atacantes brasileiros poderiam poucas vezes escapar. Quantas vezes conseguiu Ademir passar por mim? Quando ele conseguia, havia sempre Rodríguez Andrade ou Tejera para cobrir. Nosso plano estabelecia que cada atacante brasileiro tivesse ao menos que enfrentar dois defensores nossos antes que pudesse chutar. Conseguimos isso graças à aceleração, velocidade e ímpeto de Rodríguez Andrade, que parecia estar em todas as posições e que efetivou formidáveis recuperações de bola. Sem ele, nossas contramedidas teriam fracassado inevitavelmente. Sabíamos que éramos técnica e individualmente inferiores aos brasileiros. No início, tentei irritar Ademir e Jair, mas estavam preparados para isso e não deram importância. Desisti. Passei a dar gritos de apoio aos meus companheiros e, quando empatamos o jogo, achei que não perderíamos mais. O time brasileiro, preocupado em conseguir a vitória, começou a ficar intranquilo, pois a nossa defesa jogava bem e ainda tínhamos Julio Pérez e Ghiggia criando perigo lá na frente. Aliás, esses dois foram os maiores jogadores do nosso quadro naquela partida. Foi precisamente deles que nasceu o gol da vitória. Não sabíamos se ríamos ou chorávamos”.[\[49\]](#)

Não deixaram os uruguaio de reconhecer, do mesmo modo, os efeitos de sua façanha. “No meio da nossa euforia, senti um pouco de angústia por ver o Maracanã chorando”, confessa Ghiggia. “Só com o passar do tempo pude perceber a dimensão exata daquele meu gol. E só gosto de recordar esse momento quando estou no Uruguai. Sofro ao fazer sofrer meus amigos brasileiros. E sei bem o que passaram os jogadores e o povo brasileiro naquele dia.”[\[50\]](#) Obdulio afirma ter ficado “impressionado com a tristeza

de um povo para mim tão camarada e festeiro”: “Era um abatimento gerado pela queda daquela equipe que todos consideravam invencível. Mas em esporte não há invencíveis, e os brasileiros acabaram tendo de pagar pelo engano, muitos deles com lágrimas. Aquilo me comoveu, e me senti responsável por toda aquela desgraça. Eles assimilaram a dura derrota sem uma única contestação, chorando com dor. Os jogadores – muitos deles ficaram meus amigos, como Zizinho e Ademir – iam receber fortunas que lhes garantiriam uma vida cor-de-rosa, e nós estragamos tudo. Causamos um dano ao Brasil, ao seu povo. Vimos um irmão sofrer. Não tínhamos esse direito, porque eles sempre pensaram em ganhar e tornar seu país poderoso, encarando a vida com otimismo”.<sup>[51]</sup>

*El Grán Capitán* assim arremata suas confissões: “Foi uma casualidade o fato de termos roubado o título do Brasil. Coisas assim acontecem apenas uma vez. Senti muito por havermos vencido. Foi uma barbaridade. Claro que toda equipe deseja ganhar, mas a tristeza que logo era palpável nas ruas me impressionou. Creio que foi uma injustiça: eles mereciam a glória”.<sup>[52]</sup> Comparando o “inesperado desenlace” à queda de Napoleão em Waterloo e tentando, como diz, “explicar o inexplicável”, o jornalista uruguaio Nilo J. Suburu lembra que “o mito da invencibilidade do Brasil” se forjara, antes de 16 de julho, porque seus adversários no Maracanã, até então, “achavam-se vencidos desde que entraram nos vestiários, sem ter sequer ainda pisado o gramado”: “Impressionados animicamente pela atmosfera dominante, pelo prestígio do anfitrião, pela zoeira da multidão e pelos fogos de artifício de um circo futebolístico como nunca haviam conhecido nem imaginado, aqueles homens chegaram ao campo de jogo com o mesmo ânimo com que os condenados chegam ao patíbulo. Ao contrário, a vitória uruguaia fundamentou-se tanto na segurança que se tinha nas próprias possibilidades quanto na indiferença face à situação. Assim, constitui um erro atribuir o resultado a um conteúdo milagroso ou justificá-lo pela boa sorte. Simplesmente, foi uma batalha futebolística em que o Brasil, pela primeira vez, teve de enfrentar homens que não o temiam”.<sup>[53]</sup>

Em retrospecto, o técnico Flávio Costa chega a tirar uma lição positiva do episódio: “Resultados nem sempre traduzem superioridade. Tivemos a derrota – e a derrota apaga tudo. Mas o futebol brasileiro, para o mundo, nasceu aí. Porque ao Brasil vieram os maiores jornalistas esportivos da Europa, na época, e eles voltaram para casa encantados, pois nunca tinham visto algo parecido com o futebol que aquela Seleção desempenhou no Maracanã. A marca do nosso futebol ficou. E, dali por diante, o Brasil passou a ser respeitado no mundo inteiro”.<sup>[54]</sup>

---

[1]. *France Football*, 19 de julho de 1950.

[2]. *Esporte Ilustrado*, 27 de julho de 1950.

[3]. Chico, *Placar*, 19 de junho de 1970.

[4]. Barbosa, *ibid*

[5]. Zizinho, *Globo Repórter*, op. cit.

[6]. Barbosa, *Grandes Momentos do Esporte*, TV Cultura, op. cit.

- [7]. Danilo, *ibid.*
- [8]. Friaça, *Globo Repórter*, op. cit.
- [9]. Jair, *Jornal dos Sports*, 16 de julho de 1989.
- [10]. Zizinho, *Placar*, 19 de junho de 1970, e *O Mestre Ziza*, op. cit.
- [11]. Zizinho, *Globo Repórter*, op. cit. No Flamengo desde 1939, Zizinho, à sua revelia, foi vendido ao Bangu em 26 de março de 1950 – véspera do embarque da Seleção para Araxá – pelo passe de 800 mil cruzeiros, recorde na época. No entanto, só jogaria pelo novo clube depois da Copa – justamente no primeiro jogo realizado no Maracanã depois da derrota para o Uruguai, no domingo seguinte, 23 de julho: um amistoso contra o Flamengo, realizado como parte do pagamento de seu passe. Além dele, voltavam também ao estádio Juvenal e Bigode (ambos do Flamengo), e os três, antes da partida, receberam homenagem especial de desagravo. Três a um para o Flamengo foi o placar desse jogo que os bem-humorados denominaram “a missa de sétimo dia por alma do futebol brasileiro”.
- [12]. Danilo, *ibid.*
- [13]. Friaça, *ibid.*
- [14]. Citado por Teixeira Heizer, op. cit.
- [15]. *Ibid.*
- [16]. *Ibid.*
- [17]. *Ibid.* e *Revista Guambia*, Montevideú, 15 de julho de 1999.
- [18]. Obdulio Varela, *Desde el Alma*, op. cit.
- [19]. *O Globo*, 17 de julho de 1950.
- [20]. *Jornal do Brasil*, 18 de julho de 1950.
- [21]. Arno Vogel, op. cit. Consultas aos jornais e periódicos da época mostram que a maioria dos críticos (Mário Filho, Ricardo Serran, David Nasser, Vargas Netto etc), depois de 16 de julho, alertava para os riscos de se outorgar valores patrióticos a meros certames desportivos. Porém, foram essas mesmas vozes da imprensa que, antes da derrota, conclamavam a torcida brasileira a dar provas de seu espírito cívico, como se em jogo estivesse a própria honra nacional.
- [22]. Flávio Costa, *Jornal do Brasil*, 18 de julho de 1950.
- [23]. Arno Vogel, op. cit.
- [24]. *Ibid.*
- [25]. *Ibid.*
- [26]. Situação peculiar ocorreu em Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul, que faz divisa com a cidade uruguaia de Rivera. Segundo *Vêja* (24 de junho de 1970), torcedores uruguaio vestiram com a camisa da Seleção Brasileira um macaco (os torcedores uruguaio chamam os brasileiros de “macacos”) e arrastaram no chão uma bandeira brasileira, quase provocando com isso a intervenção da guarnição do Exército em Livramento.
- [27]. Citados por Gisella de Araújo Moura, op. cit.
- [28]. *Anuário Esportivo Brasileiro*, edição de 1950.
- [29]. Arno Vogel, op. cit.
- [30]. Simoni Lahud Guedes, *O Futebol Brasileiro: Instituição Zero*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, Rio, 1977.
- [31]. Roberto DaMatta, op. cit.
- [32]. *Ibid.*
- [33]. Citado por Arno Vogel, op. cit.
- [34]. inda em 1958, quando o Brasil conquistou sua primeira Copa do Mundo, na Suécia, indicações extra-oficiais recomendavam “precauções” quanto a jogadores de cor: à exceção de Didi, toda a Seleção que disputou os três primeiros jogos era de homens brancos. Pelé e Garrincha só entrariam em campo a partir da terceira partida, contra a União Soviética.
- [35]. Flávio Costa, *Manchete*, 8 de janeiro de 1986.
- [36]. *O Estado de S.Paulo*, 18 de julho de 1950.
- [37]. Zizinho, *Manchete*, 7 de agosto de 1971.
- [38]. Ademir, *Jornal do Brasil*, 17 de junho de 1970. Recorde-se, porém, que as estatísticas do jogo apontam quase o dobro de faltas para o Brasil.
- [39]. Nilton Santos, entrevista a Claudio Mello e Souza, *O Globo*, 2 de março de 1986.
- [40]. Flávio Costa, *O Globo*, 24 de abril de 1990.
- [41]. Obdulio Varela, *El Gráfico y el Mundial*, op. cit.
- [42]. Schiaffino, *El Gráfico y el Mundial*, op. cit.

- [43]. Zizinho, TV Cultura de São Paulo, 26 de março de 1994
- [44]. Obdulio Varela, *Manchete*, 7 de agosto de 1971.
- [45]. Obdulio Varela, citado por Radamés Mancuso, op. cit., e *Jornal do País*, 10 de janeiro de 1985.
- [46]. Juan López, *Manchete*, 7 de agosto de 1971.
- [47]. Obdulio Varela, citado por Radamés Mancuso, op. cit.
- [48]. Máspoli. *Jornal do País*, 10 de janeiro de 1985.
- [49]. Obdulio Varela, citado por Brian Glanville, op. cit., e *Manchete*, 7 de agosto de 1971.
- [50]. Ghiggia, *O Globo*, 10 de janeiro de 1981.
- [51]. Obdulio Varela, *El Gráfico y el Mundial*, op. cit., *Desde el Alma*, op. cit., e *Manchete*, 7 de agosto de 1971.
- [52]. Obdulio Varela, *Jornal do País*, 10 de janeiro de 1985.
- [53]. Nilo J. Suburu, *100 Años de Fútbol: Historia del Fútbol Uruguayo*, nº 18. Editores Reunidos, Montevideú, 1970.
- [54]. Flávio Costa, *Futebol: Jogo da Paixão*, TV Educativa do Rio, op. cit. Há o depoimento recente de Jorge Sálvia, editor de esportes de *El Paiz*, de Montevideú, para o já citado livro de Teixeira Heizer: “A glória que tocou a nós, uruguaios, e a tragédia que atingiu os brasileiros na Copa de 50 têm uma convergência estranha e paradoxal. Depois do 16 de julho, nada voltou a ser como antes. O vencido e aviltado futebol brasileiro ressurgiu e saiu-se campeão mundial quatro vezes, enquanto o orgulhoso vencedor, o Uruguai, antes qualificado duas vezes em torneios mundiais, perdeu o viço, vive enfermo, sem vitórias, com um pé na sepultura”.

## DE VOLTA PARA O FUTURO

Em sua dimensão de saga, nada perdeu, sob a pátina do tempo, a “tragédia do Maracanã”. Único e insubstituível na especificidade de seu *factum*, de sua plena constituição de ser (disputado por *aqueles* homens, *desta maneira* e não de outra, presenciado por *aquelas* pessoas, *neste momento* e não em outro etc.), o Brasil x Uruguai de 16 de julho de 1950, além de constituir um marco na história contemporânea do país, por suas causas e efeitos, em sua linguagem própria “fala” sobre a alma de um povo perante a oportunidade rara e à última hora perdida de encontrar a sua própria identidade e afirmar-se como nação respeitável diante do mundo. Fenômeno não afetado sequer pela posterior conquista definitiva da taça em disputa – conquista essa que, em razão mesmo da existência de 50, os brasileiros assumiram como compromisso de honra – e cuja riqueza essencial não foi mais do que aqui esboçado.

O tetracampeonato mundial alcançado pelo Brasil não impediu que 50 permanecesse perpetuamente em estado de “suspensão animada” na vida nacional. “Agora sim, vingamos e podemos esquecer o 16 de julho”, costumava-se dizer, a cada título obtido. (“Um estranho réquiem, que seria anulado, historicamente, oito anos depois”, como escreveu, por exemplo, Teixeira Heizer.) O frio mecanicismo historiográfico, decerto, tende a “recuperar” a Copa de 50 dissolvendo-a em uma série numérica universal indeterminada. Com isso, deixa de reconhecer a originalidade irreduzível de cada parcela: no caso em apreço, não define a Copa de 50 na sua própria suficiência de ser, na sua complexidade e nas suas múltiplas dimensões, sem compreendê-la enquanto acontecimento definido histórica e concretamente, situado em determinada época, em tal país dado, com suas contradições internas singulares. Ao oposto, a fragilidade do método chega a converter 50 em “número qualquer” da série, já sem nenhum valor, e que podemos fazer com que “deixe de existir” em face do melhor (no caso, o triunfo posterior). Quanto à Copa de 50, evaporou-se. Sem dúvida que, nessa perspectiva, a Copa de 50 é um certame da série de Copas. Acontece que nenhum certame é a Copa de 50.

Esse “eterno existir” é a condição de todo fato histórico, daí por que o 16 de julho continuou cultuado até mesmo por práticas que, visando negá-lo, nada mais fazem do que determinar a sua afirmação: continua presente, por exemplo, toda vez que a Seleção Brasileira entra em campo para disputar uma partida trajando sua farda amarela, azul e branca – o uniforme que *não é* o de 50. Não bastasse o Estádio do Maracanã, onde tudo se passou, construído que fora para a celebração nacional e que comportará em suas formas de concreto o “fantasma” do 16 de julho enquanto de pé estiver. Os próprios participantes daquela jornada inventaram sua modalidade de “parar o tempo”: em Montevideu, a cada celebração da data, os jogadores uruguaios se habituaram a reencontrar-se para lembrar o que chamam de *Maracanazo*, e freqüentemente brasileiros e uruguaios visitaram-se mutuamente, para um churrasco, em uma espécie de confraria particular.

...

Qual o destino dos 22 jogadores em campo naquela tarde ? Nenhum deles, depois disso, largou o futebol, e quase todos não enriqueceram com ele, a ponto de muitos terem levado uma vida modesta. Do lado uruguaio, campeão mundial, não houve o merecido reconhecimento, ainda que o então presidente Luis Batte Berres (1897-1964) fizesse questão de receber Obdulio Varela, Rodríguez Andrade e o resto da delegação no retorno a Montevideu. Como diz Teixeira Heizer: “O presidente, que prometera empregos, nada lhes deu, além de amparar uns dois ou três em cassinos oficiais. A Associação Uruguaia de Futebol armazenou as glórias e somente lhes deu uma medalha de ouro, vinte e cinco anos depois”.<sup>[1]</sup> Os únicos com melhor sorte foram Ghiggia e Schiaffino – que assinaram contratos milionários com clubes italianos –, além de Máspoli, dono de seus próprios negócios. Do lado brasileiro, a CBD ofereceu Cr\$ 15 mil a cada jogador, mas só restou a lembrança amarga da derrota que a todos acompanhou pela vida inteira – uma vida também marcada pela perda do enriquecimento fácil e prometido.

Como disse Ademir: “Nas vésperas do jogo, eu tinha uma fortuna nas mãos. Seria nome de bola, marca de chocolate e cigarros, até vereador. Quando a partida acabou, eu era um homem morto”.<sup>[2]</sup> E Zizinho: “O Brasil já tinha faixa de campeão e nos prometiam todas as glórias do mundo. Mas, de todas as promessas, só fiquei com 15 contos de réis e uma medalha que já enferrujou”.<sup>[3]</sup> O mesmo Zizinho também lamenta o discurso do prefeito Mendes de Moraes, antes do jogo, cobrando do escrete a vitória como um “dever”, assim como ele cumprira a promessa de construir um estádio para a Copa: “Nada tínhamos pedido ou prometido ao general. Se alguém tinha interesse na obra não eram os onze jogadores em campo. Para provar isso, só depois de 35 anos é que ganhei um permanente para entrar no Maracanã. E dizer que joguei quinze anos pela Seleção Brasileira!”<sup>[4]</sup> A seu ver, foi “atirado em cima de alguns jogadores todo o peso da derrota de 50, e muito poucos têm defendido esse pessoal”, ao passo que, “de geração a geração, contam-se histórias mentirosas sobre aquela partida, como supostas agressões e atitudes covardes, criadas na sádica imaginação de muitos”.<sup>[5]</sup> Fato é que nunca mais o “fantasma de 50” deixou de perseguir Zizinho, Ademir e seus parceiros de equipe: “O que me dói é que – mesmo respeitosamente, é verdade – sempre me perguntam, até hoje, porque perdi a Copa de 50”, confessa Zizinho, reconhecendo que a perda do título para o Uruguai danificou a carreira profissional de diversos colegas. O caso de Augusto, Juvenal, Bigode e Chico – que nunca mais iriam jogar pela Seleção Brasileira – e do goleiro Barbosa, que, depois da Copa, somente uma única vez pode defender a meta do Brasil.

Estes, em resumo, os principais dados sobre o onze brasileiro de 16 de julho de 50:

*Barbosa* (Moacyr Barbosa) nasceu em São Paulo em 27 de março de 1921. No futebol profissional desde 1942, permaneceu como goleiro do Vasco da Gama durante 14 anos (de 1944 a 1958), passando a outros clubes antes de encerrar a carreira aos 41 anos de idade, no Campo Grande do Rio, em 1962, quando se tornou funcionário da Suderj. Jogou 19 vezes pela Seleção, tendo estreado em 16 de dezembro de 1945 contra a Argentina, na Copa Rocca realizada no Brasil. Depois da Copa de 50, só atuou na Seleção uma vez, em 12 de março de 1953, no Sul-Americano do Peru, quando o Equador foi derrotado

por 2 a 0. Barbosa morreu em decorrência de derrame cerebral, aos 79 anos, em 7 de abril de 2000.

*Augusto* (Augusto da Costa) é carioca, nascido em 22 de outubro de 1920. Profissional desde 1941, capitão do Vasco, ao deixar o futebol passou a trabalhar na Polícia Federal. Pela Seleção jogou 18 vezes, a partir de 29 de março de 1947, contra o Uruguai, pela Copa Rio Branco disputada no Brasil. Não mais esteve na Seleção depois de 50.

*Juvenal* (Juvenal Amarijo) é de 27 de novembro de 1923 e nasceu em Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul. Jogou até 1951 pelo Flamengo, vindo do Cruzeiro. Ao largar o gramado, foi trabalhar como funcionário da Rede Ferroviária Nacional. Era o mais inexperiente do time: só havia jogado quatro vezes pela Seleção, tendo estreado contra o Paraguai, em 7 de maio de 1950, na disputa pela Taça Oswaldo Cruz, no Rio. Juntamente com Bigode, é o que menos vezes vestiu o uniforme do Brasil: apenas 10. Depois da Copa, também não jogou mais na Seleção.

*Bauer* (José Carlos Bauer), o mais jovem da equipe, nascido em São Paulo em 21 de novembro de 1925, iniciou a carreira no São Paulo e parou de jogar com 40 anos, em 1965, no Milionários de Bogotá, tornando-se técnico. Jogou 27 partidas pelo Brasil, desde 3 de abril de 1949, contra o Equador, no Sul-Americano, no Rio, tendo sido o único da equipe a participar da Copa seguinte, em 1954. Voltaria a defender o Brasil em mais 16 partidas. Foi o único, junto com Ademir, a estar no primeiro jogo que a Seleção realizou depois da Copa, em 6 de abril de 1952, no Pan-Americano do Chile, quando o México foi derrotado por 2 a 0. Sua última partida pelo Brasil deu-se em 20 de setembro de 1955, contra o Chile, pela Taça Bernardo O'Higgins, disputada no Brasil.

*Danilo* (Danilo Alvim) nasceu no Rio em 3 de dezembro de 1921. Ingressou no Vasco em 1947 e encerrou a carreira em 1958, acumulando as funções de técnico e jogador do Uberaba. Depois, somente como técnico, chegou a vencer o Sul-Americano de 1963 dirigindo a seleção da Bolívia. Esteve na Seleção Brasileira em 25 partidas, de 28 de fevereiro de 1945 (contra o Chile, pelo Sul-Americano do Chile) a 27 de março de 1953 (contra o Paraguai, pelo Sul-Americano do Peru). Depois da Copa, jogou mais cinco vezes pelo Brasil, a primeira em 1º de março de 1953, no Sul-Americano do Peru – uma goleada de 8 a 1 sobre a Bolívia. Danilo morreu vítima de câncer, aos 75 anos, em 16 de maio de 1996 – apenas cinco dias após o desaparecimento de Ademir.

*Bigode* (João Ferreira) nasceu em Minas Gerais em 4 de abril de 1922 e iniciou a carreira em 1940, tendo jogado sete anos seguidos pelo Fluminense (de 1943 a 1949). Durante a Copa estava no Flamengo, retornando ao Fluminense em 1952. Largou o futebol em 1955 e foi ser técnico de rádio e TV. Na Seleção Brasileira desde 17 de abril de 1949, quando jogou contra a Colômbia pelo Sul-Americano, no Pacaembu, tal como Juvenal foi quem menos vezes defendeu as cores brasileiras (dez). Passado o 16 de julho, não mais atuou pelo Brasil, embora houvesse sido convocado para o Pan-Americano do Chile, em abril de 1952.

*Friça* (Albino Friça Cardoso), autor do gol brasileiro, substituíu Maneca, titular da ponta direita. Originário de Porciúncula, Estado do Rio, onde nasceu em 20 de outubro de 1924, na época da Copa atuava no São Paulo, tendo se transferido para o Vasco em 1951. Parou de jogar no Guarani, em 1958.

Tornou-se comerciário no Rio e depois fazendeiro e comerciante em sua cidade-natal. Na Seleção Brasileira, começou em 4 de abril de 1947, jogando contra o Uruguai na Copa Rio Branco de Montevideu, e, depois da Copa, só participou mais duas vezes do escrete, ambas no Sul-Americano do Chile, em 1952: a primeira, na goleada de 5 a 0 sobre o Paraná, em 13 abril; a segunda e última, três dias depois, contra o próprio Uruguai, no primeiro reencontro dos dois países após o 16 de julho (vitória do Brasil por 4 a 2). No total, esteve 12 vezes na Seleção.

*Zizinho* (Thomaz Soares da Silva), o famoso “Mestre Ziza”, nascido em Niterói em 14 de setembro de 1921, começou a jogar pelo Flamengo, em 1939, permanecendo ali dez anos. Passou em 1950 ao Bangu, clube a que estava filiado durante a Copa, embora ainda não houvesse jogado por ele. Transferindo-se para o São Paulo em 1958, fechou ali sua carreira. Tornou-se técnico (América, Bangu, Vasco), aposentando-se em 1976, quando dirigiu a Seleção Brasileira de Amadores que participou do Pan-Americano do México. Do escrete que jogou em 16 de julho de 50, é o que maior número de vezes esteve em campo com a camisa da Seleção: 53 partidas. A primeira foi em 18 de janeiro de 1942, pelo Sul-Americano do Uruguai; a última, quinze anos depois, no Sul-Americano do Peru, em 3 de abril de 1957 – ambos os jogos contra a Argentina. Depois de 16 de julho, foi quem mais vezes veio a participar do escrete, atuando em 19 jogos a partir de 1o de março de 1953, contra a Bolívia, no Sul-Americano do Peru – o mesmo jogo que assinalou o retorno de Danilo.

*Ademir* (Ademir Marques de Menezes) é de 8 de novembro de 1924, nascido em Recife, Pernambuco. Começou no Esporte Clube Recife em 1942. De 1943 a 1945 jogou pelo Vasco, ficando um ano no Fluminense (1946) e voltando ao Vasco em 1947, de onde não mais iria sair até encerrar a carreira em 1956, com apenas 31 anos. Passou a jornalista e cronista esportivo. Desde 1945 na Seleção Brasileira (estreou em 21 de janeiro contra a Colômbia, no Sul-Americano do Chile), a ela voltaria, depois da Copa, mais oito vezes, a começar pelo primeiro jogo do Brasil após a derrota no Maracanã, no Pan-Americano do Chile, em 6 de abril de 1952, contra o México (além dele, da final de 50, havia somente Bauer). Jogou a derradeira de suas 39 partidas pelo Brasil (o mesmo número de Jair) no Sul-Americano de 1953, no Peru, justamente contra o Uruguai, derrotado por 1 a 0, em 15 de março. Ademir foi o primeiro jogador brasileiro da final de 50 a morrer, vítima de câncer na medula, aos 74 anos, em 11 de maio de 1996.[\[6\]](#)

*Jair* (Jair Rosa Pinto) nasceu em Barra Mansa, Estado do Rio, em 21 de março de 1921. Jogou no Madureira, no Vasco e no Flamengo antes de passar ao Palmeiras. Teve longa carreira, chegando a jogar três anos com Pelé na linha do Santos. Depois de deixar o futebol, em 1962, já com 41 anos, tornou-se técnico. Ainda que igualando com Ademir em número de jogos pelo escrete brasileiro – total de 39 partidas, perdendo apenas para as 53 de Zizinho –, do time da final era o mais experiente em Seleção Brasileira, na qual tinha estreado havia mais de dez anos, em 5 de março de 1940, contra a Argentina, na Copa Rocca de Buenos Aires. Após o 16 de julho, só participou de dois jogos pelo Brasil: contra o Chile, pelo Sul-Americano do Uruguai, em 24 de janeiro de 1956, e, por fim, contra o Paraguai, no mesmo certame, cinco dias depois.

*Chico* (Francisco Aramburu) é de Uruguaiana, Rio Grande do Sul, nascido em 7 de janeiro de 1922. Atuou no Grêmio antes de ir para o Vasco, onde ficou de 1945 a 1952. Foi o primeiro do time a abandonar o futebol: em 1953 deu por finalizada a carreira, aos 31 anos, indo trabalhar como chofer de táxi e comerciário. Disputou 19 jogos pela Seleção, a partir da Copa Rocca realizada no Brasil em 1945, sendo sua estréia contra a Argentina, em 16 de dezembro. Brasil x Uruguai da Copa de 50 marcou sua despedida do esporte. Chico morreu de enfarte, aos 73 anos, em 1o de outubro de 1997. [7]

Em seguida, a equipe da Celeste uruguiaia que conquistou a Copa em 16 de julho:

*Máspoli* (Roque Gastón Máspoli), nascido em 1917, jogou no Peñarol de 1941 a 1955, tornando-se técnico tanto no Uruguai (Danúbio, Peñarol) como no exterior (River Plate da Argentina, também na Espanha, Peru, Paraguai e Equador). Dedicou-se depois a negócios e à política.

*Matías González* nasceu em 1927. Homem rude do interior, jogava no Club Atletico Cerro e, ao deixar o futebol, foi trabalhar como mecânico e motorista de táxi, mas cedeu ao alcoolismo e acabou demitido de seu emprego no Frigorífico Nacional, em 1969, passando a viver de pensão. Morreu em 12 de maio de 1984, aos 56 anos.

*Tejera* (Eusebio Ramón Tejera), nascido em 1922, era beque do Nacional e trabalhou muitos anos como chofer de táxi. Aposentou-se como funcionário público.

*Gambetta* (Schubert Gambetta) era o mais velho do time: 34 anos. Atuava no Nacional. Nascido em 1916, deixou de jogar em 1955. Passou a técnico e funcionário do Casino Municipal, em Montevideu.

*Obdulio Varela* (Obdulio Jacinto Varela), nasceu em 1917, jogava no Peñarol e era capitão da Celeste. Quando largou o gramado, trabalhou no Casino Municipal, como Gambetta e Ghiggia. Morreu de problemas cardíacos, com a idade de 78 anos, em 2 de agosto de 1996. [8]

*Rodríguez Andrade* (Victor Pablo Rodríguez Andrade), o único negro do time, é de 1927 e jogou no Club Atletico Central, no Cerro e no Peñarol. Foi porteiro no Palácio Legislativo de Montevideu. Morreu em 19 de maio de 1985.

*Ghiggia* (Alcides Edgardo Ghiggia), autor do segundo gol uruguaio, era do Peñarol. Nascido em 1926, teve longa carreira como jogador: em 1953, foi vendido pelo Peñarol ao Milan, da Itália, onde ficou até 1962, transferindo-se para o Roma. De 1963 a 1967, de volta ao Uruguai, jogou pelo Peñarol e o Danubio, encerrando a carreira no Sudamérica, em 1968, aos 42 anos. Viveu depois como funcionário do mesmo Casino Municipal por onde também passaram Gambetta e Obdulio.

*Julio Pérez* (Julio Gervasio Pérez) era do Nacional. Nasceu em 1926 e jogou até 1960, tendo atuado inclusive no Brasil (em 1956, quando o Nacional o emprestou ao Internacional de Porto Alegre). Continuou vivendo com negócios de família (imóveis e gado).

*Míguez* (Oscar Omar Míguez), de 1925, jogou pelo Peñarol até 1957, e no ano seguinte foi para o Alianza de Lima, retornando ao Peñarol para encerrar a carreira. Tornou-se funcionário dos Correios & Telégrafos de Montevideu.

*Schiaffino* (Juan Alberto Schiaffino Villalba), autor do primeiro gol uruguaio, nascido em 1925, atuou no Peñarol de 1943 a 1954, passando para o Milan, na Itália, onde permaneceu até 1960, e enfim

para o Roma, até 1963, quando largou o futebol. Rico, tornou-se dono de uma imobiliária e de um escritório de representações comerciais. Também trabalhou como técnico do Peñarol.

*Morán* (Ruben Morán), o mais novo da equipe – nasceu em 1931 e tinha, portanto, somente 19 anos –, era estreante na Seleção Uruguaia, substituindo o titular da ponta-esquerda, Vidal. Jogava no Club Atletico Cerro. Deixou o futebol em 1965 e tornou-se funcionário público. Foi o único do time que nunca se casou. E, embora fosse o mais jovem, seria o primeiro a morrer – com apenas 46 anos, no dia 10 de janeiro de 1978.<sup>[9]</sup>

Do elenco de 50, cinco titulares do Uruguai estariam presentes na Copa seguinte, na Suíça, em 1954 – Máspoli, Obdulio Varela, Rodríguez Andrade, Míguez e Schiaffino –, além do zagueiro reserva William Martínez. Em compensação, da Seleção Brasileira titular apenas Bauer foi mantido, junto com os reservas Castilho, Eli, Baltazar, Rodríguez e Nílton Santos. Este último, reserva do capitão Augusto, acabaria participando de quatro Copas (50, 54, 58 e 62). No certame da Suíça, o novo técnico, Zezé Moreira (1907-1998), preferiu renovar a equipe, embora, à exceção de Chico, todos os convocados de 50 ainda estivessem em atividade.

...

Alguns dados posteriores podem ainda ser relacionados ao Brasil x Uruguai da Copa de 50:

1. O Vasco, base da Seleção Brasileira, e o Peñarol, base da Celeste, jogariam dois amistosos nove meses após a Copa – amistosos recebidos então como chance de “desforra”. No primeiro jogo, realizado em Montevidéu, em 8 de abril de 1951, o Vasco venceu por 3 a 0. Atuaram no time vascaíno: Barbosa, Augusto, Danilo, Friaça e Ademir. No Peñarol: Máspoli, Matías González, Obdulio Varela, Ghiggia, Míguez e Schiaffino. A segunda partida teve lugar no Maracanã, em 22 de abril de 1951, e o Vasco voltou a ganhar, por 2 a 0. Os dois times tiveram a mesma escalação – apenas Schiaffino esteve fora neste jogo. Era a primeira vez que cinco jogadores da Celeste de 50 voltavam ao Maracanã após a vitória na Copa. Obdulio foi expulso de campo, aos 28 minutos do primeiro tempo, por ofensa ao juiz Tijolo.

2. Depois do 16 de julho, a CBD cancelou durante um ano e oito meses todas as partidas da Seleção Brasileira, que só voltaria a campo em 6 de abril de 1952, no Estádio Nacional de Santiago do Chile, para sua estréia no Campeonato Pan-Americano, derrotando o México por 2 a 0. Na equipe estavam apenas Bauer e Ademir, além dos reservas de 50: Castilho, Nílton Santos, Baltazar e Rodríguez.

3. O primeiro encontro entre Brasil e Uruguai depois da Copa ocorreu também no Pan-Americano do Chile, e no mesmo Estádio Nacional, em 16 de abril de 1952. Somente Friaça, Bauer e Ademir jogaram pelo Brasil, sem contar Castilho, Nílton Santos, Eli, Baltazar e Rodríguez, que eram reservas na Copa. Na Celeste constavam seis da final de 50: Máspoli, Matías González, Rodríguez Andrade, Ghiggia, Julio Pérez e Míguez. Vitória do Brasil por 4 a 2.

4. Depois da derrota de 50, a Seleção Brasileira só voltaria a jogar no Maracanã em 14 de março de 1954, enfrentando o Chile pelas eliminatórias da Copa da Suíça. Da final de 50 estava presente apenas Bauer (também de 50, mas reservas: Nílton Santos, Baltazar e Rodríguez). Vitória brasileira por 1 a 0.

5. No Maracanã, depois da “tragédia de 16 de julho”, nunca mais o Brasil perdeu para o Uruguai. Somente em 24 de junho de 1956 a Celeste retornaria ao estádio, pela Copa do Atlântico. Dos que estiveram na final de 50, apenas Zizinho, pelo Brasil, e Rodríguez Andrade e Míguez, pelo Uruguai. Flávio Costa era de novo o técnico brasileiro. Vitória do Brasil por 2 a 0, tendo Zizinho assinalado um dos gols. Nas cinco partidas seguintes realizadas no Maracanã, os uruguaios também saíram derrotados: por 4 a 0, em amistoso, no dia 12 de junho de 1968; por 2 a 1, pela Taça Atlântico, em 28 de abril de 1976; por 5 a 1, outro amistoso, em 31 de maio de 1979; por 1 a 0, pela Copa América, em 16 de julho de 1989; finalmente, por 2 a 0 (gols de Romário), em 19 de setembro de 1993, pelas eliminatórias da Copa de 94, quando a Celeste viu-se alijada do torneio.

6. Após o fracasso de 50, a Seleção Brasileira passou seis anos invicta no Maracanã: viria a perder apenas em 5 de agosto de 1956, por 1 a 0, num amistoso com a Tchecoslováquia, e novamente sob o comando de Flávio Costa (do escrete derrotado em 16 de julho, Zizinho era o único remanescente). Até hoje, foram realizadas cem partidas oficiais do Brasil no estádio e registraram-se unicamente sete derrotas: além das duas citadas, vieram Argentina 2 x Brasil 1, em 7 de julho de 1957, pela Copa Rocca (o gol brasileiro marcado por Pelé, que estreava na Seleção com 16 anos de idade); México 2 x Brasil 1, amistoso, em 31 de outubro de 1968; União Soviética 2 x Brasil 1, amistoso, em 15 de junho de 1980; Inglaterra 2 x Brasil 0, amistoso, em 10 de junho de 1984; e Argentina 1 x Brasil 0, amistoso, em 29 de abril de 1998.

7. O Brasil voltaria a perder para o Uruguai somente sete anos depois da Copa: foi no Sul-Americano de Lima, em 28 de março de 1957, quando saiu batido por 3 a 2. Novamente Zizinho era o único restante da final de 50.

8. Unicamente em 29 de junho de 1958 o Brasil iria disputar outra vez uma final de Copa do Mundo, com uma equipe quase totalmente reformulada (só restou o reserva Nílton Santos), derrotando a Suécia por 5 a 2 no Estádio Rasunda, em Estocolmo, e sagrando-se por fim campeão mundial – oito anos passados da “tragédia do Maracanã”. Com a vitória de 58, na Suécia, o Brasil tornou-se o único país a conquistar uma Copa fora de seu continente, nos 16 Mundiais realizados no século XX. Depois, foi duas vezes à final, vencendo em ambas e conquistando o tricampeonato e a posse definitiva da Taça Jules Rimet. Primeiro no Chile, em 16 de junho de 1962, derrotando a Tchecoslováquia por 3 a 1. Depois no México, em 21 de junho de 1970, quando venceu a Itália por 4 a 1.

Em substituição à Jules Rimet, a FIFA encomendou ao escultor italiano Silvio Gazzaniga um novo troféu, todo em ouro maciço e denominado “Taça Copa do Mundo”. A peça foi concluída em 5 de abril de 1971 e disputada pela primeira vez na Copa de 74. O Brasil conquistou-a na Copa dos EUA, em Los Angeles, ao ganhar a final contra a Itália por 3 a 2 (decisão por pênaltis, após 0 a 0 do tempo regulamentar e da prorrogação), obtendo portanto seu quarto título mundial, em 17 de julho de 1994. Para completar, na última Copa do século, sediada na França, voltaria pela sexta vez a jogar a final, contra os anfitriões, mas perdendo por 3 a 0, em 12 de julho de 1998.

9. Em 4 de julho de 1965 foi realizado no Maracanã um amistoso beneficente reunindo veteranos

do Brasil e do Uruguai. No time brasileiro formavam Barbosa, Friaça, Ademir, Jair e Chico. No uruguaio, Tejera, Gambetta, Obdulio Varela, Rodríguez Andrade, Julio Pérez, Míguez e Morán. O Brasil venceu por 1 a 0, gol de Ademir em franco impedimento.

10. Até 1970, os uruguaio costumavam dizer: “O Brasil ganhou duas vezes o Mundial porque nunca mais se defrontou com a Celeste na competição.” Por fim, em 17 de junho de 1970, Brasil e Uruguai voltaram a enfrentar-se em Copa do Mundo, no Estádio Jalisco, em Guadalajara, México. Os uruguaio saíram derrotados por 3 a 1 – fato que pela maioria foi traduzido como “a vingança de 50”, ainda que o elenco dos dois times fosse completamente diferente.

11. A derrota de 50, no cômputo geral das 16 Copas realizadas no século XX, fez com que o Brasil se tornasse o único campeão mundial a não vencer justamente aquela que sediou. (A Itália também perdeu em casa o Mundial de 90, mas já tinha vencido o que realizou em 34) Ao todo, seis torneios foram conquistados pelo país anfitrião: o Uruguai em 30, a Itália em 34, a Inglaterra em 66, a Alemanha em 74, a Argentina em 78, a França em 98. Além do Brasil em 50, o único país-sede que chegou à partida final e perdeu foi a Suécia em 58.

12. Nas 16 Copas do século, o Brasil, único a participar de todas elas (a Alemanha e a Itália vêm em segundo, com 14 atuações cada), acabou afirmando-se como único também a ostentar o título de tetracampeão (58, 62, 70, 94), seguido igualmente pelos tricampeões Alemanha (54, 74, 90) e Itália (34, 38, 82). Como bicampeões ficaram o Uruguai (30, 50) e a Argentina (78, 86). A Inglaterra (66) e a França (98) ganharam uma vez cada. Se considerarmos o jogo de 16 de julho de 50 como uma autêntica “final”, o Brasil se iguala à Alemanha como o país que mais vezes (seis) chegou à partida decisiva de um Mundial. Além disso, é o país que mais jogos disputou em Copas (80, perdendo apenas 13) e também é o recordista de gols marcados (173).

...

“Bater o recorde mundial de construção do maior estádio, bater várias vezes os recordes mundiais de bilheteria e assistência, e não conseguir no último instante o recorde mundial de futebol é a grande mágoa que o jogador número 12 do Brasil, o torcedor, guardará para sempre” – previa o *Esporte Ilustrado* dias depois da “tragédia do Maracanã”. “Daqui a muitos e muitos anos, os que dormiram nas filas, os que lutaram para ingressar no estádio, irão contar para seus filhos e netos que nasceram após 16 de julho de 1950 a história de uma Copa do Mundo que poderia ter sido do Brasil, mas que ficou com o Uruguai.”<sup>[10]</sup> Foi o que se deu: de geração a geração, os fatos começaram a dissipar-se, dando lugar a uma lenda que continua se projetando ao futuro e ainda ilumina as pessoas que ela alcançou e continua a alcançar, resplandecendo com a sublimidade de suas clássicas imagens sofridas e patéticas.

E assim é que o Dia da Derrota terminou. Tudo isso aconteceu em 1950, e, com o tempo, essa época ficou remota. A cada vez mais o golpe já terá passado, e a pressão do presente atenuará as recordações. O som do Maracanã da Copa de 50 estará um dia amortecido. Seu gramado continuará sendo coberto pelo inverno, pelo verão e novamente pelo inverno, a memória viva dos acontecimentos desaparecendo pouco a pouco com as testemunhas ainda restantes. Mas, para estas, sempre haverá momentos em que o

presente não as tolherá, e serão lembradas aquelas ensolaradas tardes de alegria e tristeza no “Gigante do Derby”, onde ficaram tantas emoções marcantes de nossa infância e seu “paraíso perdido”.

---

[1]. Teixeira Heizer, op. cit.

[2]. Ademir, *Placar*, 19 de junho de 1970.

[3]. Zizinho, *ibid.*

[4]. Zizinho, *O Mestre Ziza*, op. cit.

[5]. *Ibid.*

[6]. Ademir foi o artilheiro da Copa de 50, com nove gols. (Algumas fontes, como vimos, citam oito gols, considerando como gol contra o primeiro marcado por Ademir contra a Espanha). Até hoje, é o brasileiro que mais gols marcou em uma Copa do Mundo e também o que mais gols fez em uma única partida de Mundial (4 contra a Suécia), empatando aqui com Leônidas (também assinalou 4, contra a Polônia, na Copa de 38). Com esses 4 gols contra a Suécia, Ademir tornou-se também, como Leônidas, o jogador que mais gols marcou em uma só partida da Seleção Brasileira em toda a sua história, igualando-se a Zizinho (fez 4 contra o Chile, no Sul-Americano de 46) – recorde que só foi superado por Evaristo em 21 de março de 57 (quando marcou 5 gols contra a Colômbia, no Sul-Americano de Lima). Na lista geral dos artilheiros dos Mundiais, Ademir figura em quarto lugar, juntamente com o português Eusébio (nove gols na Copa de 66), abaixo apenas do francês Just Fontaine (13 gols em 1958), o húngaro Sandor Kocsis (11 gols em 1954) e o alemão Gerd Müller (10 gols em 1970). Considerando-se mais de uma Copa, Müller é o recordista, com 14 gols nas Copas de 70 e 74, e Pelé detém o título entre os brasileiros: um total de 12 gols somando-se os certames de 58, 62, 66 e 70. Voltando a Ademir: o craque sempre jogou de meia ou ponta-esquerda, até que, no Sul-Americano de 1949, atuou como centroavante, ladeado por Zizinho e Jair, na partida final, em que o Paraguai foi goleado por 7 a 0, em São Januário, 11 de maio. “O Ademir tornou-se, a partir desse jogo, o centroavante ideal”, lembra Flávio Costa em entrevista a Jairo Severiano.

[7]. Maneca (Manuel Marinho Alves), titular da ponta-direita e que não jogou a final de 50 por contusão, foi o primeiro do elenco brasileiro na Copa a falecer. Nasceu em Salvador, em 28 de janeiro de 1925 e abandonou o futebol em 1957. Suicidou-se com veneno em 11 de julho de 1961, no Rio, com apenas 36 anos. Também suicidou-se o goleiro reserva Castilho (Carlos José de Castilho), nascido no Rio em 27 de novembro de 1927 e morto em 2 de fevereiro de 1987, aos 59 anos. O centroavante reserva Baltazar (Oswaldo Silva), originário de Santos, São Paulo, onde nasceu em 14 de janeiro de 1926, veio a morrer de pneumonia, aos 71 anos, em 25 de março de 1997. Outro a desaparecer da equipe de 50 foi o massagista Mário Américo, nascido em 1911 e que atuou no Madureira, Vasco e Portuguesa de Desportos, tendo sido inclusive massagista do presidente Getúlio Vargas. Chegou a vereador em 1972, em São Paulo, e faleceu aos 78 anos, em 9 de abril de 1990. Mário Américo participou de sete Copas do Mundo, de 1950 a 1974.

[8]. Obdulio Varela, o grande “fantasma” de 50, chamado *El Grán Capitán*, começou como jogador no Deportivo Juventud, em 1936. De 1938 a 1942 defendeu o Wanderers de Montevideu. Em 1943 passou ao Peñarol, onde ficou até encerrar a carreira, e do qual era capitão desde 1946. Curiosamente, seu último jogo pelo Peñarol foi em junho de 1955, no próprio Maracanã, contra o América do Rio, quando já estava com 38 anos. Na Seleção Uruguaia, estreou em janeiro de 1939, e sua última partida foi na Copa da Suíça, em 26 de junho de 1954, na qual a Celeste venceu a Inglaterra por 4 a 2, tendo Obdulio marcado um dos gols. Ausente Obdulio, no jogo seguinte o Uruguai iria perder sua invencibilidade em Copas do Mundo, sendo derrotado pela poderosa Hungria por 4 a 2, em 30 de junho de 1954, após empate de 2 a 2 no tempo regulamentar. “Se Obdulio houvesse jogado, nós venceríamos”, disse Schiaffino, que também participou do jogo.

[9]. O técnico Juan López, nascido em Montevideu em 15 de março de 1908, trabalhava nessa função desde 1934 e, durante a Copa, comandava o Central. Na Celeste, começou no Sul-Americano de 46, tendo enfrentado nove vezes o Brasil antes do Mundial (duas vitórias, cinco derrotas, dois empates). Passou depois ao Peñarol e voltou a dirigir a Seleção na Copa de 54, obtendo a quarta classificação. Ficou no Chile de 1962 a 1970. Morreu em 15 de abril de 1984. No plantel uruguaio inscrito na Copa de 50 morreram também, pela ordem cronológica; o centroavante reserva Carlos Romero (em 18 de novembro de 1971); o titular da ponta-esquerda, ausente na final, Ernesto Jose Vidal, argentino naturalizado (em 3 de julho de 1974); o centromédio reserva Washington Ortuño (em 11 de novembro de 1974); o médio esquerdo reserva Rodolfo Pini (em 9 de agosto de 1977); o meia-esquerda reserva Juan Burqueño (em 12 de abril de 1985); o zagueiro-direito reserva William Martinez (1928-1997). Os demais componentes da Celeste na Copa foram: o goleiro Aníbal Luiz Paz, os defensores Héctor Vilches e Juan Carlos González, e os atacantes Julio César Britos e Luis Alberto Rijo.

[10]. *Esporte Ilustrado*, 20 de julho de 1950.

# APÊNDICES

# EM SUMA

- A IV Copa do Mundo, no Brasil, foi a primeira em doze anos, devido à guerra, e a segunda na América do Sul, vinte anos após o Mundial do Uruguai.
- Brasil (sede) e Itália (campeã mundial de 38) não jogaram eliminatórias. O Uruguai só teve uma partida, perdendo para o Paraguai, mas classificou-se mesmo assim.
- Continua sendo, juntamente com a de 30, a Copa com menor número de participantes nas semifinais: treze. Argentina, Alemanha, Hungria, entre outros, não competiram.
- Para o certame, o Brasil construiu em menos de dois anos o maior estádio do mundo, título que o Maracanã ainda ostenta, com capacidade então prevista para 155 mil torcedores.
- Um mês antes de Brasil x Uruguai, realizou-se o primeiro jogo no estádio: um amistoso entre novos do Rio e de São Paulo. Os paulistas ganharam, mas o primeiro gol no Maracanã foi marcado pelo carioca Didi, campeão mundial de 58 e 62.
- No total, foram 22 partidas disputadas em seis capitais entre 24 de junho e 16 de julho – oito delas no Maracanã.
- O técnico Flávio Costa, que era do Vasco, reuniu 22 jogadores na lista final de convocados, oito dos quais vascaínos. Apenas quatro iriam jogar em todas as seis partidas do Brasil: Barbosa, Augusto, Juvenal e Ademir.
- O uniforme da Seleção, todo branco, com golas e barras azuis, seria a partir de 54 substituído pelo atual. O sistema de jogo era o WM rígido. Não se permitiam substituições em jogo (a regra surgiu em 70); a bola era de couro marron, as traves quadradas, as redes escuras; não haviam cartões amarelo e vermelho.
- Quase simultaneamente à abertura da Copa (Brasil 4 x México 0), começava a guerra da Coréia, que duraria três anos.
- A Seleção jogou uma só vez no Pacaembu, com calções azuis, empatando com a Suíça (2 a 2). Para ir às finais, com um ponto perdido, precisou vencer a Iugoslávia. Ganhou por 2 a 0, na estréia de Zizinho. No mesmo dia, realizou-se o Censo, que registrou a população brasileira em 52 milhões de habitantes (2,4 milhões no Rio, então capital da República).
- Ao Uruguai coube apenas um jogo nas semifinais: goleou a Bolívia por 8 a 0.
- A grande surpresa das semifinais foi a derrota da Inglaterra – que se dizia criadora do futebol e nunca participara de Copas até então – para um time de amadores representando os Estados Unidos, por 1 a 0.
- Pela primeira vez e única em Mundiais, houve um quadrangular entre os finalistas, não sendo prevista uma partida final. Só por acaso, no sorteio, o jogo contra o Uruguai ficou sendo o último dos três

disputados pelo Brasil. Tanto não era uma final que os brasileiros entraram em campo com a vantagem do empate.

– Enquanto o Brasil goleava a Suécia (7 a 1) e a Espanha (6 a 1), o Uruguai empatava com os espanhóis (2 a 2) e só conseguiu vencer os suecos (3 a 2) com um gol marcado a cinco minutos do término da partida. Pelo regulamento, se os uruguaios houvessem perdido para a Espanha ou empatado com a Suécia antes de derrotar o Brasil em 16 de julho, seria necessário um jogo-desempate, posto que ambos os países teriam encerrado o certame com quatro pontos ganhos.

– Com a torcida acenando com lenços brancos e cantando *Touradas em Madri*, o Maracanã viveu uma de suas grandes festas no jogo Brasil x Espanha, três dias antes da derrota. Flávio Costa: “Foi a maior partida que já se viu no Maracanã até hoje, a maior atuação de uma Seleção Brasileira em toda a história do Maracanã”.

– Giordano Fattori (*Gazetta Dello Sport*): “No jogo Brasil x Espanha, o futebol de Zizinho fazia lembrar Leonardo da Vinci criando obras-primas com os pés na imensa tela do gramado do Maracanã”.

– Pepe Nava, jornalista chileno: “Depois de Brasil x Espanha, entre os monumentos do Brasil moderno, junto ao Cristo Redentor e aos arranha-céus de Copacabana, deve-se colocar essa máquina esportiva construída por Flávio Costa”.

– Os jogadores alegam que a mudança de concentração, do Joá para São Januário, “na véspera da partida final”, teria influído no desempenho do escrete em 16 de julho, com a agitação criada por torcedores e políticos (haveria eleições para presidente em outubro). Só que a mudança ocorreu três dias antes do jogo contra a Espanha.

– Flávio Costa: “O Uruguai é nosso maior adversário à conquista do título. Temo que meus jogadores entrem em campo como se já tivessem a faixa de campeões sobre os ombros”.

– Juan López, técnico uruguaio: “Tudo faremos para não estragar a festa e não levarmos uma goleada”.

– *Il Mensaggero*, de Roma, na véspera do jogo: “Não pode mais subsistir qualquer dúvida a respeito da vitória final do torneio”.

– *Diário Carioca*: “Se os brasileiros jogarem como das outras vezes, não há dúvida: o Uruguai também será goleado. Amanhã, 200 mil pessoas assistirão à consagração do Brasil”.

– Zizinho: “Na véspera, assinei mais de duas mil fotografias com os dizeres: ‘Brasil Campeão do Mundo!’ ”.

– “Estes são os campeões do mundo”, manchete do jornal *O Mundo*, dia 15, mexeu com os brios da seleção uruguaia: os jogadores juraram provar o contrário e chegaram a urinar sobre os exemplares do diário.

– Oficialmente, 173.850 pessoas assistiram a Brasil x Uruguai, entre elas Nelson Rockefeller, André Maurois, o casal Simone Signoret e Yves Montand, o presidente Dutra, o prefeito Mendes de Moraes e o próprio Jules Rimet, 76 anos.

– Como juiz atuou o inglês George Reader, de 53 anos (morreu em 1978). Um dos bandeirinhas era

Arthur Ellis, que em 54 seria eleito “inimigo público nº 1” dos brasileiros por “favorecer” a famosa seleção da Hungria, que alijou o Brasil do torneio.

– Na partida, o Brasil teve maior domínio do ataque: chutou 30 bolas a gol, obrigando o goleiro Máspoli a 10 defesas, enquanto os uruguaios só chutaram 12 vezes a gol e Barbosa defendeu apenas quatro bolas em todos os 90 minutos. Mas embora os uruguaios tenham sido criticados por jogo bruto, na verdade os brasileiros cometeram quase o dobro de faltas: 21 contra 11.

– O primeiro tempo terminou 0 a 0. O capitão uruguaio Obdulio Varela encenou um “tapa” em Bigode aos 27 minutos e, à base do grito, passou ao comando psicológico das ações, tornando-se o grande “fantasma” da derrota de 50. Aos 37 minutos, um chute de Míguez batia na trave esquerda de Barbosa.

– No segundo tempo, logo a 1min18s, Friaça abria a contagem para o Brasil. Os uruguaios intensificaram seus contra-ataques pelo setor direito: o ponteiro Ghiggia, 23 anos, que se defrontou com o médio-esquerdo Bigode 21 vezes durante a partida, correu quase à linha de fundo e cruzou para Schiaffino empatar, aos 20min32s. O segundo gol, que derrotou o Brasil, ocorreu exatamente 13 minutos depois, aos 33min32s, e surgiu como consequência do primeiro: Ghiggia repetiu a jogada, mas, em vez de cruzar, chutou direto, surpreendendo Barbosa, que se adiantara para evitar o cruzamento.

– O segundo gol do Uruguai foi o único chute que Ghiggia desferiu à meta de Barbosa em toda a partida. Também foi o último arremesso uruguaio contra o gol brasileiro, embora ainda faltassem 11min28s para o apito final.

– Quase todas as testemunhas falam em “silêncio tumular” que teria se apoderado do estádio após os gols uruguaios, mas a locução radiofônica atesta que a torcida em momento algum deixou de estimular a Seleção, e até foguetes são ouvidos após o gol de Ghiggia.

– Barbosa: “O gol que levei de Ghiggia foi a maneira que encontrei para entrar na História do Brasil”.

– Zizinho: “O que senti quando o jogo terminou? Bem, o mundo caiu pra mim”.

– Obdulio Varela: “O que aconteceu jamais se repetiria. Foi uma injustiça: eles mereciam a glória”.

– Flávio Costa: “O destino nos arrasou, castigando-nos implacavelmente. Uma coisa foi decisiva: o ‘já ganhou’ da torcida, da imprensa, dos dirigentes”.

– Roberto DaMatta: “A derrota para o Uruguai foi tomada como uma metáfora para as ‘derrotas’ da própria sociedade brasileira”.

– *Esporte Ilustrado*: “O colosso do Maracanã, sede de grandes espetáculos, de sangue, suor e lágrimas, foi palco da maior tragédia já registrada em toda a história do futebol”.

– O próprio Jules Rimet (1873-1956) entregou a taça com seu nome a Obdulio Varela, dentro do gramado. Disse ele: “Tudo estava previsto, menos a vitória do Uruguai. Uma vitória cheia de mérito, sobretudo por ter sido inesperada”. Toda a torcida do Maracanã aplaudiu a volta olímpica dos novos campeões mundiais.

– Da Seleção de 16 de julho, quatro jogadores nunca mais iriam defender as cores do Brasil:

Augusto (capitão), Juvenal, Bigode e Chico. E somente Bauer seria convocado para a Copa seguinte.

– O mais novo jogador da partida, o ponta-esquerda uruguaio Morán, 19 anos, foi cronologicamente o primeiro a morrer, com apenas 46 anos.

– O Uruguai, invicto nos dois Mundiais de que participou (30 e 50), só iria perder na Copa de 54, para a Hungria.

– Brasil e Uruguai voltariam a encontrar-se somente em abril de 52, no Pan-Americano do Chile (vitória brasileira por 4 a 2). No Maracanã, o reencontro seria em junho de 56, na Copa Atlântico (vitória brasileira por 2 a 0). Nunca mais o Brasil perdeu para a Celeste no Maracanã.

– Depois da derrota de 50, a Seleção Brasileira reuniu-se novamente no citado Pan-Americano do Chile, ganhando o torneio, e só retornou ao Maracanã, de uniforme novo, em março de 54, contra o Chile, pelas eliminatórias da Copa da Suíça.

– Após a derrota de 50, o Brasil passou seis anos sem perder no Maracanã: em agosto de 56 foi derrotado pela Tchecoslováquia, em amistoso. Até agora, perdeu apenas sete das cem partidas oficiais no estádio.

– Afinal, em junho de 58, conquistou a Jules Rimet, na Copa da Suécia. As vitórias nas Copas de 62 (Chile) e 70 (México) deram-lhe, pelo regulamento, a posse definitiva da taça. Tornou-se tetracampeão mundial na Copa dos Estados Unidos, em 94.

– Apesar da derrota, a Copa de 50 detém alguns títulos favoráveis ao Brasil: (1) As vitórias sobre a Suécia e a Espanha ainda são as maiores goleadas obtidas pela Seleção em Mundiais; (2) O time ainda é o que maior número de gols assinalou em uma única Copa (foram 22 gols, enquanto, por exemplo, a equipe de 70 fez 19); (3) Ademir continua detendo o recorde de artilharia da Seleção em Copas (9 gols); (4) A Copa de 50 permanece registrando o recorde de público em todos os Mundiais, com a média de 60.772 espectadores por partida; (5) O jogo Brasil x Uruguai, em 16 de julho, com o número oficial de 173.850 espectadores pagantes, mantém-se até hoje em primeiro lugar no *ranking* das maiores platéias em Copas do Mundo, título esse que muito dificilmente será superado, dadas as dimensões únicas do Maracanã.

# O DIA EM QUE O BRASIL PERDEU A COPA<sup>[1]</sup>

Apenas um pedido. Mas já era o bastante para que eu me sentisse um pouco como Deus, a modificar o mundo com meus cordéis invisíveis. A única dúvida era saber: modificar o quê? Alguém poderia ter a relevante idéia de viajar até Lintz, na Áustria, em 1889, e matar o bebê Adolf Hitler. Ou, mais tentador ainda, retroceder apenas alguns dias para ganhar fortunas em jogo de loteria. Mas o engraçado é que não me comoviam o privilégio de melhorar a História nem a tentação da riqueza. De nada adiantaria isso, se eu não resolvesse meu problema fundamental: ser apenas um homem tranqüilo.

Conhecia melhor do que ninguém as razões da minha neurose. Estava lá atrás, no dia em que deixei o doce conforto da infância para encarar a realidade. O mundo, que me parecia fiel e submisso aos meus desígnios, revelou-se de súbito contingente e absurdo, naquele 16 de julho de 1950. Um aterrador e indefinível senso de culpabilidade e desproteção passou a me acompanhar pela vida, como uma sentinela implacável. O que era apenas uma partida de futebol tinha decidido minha situação de abandono injustificável.

Era isso: se eu corrigisse o absurdo, tudo o mais, em consequência, teria sido diferente. Na verdade, não era o fato em si de o Brasil ganhar a Copa do Mundo do Uruguai que tinha significação. E sim essa simples verdade de que a existência sempre pode sorrir a nosso favor. Talvez o mundo continuasse a opor aos homens o seu coeficiente de adversidade, mas aquela adversidade, especificamente, que foi responsável pela minha consciência do absurdo, eu a teria extirpado numa vingança cheia de indignação e ódio contra a natureza.

Foi numa loja de relíquias em Carmel, na Califórnia, que encontrei a máquina: uma estranha cadeira de bronze e couro que, segundo o vendedor, tinha pertencido a um certo senhor Herbert Loomis. Empalideci de emoção. Leitor fanático de H. G. Wells, conhecia o nome e a cadeira: por acaso, eu havia encontrado o elo perdido entre a realidade e o imaginário. A máquina do tempo, a mesma em que Loomis viajou ao futuro no século passado, estava agora em meu poder pela módica quantia de 50 dólares. O único problema que enfrentei foi convencer os funcionários da Alfândega do Rio a deixar-me entrar no país com tão exótica antigüidade sem valor. Mas eu finalmente a tinha em minha casa, limpa, azeitada, pronta para funcionar.

Vacilei muito, antes de fazê-lo. Wells referia-se à irreversibilidade do único pedido – apenas um, e não três, como propunha a imaginação fértil e fantasiosa de um conto das Mil e Uma Noites sobre o ladrão de Bagdá e o gênio da lâmpada. Além do mais, havia a questão basilar de onde situar a máquina. Acabei optando por um sítio que se conservou intocável pela mão predatória do homem: o largo do Boticário, no Cosme Velho. Tive de tomar essa precaução, pois imaginem se eu me colocasse em meu

próprio apartamento e ligasse o aparelho: em 1950, havia ali uma casa, cercada por exuberante jardim arborizado, sinal dos tempos ecológicos. Conseqüentemente, eu e a máquina seríamos projetados no espaço, desabando do 10º pavimento.

Mas não foi só. Teria de viajar munido de provas da minha posteridade. Comprei um Marlboro, cigarro que não havia na época. Juntei algumas notas de 50 e 100 reais. No bolso, coloquei um minirrádio transmissor FM. Não podia levar mais, porque precisava esconder esse objetos por trás da minha aparência. Esta, ao contrário, tinha de corresponder aos padrões de 1950, para que não me tomassem por esquizofrênico pelas ruas, com minhas camisetas multicores, meu jeans desbotado, meu tênis aeróbico. Tive o zelo de aparar o cabelo à Príncipe Danilo, enfiar-me numa modesta calça de brim que comprei na Rua da Alfândega, empastar o cabelo com brilhantina e – detalhes indispensáveis – colocar meias de pano branco e dobrar três vezes as mangas curtas da camisa. Enfim, fantasiei-me como se fosse a um baile-nostalgia. Senti-me, não nego, um pouco ridículo, mas a relevância da minha missão exigia-me menosprezo pela vaidade pessoal.

Ah, sim: entre meus pertences mais íntimos, fotos amareladas, cadernetas escolares e velhas correspondências dos tempos dos meus primeiros amores, guardava com especial carinho a certidão de cadeira cativa do Maracanã. Guardei-a comigo, junto com uma nota de dez cruzeiros, que pedi emprestada a um amigo colecionador. Isso bastaria para o táxi e o ingresso no estádio.

Armei-me, enfim, de suficiente coragem para levar a máquina até o local do embarque. Era de tarde, num dia de semana, e o Largo estava devidamente deserto para que olhares indiscretos não me demovessem do projeto, por alertar a mim sobre a perigosa extravagância de ousar ser, uma vez na vida, um super-homem. Considerei seriamente a possibilidade de desistir, por covardia, e tomei por política não refletir sobre meus atos. Assim, foi quase por instinto que sucessivamente depusitei a máquina junto ao chafariz do Largo, sentei-me no estofado de couro e, guiando-me pelos meus cálculos, acionei o mecanismo do aparelho para o momento preciso do desembarque: meio-dia de 16 de julho de 1950.

Várias décadas num instante. A princípio, estranhei, porque, à minha volta, tudo continuava como antes – ou, melhor dizendo, como depois. Cheguei a esboçar um nervoso sorriso de incredulidade. Levantei-me da cadeira e corri para a Rua Cosme Velho. Foi quando um detalhe despertou-me a atenção e a perplexidade: ali, onde deveria estar o Túnel Lagoa-Rio Comprido, construído em 1967, havia uma floresta virgem! No asfalto, observei os trilhos de bonde. Adiante, um cartaz de rua mostrava um homem sorridente, com os dizeres: “*Use chapéus Ramenzoni*”.

Sim, eu estava lá! Apalpei-me, intranqüilo quanto à minha própria sobrevivência nesse mundo estranho. Durante tantos e tantos anos, guardei recortes de jornal, fotografias, álbuns e revistas que mantinham vivo na minha memória aquele dia que eu agora voltava a viver. No entanto, tanta familiaridade com esse tempo de nada me servia enquanto eu caminhava pela Cosme Velho em direção às Laranjeiras: sentia-me um apátrida, o viajante de um outro mundo, um exilado.

Não havia transeuntes. A cidade parecia morta. Entretido em meus temores, nem percebi a voz do chofer de táxi, um Oldsmobile de duas portas:

– “Vai para o estádio?”

Entrei no carro e ele automaticamente pegou a Rua Alice, subiu por Santa Teresa e foi descendo o morro, no sentido do Catumbi. Engraçado é que aos poucos o silêncio das ruas foi sendo invadido por um murmúrio de multidão. Dentro de duas horas e pouco o jogo ia começar, e a cidade inteira rumava para o Maracanã. Pela janela, revi as imagens que conservava comigo por tantos anos. Um bonde cheio de gente, todo mundo rindo. Coitados, mal sabiam o que os esperava. A mim, cabia-me ficar quieto até chegar a hora oportuna. Cometesse a imprudência de advertir a turba, seria fatalmente agredido. Numa praça, vi uma caminhonete com um enorme retrato do Getúlio e um alto-falante irradiando *Paraíba*, de Luiz Gonzaga, com uma letra diferente:

“Olha Cristiano, a cigana te enganou / Olha Brigadeiro, o teu voto eu já não dou / Quem vem é o Getúlio / Que o Brasil já governou / Pois eu mando o meu voto pra ti, pequenino / Getúlio pequenino, homem forte sim sinhô!”

Claro, eram as eleições que viriam em outubro. Eu sabia tudo. E foi por isso que me senti num mundo imaginário. As coisas da realidade já não me revelavam nada que eu já não soubesse de antemão. Era como se eu encontrasse nelas exatamente aquilo que nelas havia colocado. Esse mundo passado, que agora era o meu presente, em nada enriquecia o meu saber.

– “É hoje, moço.”

O motorista quebrou minhas meditações, puxando conversa.

– “A minha turma lá do Estácio está toda em volta do estádio. Vai ser um carnaval da fuzarca. O senhor não trouxe foguetes nem serpentina? Acho que vamos ganhar de seis a zero.”

Ele ligou o rádio e foi pulando de estação: Ary Barroso, Oduvaldo Cozzi, Antonio Cordeiro. Todos a postos. E eu, à medida que ia crescendo a multidão nas ruas e o ruído tornava-se mais ensurdecedor, comecei a ficar mais e mais nervoso. Havia em tudo um ar de inevitabilidade, um fatalismo que provavelmente nem eu mesmo, com meu poder de antecipar e modificar os fatos, seria capaz de controlar.

Vi, finalmente, o Maracanã. Aquele inacabado “Gigante do Derby” já devia estar lotado com suas 200 mil pessoas, mas continuava entrando gente. Ao longe, ressoava a canção da vitória:

“Salve, salve o nosso Estádio Municipal / Do Campeonato Mundial / Salve a nossa bandeira / Verde, ouro e anil / Brasil, Brasil, Brasil!”

O táxi deixou-me a algumas quadras do estádio. Andei no meio da multidão e consegui passar sem atropelos pelo guichê das cadeiras cativas. Subi a rampa, cada vez mais aflito, e fui para o setor das cadeiras que fica debaixo da tribuna de honra. Por que escolhi esse caminho? No momento, agi automaticamente. Porém, quando ia subir os degraus de acesso às cadeiras, um frêmito de pavor percorreu-me o corpo inteiro. Parei, ofegante. Eu estivera presente ao jogo! Então, agora certamente ia encontrar-me comigo mesmo, muitos anos mais novo!

Arrisquei rápidas olhadas para o “meu” lado. Desci alguns metros e, mantendo prudente distância, vi meus pais, minha irmã e eu, todos conversando animadamente. Eu usava camisa de listras coloridas e tinha no rosto um sorriso ingênuo. Bem próprio, aliás, para meus onze anos. Ousei aproximar-me para

advertir a mim mesmo sobre o que haveria de acontecer daqui a perto de duas horas: que aquele sorriso ia desaparecer para sempre, entre as serpentinas espalhadas pelo chão e o povo se retirando com seus estandartes recolhidos.

Mas onde estava com a cabeça? Então minha missão não seria cumprida? Felizmente, parei antes do exótico diálogo de mim comigo mesmo. Ficasse ali, no meu rosto, aquela ingenuidade, aquela esperança. Minha presença salvadora iria encarregar-se de preservá-la. Achei graça e perdi um pouco o nervosismo com uma interessante descoberta: eu estava ali e aqui. Quer dizer: dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço. Mas eu estava provando que o mesmo corpo pode ocupar dois lugares no espaço.

Olhei o relógio: 14h15min. Dentro de quinze minutos, o time brasileiro entraria no gramado. Enquanto isso, vi – isso é, revi – as festividades dentro do gramado. Como não tinha cadeira para sentar – afinal, a minha cadeira já estava ocupada por mim mesmo –, voltei ao corredor e, com lápis e papel, fiz meus derradeiros cálculos e planos estratégicos.

Comecei a agir no exato momento em que a voz do prefeito Ângelo Mendes de Moraes ecoava por todo o estádio, falando que já estava na hora de mostrarmos ao mundo que não éramos bugres e que deveríamos vencer como cavalheiros, pois assim o desejavam os 50 milhões de brasileiros de 1950. Fui me dirigindo aos vestiários. Tinha de chegar lá exatamente às 14h55min, quando Ademir daria início à partida. Um bom momento psicológico para persuadir o funcionário encarregado de fiscalizar o ingresso de pessoas credenciadas a me deixar, como jornalista, entrevistar rapidamente o Flávio Costa. Era o meu pretexto para penetrar no gramado.

Um ligeiro lapso de planejamento colocou em risco toda a missão. Minha carteira de jornalista da *Manchete* foi polidamente recusada pelo porteiro, sob a alegação – aliás, incontestável – de que tal revista não existia. Levei a mão à cabeça, achando-me perdido: realmente, a *Manchete* só foi fundada em 1952. O que fazer?

Wells, Ray Bradbury e outros de meus ídolos sempre me alertaram sobre o perigo de tentarmos interferir no passado: o menor detalhe pode provocar uma reação em cadeia irreversível, que modificará todo o futuro. No entanto, podemos nos prevalecer da nossa posteridade e usar a cronologia dos fatos a nosso favor. Foi o que pensei, como única alternativa. O primeiro tempo do jogo ia terminar zero a zero. O segundo tempo começaria às 16 horas, e exatamente um minuto e 18 segundos depois Friaça iria marcar o primeiro gol. Planejei então empregar a própria alucinação coletiva provocada por esse gol para burlar a vigilância do porteiro.

Deu certo. O porteiro, como previa, largou tudo e foi abraçar-se com outros funcionários, celebrando o triunfo por antecipação. O que os jornais vieram a criticar depois era verdade: o Brasil tinha perdido pelo chamado excesso de otimismo. Injustiça, porque o otimismo só devia ganhar prêmio. Que a lógica do Bem e do Mal ficasse nas minhas mãos e o errado jamais trocaria de lugar com o certo.

Entre no vestiário e fui direto ao fosso, de onde assisti de perto a alguns lances do início do segundo tempo que depois viriam a ser discutidos por tanta gente. Apurei bem a verdade dos fatos. Se

todos pudessem fazer como eu, já não persistiriam ambigüidades no mundo. Esperei que Schiaffino fizesse o primeiro gol uruguaio, aos 20min32s. Até aí, bastava-me deixar correr a realidade.

O tempo ia passando. Faltavam cerca de dez minutos para meu grande ato. O ato que decidiria drasticamente a sorte da minha vida. A máquina do tempo fez-me como o Nazareno descendo à terra pela segunda vez para arrumar o desarrumado.

16h33min32s do dia 16 de julho de 1950. Nesse preciso instante, escondiam-se as obscuras razões da minha angústia. Meu desespero, sempre crescente, era diretamente proporcional à também crescente inermidade dos brasileiros, no gramado e nas arquibancadas.

Cinco minutos depois, saí do fosso e fui para trás do gol de Barbosa. Lentamente, para não interferir inutilmente no real, fiel à lição de meus mestres, cheguei-me às duas dezenas de repórteres e fotógrafos sentados na grama e, agachando-me, chamei alguns deles, falando em sussurro:

– “Ei, pssst! Escutem: eu sei o que vai acontecer agora. Não acreditam? Então, vejam...”

Gesto contínuo, tirei dos bolsos o maço de Marlboro e o minirrádio FM. O grupo não deu a menor atenção. Um fotógrafo, já irritado, vociferou entre os dentes:

– “Cala a boca. Não vê que estamos no final da partida?”

– “Mas vejam o Marlboro, o rádio FM” – retruquei aflito.

– “E daí? – foi a resposta seca. – Isso é um cigarro americano. E esse treco, pra que serve?”

Liguei o rádio, cujo som iria eclodir por todo o estádio. Mas nada. Silêncio. Fora outro de meus lapsos, envolvido que estava pela intensidade emocional dos eventos. O rádio não podia funcionar, já que FM era coisa do futuro. Começando a me exasperar, desisti de tentar alguns adeptos para a minha causa. Cegos, estúpidos! Estavam todos ali, passivamente, à espera do irremediável!

16h33min20s. Olhei para o centro do campo. Julio Pérez entrega a bola a Míguez, que a devolve a Julio Pérez. Este manda para Ghiggia, na ponta direita. Ghiggia devolve a Julio Pérez, que chuta em profundidade para Ghiggia, correndo por fora. É agora! Ghiggia avança em minha direção. Chegou a minha vez.

Levantei-me, o coração pulsando freneticamente, trêmulo da cabeça aos pés. Meu plano estava em execução: eu ia entrar no jogo, isolar a bola nas gerais e desferir um soco naquele ponta uruguaio – um soco que se conteve nos meus músculos por décadas e décadas. Lá vem Ghiggia! E lá vou eu!

Não, não quero mais saber o que se passou. Talvez seja melhor deixar as coisas como foram. No passado, elas já não podem agir, são fatos mortos e acabados. Mas não consigo reprimir essa volúpia de fazer e desfazer as coisas para revelar o que venho escondendo de mim mesmo. Alguém me agarrou pelos braços.

– “É um louco” – disseram.

Eu gritei. E algo de indescritível sucedeu. Algo que pode explicar tudo. Tudo: porque, durante toda a minha vida, o 16 de julho representou o fracasso de minha existência. Porque, mesmo os que participaram diretamente da tragédia jamais encontraram justificativas para o meu sofrimento. Era isso: impediram-me de entrar em campo. Desprezível humanidade, testemunha dócil de sua própria derrocada!

Mas há outra coisa. Eu gritei com toda a força dos pulmões – aquele grito sufocado e dilacerante:  
– “Parem tudo!”

Era uma farsa que se desdobrava ante meus olhos. Devia ser desfeito o encanto. “Parem tudo.” Isto é: acabem a encenação. O mundo que aí está não passa de um embuste que precisa ser desfeito!

– “Parem tudo!”

Esse foi o grito. E eu comuniquei através dele um apelo de solidariedade humana. Nos olhos de Barbosa vislumbrei por fração de segundo uma resposta acolhedora. Pelo menos ele entendeu o apelo. Exatamente: Barbosa! O grito atingiu-o como um raio. Barbosa olhou-me num lampejo de desespero. A sua repentina lucidez foi também um desafio à realidade.

Exausto, deixei-me cair no gramado, sem forças e sem nenhum sentido para continuar vivendo. A bola chutada por Ghiggia ainda balançava as redes. Barbosa no chão. Ghiggia correndo, aos pulos, para comemorar o gol. E aquele impacto terrível que permanece até hoje comigo, agora que tudo passou e que posso reconhecer a verdade dolorosa e inelutável.

Meu grito distraíra a atenção de Barbosa, num ínfimo instante. O suficiente para que Ghiggia tomasse partido do pequeno ângulo entre o goleiro e a trave esquerda e desferisse o tiro fatal. Depois, todos se acusaram mutuamente. Barbosa culpou Juvenal, que culpou Bigode, que culpou Juvenal, que culpou Barbosa. Na surda angústia daquele momento, meu apelo a Barbosa foi esquecido: já para nada servia. E eu estava imune às acusações.

No entanto, eu não esquecera. E agora me acuso. Sou culpado pela absurdidade desse mundo ao qual me oponho com toda a força da minha razão! Pois, na dolorosa viagem ao fundo da minha neurose, descobri por que no dia 16 de julho de 1950 comecei a morrer em vida. E aqui tenho essa verdade a carregar para o resto de meus dias.

O Uruguai não derrotou o Brasil na Copa de 50. Eu derrotei o Brasil! Eu, somente eu, fui o responsável pelo gol de Ghiggia!

---

[1]. Este conto foi originariamente publicado na revista *Ele Ela* em dezembro de 1975. Seria filmado como curta-metragem em 1988, sob o título *Barbosa*, direção de Jorge Furtado e Ana Luíza Azevedo, com Antônio Fagundes no papel do narrador.

Este livro teve sua primeira edição em 1986. Esta é uma edição revista e ampliada.

*Capa:* Caulos

*Revisão:* Renato Deitos

*Produção:* L&PM Editores

---

p433a

Perdigão, Paulo

Anatomia de uma derrota / Paulo Perdigão. -- Porto Alegre: L&PM, 2014.

ISBN 978.85.254.3136-3

1. Futebol-Brasil-História. 2. Brasil-Futebol-História. I. Título.

CDU 796.332(09)(81)"1950"

---

Catálogo elaborado por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© Paulo Perdigão, 2000

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br